Padres Népticos

FILOCALIA

VOLUME VI

GREGÓRIO PALAMAS
A
CALIXTO E INÁCIO XANTHOPOULOI

Tradução do grego
Jacques TOURAILLE
Abbaye de BELLEFONTAINE
Sob supervisão do
Pe. Boris BOBRINSKOY

Tradução
Luis KEHL

M M X I I

A todos os mestres,
para retribuir e para transmitir.

AMARRA TEU BARQUINHO
NO NAVIO DE TEUS PAIS.

GREGÓRIO PALAMAS

CARTA À MONJA XÊNIA

DECÁLOGO DAS LEIS DE CRISTO

SOBRE OS SANTOS HESIQUIASTAS

SOBRE A PRECE E A PUREZA DO CORAÇÃO

150 CAPÍTULOS FÍSICOS, TEOLÓGICOS,
ÉTICOS E PRÁTICOS

TOMO HAGIORITA SOBRE OS SANTOS HESIQUIASTAS

Gregório palamas

Nosso Pai entre os Santos Gregório de Tessalônica viveu sob o reinado de Andrônico II Paleólogo, por volta do ano da graça de 1340. Deixando o mundo inteiro e tudo o que é do mundo, ele partiu de sua pátria, Constantinopla, para levar a vida monástica no Monte Athos. Dedicando-se à mais dura ascese, ligado apenas a Deus na mais extrema hesíquia, ele foi, como Deus, o espelho do Espírito Santo. Mais do que qualquer outro, ele alcançou o cume da ação e da contemplação. Sua inteligência iluminada pelos esplendores da visão de Deus, ele deixou à Igreja, como uma coluna da ortodoxia, escritos transbordantes de sabedoria e teologia. Alguns extratos dos seus escritos foram inseridos neste livro. Eles confiam ao leitor tesouros do verdadeiro conhecimento divino, de sabedoria espiritual e de perfeição. Pois não apenas este vidente, esta inteligência celeste escolheu o que se deve ler dos antigos santos, como, propondo o que ele conheceu sobrenaturalmente por si próprio por sua longa experiência e bem-aventuradas provações, ele fez de seus escritos o próprio fruto da beleza dos népticos, de tal modo que ninguém pode imaginar que se trata aí de frutos de uma inteligência humana. Na verdade, a inteligência de Cristo e as vozes de Deus ultrapassam todo entendimento e toda reflexão. Por meio de seus escritos ele combateu corajosamente pelos santos hesiquiasta e pelos que se dedicam à sobriedade, à vigilância e à prece do intelecto. E por meio de suas demonstrações ele respondeu com muita ciência às palavras vazias e contrárias dos adversários quando estes tentaram destruir a verdade.

*

A vida de Gregório Palamas se passou inteira nestes três lugares onde se concentrou e onde foi recapitulada, logo antes da catástrofe histórica, a herança milenar do Oriente cristão: Constantinopla, o Monte Athos e Tessalônica. Nascido em Constantinopla em 1296, monge no Monte Athos por volta de 1317, arcebispo de Tessalônica em 1347 até sua morte nesta mesma cidade em 1359, Gregório Palamas passou todo o seu tempo a ilustrar e a defender o que havia de mais secreto e mais puro na herança, e também o mais duro: o fundamento teológico e a experiência existencial do hesiquiasmo, esta interiorização das causas e dos efeitos da anacorese.

Iniciado por Teolepto e Nicéforo, Gregório Palamas poderia, e deveria, como todos os hesiquiastas, não passar de um monge consagrado ao silêncio, à solidão, à edificação, com o intelecto todo absorto na prece do coração e na compaixão. Mas naquela ocasião o hesiquiasmo foi atacado diretamente em sua própria linha de frente – em Constantinopla, no Monte Athos e em Tessalônica – pelos adeptos de uma perspectiva intelectual que rompia com a densa rede de referências e de reflexões tecida durante dez séculos de tradição teológica e de exercício monástico. Gregório Palamas foi chamado a fazer frente, tanto na adversidade e na perseguição como no reconhecimento e na responsabilidade eclesiástica. Sua obra foi assim marcada em grande parte por uma controvérsia crucial sobre a relação entre o incriado e o criado, sobre o sentido do intelecto, sobre a compreensão de Deus, sobre o conhecimento do mundo e, finalmente, sobre o curso e a finalidade da civilização: um debate críptico, mas fundamental, na aurora dos tempos modernos.

A Filocalia oferece desta obra considerável um conjunto de textos onde se cruzam a edificação e a controvérsia. Pela ordem: a carta a Xênia, o Decálogo das leis de Cristo, um extrato da Defesa dos santos hesiquiastas, três capítulos sobre a prece e a pureza do coração, os 150 capítulos físicos, teológicos, éticos e práticos e enfim o Tomo hagiorítico.

A *carta a Xênia*, provavelmente escrita por volta de 1345, é uma exortação ao mesmo tempo delicada e rigorosa endereçada a uma velha higoumena para a instrução de suas monjas. Gregório Palamas fala aí das escolhas e dos combates: a virgindade, o estado de hesíquia, a morte para o mundo, a rejeição de toda vanglória, a renúncia a todo desejo que não se relacione com a glória de Deus. E ele define os fundamentos: a pobreza e a aflição, ou o luto, que chamam para as virtudes da humildade, da contrição, da temperança e, finalmente, para a transfiguração de toda pobreza e de toda aflição na beatitude, na consolação íntima, no Reino dos céus, aqui e então. Uma apologia clássica da vida monástica.

No *Decálogo das leis dadas por Cristo*, Gregório Palamas remonta os mandamentos de Deus ao amor e à liberdade evangélica. Todas as leis de Moisés cabem no primeiro mandamento: “Amarás o Senhor teu Deus”. Ora, o Senhor é Cristo. As proibições da lei não fazem mais do que balizar o caminho apertado que conduz à porta estreita: as leis encontram sua finalidade em Jesus Cristo. A partir daí a conduta cristã é menos guiada pela observância do que pela imantação. A lei não foi dada senão para ser cumprida em estado de graça. A exigência evangélica a empurra para além de seus próprios limites, onde já não cabe se impor à vida. Daqui por diante é a vida que passa a ser consagrada a Deus na pessoa de Cristo. “Guarde os preceitos, diz Palamas, para depositar na alma os tesouros da piedade”.

O extrato do tratado *Pela defesa dos santos hesiquiastas*, escrito por

volta de 1338, trata do exercício do intelecto. Estamos aqui no coração do debate que opôs Gregório Palamas e os hesiquiastas ao seu primeiro adversário, o calabrês Barlaam. O intelecto deve ser exercido naturalmente em seu "movimento retilíneo", através dos sentidos para o exterior, na direção do mundo, ou, ao contrário, em seu "movimento circular", fundamentalmente retornando ao lugar de Deus, ao coração, por um "enovelamento que unifica"? Aqui Gregório Palamas retoma e justifica o "método" de Nicéforo: a prece hesiquiasta não é outra, para ele, do que a oração do Publicano, a única comprovada pelo Evangelho. O intelecto humano se une ao intelecto divino, ao intelecto anterior, sem outro conhecimento, daqui em diante, do que o do fogo, o qual, diz ele, "retorna à origem".

Os três capítulos *Sobre a prece e a pureza do coração* lembram em primeiro lugar as condições desta prece e desta pureza, que são a humildade e o luto. A partir daí eles significam o encaminhamento e a finalidade. "O divino, diz Palamas, é compaixão e abismo de doçura". Ora, é impossível descobrir a compaixão sem a prece do coração, e é impossível chegar à prece do coração sem um "retorno do intelecto sobre si mesmo", a única coisa capaz de manter o coração puro e de permitir, com a ajuda da oração, o arrebatamento contemplativo: "Unir-se à unidade trinitária da divina origem".

Redigidos provavelmente por volta de 1350, os *150 capítulos físicos, teológicos, éticos e práticos* constituem certamente, junto com as *Tríades para a defesa dos santos hesiquiastas*, a obra maior de Gregório Palamas, então arcebispo de Tessalônica. Obra sem medida comum com a monumental suma teológica que acabara de adotar o Ocidente cristão, mas que drenava e assumia um milênio de herança, apresentando as conexões que unem Deus incriado (a teologia), o mundo criado (a física) e a meditação humana entre o criado e o incriado (a ética e a prática, ou ascese), até a deificação do homem diretamente na luz incriada, não na essência inacessível de Deus, mas nas suas energias participáveis. Os primeiros capítulos (de 1 a 33) são consagrados ao mundo natural criado, conhecimento "parcial" que passa pelo homem e desemboca no próprio homem. O homem é assim chamado a conhecer a si mesmo, e esta é, segundo Gregório Palamas, "um conhecimento mais elevado do que o estudo da natureza". O homem, imagem de Deus, passa a se devotar ao conhecimento de Deus, à teologia, à sua consagração pessoal a Deus por meio da ética e da ascese (capítulos de 34 a 63). O final da obra (capítulos de 64 a 150) retoma, talvez palavra por palavra, as controvérsias anteriores com Barlaam e sobretudo com o bizantino Gregório Acindino e seus adeptos, a quem a Filocalia trata como "adversários". Sobre a essência e as energias incriada de Deus, sobre as Hipóstases divinas, sobre a luz do Tabor, sobre a deificação, Gregório Palamas, citando abundantemente os Padres da Igreja, recorda e estabelece lhanamente a doutrina ortodoxa.

O *Tomo hagiorítico* (ou *Tomo da Montanha Sagrada*) foi escrito para ser apresentado no Sínodo de Constantinopla em 1341, e responde às acusações de Barlaam. Gregório Palamas chama aqui os monges do Montes Athos para sustentar o combate que junto com eles conduz para demonstrar o perfeito fundamento da doutrina ortodoxa sobre a osmose cristã do criado e do incriado. Apoiando-se no testemunho dos Padres da Igreja e na experiência dos santos, ele afirma que a graça deificante do Espírito, em suas energias incriadas, pode tocar o homem desde já, além de toda imitação e de toda disposição natural, mas que em nenhum caso poderia ser deificado diretamente dentro da essência inacessível de Deus. Assim ele denuncia a inconsequência dos que, recusando a possibilidade real e

atual da osmose deificante graças ao caráter incriado e participável das energias do Espírito Santo – ou seja, a possibilidade do impossível – prometiam transgredir o impossível, ou a fazer do possível um impasse. Um texto claro e cabal, que contribuiu para as decisões do Sínodo.

Gregório Palamas se coloca aqui como fizeram Diádoco de Foticéia e Máximo o Confessor. Assim como Diádoco, no século V, sustentava na ortodoxia os anacoretas egípcios, no século XIV Palamas defendeu os hesiquiastas athonitas em nome da mesma ortodoxia. E, como Máximo no século VII, ele proclamou a fé ortodoxa até a arena política onde se debatia o futuro da herança bizantina. Ele próprio conheceu a prisão. Mas seu testemunho era fiel e verdadeiro. Ele prolongou, recapitulou e realizou dez séculos de tradição teológica e ao final obteve o ganho de causa. Porém a civilização bizantina, incapaz a esta altura de se manter sozinha, não podia deixar de desaparecer, e o máximo que pode foi manifestar, profeticamente, seu último baluarte: a vida e a obra de Gregório Palamas.

DE NOSSO PAI ENTRE OS SANTOS GREGÓRIO, METROPOLITA DE TESSALÔNICA

À NOBRE MONJA XÊNIA

SOBRE AS PAIXÕES E AS VIRTUDES, E SOBRE O QUE GERA O EXERCÍCIO DO INTELECTO

Os que pretendem verdadeiramente viver na solidão devem ter não apenas uma aversão ao contato com a multidão, mas até ao contato com aqueles que levam uma vida semelhante à sua própria. Pois este contato interrompe a continuidade da relação tão agradável que temos com Deus e quebra a unidade do intelecto, esta unidade que faz o verdadeiro monge, o monge interior: ele desdobra esta unidade, e às vezes a rompe. É por isso que um Padre, interrogado sobre a razão de fugir aos homens, respondeu: "Eu não consigo estar com Deus ao mesmo tempo em que em encontro com os homens[1]". Outro, que explica esta reação pela própria experiência, colocou em questão não só o contato com os homens, mas o próprio fato de vê-los, na medida em que isto pode destruir o equilíbrio e a calma dos pensamentos dos que vivem a hesíquia. E, se levarmos este exame com todo o rigor, mesmo a lembrança da relação ou a espera pela visita e pelo reencontro tiram do repouso os pensamentos da alma.

---

[1] *Sentenças dos Padres do Deserto*, Arsênio 13.

Quanto ao que confia suas palavras à escrita, este cerca seu intelecto de um cuidado mais atento. Caso faça parte dos que progrediram e que adquiriram o amor de Deus para dar força à sua alma, aquele que escreve possui em si este amor ativo, mas não de forma pura e diretamente. E se faz parte dos que ainda caem nas numerosas enfermidades e paixões da alma – como eu próprio – e que precisam constantemente clamar a Deus "Cure-me, por que pequei[2]", não é razoável que tal homem relaxe a oração antes de ser curado, e que se ocupe voluntariamente de outra coisa. Por outro lado, através do que escreve ele se dirige a pessoas que não estão presentes e transmite a um grande número de homens e épocas, às vezes até a quem não desejaria, a mensagem contida nestes textos feitos para permanecer depois de sua morte. É por isso que muitos Padres que chegaram ao cume da hesíquia não se dedicaram a escrever, embora pudessem ter exposto grandes coisas e coisas muito úteis.

Quanto a mim, desprovido de rigor nas coisas, sempre tive o hábito de escrever, mas pela pressão da necessidade. Ora, atualmente, alguns que viram com maus olhos meus textos e que procuraram motivos para me prejudicar, me tornaram ainda mais reservado. Tais pessoas, segundo o grande Denis[3], têm um pendor pelos elementos e pelos textos ininteligíveis, assim como por sílabas e palavras desconhecidas, que não penetram na inteligência de suas almas. Ora, é irrazoável e descabido, e não é próprio de quem pretende compreender o divino, ligar, não para o poder do objetivo, mas para as palavras. Mas eu suporto sua reprovação com toda justiça, por que sei que não escrevo em desacordo com os Padres, pois a tradição, pela graça de Cristo, está guardada em meus escritos, e que escrevi sobre coisas das quais não sou digno, como se fosse Oza, que tentou endireitar pela palavra o carro tombado da verdade[4]. Isto por que a sanção viria para mim não pela cólera, mas como uma correção na medida do que tivesse escrito. É por isso que aqueles que nos atacaram nada puderam nos fazer. E mesmo isto está ligado à minha indignidade: por que eu não fui digno nem capaz de sofrer pela verdade, nem de participar desta maneira da felicidade dos santos. Não foi o que aconteceu como nosso Padre Crisóstomo, ele que nos céus foi unido à Igreja dos primogênitos[5] quando ainda vivia revestido de um corpo, por haver ilustrado com seus escritos a piedade com toda certeza, com clareza e uma doçura de mel, não foi ele, este tão grande homem, afastado da Igreja e condenado ao exílio, acusado de escrever e de professar as opiniões de Orígenes? E Pedro, o corifeu do coração eminente dos discípulos do Senhor, disse que os ignorantes de então desnaturavam, para sua própria perdição, o que era de difícil compreensão nas cartas de Paulo[6].

Devido à pequena agressão por parte dos que me atacaram, embora tenham sido todos derrubados, eu teria podido, pensei, renunciar totalmente a escrever, se não tivesse você naquele momento, ó santa anciã, me pedido em cartas e bilhetes, até me persuadir a por mãos a obra enviando a você palavras de encorajamento, ainda que você não precise de exortação. Pois você possui, pela graça de Cristo, com a velhice trazida pela idade, a inteligência venerável e a lei dos santos mandamentos que lhe foram dados pela ação e a experiência de muitos anos ao longo dos quais você dividiu sua vida todo o tempo entre a hesíquia e a obediência, tendo, por meio delas, tornado as

[2] *Salmo* 40 (41): 5.
[3] *Nomes Divinos* VI, 11.
[4] II *Samuel* 6: 6-7.
[5] Cf. *Hebreus* 12: 23.
[6] Cf. II *Pedro* 3: 16.

tábuas da alma lisas e próprias para receber e conservar os caracteres divinos. Esta é a cidadela da alma, a cidadela fortificada pelo desejo do ensinamento espiritual, jamais saciada. É por isso que a sabedoria diz de si mesma: "Os que se alimentam de mim ainda terão fome[7]". E o Senhor, que coloca este desejo nas almas, disse a respeito de Maria que a boa parte que ela escolheu jamais lhe seria tirada[8]. E é a você igualmente que devemos aplicar estas palavras, para as filhas do grande Rei que levam a vida sob a sua conduta, e em especial para a inteligência com que você deseja ser esposa d'Aquele que dispensa a incorruptibilidade. É verdade que você o imita. Assim como ele tomou verdadeiramente por nós a nossa forma, também você toma hoje o rosto daqueles a quem você conduz e que pedem para ser ensinadas. E eu também, embora não me seja fácil fazer discursos e ainda mais estes discursos, mas por causa da obediência e do mandamento de dar a quem pede[9], irei agora desenvolver minha exposição, quitando a dívida do amor de Cristo.

Saiba então, santa anciã, ou antes, as jovens monjas que com você aprendem a levar a vida segundo Deus: existe uma morte da alma imortal por natureza. Assim é que o bem-amado Teólogo disse: "Existe um pecado que conduz à morte, e um que não leva à morte[10]". Ele se referia aqui, com certeza, à morte da alma. Também o grande Paulo disse: "A tristeza segundo o mundo suscita a morte[11]"; mais uma vez, trata-se da morte da alma. E ainda: "Desperte, você que dorme, levante-se de entre os mortos e Cristo o cumulará de luz[12]" De entre quais mortos lhe é ordenado levantar? Certamente, de entre aqueles que estão mortos sob o poder das concupiscências da alma, estas concupiscências que fazem guerra à alma[13]. É por isso que o Senhor chama de mortos aos que vivem neste mundo vão.

Ao discípulo que o interrogou ele sequer permitiu que fosse enterrar o próprio pai, ordenando que o seguisse, deixando que os mortos enterrassem seus mortos[14]. O Senhor chamou aqui de mortos aos vivos que estão mortos em suas almas. Pois, assim como a separação da alma em relação ao corpo significa a morte para o corpo, também a separação de Deus em relação à alma representa a morte da alma. Esta morte, a da alma, é que é propriamente a morte. É a esta morte que Deus se referiu no mandamento dado no Paraíso, quando disse a Adão: "No dia em que você comer do fruto da árvore proibida, você morrerá[15]". Foi então que a alma de Adão, separada de Deus, foi levada à morte pela transgressão. A partir daí ele viveu em seu corpo até a idade de 930 anos[16]. Ora, a morte que sobreveio na alma pela transgressão não apenas corrompeu a própria alma, tornando o homem maldito, como ainda oprimiu o corpo com penas e paixões, tornando-o corruptível e levando-o finalmente à morte. Então, de fato, depois da morte do homem interior por causa da transgressão, Adão ouviu: "A terra será maldita pelas suas obras. Ela dará espinhos e ervas daninhas. Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que retorne à terra de onde você foi tirado. Pois você é

[7] *Sabedoria* 24: 21.
[8] Cf. *Lucas* 10: 42.
[9] Cf. *Mateus* 5: 42.
[10] I *João* 5: 16-17.
[11] II *Coríntios* 7: 10.
[12] *Efésios* 5: 14.
[13] Cf. I *Pedro* 2: 11.
[14] Cf. *Mateus* 8: 22.
[15] *Gênesis* 2: 17.
[16] Cf. *Gênesis* 5: 5.

terra, e à terra voltará[17]".

E mesmo que no decurso deste novo nascimento futuro, na ressurreição dos justos, os corpos dos iníquos e dos pecadores se levantarem, será para que sejam atirados à segunda morte[18], ao castigo eternos, ao verme que não dorme jamais[19], ao ranger de dentes[20], às trevas exteriores[21] e tangíveis, à obscura e inextinguível Geena de fogo[22], segundo o profeta que disse: "Os iníquos e os pecadores serão queimados, e ninguém haverá que lhes extinga o fogo[23]". Pois esta é a segunda morte, como nos ensinou João no Apocalipse. E escute também o que disse o grande Paulo: "Se, pelo espírito, vocês derem morte às obras do corpo, viverão[24]". Ele fala aqui da vida e da morte no século futuro: da vida que é a fruição no Reino eterno e da morte que é a danação perpétua. E esta é propriamente a morte: que a alma seja separada da graça divina e unida ao pecado. É desta morte terrível que devem fugir aqueles que têm inteligência. É também esta morte que, mais do que os castigos da Geena, aterroriza os que procuram o bem.

Também nós fujamos desta morte com todas as nossas forças. Rejeitemos tudo, afastemos tudo, renunciemos a tudo, às nossas relações, às nossas ações, às nossas vontades, a tudo o que nos arrasta para baixo, que nos separa de Deus e que pode nos causar esta morte. Pois aquele que a teme e que dela se protege não temerá a morte que virá, a morte da carne: quem se liga ao irredutível mais do que à morte terá em si a verdadeira vida. Pois, assim como a morte da alma é a verdadeira morte, a vida da alma é a verdadeira vida. A vida da alma é a união com Deus, do mesmo modo como a vida do corpo é a união com a alma. Pois, assim como foi pela transgressão do mandamento de Deus que a alma separada encontrou a morte, é pela obediência ao mandamento que a alma novamente unida a Deus é revivificada. É por isso que o Senhor disse nos Evangelhos: "As palavras que eu digo são Espírito e vida[25]". É também o que lhe disse Pedro, que aprendera com sua própria experiência: "Você tem as palavras da vida[26]". Mas as palavras da vida eterna são para quem as escuta; para os que transgredem, este mandamento de vida conduz à morte[27]. Foi assim com os Apóstolos: o bom odor de Cristo foi para uns um odor de morte que levava à morte, e para outros um odor de vida que conduzia à vida[28].

De resto, esta vida não se resume à vida da alma, mas inclui também a do corpo. Pois ela imortaliza a este igualmente pela ressurreição, a partir do momento em que ela liberta não apenas da mortalidade, mas também da morte sem fim – ou seja, deste castigo futuro. Com efeito, ela concede o dom da vida eterna em Cristo, desembaraçada de toda pena, de toda enfermidade, de toda tristeza, verdadeiramente imortal. Pois assim como a morte do corpo, a dissolução na terra e o retorno ao pó se seguiram à morte da alma – a dissolução e o pecado – e a condenação da alma ao inferno se seguiu à morte do corpo,

---

[17] *Gênesis* 3: 17-19.
[18] Cf. *Apocalipse* 20: 14.
[19] Cf. *Marcos* 9: 44.
[20] Cf. *Mateus* 8: 12.
[21] Cf. *Mateus* 8: 12.
[22] Cf. *Mateus* 5: 22.
[23] *Jeremias* 4: 4.
[24] *Romanos* 8: 13.
[25] *João* 6: 63.
[26] *João* 6: 68.
[27] Cf. *Romanos* 7: 10.
[28] Cf. II *Coríntios* 2: 16.

também a ressurreição do corpo novamente unido à alma seguir-se-á à ressurreição da alma, vale dizer, o retorno ao corpo pela obediência ao mandamento divino. E esta ressurreição será ela própria seguida pela verdadeira incorruptibilidade e pela eternidade da qual desfrutarão com ele os que tenham se tornados dignos de Deus, de carnais que eram tornados espirituais e levando no céu a vida dos anjos divinos. Pois foi dito que seremos arrebatados até as nuvens ao encontro do Senhor no espeço, e que a partir daí estaremos sempre com o Senhor[29]. Com efeito, assim como o Filho de Deus, que se tornou homem por amor ao homem e morreu na carne, tendo sua alma separada do corpo mas não separada da divindade – e é por isso que seu corpo ressuscitado retornou aos céus em glória –, também os que viveram aqui segundo Deus, quando se virem separados do corpo, mas não separados de Deus, serão assumidos em seus corpos junto a Deus na ressurreição: eles entrarão com indizível alegria onde Jesus entrou por nós como nosso precursor[30], e desfrutarão da glória que se revelará em Cristo[31]. Pois eles não participarão apenas da ressurreição, mas terão parte também na ascensão do Senhor e em toda a vida divina.

Mas o mesmo não acontecerá com os que aqui tenham vivido segundo a carne: na hora do êxodo eles não estarão em comunhão com Deus. Pois, se é verdade que todos ressuscitarão, foi dito que cada um ressuscitará em sua ordem própria[32]. Aquele que, pelo Espírito, houver levado à morte aqui em baixo as ações do corpo, viverá no além a vida divina e verdadeiramente eterna com Cristo.

[29] Cf. I *Tessalonicenses* 4: 17.
[30] Cf. *Hebreus* 6: 20.
[31] Cf. I *Pedro* 5: 1.
[32] Cf. I *Coríntios* 15: 23.

Mas quem, pelas concupiscências e paixões da carne tiver levado à morte o Espírito aqui em baixo, será condenado no além, junto com o artesão e executor do mal, e será entregue ao insuportável e irresistível castigo, ou seja, à segunda morte irremediável[33]. Pois aonde estão as raízes da verdadeira morte, aquela que suscita e provoca na alma e no corpo a morte temporal e a morte eterna? Não estão elas no país da vida? É por isso que imediatamente o homem foi condenado ao exílio fora do Paraíso de Deus: sua vida trazia em si a morte e não estava de acordo com o Paraíso. Deste modo, a verdadeira vida, aquela que suscita na alma e no corpo a vida que é verdadeiramente imortal, terá suas raízes neste lugar: no lugar da morte.

Quem não se esforça por possuir em sua alma aqui em baixo a verdadeira vida, que não se iluda[34] com a vã esperança de recebê-la no além. Também não espere receber neste momento o amor que Deus dedica ao homem. Pois este será o tempo da retribuição e do castigo[35], não da compaixão e do amor pelo homem: o tempo da revelação do ardor, da cólera e do justo julgamento de Deus: o tempo em que ele mostrará o poder de sua mão erguida[36] prestes a castigar os indóceis. Infeliz daquele que cair nas mãos do Deus vivo[37]! Infeliz daquele que lá provar do ardor do Senhor, daquele que por temor a Deus não tenha conhecido aqui em baixo o poder de sua cólera e que por suas obras não tenha buscado previamente seu amor pelo homem: pois é isto que foi assinalado ao tempo presente. E foi certamente para isto que Deus nos concedeu esta vida, e no-la

[33] Cf. *Apocalipse* 20: 14.
[34] Cf. *Efésios* 5: 6.
[35] Cf. *Isaías* 63: 4; *Jeremias* 28: 6.
[36] Cf. *Isaías* 5: 25.
[37] Cf. Hebreus 10: 31.

deu como um lugar de arrependimento. Pois se não fosse assim, mal tivesse o homem pecado e já seria provado desta vida. E então, de que serviria ela?

É por isso que tampouco o desespero tem lugar entre os homens, mesmo se o maligno, de muitas maneiras, o inspira não apenas aos que vivem na indiferença, mas às vezes até aos que combatem. Pois dado que o tempo da vida é o tempo do arrependimento, esta mesma vida, embora submetida ao pecado, para quem deseja retornar a Deus, responde ao nosso acolhimento junto a ele. Pois aqui em baixo a liberdade e a vida andam de mãos dadas. Como a matéria, o caminho da vida revelada do alto e o caminho da morte estão cada qual submetidos à liberdade de escolher ou de fugir, conforme queiramos adquirir um ou outro, na medida do possível. Onde teria lugar o desespero, se a qualquer tempo e quando se queira, todos podem adquirir a vida eterna? Vê a grandeza do amor que Deus dedica ao homem? Por um juízo justo, ele não usa seu poder contra nós que fomos infiéis, mas, pacientemente, ele nos dá tempo para o retorno. Nestes tempos de paciência, ele nos concede o poder, se assim o quisermos, de ser adotados por ele. Eu disse adotados? Ele nos concede unirmo-nos a ele e nos tornarmos com ele um só Espírito[38].

Mas mesmo nestes tempos de paciência, se caminharmos sobre a via contrária e se amarmos mais a morte do que a verdadeira vida, mesmo assim Deus não nos retirará o poder que nos concedeu. Não apenas não o retirará, como ainda o fará reviver. Ele nos rodeará, buscando e retornando às obras da vida, segundo a parábola da vinha[39], da manhã até o entardecer desta existência. Mas quem é este que chama e que paga o salário? O Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e o Deus de toda consolação[40]. E quem chama para trabalhar nesta vinha? O Filho de Deus, que disse: "Eu sou a vinha[41]". Pois ninguém pode achegar-se a Cristo, como ele próprio disse no Evangelho, se o Pai não o atrair[42] primeiro. E quem são os ramos? Nós. Pois ouça o que foi dito: "Vocês são os ramos, meu Pai é o vinhateiro[43]". É, portanto, o Pai, que, por meio do Filho que nos reconcilia com ele sem considerar nossas faltas[44], nos chama, não por que trabalhamos em obras descabidas, mas por que não trabalhamos – embora o ócio seja um pecado – pois prestaremos conta de toda palavra vã[45].

Mas como eu disse, Deus, passando por cima das faltas cometidas por cada qual, nos chama ainda e sempre. E para que nos chama ele? Para trabalhar na vinha: vale dizer, para que nos ocupemos dos ramos, ou seja, de nós mesmos. A seguir – incomparável grandeza do amor pelo homem! – ele nos promete um salário e nos paga, a nós que penamos por nossa própria causa. Ele diz: "Venham, recebam a vida eterna que eu concedo em abundância. Eu pagarei um salário – pois sou eu que lhes devo – pelas penas de sua viagem e por sua vontade de receber de mim esta vida". Quem não deve o preço de seu resgate Àquele que o libertou da morte? Quem não dá graças Àquele que lhe deu a vida? Mas é ele que nos promete adiantar um salário, e um salário indizível. "Eu vim, disse ele, para que eles

[38] Cf. I *Coríntios* 6: 17.

[39] Cf. *Mateus* 20: 1-16.
[40] Cf. II *Coríntios* 1: 3.
[41] Cf. *João* 15: 1.
[42] Cf. *João* 6: 44.
[43] Cf. *João* 15: 1-5.
[44] Cf. II *Coríntios* 5: 19.
[45] Cf. *Mateus* 12: 36.

tenham vida, e que a tenham em abundância[46]". E no que consiste esta abundância? Não apenas ser e viver com ele, mas nos tornarmos para ele irmãos e coerdeiros. Esta abundância, ao que parece, é o salário dado aos que correm para a vinha vivificante, que se tornam ramos desta vinha, que penam por si próprios e cultivam a si mesmos. Mas o que fazem eles? Em primeiro lugar, eles retiram tudo o que está demais e que não contribui para o desenvolvimento, e também tudo o que impede a vinha de dar frutos dignos da divina colheita. E o que é este demais? A riqueza, as delícias do mundo, a vanglória, tudo o que flui e passa, toda paixão infame e má da alma e do corpo, todas as inutilidades trazidas pela distração dos pensamentos, tudo o que, naquilo que escutamos, vemos e dizemos, pode introduzir o mal em nossas almas. Pois se não fizermos o enorme esforço de arrancar tudo isto e podar a árvore do coração, não poderemos dar frutos na vida eterna[47].

Os que levam a vida conjugal podem se esforçar para alcançar esta pureza, mas será bem mais difícil. É por isso que aqueles que, desde a sua juventude, experimentaram a benevolência de Deus, podem melhor discernir esta vida (espiritual) com os olhos de seu intelecto e são presos pelos bens que nela se encontram, e assim fogem do casamento, uma vez que na ressurreição ninguém casa nem desposa, mas se tornam todos como anjos de Deus[48]. Assim é que quem deseja ser como um anjo de Deus e se assemelhar aqui em baixo ao filho desta ressurreição[49], deve se colocar acima da união dos corpos, considerando que foi a esposa quem manifestou o pecado dando-lhe espaço no princípio[50]. Portanto, aqueles que não querem dar por si mesmos nenhum pretexto ao adversário[51], devem recusar o casamento.

Mas se é difícil dominar o corpo e conduzi-lo à virtude, ou melhor, se nos o trazemos com uma oposição inata, como, na medida em que aumentamos a dificuldade em nos dirigirmos para a virtude, nos confiaremos a Deus, ligados que estamos a um sem-número de outros corpos? E como poderá ter liberdade, esta que nos é ordenado buscar com ardor, aquela que, pelos laços naturais, se liga a um marido, aos filhos e a todos os que lhe são próximos pelo sangue? Como poderá se colocar sem mais cuidados junto ao Senhor, aquela que está engajada em cuidar de tantas pessoas: Como poderá estar calma, ligada que está a uma multidão de gente? É por isso que aquela que é verdadeiramente virgem e que se consagrou Àquele que é também ele virgem, que nasceu de uma virgem e que é o esposo das almas que vivem na virgindade, foge não apenas do casamento da carne, mas da própria frequentação do mundo, renunciando a todo parentesco, até que finalmente possa dizer, como Pedro, como toda a segurança, disse a Cristo: "Nós deixamos tudo para segui-lo[52]". E se uma esposa terrestre abandona pai e mãe por um esposo mortal, ligando-se a ele, segundo a Escritura[53], o que há de extraordinário em que uma virgem os abandone para uma morada nupcial e um esposo que está acima do mundo? Como poderá ela ter parentescos sobre a terra, ela cuja vida se passa nos céus[54]? Como poderá ela, que é filha não da carne, mas do Espírito, ter pai e mãe de carne e

[46] *João* 10: 10.
[47] Cf. *João* 4: 36.
[48] Cf. *Mateus* 22: 30.
[49] Cf. *Lucas* 20: 36.
[50] Cf. *Gênesis* 3: 1-6.
[51] Cf. I *Timóteo* 5: 14.
[52] *Lucas* 18: 28.
[53] Cf. *Gênesis* 2: 24.
[54] Cf. *Filipenses* 3: 20.

irmãos de sangue? Como poderá aquela que fugiu do próprio corpo e que ainda foge tanto quanto lhe é possível, por ter rejeitado a vida na carne, numa palavra, como poderá manter relações com corpos que lhe são estranhos? Se a semelhança produz a amizade, como se diz, e se todo ser abraça o semelhante, como poderá a virgem assemelhar-se aos que ama, e assim recair na doença do amor pelo mundo? "O amor pelo mundo é inimigo de Deus[55]", disse Paulo, ele que enfeitou a noiva para levá-la à câmara espiritual das núpcias. A virgem que escolher o mundo, não apenas perderá o Esposo que está acima do mundo, como ainda correrá o risco de sentir aversão por ele.

Não se espante nem se aflija pelo fato de que a Escritura não condena os que são casados quando estes se ocupam das coisas do mundo e não das coisas do Senhor[56], mas se, aos que prometeram a Deus permanecer virgens, ela proibiu tocar o que é do mundo e a estes não permite que vivam no relaxamento. E, no entanto, é assim que Paulo se dirige aos esposos: "O tempo é curto. Daqui em diante, é melhor que aqueles que têm esposas ajam como se não tivessem, e que os que usufruem do mundo ajam como se não o fizessem[57]"; este, penso eu, é um combate mais difícil do que o da virgindade. Pois a experiência demonstra que o jejum é mais fácil do que o é a temperança quando se vive entre delícias e bebidas. E diremos algo justo e verdadeiro se afirmarmos que, se alguém não escolhe ser salvo, não há o que possamos lhe dizer. Mas a quem se preocupa de sua própria salvação, saiba que a vida levada em virgindade é mais eficaz e menos penosa do que a vida conjugal.

[55] Cf. *Romanos* 8: 6; *Tiago* 4: 4.
[56] Cf. I *Coríntios* 7: 34.
[57] I *Coríntios* 7: 31.

Mas deixemos isto de lado, virgem, esposa de Cristo, ramo da vinha da vida, e considere o que foi dito mais acima. Pois o Senhor afirma: "Eu sou a vinha, vocês são os ramos, meu Pai é o vinhateiro. Todo galho que em mim der fruto, ele o podará, para que dê ainda mais[58]". Faça dos cuidados que ele tem para com você o signo de sua virgindade e do amor que lhe tem o Esposo. Alegre-se, e em troca se esforce por ser-lhe dócil. É quando acrescentamos chumbo ao ouro que podemos dizer se ele é falso ou não; mas quando o chumbo é revestido de pó de ouro fundido, este parece ainda mais brilhante e rutilante. Assim é que aquelas que já não são virgens a olham com nostalgia, ó virgem, a você e às suas obras, que para elas são uma glória; mas que você as olhe com nostalgia, seria uma desonra; por que seu desejo a faria retornar ao mundo, primeiro por que, tendo morrido para o mundo, você estaria mantendo relações com quem vive no mundo, vivendo com eles; segundo por que, ligando-se a eles, você desejaria o mesmo que eles desejam para si mesmos e para os seus próximos: abundância de toda espécie de bens que se pode ter nesta vida, a riqueza, a aparência, a glória e a alegria que estas coisas trazem. E desta maneira você se afastaria da vontade de seu Esposo.

Tudo isto ele próprio considerou nos Evangelhos como sendo causas de infelicidade, ao dizer: "Infelizes de vocês, os ricos, infelizes os que se riem, os que estão saciados, infelizes quando de vocês falarem bem todos os homens[59]". Mas como coloca ele a infelicidade sobre tais pessoas? Não será porque suas almas estão mortas? Que parentesco pode ligar aos mortos a esposa da vida? O que pode unir aos que caminham por vias contrárias? Pois a via pela qual eles

[58] *João* 15: 1-2.
[59] Cf. *Lucas* 6: 24-26.

caminham é larga e espaçosa[60]. Se estes não se detiverem, mesclando às suas vidas um pouco do que existe em você, cairão totalmente na perdição, enquanto que você entrará pela porta estreita e pelo caminho apertado[61] que conduzem à vida. Ora, ninguém poderá passar pela porta estreita se se mantiver referenciado aos faustos da glória, às efusões do prazer, aos encargos do dinheiro e das posses. E não pense que este caminho, do qual você ouvir dizer que é largo, escapa da tristeza, pois ele conduz a muitas e pesadas infelicidades. Foi dito que ele é largo e espaçoso, por que muitos passam por ele[62], cada qual rodeado por uma mistura desordenada da matéria que escoa.

Mas, virgem, sua porta é estreita: duas pessoas não podem passar juntas por ela. Assim é que muitas que estavam conciliadas com o mundo, ao se tornar viúvas, sós, separadas de seus esposos, renunciaram à vida, imitando a sua vida que está acima do mundo, e escolheram percorrer o seu caminho para tomar parte da sua coroa: são elas a quem Paulo ordena que honremos[63], por que perseveraram na súplica e na oração, esperando em Deus. Pois se a esta vida está ligada uma dose de aflição, ela é também uma fonte de consolação, uma porta para o Reino dos céus e uma causa de salvação. As delícias e as aflições lhe são igualmente mortais. Com efeito, foi dito que a tristeza segundo o mundo suscita a morte, mas que a tristeza conforme a Deus suscita um arrependimento que conduz à salvação e que não lamentaremos[64].

[60] Cf. *Mateus* 7: 13.
[61] Cf. *Mateus* 7: 14.
[62] Cf. *Mateus* 7: 13.
[63] Cf. I *Timóteo* 5: 3.
[64] Cf. II *Coríntios* 7: 10

É por isso que o Senhor louva aquilo que é contrário aos bens deste mundo, quando diz: “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles será o Reino dos céus[65]”. Mas porque, depois de haver dito “Bem-aventurados os pobres”, ele acrescentou “em espírito”? Para mostrar que ele louva e acolhe a modéstia da alma. E porque não disse ele “Bem-aventurados os pobres de espírito” – pois assim estaria se referindo àquilo que está dentro dos limites do intelecto – mas “Bem-aventurados os pobres em espírito”? Para nos ensinar que a pobreza do corpo pode ser chamada de bem-aventurada e que ela abre para o Reino dos céus, desde que assumida em função da humildade da alma, desde que unida a ela, extraindo dela sua origem. Pois ao louvar os pobres em espírito, ele mostrou admiravelmente quais são, por assim dizer, a raiz e a fonte da pobreza manifestada pelos santos: ou seja, seu espírito.

Este espírito, que recolheu assim a graça da predicação evangélica, faz jorrar de si mesmo a fonte da pobreza, que irriga toda a superfície da nossa terra[66], ou seja, o homem exterior, e o transforma em paraíso de virtudes. É esta pobreza que Deus chama de bem-aventurada[67]. Ao reduzi-la a uma única palavra sobre a terra, segundo o profeta[68] (quando mostrou e explicou com grande felicidade a causa de todas as formas de pobreza voluntária e a causa desta pobreza), o Senhor, que a tudo ensinou com poucas palavras, abarcou inúmeros efeitos reais. Pois uma pessoa pode possuir nada, e mesmo assim ser vil; pode ser abstinente, até de forma voluntária, mas fazê-lo pela glória diante dos homens. Esta pessoa não será

[65] *Mateus* 5: 3.
[66] Cf. *Gênesis* 2: 6.
[67] Cf. *Lucas* 6: 20.
[68] Cf. *Isaías* 10: 23 LXX.

pobre em espírito, pois a hipocrisia nasce da pretensão, e esta é o contrário da pobreza em espírito. Mas a quem possui o espírito quebrantado, modesto e humilde, é impossível não se regozijar por sua baixeza e sua humildade aparentes, por que este considera a si próprio como indigno da glória, da felicidade, das facilidades e de tudo o que se assemelha. O pobre que Deus chama de bem-aventurado é aquele que considera a si mesmo como indigno destes bens, e este pobre, que é o verdadeiro pobre, não se arroga este nome parcialmente. É por isso que o divino Lucas disse: "Bem-aventurados os pobres[69]", sem acrescentar "em espírito". Estes são os que ouvem e seguem o Filho de Deus, e que se fazem semelhantes a ele, quando disse: "Aprendam comigo que sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão o repouso para suas almas[70]". É por isso que o Reino dos céus pertence também a estes, pois eles são herdeiros com Cristo.

Uma vez que a alma possui três partes, que ela é considerada nestas três faculdades – a razão, o amor e o desejo – e que ela se torna enferma de todas, é natural que Cristo, que a cura, comece a cuidar dela a partir da última: o desejo. Pois o desejo é a matéria do ardor. E quando ele é a matéria da distração dos pensamentos, estas duas faculdades vão mal. O ardor da alma não pode ser são, se o desejo não for curado primeiro. Tampouco a razão pode ser sã, se antes o desejo e o ardor não tenham sido curados também.

Se observarmos bem, veremos que o primeiro fruto do desejo é o amor às posses. Pois os desejos que sobrevêm aos homens no sentido de ajudá-los a viver não são condenáveis. É por isso que eles crescem conosco desde a mais tenra idade. O amor ao dinheiro nasce um pouco mais tarde, quando ainda somo crianças. Daí vem que ele não tenha sua origem na natureza, mas na vontade. O admirável Paulo chamou-o de raiz de todos os vícios[71]. É ele que engendra, dentre os demais vícios, a mesquinhez, o tráfico, as pilhagens, os roubos, numa palavra, todas as formas de cupidez, esta cupidez que o mesmo Paulo denominou como a segunda idolatria[72]. Ela fornece a própria matéria de que é feita a quase todos os que não conseguiram deixar a idolatria. Todos os vícios que nascem do amor pela matéria são paixões da alma que não arde por fazer o bem. Pois os vícios que provêm da vontade se transmitem mais facilmente do que as paixões que têm sua origem na natureza, E não crer na providência de Deus torna difícil rejeitar as paixões nascidas do amor pelo dinheiro.

Quem não crê na providência coloca sua confiança no dinheiro. E quando ouve o Senhor dizer que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus[73], este homem, que considera o Reino dos céus como nada sendo – este Reino que é celeste e eterno – deseja a riqueza terrestre passageira, esta riqueza que, mesmo quando não está em mãos dos que a desejam, causa os maiores males pelo fato mesmo de ser desejada. Os que querem ser ricos caem nas tentações e nas armadilhas do diabo, diz Paulo[74]; então, quando a riqueza vem por si só ela mostra nada ser; depois, quando ela não está mais aí, aqueles que não receberam a inteligência (por experiência própria) sentem sede dela.

---

[69] *Lucas* 6: 20.
[70] *Mateus* 11: 29.
[71] Cf. I *Timóteo* 6: 10.
[72] Cf. *Colossenses* 3: 5.
[73] Cf. *Mateus* 19: 24.
[74] Cf. I *Timóteo* 6: 9.

Pois este amor infeliz não provém de uma ausência, muito pelo contrário. O amor pelo dinheiro vem da loucura que Cristo, nosso Mestre de todos, acusou naquele que destruiu seus celeiros e construiu outros maiores[75]. Pois como não será louco alguém que, por causa de algo que não pode lhe afiançar nada (pois, mesmo na maior abundância, a vida de um homem não depende daquilo que ele possui[76]), adianta por causa disto o que tem de mais útil e não se mostra um negociante sábio que recolhe e ajunta tanto quanto possível o que é necessário ao capital do comércio ou da agricultura, que realmente lhe rendem muito e o fazem ganhar dinheiro? Em particular a agricultura que, antes mesmo de chegado o tempo da colheita, multiplica por cem o que foi semeado: ela indica assim previamente o ganho futuro e a fecundidade quando chegado o tempo, como uma coisa inexprimível e impensável, e tanto mais paradoxal na medida em que as sementes provêm de celeiros menores.

Assim, os homens não deixam de ter razão ao buscar a riqueza para seu bem. Mas eles temem a sua falta, por que não creem Naquele que prometeu que as coisas daqui seriam dadas em acréscimo aos que buscam o Reino de Deus[77] e, não tendo mais do que este motivo, mesmo rodeados de tudo, jamais se afastam de seu desejo maligno e mortal. Ajuntando sempre mais, eles se sobrecarregam com um fardo inútil, ou melhor, enquanto ainda estão nesta vida, se cercam de um novo túmulo. Pois os que morrem dentre os homens são enterrados na terra simples, mas a inteligência do avaro é enterrada, ainda em vida, num monturo de poeira de ouro. Para quem desfruta de saúde em seus sentidos, este túmulo tem pior cheiro do que o outro. E o cheiro será tanto pior quanto mais poeira o avaro acumular. Pois o mal com que estes miseráveis enterrados foram feridos é mais forte do que eles. E sua pestilência chega até os céus, até os anjos de Deus e até Deus. Por isso eles inspiram horror e se tornam os homens dos quais nos desviamos, por que seu cheiro é horrível devido à sua loucura, como disse Davi[78]. O que pode separar estes homens desta paixão nauseabunda que traz a morte é a despossessão voluntária, sem nenhuma complacência para com os homens: vale dizer, a pobreza em espírito, a que o Senhor chamou de bem-aventurada.

É impossível a um monge que tenha esta paixão pelo dinheiro ser submisso. Se ele persistir em atender cada vez mais a esta paixão, deverá temer fortemente cair ainda em males irremediáveis do corpo. Gieze e Judas, no Antigo e no Novo Testamento, são provas suficientes disto. Um foi coberto pela lepra[79], a marca de uma alma incurável. O outro, em um campo de sangue, dependeu-se da forca, caiu para frente, rasgou-se ao meio e suas entranhas se espalharam[80]. E, se a renúncia precede a submissão, como poderá o que vem depois preceder o que vem antes? E se a renúncia precede também a vida monástica, uma vez que ela constitui seu princípio elementar, como poderá alguém que não renunciou primeiro ao dinheiro conduzir com sucesso outros combates da renúncia? Com efeito, como, não sendo capaz de submissão, poderá alguém viver sozinho em estado de hesíquia em sua cela, consagrando-se à solidão e se dedicando à prece? Ora, “onde está seu tesouro, disse o Senhor, aí

[75] Cf. *Lucas* 12: 18.
[76] *Lucas* 12: 15.
[77] Cf. *Mateus* 6: 33.
[78] Cf. *Salmo* 37 (38): 6.
[79] Cf. II *Reis* 5: 27.
[80] Cf. *Atos* 1: 18.

estará também seu coração[81]". Então, como poderá alguém que ajunta tesouros sobre a terra voltar os olhos do intelecto para Aquele que está sentado à direita da Majestade no mais alto dos céus[82]? Como herdará ele o Reino, que não é permitido ao intelecto receber se não estiver puro de toda paixão?

É por isso que serão "bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles será o Reino dos céus". Você vê quantas paixões o Senhor cortou com uma só beatitude? Mas ele não cortou apenas estas paixões. Com efeito, dissemos que o primeiro fruto do mau desejo era o amor pela matéria. Mas existe um segundo, do qual devemos fugir ainda mais do que do primeiro, e um terceiro que não é menos vicioso.

Então, qual é este segundo? É o amor à vanglória. Com efeito, quando se avança em idade, é esta paixão que primeiro vem ao encontro do amor pela carne naqueles que ainda são jovens, como um mau prelúdio a esta. Assim é que eu digo que uma forma de amor da vanglória é a que vê os ornamentos do corpo e a suntuosidade das vestes: é o que os Padres chamam de vanglória mundana. A outra forma de vanglória ataca aqueles que se distinguem pela virtude: ela traz consigo a presunção e a hipocrisia por meio das quais o inimigo se esforça por pilhar e dispersar a riqueza espiritual. Todos esses defeitos podem ser perfeitamente curados pela sensação do desejo da honra que vem do alto, desde que a pessoa considere ser indigno dela. Também podem ser curados pela consideração de que a glória de Deus é sempre preferível à nossa própria glória, conforme o que foi dito: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas a seu nome seja dada toda a glória[83]".

Mesmo sabendo que realizamos uma obra louvável, devemos imputar a Deus a causa da ação correta. É a Deus que honramos, é a Deus que rendemos glória com gratidão, e nunca a nós mesmos. Assim nos regozijamos, por termos recebido a virtude como um dom. Mas não nos orgulharemos, por que nada temos feito por nós mesmos. Assim viveremos na humildade, tendo diz e noite os olhos do intelecto em Deus, como a serva de que fala o Salmo, que mantinha os olhos nas mãos de sua patroa[84], por receio de que ao nos separarmos do Deus único, que concede e mantém o bem, não sejamos precipitados no abismo do mal: é o que irá sofrer aquele que se sujeitou à presunção e à vanglória. A anacorese, a vida solitária, a permanência na cela, ajudam especialmente na cura desses defeitos. O eremita sente bem a própria fraqueza de sua vontade, e considera ser incapaz de se misturar aos homens. Ora, o que é isto, senão a pobreza de espírito, que o Senhor chama de bem-aventurada[85]?

Se alguém refletir sobre as infâmias da paixão que podem atacá-lo, fugirá da vanglória da qual extrai seu poder. Pois, desejando a glória perante os homens, pelas próprias obras que faz para adquiri-la, ele cai em desonra. Preocupando-se com os tempos oportunos, cuidando escrupulosamente da glória de seus ancestrais e do bom perfume de suas vestimentas, vangloriando-se de outras coisas do mesmo gênero, ele mostra por si só ser presa de um pensamento infantil. Pois tudo isto junto não passa de pó. E o que existe de mais vil do que o pó? Quem não se veste apenas para se cobrir e se manter

[81] *Mateus* 6: 21.
[82] Cf. *Hebreus* 1: 3.
[83] *Salmo* 113 (114): 9.
[84] Cf. *Salmo* 122 (123): 2.
[85] Cf. *Mateus* 5: 3.

aquecido, mas se apaixona pela delicadeza das roupas e pelo seu brilho, não apenas denuncia aos que o observam a esterilidade de sua própria alma, mas ainda se inclina à indecência das cortesãs. Que ele escute Aquele que disse: "Os que trazem vestes delicadas moram nos palácios dos reis[86]". Mas "nossa cidade está nos céus[87]", diz o admirável Paulo. Por causa de nossas fraquezas pelas belas vestes, não nos atiremos do céu às tendas do príncipe das trevas deste século[88].

É isto que sofrem aqueles que vão buscar a glória do lado dos homens. Por que eles, que receberam sua parte em ter sua cidadania nos céus[89], preferiram erguer suas tendas no pó, para sua própria glória, atraindo sobre si a maldição de Davi Suas orações já não sobem aos céus e toda a sua aplicação cai abaixo, por não estar cercada das asas do amor divino que eleva às alturas aquilo que fazemos na terra. Assim, eles se esforçam, mas não recebem seus salários. Eu disse que eles não recebem seus salários? Ora, eles dão frutos, mas estes frutos são a confusão, a instabilidade dos pensamentos, o cativeiro e a perturbação do intelecto. Foi dito: "O Senhor dispersou os ossos dos que procuraram agradar aos homens. Eles foram confundidos, por que o Senhor os reduziu a nada[90]". Esta paixão é a mais sutil de todas as paixões. É por isso que quem combate deve não apenas controlar a chegada do mal e fugir do consentimento, mas considerar a própria sugestão como um consentimento e dela se proteger, pois do contrário lhe seria mais difícil ser mais rápido do que a derrota. Se o monge sóbrio e vigilante age assim, a sugestão se torna uma fonte de compunção; do contrário, se torna um ligar preparado para o orgulho. E quem é tocado pelo orgulho terá dificuldade em recuperar a saúde, se é que conseguirá se curar, pois a queda é diabólica.

Mas mesmo antes disto, a paixão por agradar aos homens espalha tal dano naqueles que a adquirem que leva ao naufrágio[91] a própria fé, segundo Aquele que disse: "Como podem vocês crer em mim, vocês que recebem a glória dos homens e que não buscam a glória que vem de Deus?[92]". o que pode haver, ó homem, entre você e a glória dos homens – ou antes entre você e o vão nome da glória – esta glória que não apenas é privação, mas que priva da própria glória, e não apenas isto, mas ainda gera a inveja em relação aos outros, esta inveja que é a morte em potência e que foi a fonte do primeiro homicida e, mais tarde, do deicídio[93]?

Então, o que contribui para ajudar a natureza? O que a mantém, ou o que a protege, ou a recebe de alguma forma em sua queda e que a cura? É impossível dizê-lo com certeza. Eu penso que é a refutação da falsa razão dos maus hábitos. Se examinarmos com rigor, veremos que a mesma natureza simultaneamente provoca e refuta falsamente a maior parte das piores infâmias, que ela retira a máscara impudentemente, às vezes mesmo aqui em baixo, e que ela desonra os amantes, ainda que os mestres das doutrinas gregas pensem que nenhuma ação direita na existência não se faz sem ela: quão grande erro, quando eles dizem não se envergonhar! Mas nós não fomos ensinados assim, nós que derivamos nosso nome, o nome

[86] *Mateus* 11: 8.
[87] *Filipenses* 3: 20.
[88] Cf. *Efésios* 6: 12.
[89] Cf. *Filipenses* 3: 20.
[90] *Salmo* 52 (53): 6.
[91] Cf. I *Timóteo* 1: 19.
[92] *João* 5: 44.
[93] Cf. *Gênesis* 4: 3s; *Mateus* 27: 18.

que nos convém[94], Daquele que, por si mesmo, em seu amor pelo homem, ungiu nossa natureza: e a ele que temos para vigiar nossos atos. Os que o miram realizam nele e por ele tudo o que existe de melhor. Eles fazem tudo pela glória de Deus[95] e não procuram agradar aos homens de modo algum. Antes eles recusam agradar, como Paulo, o eminente discípulo do nosso legislador, que nos deu a lei. Pois "se eu ainda agradasse aos homens, disse ele, eu não seria servidor de Cristo[96]".

Mas vejamos, com efeito, se a terceira filha do desejo doentio é afastada por esta pobreza que é chamada de bem-aventurada. A terceira filha da alma doente de desejo é a gula, que caminha ombro a ombro com todas as impurezas da carne. Mas como podemos chamá-la de terceira e última, se desde a origem ela seja inata em nós? Pois não é apenas ela, mas também todos os movimentos naturais que visam à procriação, que marcam as crianças desde que ainda mamam no seio materno. Como então podemos considerar como última a doença do desejo da carne? Por que estas coisas estão ligadas a nós devido à nossa própria natureza. Ora, as coisas da natureza não são condenáveis: elas foram criadas pelo Deus bom, a fim de que por intermédio delas caminhemos por boas obras. Assim, elas não são manifestações de uma alma enferma, mas o são quando fazemos mau uso delas.

Por conseguinte, quando cuidamos da carne para satisfazer seus desejos[97], neste momento a paixão é má e o amor aos prazeres se torna fonte das paixões da alma e enfermidade da alma. Nestas coisas, a primeira coisa a ser atingida é o intelecto. É por isso que, quando as más paixões se lançam primeiro sobre a reflexão, o Senhor diz que os maus pensamentos saem do coração, e que são eles que mancham o homem[98]. E a Lei anterior ao Evangelho diz: "Vigie a si mesmo para que uma palavra oculta não se torne uma injustiça em seu coração[99]". Pois se o intelecto for o primeiro a ser levado ao mal, e, abaixo dele, por meio dos sentidos, ele modelar a imaginação dos corpos sensíveis, será em direção a eles que ele será levado, em especial pelos olhos, que podem em primeiro lugar, mesmo de longe, atrair a sujeira, excitando-o e arrastando-o ao mau uso. A prova evidente disto é Eva, nossa primeira mãe: pois ela primeiro viu que o fruto da árvores proibida era bonito de ver e precioso para adquirir a inteligência, e, quando seu coração consentiu, ela o tomou e provou dele[100]. Portanto, temos razão em dizer que a derrota diante da beleza dos corpos precede as paixões infames e é como que o seu prelúdio.

É por isso que os Padres recomendam não considerar a beleza dos outros corpos nem se comprazer com o próprio corpo. Entretanto, se, nas crianças, antes do surgimento dos pensamentos passionais, observarmos estas paixões de forma natura, elas não estarão levando ao pecado, mas contribuindo para a ordem da natureza. É por isso que, neste momento, elas não são más. Mas a partir do momento em que as paixões da carne extraem sua origem do intelecto passional, é do intelecto que é preciso cuidar. Com efeito, num incêndio, quem combate o fogo não obtém nenhum resultado se começar a extinguir

[94] O nome de "cristãos", que deriva de Cristo, o "Ungido" (cf. *Atos* 11: 26)
[95] Cf. I *Coríntios* 10: 31.
[96] *Gálatas* 1: 10.
[97] Cf. *Romanos* 13: 14.
[98] Cf. *Mateus* 15: 19.
[99] *Deuteronômio* 15: 19.
[100] Cf. *Gênesis* 3: 6.

as chamas pelo alto. Mas se ele retirar a matéria que queima logo o incêndio se esgota. O mesmo acontece com as paixões que nos prostituem. Se você não acessar dentro de você, por meio da prece e da humildade, a fonte dos pensamentos, mas se armar contra eles apenas com o jejum e a vida dura, seu esforço não lhe servirá de nada. Mas se você santificar a raiz pela humildade e a prece, como dissemos, logo você notará a santificação das coisas exteriores. É isto que, me parece, exprime a palavra do Apóstolo que diz ter a verdade como cintura para os rins[101]. Da mesma forma, um dos Padres afirma que a contemplação oprime e reduz o desejo das paixões dos rins e do ventre. Mas é preciso também dar ao corpo uma vida dura e temperar comedidamente a comida, para que o desejo não se torne difícil de dominar e não seja mais forte do que o pensamento. Assim todas as paixões da carne só se curam por meio da vida dura do corpo e da oração que brota de um coração humilhado: está aí a pobreza em espírito, a que o Senhor chamou de bem-aventurada[102].

Se alguém deseja obter a riqueza da santificação sem a qual ninguém verá o Senhor[103], que permaneça em sua própria cela, levando uma vida dura e orando com humildade. Pois a cela de quem vive na solidão como se deve é um porto de castidade. Todas as coisas exteriores, em particular as assembleias em praça pública e as feiras, estão cheias da desordem da prostituição que excita tudo o que ouvimos e tudo o que vemos em desregramento, submergindo a pobre alma do monge que se expôs a tudo isto.

[101] Cf. *Efésios* 6: 14.
[102] Cf. *Mateus* 5: 3.
[103] Cf. *Hebreus* 12: 14.

Podemos dizer também que o mundo da malícia é um fogo que queima: ele transforma em lenha os que o frequentam e reduz a cinzas todas as formas da sua virtude. Mas o fogo que não consome se acha no deserto[104]. Quanto a você, em lugar do deserto, permaneça na sua cela e esconda-se por algum tempo até que de você se afaste a tempestade do estado passional[105]. Pois, passada a tempestade, a vida que você leva ao ar livre não terá sido devastada. Então você se tornará uma monja verdadeiramente pobre em espírito, possuirá o Reino oposto às paixões e ouvirá chamá-la com clareza e alegria Aquele que disse: “Bem-aventurados os pobres em espírito, por que deles será o Reino dos céus[106]”.

Como não serão chamados de felizes aqueles que não confiam no dinheiro, mas em Deus? Os que não procuram agradar a ninguém senão a ele? Os que, com toda humildade, vivem com tais homens diante de si? Sejamos, portanto, pobres, nós também, humilhando o espírito, levando a vida dura na carne e nos proibindo possuir seja o que for nesta vida, a fim de que venha a nós o Reino de Deus e que possamos ver atendidas as bem-aventuradas esperanças quando herdarmos o Reino dos céus. Ao expor certas palavras englobantes e capitais do Evangelho de nossa salvação, não apenas reuniu inúmeras virtudes numa única palavra, não apenas afastou de sua beatitude inúmeros males e abençoou, pelo arrependimento, os que afastam o estado passional de suas almas, como ainda afastou muitos outros males que não correspondem à circuncisão, mas ao frio, ao gelo, à neve, à geada e à violência dos ventos, numa palavra, que correspondem às vicissitudes que as plantas sofrem por causa dos

[104] *Êxodo* 3: 2-3.
[105] Cf. *Isaías* 26: 20.
[106] *Mateus* 5: 3.

invernos e verões, quando são expostas ao fio e ao calor sem os quais nada do que cresce sobre a terra pode chegar à maturidade.

E quais são estes males? Os diversos ataques das tentações, que devemos suportar com gratidão para que possamos dar o fruto futuro Àquele que cultiva os espíritos. Com efeito, se alguém, por piedade das plantas que nascem da terra e têm dificuldade em crescer, as cerca com um muro, as cobre com um teto e não deixa as ervas daninhas crescerem por perto, ele não colherá nenhum fruto destas plantas, ainda que as regue e cuide delas com grande zelo. Ao contrário, ele deve deixar crescer. Assim, depois das dificuldades do inverno, a estação da primavera as fará crescer e florir, cobrir-se de folhas e estas bels plantas darão cachos verdes. Aquelas que amadurecerem após uma breve exposição ao sol, chegarão à maturidade e se tornarão boas para comer e para fazer vinho. Do mesmo modo, quem não aguenta a carga das tentações, difícil de suportar, mesmo que não lhe falte nenhuma das demais virtudes, jamais dará frutos dignos do divino lagar e da adega eterna. É, com efeito, por meio da paciência nas penas voluntárias e involuntárias – as que afligem o exterior e as que se suporta no interior – que todo monge fervoroso atinge a perfeição. Pois os frutos que a natureza oferece pelas plantas da terra, graças aos cuidados dos que as cultivam e à alternância das estações, são semelhantes a nós, que somos os ramos espirituais[107] de Cristo e nos confiamos a ele para que cultive nossas almas: eles se ligam sozinhos aos que vivem em plena liberdade. Sem a paciência naquilo que acontece independentemente de nossa vontade, mesmo aquilo que fazemos voluntariamente não obterá a bênção divina.

[107] Cf. *João* 15: 5.

Pois é o amor que dedicamos a Deus em meio ao sofrimento das tentações que é o melhor meio de superar as provas. É preciso assim, antes de tudo, conduzir com sucesso a ascese voluntária e, por meio dela, habituando-nos a desdenhar o prazer e a glória, não teremos dificuldade em suportar também os ataques involuntários. Aquele que, graças à pobreza em espírito, despreza estes ataques e considera a si próprio como tributário dos remédios mais ativos do arrependimento, está continuamente preparado para toda aflição. Ele aceita todas as provas como aquilo que mais lhe convém e se regozija em ir ao seu encontro, por que delas obtém a purificação da alma. Ele faz delas a matéria de sua prece a Deus, por meio da qual ele se esforça e que o leva diretamente ao seu objetivo. Ele considera que isto ao mesmo tempo abraça e protege o bom estado da alma, e não apenas ele não deixa espaço para nenhum ressentimento, como pede a graça sobre aqueles que o afligem e ora por eles como se fossem seus benfeitores. É por isso que ele próprio não somente recebe o perdão concedido aos que pecaram e a promessa que lhes foi feita, mas ainda obtém o Reino dos céus e a bênção divina. Ele é chamado de bem-aventurado pelo Senhor por ter mantido a paciência até o fim com a humildade em espírito.

Quanto a nós, depois de havermos demonstrado brevemente um pouco do que é a circuncisão espiritual, acrescentemos agora algumas palavras a respeito da fecundidade da qual ela é a fonte. Por que a seguir, para os que possuem a riqueza inalienável concedida pela pobreza em espírito[108], o único bem-aventurado comunica aos aflitos sua própria beatitude, quando diz: “Bem-aventurados os aflitos, por que serão consolados[109]”. Porque Cristo acrescentou esta

[108] Cf. *Mateus* 5: 3.
[109] *Mateus* 5: 4.

tristeza, esta angústia, esta aflição, à pobreza? Por que uma vai sempre de par com a outra. Mas a tristeza ligada à pobreza no mundo suscita a morte da alma, diz o Apóstolo, e a tristeza ligada à pobreza em Deus suscita um arrependimento para a salvação da alma, que não se pode lamentar[110]. Uma, que é involuntária, suscita uma tristeza involuntária; a outra, que é voluntária, é seguida necessariamente por uma tristeza voluntária. Pois a tristeza que é chamada de feliz se une aqui à pobreza em Deus, e necessariamente nos vem por causa dela; e é a partir daquela que esta pode ser entendida ao mesmo tempo como tristeza espiritual e voluntária.

Mas vejamos, com efeito, de que modo a pobreza bem-aventurada engendra a tristeza bem-aventurada. O que dissemos um pouco acima revelou quatro formas de pobreza espiritual: a pobreza no pensamento, a pobreza no corpo, a pobreza nas posses desta vida e a pobreza nas tentações que vêm do exterior. Que ninguém, ao ouvir falar de formas de pobreza que se acrescentam a estas ao mesmo tempo em que permanecem separadas, coloque de parte a ação que estas formas implicam. Pois estas se realizam naturalmente junto com as outras. É por isso que elas foram incluídas todas numa única beatitude, que mostra ao mesmo tempo de modo admirável qual é por assim dizer a raiz e a causa das outras, a saber, nosso espírito. Este, que traz em seu seio, como dissemos, a graça da predicação evangélica, faz jorrar de si mesmo uma fonte de pobreza que irriga toda a face de nossa terra[111], ou seja, o homem exterior, e o transforma em paraíso de virtudes.

Uma vez que existem quatro formas de pobreza espiritual, de cada uma delas nasce a tristeza que lhe corresponde, assim como a consolação que lhe corresponde, por meio da pobreza e da humildade voluntárias do corpo, que são a fome, a sede e as vigílias, numa palavra, a vida dura e as penas corporais e, além destes esforços, a contração dos sentidos por meio da razão. É, portanto, destas penas que nascem não apenas a tristeza, como também as lágrimas. Pois assim como a insensibilidade, a dureza e a crueza do coração nascem naturalmente da negligência, do desfrute e do prazer, também a contrição do coração e a compunção, que afastam toda amargura e criam uma doce alegria, nascem de uma vida levada na temperança e na renúncia.

Com efeito, foi dito que, sem a contrição do coração, é impossível se separar do mal. Ora, o que quebranta o coração é a tripla temperança no sono, na alimentação e no descanso do corpo. Mas a alma que esta contrição afastou da malícia e da amargura assume de imediato a alegria espiritual. E esta é o consolo por cuja razão o Senhor chama de bem-aventurados aos aflitos[112]. João Clímaco, que nos mostrou a escada espiritual em suas palavras, o confirma: “A sede e as vigílias afligem o coração e, quando o coração fica aflito, ele derrama lágrimas. Mas nestas lágrimas rirá aquele assim que é testado[113]”: vale dizer, este terá sido consolado pelo riso bem-aventurado, como prometeu o Senhor.

A tristeza que, por meio da beatitude, consola os que possuem a pobreza do corpo, extrai assim sua origem desta outra pobreza amada por Deus. Mas de que modo extrai ela sua origem do sentimento de temor e da divina humildade da alma? A condenação

[110] Cf. II *Coríntios* 7: 10.
[111] Cf. *Gênesis* 2: 6.
[112] Cf. *Mateus* 5: 4.
[113] *A escada santa* VI, 15.

de si próprio anda sempre de par com esta humildade. Ora, esta tende com toda sua força para o começo, que é o temor do castigo, colocando diante dos olhos a reunião terrível dos adversários no lugar único da danação, e, dando-se conta de que esta reunião é indizivelmente mais nefasta do que tudo, acrescentando a esta o temor. Esta reunião jamais chega ao fim, por que males se acrescentam a males. O calor ardente, o frio, as trevas, o fogo, o movimento e a imobilidade, os laços, os terrores, as mordidas das feras sempre vivas se concentram neste lugar único que conduz à danação. Mas esta infelicidade não é aquela que jamais subiu ao coração do homem, como foi dito[114].

Então, o que é esta tristeza vã, inconsolável e sem fim? É a tristeza que toma aqueles que pecaram contra Deus, ao reconhecerem suas faltas. Lá em baixo, com efeito, para aqueles que se convenceram do erro, que perderam a esperança bem-aventurada e renunciaram à salvação, o involuntário exame de consciência que então acontecerá multiplicará em cada um, por meio desta tristeza, o sofrimento imposto. E esta tristeza perpétua, na medida em que não mais cessará, se torna a causa de outra tristeza: trevas ainda mais terríveis, um calor ardente que pesa no coração e o abismo insondável do desespero. Mas aqui em baixo esta tristeza é muito útil. Pois, em sua benevolência, Deus está nos escutando. Assim como ele desceu até nós, ele prometeu que, visitando-os, ele levará aos que estão aflitos a consolação que consiste nele próprio, pois ele é chamado de Consolador[115].

Você está vendo a tristeza da alma humilhada e a consolação que lhe é dada? Mas, com efeito, somente a condenação de si próprio, por longo tempo colocada como um peso espiritual sobre a razão que há na alma esmaga, pressiona e espreme o vinho da salvação que alegra o coração do homem[116], ou seja, de nosso homem interior. Este vinho é a compunção. Pois, por intermédio da tristeza, a compaixão pressiona também as paixões e enche a alma de uma alegria que é dita bem-aventurada, separando-a do peso terrível que as paixões exercem sobre ela. É por isso que os aflitos são bem-aventurados, por que eles serão consolados[117].

Quanto à despossessão, ela consiste na pobreza em relação aos bens e à pobreza naquilo que nos pertence; entretanto, ela está ligada à pobreza em espírito, da qual falamos acima. Pois todas essas virtudes, que se realizam umas com as outras, são perfeitas e agradam a Deus. É por meio desta pobreza, capaz de nos trazer a um tempo a tristeza e a consolação, que entra aquele que escuta com inteligência. Com efeito, depois de renunciar ao dinheiro e às posses, rejeitando-os ou dispersando-os conforme o mandamento[118], e após afastar a alma do cuidado para com as coisas, o homem que agora pode afirmar estar satisfeito com o que tem deseja se voltar para a busca desta alma desligada de tudo o que a mantinha fora de si. Quando o intelecto se afasta de todo objeto sensível emergindo do dilúvio da confusão dos bens deste mundo e considerando apenas o homem interior, então, vendo a máscara odiosa da errância do mundo de baixo, ele se apressa em se lavar com as lágrimas da tristeza. Depois de levantado este véu disforme, a alma, deixando de ser preguiçosamente dispersa nas relações de toda espécie, penetra

[114] Cf. I *Coríntios* 2: 9.
[115] Cf. *João* 14: 7-16.
[116] Cf. *Salmo* 103 (104): 15
[117] Cf. *Mateus* 5: 4.
[118] Cf. *Lucas* 14: 33.

sem distrações no interior dos verdadeiros tesouros e ora ao Pai que está no secreto[119]. É o Pai quem primeiro lhe dispensa o dom que contém os carismas, a paz nos pensamentos[120], com a qual ele realiza a humildade que engendra e abraça toda virtude. Esta humildade não é suscitada em quem a quer, por meio de palavras e formas definidas, mas é atestada pelo Espírito bom e divino, e o próprio Espírito a constrói quando é restaurado nos corações[121]. É aí, no paraíso do intelecto, como em um recinto seguro, que estão plantadas todas as espécies de árvores da verdadeira virtude. No centro se erguem os reinos sagrados do amor. E diante dos seus umbrais florescem as primícias do século futuro: a alegria inexprimível e indefectível.

Pois a despossessão é a mãe da despreocupação, e a despreocupação é a mãe da atenção e da prece. Estas, por sua vez, são mães da tristeza e das lágrimas. E as lágrimas apagam a presunção. E quando são rejeitados de os vícios de nos oprimem, o caminho da virtude se torna mais fácil e a consciência deixa de se condenar. É isto que faz brotar a alegria e o riso bem-aventurado da alma. Então, mesmo as lágrimas dolorosas se transformam em delícias, as palavras de Deus se tornam doces da garganta e melhores do que o mel na boca[122], a súplica orante se transforma em ação de graças e o estudo dos testemunhos divinos se torna um regozijo do coração mesclado a uma esperança que nada pode confundir. Esta esperança está como que enraizada naquilo que recebemos desde já, está ligada ao testemunho contido na experiência que provamos, e ensina em parte a riqueza transbordante da bondade[123], conforme foi dito: "Provai e vede que o Senhor é bom[124]". É a exultação dos justos, a alegria dos corações direitos, o regozijo dos humilhados, o consolo dos que foram afligidos por causa do Senhor.

Como assim, as graças da consolação conduzem até ele? Somente estas graças constituem os presentes das novas sagradas? O esposo destas almas não manifesta a si próprio, mais puro do que estes presentes, aos que atingem a tristeza bem-aventurada, que se purificaram, e que, por meio das virtudes, estão vestidos para as bodas? Certamente não. Nós mesmos estamos agora submetidos às imprecações daqueles que estão prontos a nos condenar. É como se eles dissessem: "Não fale no nome do Senhor[125], senão apagaremos seu nome, por que você é mau[126], e tramaremos e divulgaremos contra você calúnias e mentiras".

Mas nós, sem levar em conta o que eles dizem, levemos mais adiante nosso discurso, confiando-nos às palavras de nossos santos Padres, relembrando-as, mirando-nos nelas e por meio delas persuadindo os demais. Pois foi dito: "Eu acreditei, e por isso falei[127]", e: "Nós cremos, e por isso falamos[128]". Com efeito, depois de se desembaraçar de todas as paixões infames que nele residiam, o intelecto se volta inteiramente para si próprio e para as demais potências da alma, avançando na direção do que é mais que perfeito e, balizando sua marcha ascendente nos degraus da ação e cultivando

[119] Cf. *Mateus* 6: 6.
[120] Cf. *Jeremias* 36: 11.
[121] Cf. *Salmo* 50 (51): 11.
[122] Cf. *Salmo* 118 (119): 103.
[123] Cf. *Efésios* 2: 7.
[124] *Salmo* 33 (34): 9.
[125] *Jeremias* 11: 21.
[126] Cf. *Lucas* 6: 22.
[127] *Salmo* 115 (116): 1.
[128] II *Coríntios* 4: 13.

a virtude, ama a beleza que se encontra na alma. Daí por diante, com a ajuda de Deus, ele se limpa e se lava, e não apenas enxuga tudo o que antes possuía a marca do mal, como ainda retira de si tudo o que lhe é estranho, mesmo que nestas coisas exista ainda uma parte ou um pensamento melhorzinho. Depois de ter ultrapassado os inteligíveis e os pensamentos dos inteligíveis, que necessitam da imaginação, e a tudo ter deixado para trás, a um tempo amado por Deus e amante de Deus, surdo e mudo, como está escrito, ele se apresenta diante de Deus.

Neste momento ele domina a razão da matéria e modela a criação mais além de toda liberdade: pois nada do que está fora bate à porta, a graça do coração traz o melhor e, o que é o mais paradoxal, ela ilumina com uma luz misteriosa o interior e conduz à perfeição o homem interior. Quando o dia começa a amanhecer e a luz da manhã se levanta em nossos corações[129], como diz o primeiro dos apóstolos, o homem verdadeiro sai para seu verdadeiro trabalho[130], conforme a palavra profética e, com o auxílio da luz, sobe o caminho onde se elevam as montanhas eternas[131]. Ó milagre, ele se torna o contemplador das coisas que, nesta luz, estão acima do mundo, quer não esteja ele separado, ou que esteja separado da matéria suscitada no princípio, como ensina o caminho. Pois ele não se eleva sobre as asas imaginárias do pensamento, nem percorre tudo como um cego: ele não se liga à compreensão precisa e indubitável nem do sensível ausente, nem do inteligível transcendente. Ele se eleva em direção à verdade pelo poder inefável do Espírito e, por meio desta concepção espiritual indizível, escuta as palavras inefáveis e vê o invisível. E, milagre, ele é e se torna inteiramente aqui em baixo, embora tenha partido para além e rivalize com os cantores infatigáveis: ele se tornou verdadeiramente como um novo anjo de Deus sobre a terra e, através dele, todas as formas da criação são levadas ao Senhor. Pois ele próprio, participando de tudo, participa também daquilo que está acima de tudo, a fim de se tornar o cumprimento da imagem.

É por isso que o divino Nilo disse: "Em sua natureza o intelecto é uma altura inteligível semelhante a uma cor celeste por meio da qual o mistério da Santa Trindade, no momento da prece, se torna luz". E também: "Se alguém quiser ver a natureza do intelecto, que se prive de todo e qualquer pensamento; então a verá, semelhante a uma safira ou a uma cor celeste. Mas isto não será possível sem a impassibilidade. Pois será preciso que Deus o ajude e exale nele a luz incriada[132]". São Diádoco diz igualmente: "Por intermédio do batismo, a santa graça nos transmite duas coisas, das quais uma ultrapassa infinitamente a outra. Pois a primeira graça renova pela água e faz brilhar nosso ser à imagem de Deus, apagando todas as rugas do nosso pecado. Depois esta graça recebe a segunda, a fim de que esta trabalhe conosco. Então, quando o intelecto começa a provar, sentindo plenamente a doçura do Espírito Santo, devemos saber que a graça começa por assim dizer a inclinar nosso ser para a semelhança, acima de nosso ser à imagem, de sorte que nossos próprios sentidos nos indicam que nosso ser à semelhança começa a tomar forma. Será então pela iluminação que saberemos ter atingido a perfeição da semelhança[133]". E mais: "Ninguém pode alcançar o amor espiritual se não for iluminado em toda plenitude pelo Espírito Santo. Com efeito, se o intelecto, por meio da luz divina, não receber

[129] II *Pedro* 1: 19.
[130] Cf. *Salmo* 103 (104): 23.
[131] Cf. *Salmo* 75 (76): 5.

[132] Evagro o Pôntico, *Capita practica as Anatolium*, PG 40, 1244 AB.
[133] Diádoco de Foticéia, *Cem Capítulos* 89.

à perfeição o ser à semelhança, ele não poderá conter em si todas as demais virtudes, e não terá ainda sua parte no amor perfeito[134]".

Da mesma forma ouvimos santo Isaac nos dizer: "No momento da prece, o intelecto que recebeu a graça vê sua própria pureza semelhante à cor celeste que foi chamada pela assembleia de Israel de "lugar de Deus" quando ela apareceu aos hebreus sobre a montanha[135]". E também: "A pureza do intelecto é esta pureza sobre a qual, no momento da prece, brilha a luz da Santa Trindade[136]". Mas o intelecto que foi tornado digno de tal luz transmite ao corpo que está ligado a ele as marcas da beleza divina: é uma mediação entre a graça divina e o peso da carne, que a ela leva a força dos fracos. Nisto reside o estado de virtude semelhante a Deus e que nada é capaz de combater, aquilo que é impossível ou dificílimo conduzir ao mal. Aí reside o Verbo que ilumina as razões dos seres e que revela por si mesmo, em sua pureza, os mistérios da natureza por meio dos quais, conforme as razões da analogia, o pensamento dos que escutam com fé é conduzido à compreensão daquilo que está acima da natureza, esta compreensão que o próprio Pai do Verbo concebeu inteiramente em símbolos imateriais. Aí residem os outros muitos milagres: o discernimento e a visão profética, mesmo de coisas distantes, como se os olhos as distinguissem e, o que é ainda maior, como se não fosse este o objetivo para o qual se voltam estes homens bem-aventurados. Mas, da mesma forma pela qual alguém olha um raio de sol e vê os corpúsculos que flutuam no ar, ainda que não seja este seu objetivo, também estes homens se oferecem com toda pureza aos raios divinos, aos quais está ligada por natureza a revelação de tudo, não apenas do que é ou do que foi, mas também do que será, ao longo do caminho, na medida em que chegar verdadeiramente o conhecimento de tais coisas, proporcionalmente à pureza. Eles conhecem assim para seu bem o retorno do intelecto sobre si mesmo e sua união com Deus, ou antes, mesmo se isto parecer espantoso, o retorno de todas as potências da alma para o intelecto, e a energia que é ao mesmo tempo a sua própria energia e a energia de Deus, por meio da qual aqueles que se recriam à imagem do modelo estão no bom caminho, quando a graça restaura a beleza maravilhosa e original.

É a estas alturas que a tristeza bem-aventurada eleva os humildes de coração e os pobres em espírito. Por causa da negligência que está em nós e que é mais forte do que nós voltemos ao fundamento de tudo isto e falemos ainda um pouco mais da tristeza. Ela se liga certamente a todos os que conhecem a pobreza involuntária: a pobreza no mundo. De fato, como não estariam aflitos aqueles a quem falta o dinheiro, aquele que tem fome por nada possuir, aquele que é oprimido e desonrado? Esta tristeza é inconsolável, e tanto mais na medida em que se estendem as consequências da pobreza, ou melhor, ela é tanto maior quanto mais aquele que sofre está afastado do verdadeiro conhecimento. Pois tal homem não submete à razão os prazeres e as dores que lhe chegam pelos sentidos. Ao contrário, fazendo mau uso do rigor da razão nestes prazeres e nestas dores, ele os faz crescer indevidamente, sem extrair deles o menor benefício, experimentando sempre um grande prejuízo próprio. Ele deixa evidente o sinal e a prova clara de que não recebeu com certeza a boa nova do Evangelho de Deus e dos profetas que viveram antes de Cristo, nem daqueles que, com ele e por ele, obtiveram e repartiram por meio da pobreza a riqueza inesgotável; por meio da simplicidade, a glória indizível; por meio da

---

[134] *Ibid.*
[135] Isaac o Sírio, *Obras Espirituais*, pg. 203.
[136] *Ibid.*

temperança, as delícias libertas da dor; por meio da paciência nas provações, a libertação da angústia e da aflição eternas longe de Deus, esta angústia e esta aflição que acometem aqui em baixo aos que buscaram a existência fácil e que não escolheram avançar na vida pela porta estreita e pelo caminho apertado[137].

Assim é que o apóstolo Paulo teve razão ao dizer que a tristeza segundo o mundo suscita a morte[138]. Pois mesmo através da razão o pecado penetra para conduzir à morte. Se a verdadeira vida é a luz divina da alma, nascida da tristeza conforme a Deus, como disseram acima os Padres, a morte da alma são as trevas suscitadas nela pela tristeza do mundo. É destas trevas que fala o grande Basílio, ao dizer: "O pecado, que extrai sua existência do abandono do bem, tem como símbolo das trevas espirituais suscitadas pelas injustiças". E o divino Marcos disse também: "Como poderá aquele que está cercado por pensamentos do mal ver o pecado rela que eles encobrem, este pecado que é feito de trevas e enevoa a alma, derramando sobre ela, depois das reflexões, más palavras e más ações? Ora, quem nunca viu este pecado que abarca tudo, como poderá ser purificado no momento da prece? Sem ser purificado, como poderá encontrar o lugar da natureza pura? Se não encontrar este lugar, como poderá enxergar o interior da morada de Cristo? Assim, é necessário, por meio da oração, bater à porta com perseverança e pedir não apenas para possuir esta morada, como também para guarda-la. Pois muitos foram os que a perderam depois de tê-la obtido. Os que aprendem na velhice e os jovens podem ter desta natureza pura um conhecimento simples ou uma experiência aproximada. Mas o trabalho constante e paciente sé é exercido, e não sem esforço, pelos anciãos mais experimentados, que se votaram à piedade[139]". Dentre estes anciãos está Macário, celeste por seu conhecimento, e também todo o coro dos santos.

Mas, assim como as trevas recebem sua existência das nossas faltas, se você examinar a tristeza do mundo verá que ela vem da soma de todas as paixões e que delas ela extrai sua existência. Ela, assim, traz em si a imagem e é como que as primícias, o prelúdio e a garantia da tristeza sem fim que virá sobre aqueles que não escolheram a tristeza que o Senhor chamou de bem-aventurada[140], esta tristeza que não apenas traz a consolação trazendo como fruto a garantia da alegria eterna, mas ainda conforta a alma tornando a alma inexpugnável para o pior. Pois se alguém, tendo se tornado pobre e humilde esforçando-se para desenvolver em si a simplicidade conforme a Deus, não adquirir ademais a tristeza ao progredir em direção ao melhor, será facilmente levado pela versatilidade e pela negligência a voltar em pensamento ao que havia abandonado, desejando novamente o que havia deixado no começo e se tornando outra vez transgressor. Mas se, perseverando e permanecendo atento a tudo o que o conduz á bem-aventurada pobreza, ele introjetar a tristeza, já não tornará atrás: ele não retornará no sentido do mal, para aquilo que foi um dia, mas agirá sempre no sentido do bem. Pois a tristeza segundo Deus, como disse o Apóstolo, suscita um arrependimento pela salvação da alma que não se pode lamentar[141]. É por isso que um dos Padres dizia que ele provocava e guardava a tristeza.

Não apenas – e este é o benefício da tristeza – o homem agora quase

---

[137] Cf. *Mateus* 7: 14.
[138] Cf. II *Coríntios* 7: 10.
[139] Marcos o Asceta, *Dos que pensam ser justificados* 224-225.
[140] Cf. *Mateus* 5: 4.
[141] Cf. II *Coríntios* 7: 10.

imóvel já não pode se voltar para o mal e as faltas que um dia cometeu, mas ele ainda considera que estas coisas já não existem. Com efeito, a partir do momento em que o homem lamenta o começo, Deus considera que ele cometeu aquelas faltas sem querer. E o homem não é responsável por suas faltas involuntárias. Com efeito, se alguém afligido pela indigência, confirma por seu testemunho que esta não é voluntária (tendo caído nas armadilhas do diabo junto com os que desejam enriquecer ou que já são ricos[142], mesmo que se esforce em se desviar das armadilhas), ele será enviado junto com os ricos ao castigo eterno. Da mesma forma, aquele que pecou contra Deus, se se entristecer por seus pecados, verá que estes serão considerados por Deus como involuntários e, sem encontrar obstáculos, caminhará junto com os que não pecaram sobre o caminho que conduz à vida eterna. Este é o benefício do começo da tristeza, que é um começo doloroso por que traz consigo o temor a Deus. Porém, mais adiante, a tristeza se une maravilhosamente ao amor de Deus e traz o fruto da doce e santa consolação da bondade do Consolador, quando dele prova aquele que se aflige, esta consolação que não podem compreender aqueles que não a experimentaram, pois é impossível ser descrita. De fato, se não é possível descrever a doçura do mel a quem nunca dele provou, como será possível descrever a quem não experimentou o prazer da alegria e da graça sagradas que provêm de Deus? Certamente, é impossível. O começo da tristeza parece um pedido de casamento feito a Deus, que parece quase impossível de ser cumprido: é por isso que alguns alegram com suas promessas de casamento aos que adotam a tristeza por causa do desejo pelo esposo ao qual não podem se unir. Eles se batem e o chamam com gritos de dor, como se ele não estivesse aqui ou não devesse jamais estar aqui.

[142] Cf. *Gênesis* 2: 15.

O fim da tristeza é a união perfeita na pureza nupcial. É por isso que Paulo chamou de grande mistério a reunião do casal numa só carne, e afirmou: "Digo isto em relação a Cristo e a Igreja[143]". Com efeito, assim como os esposos se tornam uma só carne, também aqueles que são de Deus se tornam um só Espírito com Deus, como o mesmo Paulo disse com sabedoria em outra passagem: "Aquele que se liga ao Senhor se torna com ele um só Espírito[144]". Onde estão os que chamaram de criada a graça que habita nos santos de Deus? Saibam estes que blasfemam contra o próprio Espírito, que ela está com os santos na transmissão.

Mas tomemos um outro exemplo em relação ao que dissemos, ainda mais significativo: pois o começo da tristeza é semelhante ao retorno do filho pródigo. É por isso que se enche de tristeza aquele que faz este retorno e o leva a dizer estas palavras: "Pai, eu pequei contra o céu e contra você, e não sou digno de ser chamado seu filho[145]". Depois o fim da tristeza é semelhante ao reencontro com o Pai e com o abraço deste. Ao descobrir neste abraço a riqueza da incomparável misericórdia, chegando por meio dele a uma enorme alegria e liberdade, o filho foi amado e amou em troca. Depois de entrar com o Pai, participou de seu festim e desfrutou com ele de uma felicidade celeste.

Mas venham, caiamos nós também na pobreza chamada de bem-aventurada e peçamos ao Senhor nosso Deus[146] que apague os

[143] *Efésios* 5: 32.
[144] I *Coríntios* 6: 17.
[145] *Lucas* 15: 21.
[146] Cf. *Salmo* 94 (95): 6.

pecados que cometemos, para que não mais façamos nenhum movimento para o mal e para que recebamos o Consolador, para que nele sejamos consolados e lhe rendamos glória, assim como ao Pai que não tem começo e ao Filho único, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

GREGÓRIO PALAMAS

DECÁLOGO DAS LEIS DE CRISTO OU, NA VERDADE, DAS LEIS DO NOVO TESTAMENTO

62º Discurso

O Senhor seu Deus, o Senhor é um[147], conhecido no Pai, no Filho e no Espírito Santo: no Pai, não gerado; no Filho, gerado, o Verbo sem começo, fora do tempo, fora de toda paixão, que, tendo por si próprio ungido e assumido nossa carne, foi chamado de Cristo; e no Espírito Santo, que, ele também, provém do Pai, não por geração, mas por sucessão. Ele é um só Deus. E ele é o verdadeiro Deus: o Senhor uno na Trindade das hipóstases, indivisível em sua natureza. Sua vontade, sua glória, seu poder, sua energia e em todas as marcas de sua Divindade. Somente a ele você amará. Somente a ele adorará, de todo pensamento, todo coração e com toda sua força[148]. Suas palavras e seus mandamentos estarão no seu coração, para que você os cumpra, medite a respeito e os repita, sentado, caminhando, deitado ou em pé[149]. Lembre-se continuamente do Senhor seu Deus[150], tema apenas a ele[151], não o esqueça e não se esqueça de seus mandamentos. É assim que ele próprio lhe dará a força para fazer a Sua vontade. Pois ele não pede a ninguém nada além de temê-lo, nada além de amá-lo, nada além de caminhar pelos seus caminhos[152]. Ele é a glória, ele é o seu Deus[153].

---

[147] Cf. *Deuteronômio* 6: 4.
[148] Cf. *Deuteronômio* 6: 5.
[149] Cf. *Deuteronômio* 6: 7.
[150] Cf. *Deuteronômio* 8: 18.
[151] Cf. *Deuteronômio* 6: 13.
[152] Cf. *Deuteronômio* 10: 12.

Não procure a impassibilidade e a invisibilidade dos Anjos que dominam o mundo, nem a grande malícia daquele que caiu dos céus, nem a sabedoria, a penetração, a engenhosidade com que ele persegue o erro, e não glorifique nenhuma destas potências rendendo-lhe as mesmas honras que a Deus. Não sonde a grandeza dos céus e as numerosas formas de seu movimento, os raios do sol, a claridade da lua, a cintilação das demais estrelas, o bem que nos faz o ar que respiramos, a prodigalidade do mar e da terra, e não deifique nada disto. Pois todas as coisas são servas e criaturas do Deus único: elas foram tiradas no nada pela sua palavra. Pois ele disse e elas surgiram, ele ordenou e elas foram criadas[154]. É, portanto, somente a ele, o Mestre e Criador do universo, que você glorificará como seu Deus, somente a ele você dedicará seu amor e diante dele você se arrependerá noite e dia por suas faltas voluntárias e involuntárias. Pois ele é compassivo e misericordioso, paciente, cheio de piedade[155], benevolente: ele prometeu o Reino celeste, o Reino perpétuo, a existência sem sofrimento, a vida imortal e a luz que não se extingue, para a alegria daqueles que o veneram, o adoram, o amam e que guardam os seus preceitos. Mas ele é também um Deus ciumento[156], um juiz justo e um justiceiro terrível. Os que o ultrajam, que lhe são infiéis, que transgridem seus preceitos, ele ao condena ao castigo eterno, ao fogo que não se apaga jamais, à dor contínua, à aflição inconsolável, às vestes das trevas negras, ao país sombrio e opresso, ao ranger de dentes[157], aos vermes venenosos que não dormem[158], que ele preparou para o primeiro apóstata que se submeteu ao mal, e com ele para todos os que se deixaram perder por sua causa, que o seguiram e se revoltaram contra seu Criador, em suas obras, palavras e pensamentos.

*

Você não fará imagem alguma que se assemelhe aos seres que estão no alto dos céus, sobre a terra e nas águas[159], para adorá-los e glorifica-los como se fossem deuses. Pois todos eles são criaturas do Deus único, que, no final dos séculos, tomou a carne de um seio virginal, apareceu sobre a terra, viveu entre os homens[160], sofreu por sua salvação, foi morto, ressuscitou e subiu aos céus com seu corpo e está sentado à direita da Majestade, no ponto mais alto[161]. É com este corpo que ele retornará em sua glória para julgar os vivos e os mortos[162]. Será, portanto, dele, que se fez homem por nós, que, por amor a ele, você fará ícones, é dele que por meio destes ícones você se recordará, é a ele que por meio destes ícones você adorará, erguendo seu intelecto por intermédio destes ícones até este corpo venerado do Salvador, que está sentado à direita do Pai no céu.

Da mesma forma, você representará e venerará as figuras dos santos, não como deuses, pois isto não é permitido, mas por causa da relação que nos une a eles, pelo estado e pela honra imensa que nos conferem, quando o intelecto, por intermédio dos ícones, se refere a eles, como Moisés quando representou os ícones dos Querubins no

[153] Cf. *Deuteronômio* 10: 21.
[154] Cf. *Salmo* 32 (33): 9.
[155] Cf. *Salmo* 102 (103): 8.
[156] Cf. *Êxodo* 20: 5.
[157] Cf. *Mateus* 8: 12.
[158] Cf. *Marcos* 9: 48.
[159] *Êxodo* 20: 4.
[160] Cf. *Baruc* 3: 38.
[161] Cf. *Hebreus* 1: 3.
[162] Cf. II *Timóteo* 4: 1.

santuário. Este Santo dos santos era a imagem daquilo que está acima do céu. O santuário cósmico trazia em si o ícone do mundo inteiro. E Moisés chamou-o de santuário, não por que ele glorificava as criaturas, mas por que através delas ele glorificava a Deus que criou o mundo. Também você, não deifique os ícones de Cristo nosso Mestre, nem os dos santos. Mas, através deles, você adorará Aquele que primeiramente nos criou à sua própria imagem, e que a seguir, em seu indizível amor pelo homem e por sua benevolência, tomou sore si nossa imagem sua e revestiu-se dela.

Você venerará não apenas o ícone divino, mas também a imagem de sua cruz. Pois esta é um símbolo imenso. É o troféu que Cristo ganhou sobre o diabo e toda a falange dos adversários. Por isso eles tremem e fogem quando a veem representada. Este símbolo, antes mesmo de se tornar o modelo, já era glorificado nos profetas e fazia grandes prodígios. Mas será no momento da segunda vinda d'Aquele que foi suspenso nela, o Senhor Jesus Cristo que veio para julgar os vivos e os mortos, que surgirá como na origem este grande e terrível símbolo, com poder e grande glória[163]. Assim, glorifique-o agora, a fim de que então você possa vê-lo abertamente e ser glorificado com ele. E pelo fato de que os santos foram crucificados com o Senhor, você venerará seus ícones, fazendo o sinal da cruz sobre a sua face e se lembrando daquilo que foram as suas obras: a comunhão com os sofrimentos de Cristo. Da mesma forma, você venerará as urnas que contêm as relíquias de seus ossos. Pois a graça de Deus não se retirou deles, assim como a Divindade não se retirou do corpo venerado de Cristo quando de sua morte vivificante. Se você fizer isto. E se glorificar os que glorificaram a Deus ao se revelarem perfeitos em suas obras por amor a Deus, também você será glorificado por Deus e cantará com Davi, quando ele disse: "Deus, eu honrei muito os que o amam[164]".

*

Você não invocará o nome do Senhor seu Deus em vão[165], por nada que seja terrestre, ou por temor aos homens, ou por vergonha, ou para benefício próprio, pronunciando um falso juramento. Pois o perjúrio é a negação de Deus. É por isso que você, em hipótese alguma, jurará[166], mas evitará qualquer juramento, pois é por intermédio disto que nos vem o perjúrio que afasta de Deus e que classifica entre os iníquos a quem o comete. Se você diz a verdade em todas as suas palavras, você dispensa por isso mesmo a confirmação por um juramento. E se algum dia lhe ocorrer comprometer-se por juramento, o que é detestável, e se o motivo do seu compromisso estiver relacionado com a lei divina, você o fará por que se trata da lei, mas pedirá para ser corrigido apenas por ter jurado, implorando pela compaixão, suplicando com tristeza e uma dura ascese do corpo pela piedade de Cristo, que disse: "Não jurarás". Mas se aquilo com o que você se compromete é proibido pela lei, cuida para não realizar a iniquidade por causa do seu juramento, a fim de não ser contado com Herodes que matou o profeta[167]. Anule este juramento iníquo, tome a resolução da jamais voltar a jurar e chame sobre si a compaixão de Deus, esforçando-se até as lágrimas para usar os remédios de que falamos.

---

[163] Cf. *Mateus* 24: 30.

[164] *Salmo* 138 (139): 17.

[165] *Êxodo* 2: 7.

[166] Cf. *Mateus* 5: 34.

[167] Cf. *Mateus* 14: 7-12.

No primeiro dia da semana, que é chamado de domingo – o dia do Senhor[168], por ter sido consagrado ao Senhor que, neste dia, ressuscitou dos mortos, mostrando e confirmando naquele momento a ressurreição comum na qual repousará toda a humanidade –, este dia você santificará[169] e não fará nenhum dos trabalhos da vida cotidiana, salvo o necessário, e concederá o repouso a todos os que vivem e dependem de você, a fim de que, juntos, vocês glorifiquem o Senhor que nos resgatou com sua própria morte, que ressuscitou e que ressuscitou com ele a nossa criatura. E lembre-se do século futuro, medite os mandamentos todos e os preceitos do Senhor, examine se você nada transgrediu ou omitiu, e corrija-se em tudo. Neste dia do Senhor, mantenha-se fielmente ligado ao templo de Deus, permaneça nas assembleias, comungue com uma fé pura e uma consciência irrepreensível o santo corpo e o santo sangue de Cristo, assuma uma vida mais rigorosa, renove a si mesmo e prepare-se para receber os bens eternos que virão, por cuja causa, mesmo nos demais dias, você não abusará dos bens terrestres. Mas no domingo, para estar perto de Deus, você deixará tudo de lado, exceto o que é absolutamente necessário e sem o que não é possível viver. Desta forma Deus será para você um local de refúgio do qual você não sairá. Você não acenderá o fogo das paixões, nem carregará peso dos pecados. Assim você santificará o dia do repouso, celebrando nele a cessação do mal. Da mesma forma, nas grandes festas, você fará as mesmas coisas e se absterá das mesmas coisas.

*

[168] Cf. *Apocalipse* 1: 10.
[169] Cf. *Êxodo* 20: 8.10.

Honre seu pai e sua mãe[170]. Foi por intermédio deles que Deus o trouxe à vida, e são eles que, depois de Deus, constituem a fonte do seu ser. Portanto, você os honrará e a amará depois de Deus, na medida em que seu amor por eles contribua pata seu amor por Deus. Mas, se seu amor por eles não contribuir para tal, fuja para longe deles imediatamente. Se, da mesma forma, por serem heterodoxos, eles constituem um obstáculo para você, em especial para a verdadeira fé salvadora, não apenas você fugirá deles como os detestará, e não apenas a eles, mas a todos os parentes e a todos os que estão ligados por outros afetos e outros laços, bem como seus próprios membros e seus desejos, seu próprio corpo e o pendor que este possui pelas paixões. Pois, "se alguém não detesta seu pai, sua mãe, sua esposa, seus filhos, seus irmãos e até sua própria alma, se não tomar a sua cruz e me seguir, ele não será digno de mim[171]", disse o Senhor Jesus Cristo.

Que seja assim com seus pais na carne, seus amigos e seus irmãos. Mas aqueles que são seus iguais na fé, que não são um obstáculo à sua salvação, você os honrará e amará. E, se isto for assim em relação aos seus pais na carne, quanto mais ainda você honrará e amará aqueles que se tornaram seus pais pelo Espírito. Eles o fizeram passar do ser a ser do bem, eles lhe transmitiram a iluminação do conhecimento, eles lhe ensinaram a manifestação da verdade, eles o regeneraram com o banho da nova criação[172], eles colocaram em você a esperança da ressurreição, da imortalidade, do Reino perpétuo e da herança, de indigno o fizeram digno dos bens eternos, de terrestre eles o tornaram celeste, de temporal o tornaram

[170] *Êxodo* 20: 12.
[171] *Lucas* 14: 26; *Mateus* 10: 38.
[172] Cf. *Tito* 3: 5.

eterno, filho e discípulo não de um homem, mas do Deus-homem Jesus Cristo[173] que lhe concedeu o Espírito de filiação[174]. É ele quem disse: "Não chamem a ninguém de pai e mestre sobre a terra. Por que vocês não têm senão um pai e um mestre: Cristo[175]". Portanto, você deve toda honra e todo amor aos pais espirituais, uma vez que a honra que lhes é devida se refere a Cristo, ao Espírito Santo no qual você recebeu a filiação, e ao Pai celestial de quem tira seu nome toda paternidade no céu e na terra[176].

Ao longo de toda a sua vida você se esforçará por ter um pai espiritual, confessando a ele todas as suas faltas e pensamentos, recebendo dele o remédio e o perdão. Pois aos pais espirituais foi concedido desligar e ligar as almas: tudo o que eles ligarem na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligarem na terra será desligado nos céus[177]. De Cristo eles receberam esta graça e este poder. É por isso que você os escutará sem contradizê-los, para não lançar sua alma na perdição. Com efeito, se aquele que contradiz seus pais na carne em assuntos que não são proibidos pela Lei divina é condenado à morte segundo a Lei[178], como poderá aquele que contradiz a seus pais no Espírito não expulsar de si este Espírito de Deus e perder assim sua própria alma? Por isso, não cesse de interrogar e escutar a seus pais em espírito, para que sua alma seja salva e você possa herdar os bens eternos sem mistura.

*

[173] Cf. *João* 6: 45 citando *Isaías* 54: 13.
[174] Cf. *Romanos* 8: 15.
[175] *Mateus* 23: 9-10.
[176] Cf. *Efésios* 3: 15.
[177] Cf. *Mateus* 18: 18.
[178] Cf. *Êxodo* 21: 17.

Você não se prostituirá[179], a fim de não se tornar membro de uma prostituta[180] ao invés de se tornar membro de Cristo, a fim de não ser cortado do corpo divino, de não decair da herança de Deus, tombando na Geena. Pois se a filha de um sacerdote que se prostitui abertamente deve ser queimada, segundo a Lei[181], para compensar a vergonha de seu pai, quanto mais passível de castigo eterno será aquele que inflige tal mácula ao corpo de Cristo. Se você compreende isto[182], aplique-se à ascese da virgindade, a fim de poder ser inteiramente de Deus e se ligar a ele com um amor perfeito, consagrando-se a ele por toda a vida, cuidando das coisas do Senhor sem se deixar distrair, abraçando desde já a vida futura e se conduzindo sobre a terra como um anjo de Deus. Pois a virgindade é apanágio dos anjos, e será a eles, na medida do possível, que se assemelhará o corpo daquele que se consagrar à virgindade: ou melhor, antes deles, será ao Pai que, antes de todos os séculos, gerou na virgindade; será ao Filho virgem, gerado no começo por um Pai virgem e nascido da carne, no fim dos séculos, de uma Mãe virgem; e será ao Espírito, indizivelmente proveniente apenas do Pai, não por geração, mas por sucessão. É a este Deus que se assemelha e se une num casamento incorruptível aquele que escolhe a verdadeira virgindade, e que se torna virgem de alma e corpo, vestido com as belezas da virgindade em todos os sentidos e ainda na razão e na reflexão.

Mas se você não escolheu ser virgem nem se prometeu a Deus, é

[179] *Êxodo* 20: 14.
[180] I *Coríntios* 6: 15.
[181] Cf. *Levítico* 21: 9.
[182] Cf. *Mateus* 22: 30.

lícito tomar uma esposa no Senhor segundo a lei, habitar apenas com ela, tê-la para si como um vaso de eleição para santificá-lo[183], abstendo-se criteriosamente de outras mulheres. E você poderá perfeitamente se abster delas se você evitar os encontros intempestivos, se você não se permitir dizer nem ouvir nada que leve à prostituição, se você desviar delas o olhar de seu corpo e da sua alma, tanto quanto puder, e se você se habituar a ver a beleza dos rostos sem se prender a ela. Pois quem olha uma mulher para deseja-la já cometeu com ela adultério em seu coração[184]; e com isto, ele será impuro aos olhos de Cristo, que vê o que está no coração. E a partir daí o infeliz cairá na condenação dos atos feitos pelo corpo. Porque insisto eu aqui na prostituição, no adultério e em todas as demais máculas que estão na nossa própria natureza? Por que é, com efeito, à força de ver e se prender à beleza dos corpos que o homem é arrastado sem freios às licenças contra a natureza. Portanto, será afastando de si as raízes amargas que você não dará os frutos da morte, mas os frutos da pureza e da santificação que existem na natureza, sem os quais ninguém poderá ver o Senhor[185].

*

Você não matará[186], a fim de não decair de seu estado de filho adotivo d'Aquele que fez viver os mortos e para não ser adotado por causa das suas obras por aquele que desde o começo matou o homem[187]. Pois o assassinato provém de um golpe, o golpe provém de uma injúria, a injúria provém da cólera, e a cólera de um

[183] Cf. I *Tessalonicenses* 4: 4.
[184] Cf. *Mateus* 5: 28.
[185] Cf. *Hebreus* 12: 14.
[186] *Êxodo* 20: 13.
[187] Cf. *João* 8: 44.

malefício que outros nos infligem, de um golpe que nos dão ou de uma injúria que nos dirigem. É por isso que você deve dar sua túnica àquele que toma o seu manto[188], disse Cristo. Não devolva o tapa que lhe deram. E não injurie quem o injuriou. É assim que você se livrará da queda mortal, que dela você livrará aquele que o maltrata, e que você receberá, para si, o perdão das faltas cometidas contra Deus. Pois foi dito: "Perdoem e lhes será perdoado[189]". Mas quem diz e faz o mal será condenado ao castigo eterno[190]. Pois "quem chama seu irmão de 'idiota' será passível da Geena de fogo[191]", disse Cristo.

Se você conseguiu desenraizar o mal cultivando na alma a beatitude da doçura, glorifique a Cristo, que ensinou as virtudes e nos ajuda a cumpri-las: sem ele, como você sabe, nada podemos fazer de bom[192]. Mas se você não puder escapar à cólera, envergonhe-se por estar irritado, e arrependa-se diante de Deus e diante daquele que você feriu, que ouviu de você o mal que você disse. Pois quem se arrepende na origem do pecado não vai até o seu fim, mas quem permanece insensível nas pequenas faltas cairá nas grandes.

*

Não roube[193], a fim de que aquele que conhece os segredos não agrave o seu castigo por havê-lo desdenhado. Antes distribua secretamente seus bens aos que necessitam, a fim de receber ao

[188] *Lucas* 6: 29.
[189] *Mateus* 6: 14.
[190] Cf. II *Tessalonicenses* 1: 9.
[191] *Mateus* 5: 22.
[192] Cf. *João* 15: 5.
[193] *Êxodo* 20: 15.

cêntuplo, de Deus que vê no secreto[194], a vida eterna no século futuro[195].

*

Não calunie[196], para não se fazer semelhante àquele que caluniou Eva diante de Deus no princípio, e que foi maldito[197]. Ao contrário, se isto não prejudicar a muitos, você encobrirá a queda do seu próximo para não se parecer com Caim, mas a Sem e Jafé, e assim obter a bênção[198].

*

Você não cobiçará o que possuem aqueles que estão próximos de você[199]: nem propriedades, nem dinheiro, nem nada que pertença a eles. Pois a cobiça, concebida na alma, engendra o pecado. E o pecado, realizado, traz a morte[200]. Não desejando nada que não lhe pertença, você se absterá de roubar por cupidez. Antes, dê de seus bens a quem lhe pede, tenha compaixão, tanto quanto puder, por quem precisa da sua piedade, não volte as costas a quem lhe pede emprestado[201], e se encontrar alguma coisa que foi perdida, devolva-a ao seu dono, ainda que este seja algum dos que lhe são hostis[202]. Pois assim você o transformará e vencerá o mal com o bem, como Cristo ordenou.

*

Guardando estes preceitos com todas as suas forças e vivendo por eles, você depositará em sua alma o tesouro da piedade, você agradará a Deus, receberá as benesses de Deus e os homens de Deus e herdará os bens eternos. Possamos nós todos obter, pela graça e o amor que o Senhor, nosso Deus e nosso Salvador Jesus Cristo tem pelos homens, a ele seja dada toda a glória, honra e adoração, e a seu Pai que não tem começo, e ao Espírito Santo, bom e vivificante, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

---

[194] Cf. *Mateus* 6: 4.
[195] Cf. *Marcos* 10: 30.
[196] *Êxodo* 20: 16.
[197] Cf. *Gênesis* 3: 14.
[198] Cf. *Gênesis* 9: 25.
[199] *Êxodo* 20: 17.
[200] *Tiago* 1: 15,
[201] *Mateus* 5: 42.
[202] Cf. *Êxodo* 23: 4-5.

GREGÓRIO PALAMAS

SOBRE OS SANTOS HESIQUIASTAS

Questão:
Você fez bem, ó Pai, em citar as palavras dos santos a propósito de minha pergunta. De fato, quando o escutei solucionar minhas incertezas, admirei a evidência da verdade, mas uma reflexão deslizou entre os meus pensamentos: uma vez que toda palavra combate outra palavra, como você disse, uma palavra poderá também contestar aquilo que você disse. No entanto, eu não temo isto. Eu sei que só o testemunho dos santos é incontestável, e já ouvi santos dizerem a mesma coisa que você. Pois quem não foi convencido por eles, como será ele próprio digno de fé? Como não rejeitará este o Deus dos santos? Pois foi Deus quem disse aos apóstolos, e, por intermédio deles, aos santos que os seguiram: "Quem os rejeitar, estará rejeitando a mim[203]", ou seja, estará rejeitando a própria verdade[204]. Portanto, como poderão os que buscam a verdade aprovar alguém que se opõe à verdade? É por isso que lhe peço, Pai, que me exponha cada um dos argumentos que ouvi destes homens que perseguem a educação helênica por toda a vida, e que depois me diga o que você pensa, acrescentando ainda a opinião dos santos.

Estes homens afirma que estamos errados em nos esforçar por conter no corpo nosso intelecto. É fora do corpo, dizem eles, que devemos coloca-lo de alguma maneira. Por isso eles fustigam duramente alguns dos nossos. Eles escrevem contra eles, exortando os noviços a olhar para si mesmos e fazer penetrar neles seu próprio intelecto por meio da inspiração do sopro. Eles dizem que o intelecto não está separado da alma; mas como fazer penetrar aquilo que não está separado, mas unido? Eles acrescentam que os nosso falam em introduzir pelas narinas e alojar neles a graça divina. Mas eu sei que suas alegações nos caluniam, pois ouvi isto de um dos nossos, o que me levou a penar que em outros domínios seu comportamento deve ser também perverso. Pois é a mesma coisa forjar o que não está à vista dos homens, e perverter o que está. Mas ensine-me, Pai: por que escolhemos tão ardentemente fazer penetrar em nós o intelecto, e não pensamos no mal que existe em contê-lo no corpo?

Resposta:
Aos que escolheram colocar sua atenção sobre si próprios na hesíquia, não é inútil se esforçar para manter seu intelecto no interior de seu corpo.

Irmão, você ouviu o Apóstolo dizer: "Nosso corpo é o templo do Espírito Santo que reside em nós[205]", e também: "Somos a morada de Deus, conforme Deus disse: Eu habitarei e marcharei neles e serei seu Deus[206]". Então, porque, se temos a inteligência, nos indignar que a inteligência habite naquilo que se torna naturalmente a morada de Deus? E de que maneira fez Deus habitar a inteligência no corpo desde o princípio? Terá ele feito mal? Estas questões, irmãos, cabe aos heréticos colocarem, eles que dizem que o corpo é mau e que ele é obra do maligno. Quanto a nós, pensamos que o intelecto é mau nos pensamentos corporais, mas que ele não é mau no corpo, uma

[203] *Lucas* 10: 16.
[204] Cf. *João* 14: 16.
[205] II *Coríntios* 6: 19.
[206] II *Coríntios* 6: 16.

vez que o corpo não é mau. É por isso que, com Davi, cada um que se liga a Deus por toda a vida chama por Deus assim: "Minha alma tem sede de ti. Quantas vezes te desejou minha carne![207]". E: "Meu coração e minha carne se regozijam junto ao Deus vivo[208]". E com Isaías: "Meu seio ressonou como uma cítara, e tudo o que há dentro de mim como um muro de bronze que reconstruístes[209]". E: "Por temor a ti, Senhor, concebemos o Espírito de tua salvação[210]". Confiando-nos a ele, não tombaremos.

Cairão aqueles que falam a linguagem da terra e que mentem atribuindo à terra as palavras e as condutas celestes. Pois se o Apóstolo chama o corpo de "morte" (com efeito, ele disse: "Quem me libertará deste corpo de morte?[211]") é por que o pensamento material e corporal tem realmente a forma do corpo. É por isso que, comparando-o ao pensamento espiritual e divino, ele o chamou de corpo, e não apenas de corpo, mas de corpo de morte. Isto ele já havia demonstrado claramente um pouco antes, ao acusar não a carne, mas o impulso faltoso suscitado pela transgressão. Ele disse: "Eu fui vendido ao pecado[212]". Ora, quem é vendido não é escravo por natureza. E mais: "Eu sei que o bem não habita em mim, ou seja, na minha carne[213]". Veja, ele não diz que a carne é má, mas que é mau aquilo que reside no corpo, ou seja, esta lei que vive em nossos membros e que se opõe à lei do intelecto[214].

[207] *Salmo* 62 (63): 2.
[208] *Salmo* 83 (84): 3.
[209] *Isaías* 16: 11.
[210] *Isaías* 26: 18.
[211] *Romanos* 7: 24.
[212] *Romanos* 7: 1.4.
[213] *Romanos* 7: 18.
[214] Cf. *Romanos* 7: 23.

É por isso que, ao nos opormos à lei do pecado, nós a fazemos sair dos domínios do corpo e aí colocamos a atenção do intelecto. Por meio dela damos a cada potência da alma sua lei própria e a cada um dos membros do corpo aquilo que lhe convém. Aos sentidos, damos aquilo que eles devem perceber, e em qual medida: esta obra da lei se chama "temperança". Na parte passional da alma, suscitamos o melhor estado, que se chama "amor". E melhoramos também a razão, recusando tudo o que impede a reflexão de se elevar a Deus, e chamamos esta parte da lei de "sobriedade e vigilância" (nepsis). Aquele que purificou o corpo pela temperança, que fez do amor e do desejo uma oportunidade de virtude por meio do amor, que apresentou diante de Deus um intelecto despojado pela prática da prece, adquire e vê em si mesmo a graça prometida aos corações puros. Então ele poderá dizer com Paulo: "Deus, que disse: 'Que a luz brilhe do fundo das trevas', fez brilhar a luz em nossos corações, para que resplandeça o conhecimento da glória de Deus sobre a face de Jesus Cristo[215]". Mas, diz ele ainda, trazemos este tesouro em vasos de barro[216]: nossos corpos. Se retivermos nosso intelecto dentro do corpo, estaremos agindo de uma maneira indigna da nobreza do intelecto? Quem poderá afirmar uma coisa destas, não digo do espiritual, mas daquele que possui um intelecto desprovido da graça divina, e, no entanto, um intelecto de homem?

A partir do momento em que nossa alma constitui uma existência única dotada de diversas potências, e que ela se serve do corpo, que vive naturalmente em relação com ela, como se fosse um órgão, de quais órgãos se serve em sua atividade a potência da alma a que

[215] II *Coríntios* 4: 6.
[216] II *Coríntios* 4: 7.

denominamos “intelecto”? Ninguém jamais supôs que a atividade do intelecto se situasse nas unhas ou nas pálpebras, nem nas narinas ou nos lábios. Todos concordam em que ela se encontra dentro de nós. Mas alguns se puseram a debater para saber de qual órgão, dentre os que se encontram dentro de nós, ele se erve em primeiro lugar. Alguns o colocam no cérebro, como numa espécie de acrópole. Outros lhe dão como veículo o próprio centro do coração, onde não existe o sopro terrestre. Quanto a nós, sabemos que nossa razão não está nem dentro de nós como num vaso, por que ela é incorpórea, nem fora de nós, por que está ligada a nós, mas que ela reside no coração como se este fosse seu órgão. Não aprendemos isto de um homem, mas d’Aquele mesmo que criou o homem e que disse no Evangelho: “Não é o que entra, mas o que sai da boca que suja o homem[217]”. Pois “é do coração, completa ele, que vêm os pensamentos[218]”. O grande Macário diz a respeito a mesma coisa: “O coração dirige todo o organismo, e quando a graça ocupa as pastagens do coração ela reina sobre todos os pensamentos e todos os membros. Pois aí está o intelecto e aí estão todos os pensamentos da alma[219]”.

Assim é que nosso coração é o lugar do pensamento, e o primeiro órgão carnal da razão. Assim, quando nos esforçamos para examinar e endireitar nossa razão por meio do rigor da sóbria vigilância, com que a examinaremos, se não reunirmos nossa inteligência dispersa no exterior pelos sentidos, e não a conduzirmos para o interior, para o próprio coração, o lugar dos pensamentos? É por isso que Macário, que não tem este nome à toa[220], logo depois do que foi citado acima, acrescenta: “É, portanto, aí que se deve observar se a graça gravou as leis do Espírito[221]”. Aí aonde? No órgão diretor, sobre o trono da graça, onde estão o intelecto e todos os pensamentos da alma, ou seja, no coração. Veja como é necessário, para os que escolheram estar atentos a si próprios na hesíquia, reunir e conter o intelecto no corpo, e, em especial, neste corpo que está no fundo último do corpo, ao qual chamamos de “coração”.

Se, conforme o salmista, toda a glória da filha do rei vem de dentro[222], porque iríamos buscá-la fora? E se, de acordo com o Apóstolo, Deus colocou em nossos corações seu Espírito que clama “Abba, Pai[223]”, como não iremos orar com o Espírito em nossos corações? E se, enfim, conforme o Senhor dos profetas e dos apóstolos, o Reino dos céus está dentro de nós[224], como poderia se colocar fora deste Reino dos céus aquele que se esforça por extrair o intelecto daquilo que está no seu interior? O coração reto, disse Salomão, busca o sentido[225], que ele afirma em outra parte ser intelectual e divino, e ao qual nos conduzem todos os Padres, quando dizem: “A inteligência propriamente intelectual se reveste do sentido intelectual. Não cessemos de buscar este sentido em nós e naquilo que não está em nós[226]”.

Como você pode ver, se nos esforçamos por nos opor ao pecado,

---

[217] *Mateus* 15: 11.
[218] *Mateus* 15: 19.
[219] São Macário, *Homilias espirituais* XV, 20.

[220] Macário significa “bem-aventurado”.
[221] São Macário, *Op. cit.*
[222] Cf. *Salmo* 44 (45): 13.
[223] *Gálatas* 4: 6.
[224] Cf. *Lucas* 17: 21.
[225] Cf. *Provérbios* 15: 14.
[226] João Clímaco, *A escada santa* XXVI, 17.

para adquirir a virtude, para obter a recompensa do combate da virtude, ou melhor, a garantia da recompensa da virtude – que é o sentido intelectual – é preciso remeter para o interior do próprio corpo o intelecto. Quanto a extrair o intelecto, não para fora do sentimento corporal, mas para fora do próprio corpo, para obter visões espirituais, este é o mais grave erro dos helênicos, a raiz e a fonte de toda falsidade, uma invenção dos demônios, uma doutrina que gera a estupidez[227] e que provém da desorientação[228]. É por isso que aqueles que falem pelos demônios saem de si e não compreendem o que dizem. Quanto a nós, coloquemos o intelecto não apenas no interior do corpo e do coração, mas no interior dele mesmo.

Que falem, então, os que dizem que o intelecto não está separado da alma, mas que está unido a ela, e que perguntam como ainda é possível enviá-lo para o interior. Eles ignoram, ao que parece, que a essência do intelecto é uma coisa e que sua energia é outra coisa. OU antes, eles o sabem, se se colocam entre os impostores, jogando com a semelhança dos nomes. Pois ao não aceitarem a simplicidade da doutrina espiritual, eles, a quem a dialética tornou agudos na contradição, segundo o grande Basílio, invertem a força da verdade por meio de antíteses de falso conhecimento[229], sob a razão especiosa dos sofismas. É disto que se tornam mutuamente devedores aqueles que não são espirituais e que se creem dignos de julgar o espírito e de ensinar. Pois eles esqueceram que não ocorre com o intelecto o que acontece com o olho, que vê as demais coisas sensíveis mas não enxerga a si mesmo. O intelecto opera sobre outras coisas que ela pode observar: é o que Denis o Grande chama de seu movimento retilíneo. Mas ele retorna sobre si mesmo e opera sobre si mesmo, quando enxerga a si próprio: é o que o mesmo Denis chama de seu movimento circular[230]. Ora, este movimento constitui a melhor energia do intelecto, aquela que lhe é mais própria. Por meio desta energia é que o intelecto pode ultrapassar a si mesmo e chegar a estar com Deus. Pois "o intelecto, diz o grande Basílio, não se dispersa no exterior". Como você vê, ele pode sair, e, se pode sair, é preciso que retorne. É por isso que ele acrescenta: "Ele retorna sobre si mesmo, e se eleva até Deus por si próprio[231]", como caminhando por uma via que não se perde nem desvia. Denis, este infalível contemplador do inteligível, diz também que este movimento do intelecto não pode cair em erro algum[232].

O pai do erro deseja sempre desviar o homem deste movimento e conduzi-lo ao movimento que carrega seus erros. Ora, até hoje, que o saibamos, ele ainda não encontrara ninguém que o ajudasse e se esforçasse por atirar o homem a este movimento por meio de palavras sedutoras. É agora, ao que parece, que ele encontrou auxiliares, se é verdade, como você disse, que existem homens que chegaram a escrever tratados neste sentido e que tentam convencer a maior parte, e até os que abraçam a vida hesiquiasta mais elevada, de que é melhor manter fora do corpo o intelecto que ora. Eles não respeitam sequer o que disse João, que nos construiu com seus tratados a escada que leva aos céus, de maneira definitiva e decisiva: "O hesiquiasta é aquele que se esforça para conter o incorpóreo em

[227] *Anoia*: literalmente, ausência de inteligência.
[228] *Aponoia*: literalmente, a desorientação da inteligência.
[229] Basílio de Cesaréia, *Hom. XII in Prov*., PG 31,401 A.
[230] *Nomes divinos* IV, 9.
[231] *Carta* II.
[232] *Nomes divinos* IV, 9.

seu corpo[233]”, que é o mesmo que unanimemente nos ensinaram nossos pais espirituais. Pois se o homem não for capaz de conter o incorpóreo em seu corpo, como poderá ele conter em si Aquele que se uniu ao corpo, e que progride, como uma forma natural, através de toda a matéria organizada, cuja exterioridade e cuja divisão não podem senão corresponder à essência do intelecto, dado que ao final esta matéria se torna viva após ver suscitada nela uma forma de vida votada para a união.

Você vê, irmão, de que modo João Clímaco mostrou que não é apenas de um modo espiritual, mas também de uma maneira humana, que é possível experimentar o modo como aqueles que escolheram ser e dar ao seu homem interior o nome de monge, devem enviar e manter em si o intelecto no interior do coração? Desta forma, ensinar aos noviços a ver em si mesmos e a enviar para o seu interior, pela inspiração, seu próprio intelecto, não é de modo algum fora de propósito. Nenhum homem de bom senso impediria o intelecto que ainda não contempla a si próprio de se recolher sobre si mesmo por certos meios. Pois o intelecto reunido escapa continuamente àqueles que acabam de se despojar para conduzir tal combate. É preciso, portanto, que eles o reconduzam para si continuamente também. Eles ignoram, por falta de experiência, que nada é mais difícil de contemplar nem mais móvel do que o intelecto. É por isso que alguns recomendam prestar atenção ao sopro, à inspiração e à expiração, retendo-a um pouco, de modo a reter igualmente o intelecto vigiando a respiração, até que, com a ajuda de Deus, depois de haver progredido, conseguir impedir o intelecto saia em direção ao que o cerca, e, purificando-o, conseguir reuni-lo num enovelamento que o unifique. Podemos ver nisto um efeito espontâneo da atenção do intelecto, pois este sopro entra e sai pacificamente quando todo pensamento que sustenta o combate está concentrado, sobretudo naqueles que vivem na hesíquia do corpo e da reflexão. Estes se entregam ao *sabbat* espiritual. Repousando de todas as suas obras próprias, na medida do possível, eles apagam das potências da alma todas as obras do conhecimento, mutantes e passageiras em sua diversidade, todas as percepções dos sentidos e em geral todas as atividades do corpo que dependem de nós. Quanto àquelas que não dependem inteiramente de nós, como a respiração, eles também de despojam delas, na medida do possível.

Tudo isto vem sem esforço e sem que seja preciso pensar, para aqueles que progrediram na hesíquia. Pois tudo isto é necessária e espontaneamente suscitado pela perfeita entrada da alma sobre si mesma. Mas entre os noviços nada do que descrevemos é possível sem fadiga. Como a paciência é uma consequência do amor – pois o amor suporta tudo[234] e aprendemos a obter a paciência com todas as nossas forças, a fim de, graças a ela, alcançar o amor – o mesmo acontece aqui. Mas porque dizê-lo desde logo? Todos os que têm experiência riem dos que legislam se opondo a eles e à sua experiência. Pois o mestre destes homens não é a palavra, mas o esforço, e a experiência que provém das penas, que traz os frutos úteis e recusa as palavras estéreis dos que amam disputar e acusar.

Um dos grandes monges disse a respeito que “depois da transgressão o homem interior se adapta naturalmente às formas do exterior[235]”. A partir daí, aquele que se esforça por fazer retornar o intelecto sobre si mesmo, a fim de suscitar não o movimento linear, mas o movimento

[233] João Clímaco, *A escada santa*, XXVII, 7.

[234] Cf. I *Coríntios* 13: 7.

[235] São Macário, *Homilias espirituais*, XVI, 7.

circular e infalível, ao invés de deixar seu olho passear por aí, como não encontrará ele um grande benefício em fixá-lo sobre o peito ou sobre seu umbigo como um suporte? Pois, além de se enrolar sobre si mesmo num círculo diretamente no mundo exterior, tanto quanto possível, à imagem do movimento interior do intelecto ao qual ele se aplica, ele enviará para dentro do coração, com esta disposição do corpo, a potência do intelecto que, pela vista, se dispersa no exterior. Pois se a potência do animal inteligível assenta-se no centro do ventre[236], uma vez que a lei do pecado aí exerce seu império e lhe concede pastar, porque não colocaríamos aí a lei do intelecto, que, armado com a prece, combate esta lei do pecado[237], a fim de que o espírito mau expulso pelo banho do novo nascimento não volte a se instalar aí com sete outros espíritos ainda piores e que nossa última condição não se torne pior do que a primeira[238]?

Esteja atento a si mesmo[239], disse Moisés, ou seja, a você mesmo por inteiro. Mas, por meio de qual órgão? Certamente, pelo intelecto. Pois por nenhum outro é possível estar atento a si mesmo por inteiro. Assim, coloque esta guarda sobre sua alma e seu corpo. É por meio dela, com efeito, que você se desembaraçará facilmente das más paixões corporais e psíquicas. Aplique-se, vigie a si mesmo, examine a si mesmo, ou antes, exponha-se, observe e verifique. É assim que você submeterá ao Espírito a carne que se revolta, e assim não haverá jamais palavra oculta no seu coração[240].

Se o espírito do dominador, ou seja, dos maus espíritos e das más paixões, se ergue contra você, diz o Eclesiastes, não abandone seu lugar[241], ou seja, não deixe nenhuma parte da alma, nenhum membro do corpo sem supervisão. Você se elevará assim acima dos espíritos que o ameaçam desde baixo e, por havê-los sondado, você se apresentará com segurança e sem ser você próprio sondado, diante d'Aquele que sonda os corações e os rins[242]. Paulo diz, com efeito: "Se julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados[243]". Provando desta bem-aventurada paixão de Davi, também você dirá a Deus: "As trevas, graças a você, não serão mais obscuras e a noite será para mim tão clara como o dia, pois você guarda meus rins[244]". Não apenas, dizia ele, você tornou seu a tudo o que minha alma deseja, mas se um fogo em meu corpo reanimar a chama deste desejo, ele retornará para a origem, ele voará para você, meu Deus, e se ligará e se unirá a você. Da mesma forma, com efeito, como os que se dedicam aos prazeres corruptíveis dos sentidos esgotam na carne todo o desejo da alma, e se tornam inteiramente carne sem que seja possível ao Espírito de Deus habitar neles[245], também nos que elevaram o intelecto a Deus e ligaram a alma ao desejo divino, a carne, transformada, se eleva igualmente, desfruta da comunhão divina com a alma e se torna ela também o domínio e a morada de Deus, cessando de ser hostil a Deus e de desejar contra o Espírito[246].

Qual é, na carne e no intelecto, o lugar que mais convém ao espírito que sobe até nós desde baixo? Não é na carne, na qual nada de bom habita, conforme o Apóstolo, antes de que nela venha e permaneça a

[236] Cf. *Jó* 40: 16.
[237] Cf. *Romanos* 7: 23.
[238] Cf. *Mateus* 12: 45.
[239] Cf. *Deuteronômio* 15: 19.
[240] Cf. *Deuteronômio* 15: 9.
[241] Cf. *Eclesiastes* 10: 4.
[242] Cf. *Salmo* 7: 10.
[243] I *Coríntios* 11: 31.
[244] *Salmo* 138 (139): 12-13.
[245] Cf. *Gênesis* 6: 3.
[246] Cf. *Gálatas* 5: 17.

lei da vida[247]? Portanto, será sobre ela que deveremos atentar sem relaxamento. Como torná-la nossa? Como não abandoná-la? Como impedir o maligno de subir até ela, sobretudo nós que ainda não sabemos rejeitar o mal espiritualmente, pelos próprios caminhos do Espírito, senão nos educando sobre os caminhos da atenção sobre nós por intermédio da atitude exterior? Mas porque falar dos que acabam de começar, quando existem alguns mais perfeitos que adotaram esta atitude durante a oração e que foram atendidos pelo divino, não apenas dentre os que viveram depois de Cristo, mas dentre alguns que viveram antes que ele viesse a nós? O próprio Elias, o mais perfeito dentre os que receberam a visão de Deus, depois de haver apoiado a testa entre os joelhos e ter reunido seu intelecto em si e em Deus depois de muito esforço, colocou fim a uma seca de muitos anos[248].

Mas estes homens de que você fala, irmão, ouvindo-os falar assim, me parecem ter a doença dos fariseus. É por isso que eles não querem examinar nem purificar o interior da taça[249], ou seja, do coração. E ao mesmo tempo em que eles não seguem as tradições dos Padres, eles se esforçam por ter a primazia sobre todos[250], como se fossem novos doutores da lei. Eles mesmos desdenham esta forma de oração que foi justificada no publicano[251], e exortam os outros a não adotá-la quando oram. Com efeito, como disse o Senhor nos Evangelhos: o publicano não tinha coragem sequer para erguer os olhos aos céus[252]. Ora, é a ele que estão imitando os que em suas orações voltam o olhar sobre si próprios. E os que os chamam de "onfalopsíquicos" o fazem manifestamente para caluniá-los com esta acusação. Quem, dentre eles, jamais afirmou que a alma ficava no umbigo?

Assim, além de se entregarem a uma manifesta calúnia, eles se mostram como são: homens que ultrajam os que são dignos de louvor e que não corrigem os que se enganam, pois eles não escrevem pela causa da hesíquia e da verdade, mas pela vanglória, e não para conduzir à sóbria vigilância, mas para afastar dela. Por todos os meios, e partindo das correspondentes ações, eles se esforçam por desqualificar a própria obra e aqueles que a ela se dedicam corretamente. Tais homens chamariam facilmente de "coilopsíquicos" aquele que disse: "a lei de Deus está em meu ventre[253]", e que confiou em Deus: "Meu ventre ressoará como uma cítara, e o que há em mim como um muro de bronze que você reconstruiu[254]". Eles englobariam numa mesma acusação todos os que, por meio de símbolos corporais, representam, designam e buscam as coisas do intelecto, divinas e espirituais. Nisto, em nada eles prejudicam os hesiquiastas. Antes eles os cumularão de beatitudes e multiplicarão suas coroas nos céus. Mas eles próprios permanecerão fora dos véus sagrados, e não poderão contemplar sequer as sombras da verdade. E é de se temer que sejam passíveis do julgamento eterno, não apenas por terem se separado dos santos, mas ainda por tê-los combatido com suas palavras.

Você conhece a vida de Simeão o Novo Teólogo. Quase tudo ali é milagre, a tal ponto Deus o glorificou com milagres sobrenaturais.

---

[247] Cf. *Romanos* 7: 18.
[248] Cf. II *Reis* 18: 42-43.
[249] Cf. *Mateus* 23: 25.
[250] Cf. *Mateus* 23: 6.
[251] Cf. *Lucas* 18: 9-14.
[252] Cf. *Lucas* 18: 13.
[253] *Salmo* 39 (40): 0.
[254] *Isaías* 16: 11.

Você conhece também seus escritos: se os chamarmos de "escritos de vida" não estaremos longe da verdade. Você conhece também Nicéforo, este santo que passou longos anos no deserto e na hesíquia, que depois viajou pelas partes mais desérticas da Santa Montanha e que, tendo se consagrado a recolher todos os testemunhos dos Padres, nos transmitiu sua prática de sobriedade e vigilância. Ambos ensinaram aos que a escolheram esta via, que, segundo você disse, alguns recusam.

E o que dizer dos santos de antigamente? Homens que, pouco tempo antes de nós, testemunharam e experimentaram em si o poder do Espírito Santo e que nos transmitiram pela sua boca. Assim é este renomado teólogo de nossos dias, este verdadeiro teólogo, o mais seguro contemplador da verdade dos mistérios de Deus, este Teolepto "que recebeu de Deus", como seu nome indica, bispo de Filadélfia, ou melhor, aquele que, desde Filadélfia, como um candelabro, ilumina o mundo. E Atanásio, que durante anos ornamentou o trono patriarcal, e cujo ataúde Deus honrou. E este Nilo, originário da Itália, imitador de são Nilo. E Sebiotas e Elias, que em nada lhes são inferiores. E Gabriel e Atanásio, que foram considerados dignos de um carisma profético. É deles certamente que quero lhe falar, e de muitos outros antes deles, com eles ou depois deles, louvando e exortando aos que desejam conservar esta tradição que os novos "mestres" da hesíquia, que dela não conhecem nem traço, tentam rejeitar, deformar, desqualificar, admoestando, não por sua experiência, mas pelo mero falatório, sem nenhum proveito para os que os escutam[255].

Ora, dentre estes santos existem alguns com que nós mesmos pudemos conversar, e que foram nossos mestres. Como poderemos considerá-los como nada, a eles que receberam o ensinamento da experiência e da graça, para ceder diante daqueles que se puseram a ensinar pelo orgulho e a disputa? Isto não pode acontecer, e não acontecerá jamais. Portanto, você também, afaste-se de tais homens[256]. E diga sabiamente a si próprio o que disse Davi: "Minha alma bendiz ao Senhor, e tudo o que existe em mim bendiga o seu santo nome[257]". Deixe-se conduzir pelos Padres, e escute como eles o exortam sempre a interiorizar o intelecto.

[255] Cf. II *Timóteo* 2: 14.

[256] Cf. II *Timóteo* 3: 5.

[257] *Salmo* 102 (103): 1.

GREGÓRIO PALAMAS

SOBRE A PRECE E A PUREZA DO CORAÇÃO

1, Uma vez que o divino é a bondade mesma e propriamente a compaixão e o abismo de doçura, ou antes, é o que abraça este abismo, na medida em que ultrapassa todo nome que pode ser nomeado[258] e toda coisa concebível, não é possível encontrar a compaixão senão unindo-se a ele.

Ora, o modo de nos unirmos a ele, na medida do possível, consiste em partilhar com ele as virtudes semelhantes, partilhando o pedido e a união na prece a Deus.

A partilha das virtudes torna naturalmente o menos fervoroso apto a receber o divino por semelhança. Mas ela não conduz à união. É o poder da oração que celebra esta comunhão e realiza a tensão do homem em direção ao divino e sua união com ele, pois ela é um laço que amarra ao Criador as criaturas dotadas de razão quando, por uma ardente compunção, os movimentos da prece superam as paixões e os pensamentos. Pois é impossível ao intelecto passional unir-se a Deus.

Assim, o intelecto, na medida em que não se encontra em estado de prece, é incapaz de descobrir a compaixão. Mas quanto mais ele se desembaraça dos pensamentos, mais ele alcança a tristeza. E, na medida desta tristeza, ela participa da compaixão que a consola. Se, com humildade, ela consagra seu tempo a esta ascese, ela transforma a parte passional da alma.

2. Quando a unidade do pensamento se torna tripla ao mesmo tempo em que permanece uma, então ela se une à Unidade trinitária da divina Origem, depois de haver fechado rodas as entradas do erro e de se ter colocado acima da carne, do mundo e daquele que mantém o mundo sob seu domínio. Escapando assim aos seus projetos, ela permanece em si e em Deus: na medida em que ela permanece sendo o que é, ela desfruta da alegria espiritual que brota do coração.

Mas a unidade do intelecto se torna tripla ao mesmo tempo em que permanece uma quando este se volta para si mesmo e quando, através de si próprio, se eleva a Deus. Ora, o retorno do intelecto sobre si mesmo é sua própria proteção. Sua elevação para Deus de início é operada pela prece e, na medida em que a prece se desenvolve, pode acontecer que ele se expanda subitamente, o que exigirá mais trabalho. Mas se perseverarmos neste desdobramento do intelecto e na sua tensão em direção ao divino, à custa de nos violentarmos para avançarmos pouco a pouco até a reflexão divina, será assim que, por meio do intelecto, nos aproximaremos de Deus: descobriremos o indizível, provaremos do século futuro e conheceremos pelo próprio sentido do intelecto que o Senhor é bom, como disse o Salmista: “Provem e vejam que o Senhor é bom[259]”.

Descobrir o intelecto triplo ao mesmo tempo em que se conserva a identidade única, guardando e orando por sua guarda, não é, portanto, uma coisa muito difícil. Mas perseverar longamente neste estado pela geração do indizível é da mais alta dificuldade. Todos os outros esforços exigidos pelas demais virtudes são mínimos e

[258] Cf. *Efésios* 1: 21.

[259] *Salmo* 33 (34): 9.

suportáveis comparados a este. É por isso que muitos, por recusarem o que existe de mais estreito e estrito nas virtudes orantes, não alcançam além dos carismas. Mas aos que perseveram, os socorros divino os protegem, tornando-os maiores e, transportando-os e sustentando-os, os conduzem adiante com prazer, e assim tornam a eles mais acessível a difícil capacidade de orar, a fazem por assim dizer angélica e dão à nossa natureza a força de dialogar com o sobrenatural, como disse o profeta: "Os que perseverarem renovarão sua força. E receberão asas[260]".

3. O que é chamado de intelecto é a energia desta inteligência suscitada nos raciocínios e nos pensamentos. O intelecto é também a potência que coloca em movimento estes pensamentos, e que a Escritura chama de coração. Por intermédio do coração, a mais importante das nossas potências interiores, o intelecto é a alma dotada de razão que está em nós.

É claro que a energia do intelecto nos pensamentos se estabelece e se purifica facilmente naqueles que se consagram à oração, em especial à prece do nome único de Deus. Mas o poder que suscita esta prece não pode se purificar se não o forem as demais potências da alma, pois a alma constitui uma única e mesma atividade com múltiplas potências. Assim, ela se mancha inteira quando sobrevém o mal, por qualquer uma das potências que existem nela, uma vez que todas comunicam com a potência única na unidade da alma.

Uma vez que cada uma das potências dispensa uma energia diferente, é possível, vigiando-a, purificar qualquer uma delas no momento em que ela age, mas nem por isso esta potência se tornará pura. Pois, comunicando-se com as demais, esta potência pura pode se tornar outra vez impura. É por isso que quando alguém, dedicando-se à oração, purifica a energia do intelecto e se torna numa certa medida iluminado pela luz do conhecimento ou pela iluminação intelectual, esta pessoa se perde se enganar a si própria pensando estar por causa disso purificada; por sua presunção ela estará abrindo de par em par a porta àquele que tenta nos enganar todo o tempo. Mas se, conhecendo a impureza de seu próprio coração, ele não se satisfizer com esta pureza mitigada e solicitar a ajuda das demais potências da alma, ele verá com mais pureza sua impureza e progredirá na humildade, acrescentando a tristeza e encontrando o remédio que convém a cada potência da alma: ele purificará por si própria a potência prática por meio da ação, a potência cognitiva pelo conhecimento, a potência contemplativa pela oração, e chegará assim à perfeita, verdadeira e certíssima pureza do coração e do intelecto que só pode ser concedida pela perfeição na ação, pela constante aplicação, pela contemplação e pela prece na contemplação.

---

[260] *Isaías* 40: 31.

GREGÓRIO PALAMAS

150 CAPÍTULOS
FÍSICOS, TEOLÓGICOS, ÉTICOS E PRÁTICOS

1. Que o mundo começou um dia, a natureza o ensina, a história confirma, a invenção das artes, a instituição das leis, os costumes no governo das cidades o representa claramente. Conhecemos os que inventaram quase todas as artes, os que instituíram as leis, os que estão na origem do governo das cidades e até, com certeza, os que estão na origem de tudo o que foi escrito sobre não importa qual assunto. E vemos que nenhum deles vai além da gênese do mundo e do tempo descrita por Moisés. O próprio Moisés, que relatou o começo da gênese do mundo, deu provas incontestáveis da sua verdade, e o fez por meio de tantas obras e palavras extraordinárias que convenceu o gênero humano e expôs o ridículo daqueles que haviam imaginado o contrário. Pois a natureza deste mundo, que sempre teve necessidade do novo começo de cada um de nós e que não pode de modo algum se manter sem isto, representa com isto sua própria origem, que não proveio de outro começo.

2. Que o mundo não apenas começou, mas ainda terá um fim, está evidente pela natureza das coisas contingentes, uma vez que ele nunca cessa de se encaminhar parcialmente para o seu final. A profecia de outros inspirados, como a de Cristo Deus que domina o universo, fornece a prova certa e incontestável. Não apenas os homens de piedade, mas também os ímpios, devem necessariamente concordar que estas coisas são verídicas: é visível que os profetas, em tudo o que anunciaram, disseram a verdade. E não é preciso ensinar que este mundo inteiro não terminará no completo nada, mas, na medida em que ele é análogo a nós, será transformado como o serão nossos próprios corpos, dissolvido e transformado em vista do pleno divino, pelo poder do Espírito Santo.

3. Os sábios gregos ensinam que o céu gira, levado pela natureza da alma cósmica, e que ele ensina a justiça e a razão. Qual justiça? Qual razão? Pois se o céu não gira por sua própria natureza, mas pela natureza daquilo a que eles chama “alma cósmica”, e se a alma cósmica é a alma do mundo todo, como não giram também a terra, a água e o ar? Embora a alma esteja sempre em movimento, segundo os sábios gregos, a terra, por sua própria natureza, é imóvel, e o mesmo acontece com a água que ocupa a região inferior. Da mesma maneira o céu, que mantém a região superior, está sempre em movimento, e seu movimento é circular. Mas o que seria esta alma cósmica cuja natureza colocaria o céu em movimento? Será ela dotada de razão? Mas então ela seria independente, e o corpo celeste não suscitaria os mesmos movimentos perpétuos. Pois aquilo que é independente possui outro tipo de movimento. Que traço da alma dotada de razão vemos sobre esta esfera mais baixa, quero dizer outra vez da terra, o daquilo que está próximo dela, a água e o ar, e o próprio fogo? Pois a alma cósmica seria também a sua alma. Ou como, mais uma vez, uns seriam dotados de alma e outros não? Tudo isto, segundo os sábios gregos. Não há nada aqui por acaso: falo de toda pedra, todo metal, todo pó, toda água, todo fogo. Pois eles próprios dizem que o fogo é movido por sua própria natureza e não pela alma.

Portanto, se a alma é comum, como é possível que somente o céu seja movido pela natureza da alma, e não por sua própria natureza? A alma que, segundo eles, coloca em movimento o corpo celeste não é

dotada de razão. Mas como poderá não sê-lo, se ela própria, ainda segundo eles, é a fonte das nossas almas? Porém, ainda que não seja dotada de razão, ela deve possuir sentidos, ou deve ter uma natureza. Não vemos como uma alma pode colocar em movimento um corpo que não possui órgãos. E não vemos que a terra ou o céu ou qualquer de seus elementos possua um membro orgânico. Pois todo órgão é composto de diferentes naturezas. Ora, cada um dos elementos citados é de natureza simples, em especial o céu.

A alma seria assim a energia ativa de um corpo orgânico que tem uma vida potencial. E o céu, que não possui nenhum membro ou parte orgânica, não poderia ser vivo. Mas então, como algo que não tem possibilidade de vida pode possuir uma alma?

Ora, aqueles cujos raciocínios foram reconhecidos como vãos[261] criaram a partir de seu coração sem inteligência uma alma que não o é, que nunca existiu nem existirá. E desta alma disseram eles ser a criadora, o guia e a provedora de todo o mundo sensível e de nossas almas, ou antes, de todas as almas, como uma raiz e uma fonte, que extrai de sua inteligência a própria origem. Ora, esta inteligência ordinária dizem eles ser, em sua essência, diferente da inteligência extrema a que eles mesmos chamam de Deus. É isto o que ensinam aqueles que, segundo eles, estão no cume da sabedoria e da teologia. Estes não são melhores do que os que deificam os animais e as pedras, pelo contrário, seu culto é bem pior. Pois os animais, o ouro, a pedra e o cobre são alguma coisa, mesmo que sejam as últimas criaturas. Mas a alma cósmica e condutora dos astros não existe e não é nada: ela não passa de uma imaginação nascida do mau gênio do intelecto.

[261] Cf. *Romanos* 1: 21

4. Dado que é necessário – dizem eles – que o corpo celeste se mova, mas que para além deles não há nenhum lugar para onde possam se dirigir, seu movimento retorna sobre si mesmo e volta para o ponto de onde partiu. Bem. Se ao menos houvesse um lugar, eles se dirigiriam para o alto, como o fogo, e ainda mais do que o fogo, pois sua natureza é ainda mais leve do que a do fogo. Ora, este movimento não é da natureza da alma, mas da natureza da leveza. Então, se o movimento do céu consiste em girar, e se ele se mantém neste movimento por sua própria natureza, mas não pela natureza da alma, então o corpo celeste gira, não pela natureza da alma, mas por sua própria natureza. Portanto, ele não tem alma, e tampouco existe uma alma celeste ou universal. A única alma dotada de razão é a alma humana, que não é celeste, mas mais do que celeste, não pela localização, mas por sua própria natureza, dado que ela é um ser de inteligência.

5. O corpo celeste não pode nem avançar, nem estender-se para o alto, mas não que não haja ligar lá. Com efeito, a esfera etérea que se segue a ele e que ele engloba tampouco se dirige para o alto, embora não deixe de existir lugar para onde ela poderia ir. Com efeito, ela é envolta pelo espaço celeste. Ela não se estende para o alto, por que aquilo que é mais alto do que ela é também mais sutil do que ela; o alto é mais alto do que ela por sua própria natureza. Assim, o céu não se dirige para o alto, não por que não exista lugar mais alto do que ele, mas por que não existe corpo mais fino nem mais leve do que ele.

6. Não há corpo mais elevado do que o celeste, não por que o que é mais alto não possa receber um corpo junto de si, mas por que o céu abarca todos os corpos. Não há outro corpo além; mas, se fosse

possível atravessá-lo, como cremos nós que nos votamos à piedade, este corpo mais alto do que o céu não seria acessível. Pois Deus, que preenche tudo e se estende ao infinito para além do céu, preenchia por completo, antes mesmo que existisse o mundo, o lugar que foi dado ao mundo, como o faz ainda hoje. E nada impede que ele se torne um corpo ali. Portanto, nada impede que haja, além do céu, um lugar que abarque o universo e que esteja no interior do mundo a fim de formar um corpo com ele.

7. Uma vez que nada o impede, como então o corpo celeste não se dirige para o alto, mas retorna sobre si mesmo e se move em círculo? Por que, ao se elevar, ele que é o mais sutil dos corpos é o mais alto de todos e também o mais móvel. Com efeito, assim como algo que foi comprimido ao extremo se torna mais denso, mais baixo e mais estável, o que é menos denso e mais leve é ao mesmo tempo o mais alto e o mais móvel. Pois ele se move elevando-se ao alto, por natureza. Mas é impossível que aquilo que assim se eleva se separe, por suja própria natureza, dos corpos acima dos quais se eleva. Ora, são os corpos esféricos estes acima dos quais se eleva o corpo celeste, e, por necessidade, ele não cessa de girar ao redor deles, não por causa da natureza da alma, mas por causa da forma corporal de sua própria natureza. Pois ele passa, a cada volta, de lugar em lugar. Este é o movimento próprio a estes corpos, como o estado contrário é próprio dos corpos que estão no outro extremo oposto.

8. Podemos igualmente considerar os ventos que sopram nas regiões que estão próximas de nós e nos rodeiam. Eles se elevam naturalmente acima destas regiões e giram ao redor delas sem jamais se separar, mas eles não se dirigem mais para o alto. Não que eles não tenham para onde ir, mas por que o que está acima deles é mais levedo que eles. Eles permanecem lá, até onde se elevaram, acima dos corpos, uma vez que são por natureza mais leves do que eles. Mas também giram ao redor destes corpos, não pela natureza da alma, mas por sua própria natureza. Penso eu, esta é a semelhança que Salomão, que em tudo era sábio, quis mostrar quando chamou o corpo celeste pelo mesmo nome dos ventos, escrevendo a respeito: "O vento gira ao redor, ele avança e retorna em círculos[262]". A natureza dos ventos que nos cercam é tão diferente dos lugares do alto e de seu movimento rapidíssimo quanto de sua leveza.

9. Duas zonas da terra são temperadas e habitáveis, segundo os sábios gregos. Como cada uma é dividida em duas partes habitadas, eles sustentam que estas partes são em número de quatro. É por isso que eles afirmam que existem sobre a terra quatro raças de homens, que não podem passar de uma parte a outra. Com efeito, existem, segundo eles, homens que habitam do outro lado, na parte temperada oposta à nossa, e que estão separados de nós pela zona tórrida da terra. É do mesmo lado que habitam também, apo que parece, os que habitam abaixo desta zona, e que têm por assim dizer a mesma posição que nós. Os sábios gregos dizem que dentre estes homens, alguns estão ao nosso lado enquanto outros nos são antípodas e estão voltados em sentido contrário. Por que eles ignoram que fora da décima parte da esfera terrestre quase todo o resto, e tudo ao redor, está mergulhado no abismo das águas.

10. Sabemos que fora das regiões onde estamos, nenhuma outra parte da terra é habitável, por estar mergulhada no abismo, se considerarmos que os quatro elementos dos quais é composto o mundo têm partes iguais. Ora, em razão de sua densidade própria, cada um deles ocupa uma esfera bem maior que o outro, como

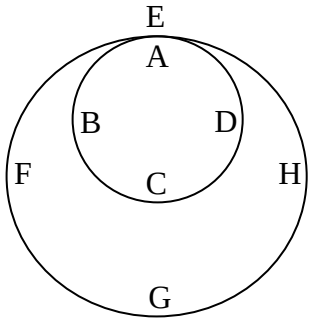
---

[262] *Eclesiastes* 1: 6.

também pensa Aristóteles. De fato, ele diz que existem cinco elementos, contidos em forma de esfera nas cinco regiões, sendo os menores contidos dentro dos maiores: a terra pela água, a água pelo ar, o ar pelo fogo e o fogo pelo éter. Assim está constituído o mundo.

11. O éter possui assim um volume bem maior do que o fogo, a que chamamos abrasamento; o fogo possui um volume maior do que a esfera aérea; por sua vez, o ar tem um volume maior do que a água; e a água tem um volume bem maior do que a terra, que, comprimida ao extremo, tem o menor volume dentre os quatro elementos que estão sob o céu. Sendo a esfera das águas bem maior do que a terra, se ela estivesse espalhada ao redor de toda a superfície terrestre, de modo a que as duas esferas, a terra e a água, girassem ao redor do mesmo centro, a água não deixaria nenhum lugar do globo conter animais de terra firme: ela recobriria totalmente o solo terrestre e se estenderia amplamente sobre toda a superfície. Mas, uma vez que ela não engloba toda a superfície da terra (pois a terra firme que ocupamos não está recoberta) a esfera das águas necessariamente deve ter outro centro. É preciso determinar o quanto ela é excêntrica, e onde fica seu centro. Ele está acima ou abaixo de nós? É impossível que esteja acima. Com efeito, vemos que a superfície das águas está em parte abaixo de nós. O centro da esfera das águas está assim, em relação a nós, abaixo do próprio centro da terra. Mas ainda falta determinar o quanto este centro está afastado do centro da terra.

12. Saberemos o quanto, aparentemente, em relação a nós, para baixo, está o centro da esfera das águas afastado do centro da terra, se considerarmos que a superfície das águas que vemos e que está abaixo de nós como o solo da terra sobre o qual caminhamos, se ajusta à superfície da esfera terrestre, que é o mundo no qual habitamos. Ora, a parte da terra habitável é cerca de um décimo de sua circunferência. Pois a terra possui cinco zonas e apenas a metade de uma destas zonas é habitada por nós. Se quisermos ajustar a esta décima parte de sua superfície a uma esfera que abarca a terra, encontraremos a esfera que lhe corresponde. O diâmetro desta esfera que lhe corresponde exteriormente e que a contém é, de forma aproximada, o dobro. Sua superfície é oito vezes maior e seu centro nos aparece na extremidade mais baixa da terra, como o mostra a figura.



13. Seja um círculo representando a esfera da terra, no interior do qual estão inscritos os pontos A, B, C e D, e outro círculo, que representa a esfera das águas e se coloca ao redor do primeiro tangenciando o ponto mais alto do círculo que lhe é interior. Sobre este círculo estão marcados os pontos E, F, G e H. O ponto mais baixo do círculo interior, em relação a nós, será o centro do círculo exterior. Tendo esta esfera um diâmetro duplo, tem-se por uma demonstração geométrica que a esfera cujo diâmetro é duplo é oito vezes maior do que a esfera cujo diâmetro é a sua metade. Segue-se que a esfera da terra é oito vezes menor do que a esfera das águas que a engloba. É por isso que tantas fontes brotam na superfície terrestre. É também por isso que sobre esta superfície se distribuem

as correntes abundantes e inesgotáveis dos rios, comunicam entre si os seios de numerosos mares e flui o transbordamento das águas dos lagos. E não existe lugar sobre a terra onde, cavando, não se encontre a água que corre abaixo.

14. A figura e o raciocínio acima demonstram que não existe outra terra senão aquela que habitamos. Pois, assim como a terra seria inabitável caso tivesse o mesmo centro das águas, com mais razão ela seria inabitável caso as águas tivessem como centro um ponto fora da terra que habitamos e que se encontra no alto da esfera da terra. É impossível que sejam habitadas terras inundadas por tal massa de água. Ora, já ficou provado que a alma dotada de razão recebeu um corpo na única terra habitada, a qual, por ser uma, a única e a nossa, constitui agora uma prova a mais. Segue-se daí que é sobre ela que habitam, dentre os animais irracionais, os animais de terra firme.

15. A visão se forma a partir das cores e das formas dispostas de várias maneiras. O olfato se forma a partir dos vapores. O paladar, a partir dos sabores. A audição, a partir dos sons. O tato, a partir do que é rude ou liso segundo seu estado. As formas que assim nascem nos sentidos provêm dos corpos, mas não são corpos, embora sejam corpóreas. Pois elas não provêm simplesmente dos corpos, mas da aparência dos corpos. Não obstante, elas tampouco são a aparência dos corpos, mas suas marcas e como que imagens inseparavelmente separadas da aparência dos corpos. Isto é ainda mais evidente no caso da visão e em especial naquilo que vemos nos espelhos.

16. São estas marcas dos sentidos, o imaginário da alma reintegrada em si a partir dos sentidos, que separam completamente dos corpos e de suas aparências não apenas os sentidos em si, mas as imagens que se formam neles, como dissemos. O imaginário os mantém fechados como tesouros, às vezes um, às vezes outro, mesmo na ausência de corpos, projetando-os sucessivamente no interior para seu próprio uso e dispondo à vontade tudo o que pode ser visto ouvido, saboreado, sentido ou tocado.

17. O imaginário da alma, no animal dotado de razão, é assim uma fronteira entre o intelecto e os sentidos. Quando o intelecto vê e faz girar ao redor de si as imagens nele fixadas pelos sentidos, como que separadas dos corpos e transformadas em formas incorpóreas, produz os pensamentos mais diversos: ele distingue, recapitula, conclui de muitas maneiras, passional, impassível, moderado, perdido, infalível, pois de tais pensamentos nasce a maior parte das virtudes e dos vícios, bem como os bons e os maus juízos. Com efeito, nem todo pensamento do intelecto provém das imagens ou lhes diz respeito. Podemos encontrar coisas que não podem ser submetidas à observação dos sentidos, por que são fornecidas ao pensamento pelo intelecto. É por isso que eu disse que nem toda verdade ou todo erro, toda virtude ou todo vício nos pensamentos têm sua origem na imaginação.

18. É digno de admiração e de se considerar o modo como, a partir do temporal e do sensível, fixam-se na alma seja a beleza, seja a feiura, seja a riqueza ou a indigência, a glória ou a desonra, numa palavra, a luz do intelecto, que dispensa a vida eterna ou as trevas inteligíveis do castigo.

19. O intelecto que é levado pelo imaginário da alma e que por meio deste imaginário se une aos sentidos gera o conhecimento composto. Se, com efeito, alguém vê com seus olhos a lua seguir o sol poente e ser iluminada em sua parte mais estreita voltada para o sol, para

depois afastar-se pouco a pouco nos dias seguintes e então brilhar mais e mais até se colocar em oposição ao sol, para novamente diminuir progressivamente até que sua luz se extinga, afastando-se do ponto de origem onde recebera a iluminação, este homem, após ter impregnado seu intelecto com tais visões, e pelo fato de que algumas permanecem na imaginação enquanto outras estão presentes nos sentidos, compreenderá, a partir dos sentidos, da imaginação e da intelecção, que a lua extrai sua luz do sol, mas também que o círculo que ela descreve está mais próximo da terra e ainda que está abaixo do polo solar.

20. Não apenas as coisas da lua, mas também as do sol, seus eclipses e conjunções, as paralaxes e as distâncias dos outros planetas que estão no céu, os numerosos aspectos de suas configurações, numa palavra, tudo que sabemos das coisas do céu, e, por outro lado, as razões de sua natureza, todas as maneiras pelas quais eles avançam, em suma, todo conhecimento de todas essas coisas, reunido a partir de compreensões parciais, foram obtidos por nós a partir dos sentidos e da imaginação, por meio do intelecto. Mas nenhum destes conhecimentos pode ser jamais chamado de espiritual. É melhor chama-lo de conhecimento natural, ou físico, uma vez que ele não contém em si coisas do Espírito.

21. De onde aprendemos nós a respeito de Deus, de onde aprendemos sobre o mundo todo, de onde aprendemos sobre nós mesmos alguma coisa de sólido e verdadeiro? Não é por meio dos ensinamentos do Espírito? É este ensinamento, com efeito, que nos ensina que somente Deus é Aquele que é verdadeiramente, Aquele que é sempre, Aquele que é imutavelmente, por não ter recebido seu ser do nada e por não se dirigir ao nada novamente. Ele nos ensinou também que existem três Hipóstases e que Deus é todo-poderoso, ele, que em seis dias e apenas por sua palavra tirou os seres do nada – ou melhor, a tudo fundou conjuntamente, como disse Moisés. Pois nós ouvimos o que foi dito: no princípio criou Deus os céus e a terra[263], sem o menor espaço vazio, sem que qualquer coisa houvesse neste intervalo. Pois a terra estava misturada à água. Cada qual trazia em seu seio o ar, os animais e as plantas segundo suas espécies. O céu trazia os diferentes luminares e os diversos fogos que iriam constituir o universo. Assim fez Deus no princípio os céus e a terra, como uma matéria que contém tudo e que carrega em si, em potência, o universo: isto afasta de modo perfeito os que pensam erroneamente que a matéria preexistiu por si mesma.

22. Depois disto, ornando de beleza e enfeitando o mundo, Aquele que tirou tudo do nada dispensou em seis dias a ordem acordada aos que se regozijam nele e que completam seu mundo, distinguindo a cada um com um único mandamento, extraindo de tesouros ocultos aquilo que ia depositando em cada espécie, envolvendo com um círculo altíssimo a terra imóvel como um centro e ligando a ela, com toda sabedoria, através de intermediários, o movimento perpétuo do céu, a fim de que este mundo permaneça ao mesmo tempo móvel e imóvel. Pois, a partir do momento em que os corpos com movimento perpétuo e rápido estavam por toda parte dispostos ao redor de um círculo, o imóvel recebeu necessariamente o posto central: ele ocupou o lugar que contrabalança o movimento, a fim de que a esfera do universo não se torne um cilindro.

23. Depois de atribuir um lugar assim a cada um dos confins do universo, o artista supremo reuniu e colocou em movimento, em boa ordem, este universo, este “cosmos” – a um tempo universo, mundo

---

[263] Cf. *Gênesis* 1: 1.

e ordem – como foi dito. Depois ele atribuiu a cada coisa dentro destes confins aquilo que mais lhe convinha. Algumas ele fixou no alto e lhes ordenou permanecer no céu e ali girar por todo o tempo ao redor do limite mais elevado do universo, com inteligência e boa ordem. São os corpos leves e ativos que transformam para seu benefício os corpos que estão neles. Com muita sabedoria, eles se elevam acima do centro a uma altura tal que sob sua ronda abrasadora eles quebram equilibradamente o frio central, mantendo seu calor desmedido, refreando ainda a desmedida impulsão dos confins mais elevados movendo-se em sentido contrário, e assim, por meio desta rotação em sentido contrário, eles mantêm em seus lugares os confins e nos propiciam, aos que compreendemos, as utilíssimas diferenças das estações naturais, as medidas do tempo e do espaço e o conhecimento do Deus que criou, ordenou e enfeitou a beleza do mundo. Alguns ele deixou girando assim nas alturas, onde eles se elevam em círculos numerosos, por duas razões: a beleza universal e todas as formas de utilidade. Outros ele colocou em baixo e ao redor do centro, por pesados e vulneráveis em suas naturezas, submetidos ao devir e à mudança, separando-se e reunindo-se, adstritos a se transformar cada vez mais para seu próprio benefício: e assim ele fundou em boa ordem estas coisas e a razão que une umas às outras, a fim de que tudo possa, no sentido etimológico do termo, ser chamado de "cosmos".

24. Assim é que um primeiro ser foi conduzido à criação, e depois deste primeiro veio outro. Depois deste veio outro ainda, e assim por diante, e depois de todos os seres veio o homem. O homem foi considerado digno de tal honra e de tal solicitude da parte de Deus, que todo este mundo sensível que fora criado antes dele foi feito para ele, que o Reino de Deus foi igualmente preparado para ele desde a fundação do mundo[264] antes dele, que o projeto de sua criação precedeu a esta fundação, que ele foi formado pela mão de Deus e à imagem de Deus[265], e que ele não dispõe de tudo e do mundo sensível como os outros animais, mas que do mundo ele só recebeu seu corpo. Sua alma ele recebeu daquilo que é mais alto do que o mundo, em especial do próprio Deus que lhe concedeu seu sopro[266] inefavelmente como uma grande e maravilhosa realização que ultrapassa o universo, que vela sobre tudo, que domina tudo, que assim conhece a Deus, que recebe e mostra em todas as coisas a magnificência do artista no mais alto dos céus. E não apenas por receber de Deus por meio do combate e da graça, mas também porque lhe é possível unir-se a Deus em uma hipóstase.

25. É nessas coisas e em outras semelhantes que se encontram a verdadeira sabedoria e o conhecimento salvador que buscam a beatitude do alto. Qual Euclides, qual Marinus, qual Ptolomeu as pode abarcar de um só golpe? Qual Empédocles, qual Sócrates, qual Aristóteles, qual Platão puderam descobri-las pelos caminhos da lógica ou pelas demonstrações matemáticas? Ou antes, que sentidos estão ligados a estas coisas? Que inteligência deve ser aplicada a elas? Ora, se a estes homens que cultivavam a filosofia natural, e a seus epígonos, a sabedoria do Espírito pareceu vulgar, aqui está o que a ultrapassa no mais alto grau. Pois aquilo que são os animais irracionais diante da sua sabedoria e de todos os seus conhecimentos (ou, se preferirmos, o que são as crianças, para quem os doces que têm à mão são melhores do que a coroa real ou que todos os conhecimentos de nossos filósofos), são estes filósofos diante da

---

[264] Cf. *Mateus* 24: 34.
[265] Cf. *Gênesis* 1: 27.
[266] Cf. *Gênesis* 2: 7.

verdadeira sabedoria e o verdadeiro ensinamento do Espírito, que permanecem muito acima deles.

26. Não apenas conhecer a Deus em verdade (na medida em que isto é possível) é incomparavelmente melhor do que a filosofia dos gregos, mas ainda simplesmente saber qual é o lugar do homem junto a Deus ultrapassa toda a sua sabedoria. Com efeito, único dentre todos os seres terrestres e celestes, o homem foi feito à imagem do Criador de tal maneira a que ele pudesse contemplá-lo e amá-lo, ser iniciado apenas nos seus mistérios e não adorar senão a ele, e, pela fé, a inclinação, a disposição que o abrem para ele, conservar sua própria beleza, enfim, ver que todas as demais coisas que o céu e a terra trazem em seu bojo estão abaixo dele e não participam de sua inteligência. Isto é uma coisa que os sábios gregos nunca puderam saber. Eles desonraram nossa natureza e não veneraram a Deus, mas reverenciaram e adoraram a criatura em lugar do Criador, atribuindo aos astros visíveis e invisíveis uma inteligência proporcional, em poder e dignidade, para cada um deles, à sua grandeza corporal. Venerando miseravelmente estes astros, dirigindo-se a eles como a deuses maiores e menores, eles validaram a soberania do universo. Ligados assim às coisas sensíveis e à filosofia destas coisas, não infligiram eles às suas próprias almas a vergonha, a desonra, a miséria definitiva e as reais trevas dos tormentos do intelecto?

27. Saber que fomos feitos à imagem do Criador não nos permite deificar o mundo inteligível. Pois havermos sido criados à imagem não pertence à condição do corpo, mas à natureza do intelecto, que é o que temos de melhor. Se, com efeito, houvesse alguma coisa que fosse melhor, é nela que estaria o ser criado à imagem. Ora, o melhor que há em nós é o intelecto, e este melhor, embora tenha sido feito à imagem divina, foi criado por Deus. Isto posto, que dificuldade existe em saber, ou melhor, como não é claro por si só que o Criador de nosso ser dotado de intelecto é também o Criador de todo ser dotado de intelecto? Toda natureza dotada de intelecto serve, portanto, a Deus, conosco, e foi feita à imagem do Criador, embora estes seres sejam mais veneráveis do que nós, na medida em que eles existem fora dos corpos e se aproximam diretamente da natureza absolutamente incorpórea e incriada. Ou antes, dentre eles, alguns, que mantiveram seu lugar e que amam aquilo pelo quê foram criados, ainda que sejam nossos companheiros de serviço, são por nós venerados e são de longe, por sua ordem, mais veneráveis do que nós. Outros, que não mantiveram seu posto, mas que dele se afastaram e que rejeitaram aquilo pelo quê foram criados, afastaram-se também profundamente dos que se aproximaram de Deus e decaíram de sua honra. Mas se eles tentam nos arrastar com eles na sua queda, não apenas se tornam inúteis e desonrados, como ainda se opõem a Deus, maltratam nossa raça e são completamente hostis ao Criador.

28. Mas os que estudam a natureza, que observam os astros, que se vangloriam de seu saber, e que, por meio de sua filosofia jamais puderam conhecer as coisas que mencionamos, não apenas colocam acima de si o príncipe das trevas do intelecto e todas as potências que ele arrastou à apostasia, como ainda os chamam de deuses, honram-nos em templos, oferecem-lhes sacrifícios e se submetem aos seus oráculos perniciosos, brincam com eles com suas consagrações sacrílegas, suas purificações que os mancham impondo-lhes uma presunção maldita, enfim, por meio de seus profetas e profetizas que os desviam para longe da verdade real.

29. Que o homem seja não apenas instruído por Deus e conheça a si

próprio e à sua ordem (o que agora é também próprio dos que são considerados como pessoas simples, e que são cristãos), este é um conhecimento mais elevado do que o estudo da natureza, dos astros e toda a filosofia; do mesmo modo, que nosso intelecto seja instruído a respeito de sua própria enfermidade e procure curar-se é também incomparavelmente melhor do que saber e buscar a grandeza dos astros, as razões das naturezas, a natureza do que está em baixo e o curso do que está no alto, as revoluções e as elevações dos astros, suas estações e movimentos retrógrados, seus distanciamentos e suas conjunções, numa palavra, todas as relações tão diversas que lhes impõe a variedade de seus movimentos. Pois o intelecto que conheceu sua própria enfermidade encontra por onde entrar para alcançar a salvação, por onde se aproximar da luz do conhecimento e de onde receber a verdadeira sabedoria que este século tenta por todas as formas destruir.

30. Toda natureza dotada de razão e intelecto tem em si a vida como uma essência, podemos dizer, seja angélica, seja humana, graças à qual, em sua existência, ela permanece imortal, sem ser alterada pela corrupção. Mas a natureza que existe em nós dotada de intelecto e de razão não apenas tem a vida como essência, mas tem também a energia da vida. Pois esta vivifica o corpo que está ligado a ela. Por isso ela pode ser chamada de vida do corpo. É por algo que não ela que ela é chamada de vida e que possui uma energia própria. Pois não se pode dizer que, por si mesma, uma essência exista em função de outra. Ora, a natureza angélica dotada de intelecto não possui em si a vida como uma energia semelhante. Pois Deus não lhe concedeu, ligado a ela, um corpo extraído da terra, a fim de que, por intermédio deste corpo, ela recebesse um poder vivificante. Em compensação, ela recebeu pares antagônicos, como a malícia e a bondade. Isto é o que produziu os anjos maus, que caíram por causa de seu orgulho. Portanto, num sentido, os anjos são também compostos: eles têm sua própria essência, e trazem em si uma das qualidades contrárias, ou seja, a virtude ou o vício. Assim eles demonstram que não possuem em si a bondade como uma essência.

31. A alma de cada um dos animais irracionais é a vida do corpo vivo em si mesmo. Por isso ela traz consigo a vida, não como uma essência mas como uma energia, porque ela existe por causa de outra coisa, e não por si mesma. Vemos que neles não há nada diferente do que aquilo que age através do corpo. Quando este se dissolve, esta coisa se dissolve com ele, por ser tão mortal quanto o corpo. Tudo o que ela é existe em função do mortal, e é assim que existe; por isso esta coisa morre juntamente com o que morre.

32. A alma de cada homem é também a vida do corpo vivo, em si mesma, e possui em si a energia vivificante em função de outra coisa, a energia que busca esta outra coisa, ou seja, aquilo que é vivificado por ela. Entretanto, ela traz em si a vida não apenas como uma energia, mas como uma essência, porque ela vive por si própria. Vemos que ela traz em si a vida dotada de razão e de intelecto, esta vida que é visivelmente outra coisa que a vida do corpo e de tudo o que passa pelo corpo. É por isso que, quando o corpo se dissolve, ela não se dissolve com ele. E, como ela não se dissolve com ele, ela permanece imortal, porque ela não existe em vista de outra coisa, mas traz em si como uma essência a própria vida.

33. A alma dotada de razão e de intelecto traz a vida como uma essência, mas também recebe os pares antagônicos, ou seja, a malícia e a bondade. Donde se segue que ela não traz em si a bondade como uma essência, tampouco a malícia, mas como uma espécie de qualidade, por estar disposta a uma ou outra quando uma

ou outra se apresenta a ela. Ora, a malícia e a bondade se apresentam não diretamente, mas apenas quando a alma dotada de intelecto, tendo recebido do Criador a liberdade, se dirige para uma ou outra destas qualidades e decide viver segundo ela. É por isso que, num sentido, a alma dotada de razão e intelecto é composta, mas não a partir da energia de que falamos acima. Pois esta, embora vise outra coisa, não gera naturalmente uma mistura. É a partir da essência em si que ela engendra uma ou outra das duas qualidades contrárias de que falamos, a virtude ou o vício.

34. A Inteligência suprema[267], o bem soberano, a natureza mais do que viva e mais do que divina, que não admite contrários, não traz em si, evidentemente, a bondade enquanto qualidade, mas como essência. É por isso que tudo o que se pode conceber de bom está nela. Ou antes, ela é o bem e está acima de tudo o que é bom. E tudo o que podemos conceber nela é bom, ou antes, ela é a bondade, e uma bondade mais do que boa. Também a vida está contida nela, ou antes, ela é a própria vida[268]. Pois a vida é o bem, e na Inteligência divina a vida é a bondade. Enfim, a sabedoria está contida nela, ou antes, ela é a própria sabedoria. Pois a sabedoria é o bem, e na Inteligência divina a sabedoria é a bondade. O mesmo acontece com a eternidade e a beatitude, numa palavra, com tudo o que é possível conceber de bom. Assim, não existe diferença entre a vida, a sabedoria, a bondade e outros bens semelhantes. Pois esta bondade engloba a todos em sua unidade e em sua extrema simplicidade. Ela extrai sua concepção e seu nome de todos os bens. E tudo o que podemos conceber e chamar de bom na Inteligência divina é uno e verdadeiro. Ora, esta bondade não é apenas o que é concebido em verdade pelos que a pensam com uma inteligência perfeitamente exercida sobre a sabedoria divina, e pelos que dela falam por meio de uma linguagem teológica animada pelo Espírito. Na medida em que ela é inefável e incompreensível, ela é igualmente mais do que esses bens e não lhe falta nem a unidade nem a simplicidade sobrenaturais, uma vez que ela é uma única e mesma essência inteiramente boa e mais do que boa. Somente assim podemos concebê-la, e somente assim podemos chamá-la. E é assim e por isso que, em suas próprias energias voltadas para a criação, o Criador e Mestre da criação é pura bondade e mais do que bom, e por isso ele tem a bondade como essência; pois Deus não pode admitir em si nada que seja contrário a esta bondade. Pois nenhuma essência possui contraditório.

35. Esta bondade inteiramente boa é mais do que boa é também a fonte da bondade. Este é o bem, o bem mais extremo: e ele não seria possível se lhe faltasse a bondade perfeita. A partir do momento em que a Inteligência divina é a bondade transcendente e perfeita, aquilo que dela provém (como de uma fonte) não poderia ser outra coisa que o Verbo – mas não a palavra que nós mesmos proferimos. Pois esta não provém da inteligência, mas do corpo animado pela inteligência. E não no sentido de uma palavra que seria interior a nós e que em nós correspondesse a tipos de sons. Tampouco no sentido de uma palavra que passasse pelos nossos pensamentos, ainda que sem nenhum som, e que fosse inteiramente suscitada por impulsos incorpóreos. Pois o Verbo é anterior a nós, e necessita de espaços e de grandes intervalos de tempo para progredir em direção ao seu objetivo e para nos conduzir de uma origem imperfeita a uma realização perfeita. Antes, ele passa pela palavra que a inteligência colocou em nós de maneira inata, esta palavra por meio da qual o

[267] Ou o Intelecto supremo.
[268] Cf. *João* 11: 25.

Criador nos fez à sua imagem[269]: o conhecimento que sempre acompanha a inteligência. Este conhecimento está aí, na suprema Inteligência da bondade perfeita e transcendente, junto da qual nada existe de imperfeito (salvo o que sai dela), porque todas as coisas são indistintamente a bondade. É por isso que o Verbo supremo é o Filho e é assim chamado por nós, a fim de que o reconheçamos como um ser perfeito, numa hipóstase perfeita que lhe é própria: pois ele extrai seu ser do Pai, e nada lhe falta da essência paterna, mas ele se mantém imutavelmente o mesmo que o Pai, salvo em sua hipóstase. Ou ainda, o ser nascido divinamente do Pai revela o Verbo.

36. A bondade que, por nascimento, como de uma fonte, provém da bondade da Inteligência suprema, é, portanto, o Verbo. Mas quem quer que possua inteligência não poderá conceber o Verbo sem o Espírito. É por isso que é juntamente com o Espírito Santo que o Verbo, Deus de Deus, provém do Pai. Não o espírito no sentido do sopro que acompanha a palavra que sai de nossos lábios. Tampouco o espírito no sentido da palavra interior que passa pelos nossos pensamentos, ainda que de maneira incorpórea. Pois este é um impulso da inteligência desdobrado no tempo com nossa própria palavra, requerendo os mesmos intervalos e se dirigindo do imperfeito para a perfeição. Este Espírito do Verbo supremo é como um desejo ardente – o *eros* – indizível do Pai pelo Verbo engendrado indizivelmente: este desejo ardente – este *eros* – é o mesmo que o Verbo e Filho amado pelo Pai dedica àquele que o gerou. E ele lhe dedica como algo proveniente com ele do Pai e que repousa nele numa mesma natureza. É por meio deste Verbo que nos falou na carne que aprendemos o nome da existência diferente junto ao Pai: a existência do Espírito. O Espírito não é apenas o Espírito do Pai, mas o Espírito do Filho. Pois foi dito que o Espírito da verdade precede do Pai[270], a fim de que conheçamos não apenas o Verbo, mas o Espírito do Pai, que não é engendrado, mas que procede. E ele é o Espírito do Filho, que o tira do Pai como Espírito de verdade, de sabedoria e de razão. Pois o Verbo é a verdade e a sabedoria que concorda com Aquele que o engendrou. Ele se regozija com o Pai que se regozija nele, como disse Salomão a respeito: "Eu estava onde eu me regozijava com ele[271]". Esta alegria do Pai e do Filho, esta alegria anterior aos séculos, é o Espírito Santo que, em suas relações, lhes é comum (e é por isso que ele é enviado por um e outro aos que são dignos). Mas ele só extrai do Pai sua existência; e é por isso que, em sua existência, ele procede apenas do Pai.

37. Nossa inteligência criada à imagem de Deus traz em si a imagem deste desejo ardente – deste *eros* altíssimo – no conhecimento que nunca cessa de existir por ela e nela. Este amor aí reside e permanece por ela e nela, e dela provém juntamente com a palavra interior. O insaciável desejo de conhecer que possuem os homens é um exemplo claríssimo disto para aqueles que não conseguem ver o mais profundo de si mesmos. É neste modelo original, nesta bondade perfeita e transcendente, na qual nada existe de imperfeito (salvo o que sai daí), que o ardente desejo de Deus – o *eros* divino – é, de modo imutável, tudo o que é a própria bondade. É por isso que este *eros* divino é também chamado por nós de Espírito Santo além de Consolador, pois ele acompanha o Verbo, a fim de que nós o reconheçamos como um ser perfeito, numa hipóstase perfeita e própria, uma vez que ele não é absolutamente desprovido da essência do Pai, sendo ao contrário imutavelmente o mesmo que o

[269] Cf. *Gênesis* 1: 27.

[270] Cf. *João* 15: 26.

[271] *Provérbios* 8: 30.

Pai e o Filho, salvo por sua hipóstase, que o revela para nós em seu ser procedente divinamente do Pai. Assim é que nós veneramos um único Deus verdadeiro e perfeito em três hipóstases verdadeiras e perfeitas: ou seja, um Deus que não é triplo, mas simples. Pois a bondade não é tripla nem é uma tríade de bondade, mas a bondade suprema é a Trindade Santa, venerada e adorada, derramando-se divinamente de si própria em si própria antes de todos os séculos. Ela não tem limites e não pode ser definida senão por si mesma; ela define tudo, estende-se para além de tudo e não deixa nenhum ser fora de si própria.

38. A natureza dos anjos, que é dotada de intelecto e de palavra tem também, portanto, uma inteligência, uma palavra nascida desta inteligência e um desejo ardente – um *eros* – da inteligência pela palavra. O próprio *eros* nasce da inteligência, está sempre com a palavra e a inteligência, e podemos chamá-lo de espírito, uma vez que, por natureza, ele acompanha a palavra. Mas a natureza dos anjos não possui este espírito vivificante, porque ela não recebeu de Deus um corpo ligado à terra, a fim de receber igualmente, por intermédio deste corpo, um poder vivificante que o mantenha. Mas a natureza da alma, dotada de inteligência e de palavra, por ter sido criada com um corpo terrestre, recebeu também de Deus o espírito vivificante, por meio do qual ela mantém e faz viver o corpo que está ligado a ela. Donde se demonstra aos que compreendem que o espírito do homem, que vivifica o corpo, é um desejo ardente – um *eros* – da inteligência. Este *eros* nasce da inteligência e da palavra. Ele está na inteligência e na palavra, e tem em si a palavra e a inteligência. Pois através dele a alma carrega naturalmente e com enorme amor a relação que a une ao seu próprio corpo, o qual ela não quer jamais deixar, e que não deixaria jamais se não sobreviesse do exterior uma enfermidade muito grave ou uma ferida mortal.

39. A natureza da alma, que é dotada de inteligência e de palavra, a única que contém em si a inteligência, a palavra e o espírito vivificante, é também a única, e acima dos anjos incorpóreos, criada por Deus à sua imagem. Ela traz tudo isto em si de maneira imutável, mesmo que, não reconhecendo sua própria dignidade, ela não pense nem se comporte de maneira digna Daquele que a criou à sua imagem. Assim, mesmo depois da transgressão ancestral do Paraíso por causa da árvore do conhecimento[272], nós que, antes da morte corporal, sofremos a morte da alma – que é a sua separação em relação a Deus – e que rejeitamos ser à semelhança divina, não perdemos o ser à imagem. Portanto, se a alma toma aversão à sua relação com o pior, se ela se liga ao melhor com amor, e se submete a ele por meio das obras e dos modos da virtude, ela é consolada por Deus com a luz e a beleza, confortada e persuadida por seus conselhos e exortações, graças aos quais ela recebe a vida eterna. Através desta, quando chegar o tempo, ela imortaliza o corpo ligado à ressurreição prometida, que participará da glória por toda a eternidade. Mas se ela não afastar a tendência à queda que a puxa para o pior e que suscita na imagem de Deus a vergonha desonrosa, ela será separada e afastada da vida realmente bem-aventurada de Deus, pois, por havê-la abandonado, abandonou também o melhor.

40. A natureza trinitária que acompanha a Trindade suprema – pois, mais do que todas, ela foi criada por esta Trindade à sua imagem, dotada de inteligência, palavra e espírito (assim é a alma humana) – deve preservar sua ordem, seguir apenas a Deus, submeter-se apenas a ele, somente se inclinar diante dele, só obedecer a ele, voltar seu olhar exclusivamente para ele, enfeitar-se com sua lembrança

---

[272] Cf. *Gênesis* 3: 6.

contínua e com sua contemplação e lhe dedicar o ardor de um amor maior do que tudo. É por meio destas coisas que ela é atraída para si mesma de forma maravilhosa. Ou antes, pode acontecer que ela atraia para si o esplendor místico e indizível desta natureza. Então o ser feito à imagem de Deus terá também a semelhança em verdade. Esta semelhança torna a natureza trinitária graciosa, sábia e divina. Com efeito, é por meio dela, quer esteja visivelmente presente, quer se aproxime invisivelmente, que ela passa a ensinar agora e sempre a amar a Deus mais do que a si própria e ao próximo como a si mesma[273], e, a partir daí, a conhecer e manter sua dignidade e sua ordem, e a amar a si mesma em verdade. Pois "aquele que ama a injustiça detesta sua alma[274]". Destruindo e tornando inútil o ser feito à imagem de Deus, este se carrega de uma paixão próxima dos que, por loucura, rasgam a própria carne sem sequer sentir. Pois também ele, sem o sentir, arranha e rasga impiedosamente sua beleza inata, destruindo, com sua loucura, as vestes de sua própria alma, esta vestimenta trinitária mais alta que o mundo, cujo amor havia outrora enchido seu coração. Ora, o que existe de mais injusto e de mais ruinoso do que não lembrar nem querer contemplar continuamente, não amar Aquele que nos criou e nos vestiu de beleza à sua imagem, Aquele que, por meio disto, nos concedeu o poder do conhecimento e do amor e que, aos que utilizam bem este poder, concede, além disto, a abundância dos dons indizíveis e da vida eterna?

41. Um dos piores inimigos de nossa alma, bem pior dos que os outros, é, de longe, a serpente espiritual que se encontra na raiz dos males, e que se tornou agora, pelos maus conselhos dados aos homens, o anjo de sua malícia. A tal ponto ele é mais baixo e malvado do que todos que chegou a pensar, em seu orgulho, tornar-se semelhante em poder a Deus. Ao final, foi, com toda justiça, abandonado por Deus na mesma medida em que o abandonou, e a tal ponto que se tornou seu opositor, adversário e contrário. Portanto, se um é a bondade vivificante e vivifica os vivos, o outro é a maldade morta e mortificante. Pois Deus tem a bondade por essência e sua natureza não admite contrário, vale dizer, o mal, uma vez que lhe é impossível se aproximar dos que parte com o mal, qualquer que seja ele; quanto mais o próprio faltoso e príncipe do mal, que suscita este mal nos outros! Já o maligno, que tem como essência não a malícia mas a vida (e é por isso que nela ele permanece imortal), admite por isso simultaneamente a vida e o mal, e foi honrado com a liberdade, a fim de que, submetido interiormente e ligado à fonte eterna da bondade, ele possa ainda participar da verdadeira vida. Mas como ele não se sacia de seu impulso para o mal e continua a provocar as piores infâmias, acaba fazendo de si mesmo um espírito mortificante, e se esforça para atrair também o homem, de modo a fazê-lo participar de sua própria morte.

42. Tortuoso em suas maneiras e prolixo em mentiras, o mediador e autor da morte revestiu-se outrora da serpente tortuosa no paraíso de Deus, embora não tendo se tornado ele mesmo uma serpente (pois não é possível que o tenha feito, senão pela imaginação, pois sabia que nada poderia fazer por si próprio, temendo ser pego em flagrante), mas, evitando uma relação direta, escolhendo a relação pérfida. Ele escolheu esta via na medida em que já estava resolvido a permanecer oculto, a fim de que, mostrando-se como amigo, pudesse introduzir invisivelmente as coisas mais hostis, mesmo tendo que lançar mão do prodígio da palavra (pois a serpente real não é dotada de razão, e é pouco provável que algum dia tenha sido dotada de palavra), disfarçando-se e atraindo para si como uma presa fácil

[273] Cf. *Mateus* 22: 37-39.
[274] *Salmo* 10 (11): 5.

aquela que o escutava, a fim de submetê-la rapidamente ao pior e sujeitá-la doravante aos que a ele foram dados dominar, como se fosse a serpente única entre os seres dotados de sentido a ter sido honrada com a razão pela mão de Deus e a ter sido feita à imagem do Criador. Mas Deus concedeu ao homem que, vendo o conselho provir do pior (e quão pior do que o homem é a serpente!), este se aperceba suficientemente que este conselho não é útil e se indigne com a injustiça de se submeter ao que é visivelmente pior; ao homem foi dado guardar a fé no Criador observando seus mandamentos, conquistando a vitória sobre aquele que decaiu da verdadeira vida e recebendo com justeza a bem-aventurada imortalidade, permanecendo vivo junto a Deus pelos séculos dos séculos.

43. Nada é melhor para o homem do que querer e trazer em si um pensamento que lhe permita conhecer e transmitir o que é importante. Somente se ele aguardar sua ordem própria e conhecer a si mesmo e Àquele que é melhor do que ele, somente se observar igualmente o que aprendeu e o que não aprendeu do melhor, é que ele não desejará receber mais ninguém além de Deus como seu conselheiro. Pois os anjos, embora nos ultrapassem em dignidade, servem, eles também, às decisões divinas que nos dizem respeito, por serem enviados para aqueles que deverão herdar a salvação[275]. Ou melhor, nem todos servem, mas apenas aqueles que são bons e que mantêm sua ordem. Pois também eles possuem estas três faculdades inerentes à sua natureza: a inteligência, a palavra e o espírito, e, como nós, devem obedecer ao Criador, que é Inteligência, Verbo e Espírito. Eles nos superam em muitas coisas, mas existem outras nas quais nós os ultrapassamos, coo já dissemos e voltaremos a dizer, no que se refere a realizar o ser à imagem do Criador. Isto porque, mais do que eles, nós fomos criados à imagem do Criador.

44. Os anjos foram destinados a servir ao Criador e lhes foi assinalado ser comandados, mas não lhes foi ordenado que comandassem os que viessem depois deles, se para tanto não fossem conduzidos por Aquele que domina o universo. Em seu orgulho, Satanás pretendeu comandar, contra a vontade do Criador. E, por ter abandonado sua ordem própria, juntamente com os anjos que com ele se afastaram de Deus, foi abandonado pela fonte que distribui a verdadeira vida e a verdadeira luz, e se revestiu de morte e trevas eternas. Mas uma vez que o homem recebeu a ordem de não apenas ser comandado mas de comandar tudo o que há sobre a terra, o príncipe do mal, olhando-o com inveja, se empenha por todos os meios tentando derrubá-lo deste mandamento. Assim ele rouba os homens, ou melhor, os persuade a trair o mandamento, a considerá-lo como nada, a anulá-lo, e mesmo a se opor a ele e fazer o contrário da ordem e do conselho dados pelo melhor, enfim, partilhando com ele sua apostasia e também as trevas eternas que são dele, e também a morte.

45. Que a alma dotada de razão possa morrer enquanto ainda está em vida, é o que nos ensina o grande Paulo quando escreve: “A viúva que só busca o prazer é uma morta viva[276]”. Não se poderia imaginar nada pior para a alma dotada de razão: pois a alma privada do esposo espiritual, se não se recolhe e se entrega ao luto levando uma vida fechada e aflita pelo arrependimento, mas ao contrário, se esparrama e se dissipa nos prazeres, se torna uma morta viva (pois ela é imortal por sua essência) e traz em si ao mesmo tempo a pior morte e a

[275] Cf. *Hebreus* 1: 14.

[276] I *Timóteo* 5: 6.

melhor vida. Mas se a viuvez é corporal, aquela que se entrega ao deboche enquanto vive em seu corpo está certamente, diz Paulo, morta em sua alma. Mas ele próprio diz em outra parte: "A nós que estávamos mortos por nossas faltas, ele nos deu a vida em Cristo[277]". E o que diz João? "Existe um pecado que leva à morte[278]". Mas o próprio Senhor, ao ordenar a alguém que deixasse os mortos enterrarem seus mortos[279], mostrou que os que se enterram vivos em seus corpos estão certamente mortos em suas almas.

46. Desde que se afastaram voluntariamente da lembrança e da contemplação de Deus, desde que transgrediram o mandamento do paraíso, desde que se acomodaram ao espírito morto de Satanás e que comeram do fruto proibido contra a vontade do Criador[280], os ancestrais de nossa raça, despojados das vestes luminosas e vivificantes tecidas pelo esplendor do alto, se viram também, como Satanás, mortos em espírito. Uma vez que Satanás é não apenas um espírito morto mas também um espírito que leva a morte aos que dele se aproximam, e que aqueles que participam desta morte possuem igualmente um corpo por intermédio do qual se realiza o cumprimento do conselho que leva à morte, estes espíritos mortos e mortificantes acabam por transmitir a morte também a seus próprios corpos. Também o corpo humano se dissolve retornando à terra de onde foi tirado[281], uma vez que, deixando de ser mantido por uma solicitude e um poder mais fortes, sofre a sentença Daquele que conduz o universo com sua simples palavra, sentença sem a qual nada do que acontece alcança seu termo. Esta sentença é sempre proclamada com justiça. Pois "o Senhor é justo, como disse o salmista, e ele ama a justiça[282]".

47. Como está dito nas Escrituras, Deus não criou a morte[283]. Ele impediu que ela viesse, mas para isto precisou dissuadir aqueles a quem concedera a liberdade, e convencê-los de que era possível exercê-la com justiça. Com efeito, logo de início ele deu um conselho que abria para a imortalidade, e, para que desde logo houvesse a certeza disto, ele transformou este conselho num mandamento específico. Ele preveniu com toda clareza e deixou explícita a ameaça, sublinhando que a transgressão do mandamento de vida representava a morte[284], a fim de que os homens pudessem se proteger da experiência da morte, fosse pelo desejo, fosse pelo conhecimento, fosse pelo temor. Pois Deus ama, conhece e pode conceder o que é bom a cada uma das criaturas. Assim, se ele apenas conhecesse o que é bom mas não amasse, com a proibição ele teria deixado imperfeito aquilo que sabia ser o bem; se ele amasse sem conhecer o que é bom e sem poder concedê-lo, aquilo que ele desejava e conhecia teria, sem dúvida, permanecido imperfeito. Mas uma vez que ele conhece, ama e pode nos conceder nosso maior bem, aquilo que provém dele, ainda que venha malgrado nós mesmos, vem, de um modo ou de outro, para nosso benefício. Ao contrário, se, na medida em que recebemos uma natureza livre, evoluímos contrariamente por nossa própria conta, isto nos será forçosamente prejudicial. Desde que, sob a vigilância de Deus, foi dada uma proibição, como no Paraíso[285], como no Evangelho pelo

[277] *Efésios* 2: 5.
[278] I *João* 5: 16.
[279] Cf. *Mateus* 8: 22.
[280] Cf. *Gênesis* 3: 6.
[281] Cf. *Gênesis* 2: 7; 3: 19.
[282] *Salmo* 10 (11): 7.
[283] Cf. *Sabedoria* 1: 13.
[284] Cf. *Gênesis* 2: 17.
[285] Cf. *Gênesis* 2: 17.

próprio Senhor, ou como aos descendentes de Israel pelos profetas, ou como na lei da graça pelos apóstolos de Cristo e seus sucessores, está claro que é desvantajoso e desastroso desejar voluntariamente cometer tal gesto e nos esforçarmos para tanto. Quem quer que nos proponha ou nos engaje neste esforço, persuadindo-nos com palavras ou nos encantando com uma aparência agradável, estará sendo manifestamente hostil e oposto à nossa vida.

48. Portanto, seja pelo desejo, uma vez que Deus deseja que vivamos (pois porque teria ele criado seres vivos se não os quisesse vivos?), seja por que reconhecemos que ele sabe melhor do que nós o que é bom para nós (pois como Aquele que nos deu o conhecimento não haveria de ser incomparavelmente o Senhor do conhecimento[286]?), seja por temor à sua autoridade onipotente, não devemos nos deixar roubar, nem seduzir, nem persuadir a transgredir sua ordem e seu conselho. Da mesma forma, tampouco agora devemos transgredir os mandamentos e os conselhos salutares que nos foram dados depois daquele. Também agora, com efeito, os que escolheram não se opor nobremente ao pecado e que desconsideram os mandamentos divinos, acolhem o conselho contrário. Isto equivale a dizer que eles recebem o conselho que os leva à morte interior e eterna, a menos que, por meio do arrependimento, reconquistem sua alma. Da mesma maneira o casal ancestral, não resistindo aos que os persuadiam a desobedecer, transgrediram o mandamento: a decisão, anunciada previamente, Daquele que os haveria de julgar com justiça, foi imediatamente aplicada. Segundo esta decisão, tão logo comessem do fruto da árvore, eles morreriam. E eles sabiam, de fato, que este era uma mandamento de verdade, de amor, de sabedoria e de poder que lhes havia sido dado e que eles haviam esquecido. Por vergonha eles se esconderam, despojados da glória[287] que cumula de vida superior os espíritos imortais. Sem esta glória, a vida dos espíritos é de longe bem pior do que muitas mortes; nisto cremos.

49. Que tampouco teria sido útil que os ancestrais comessem do fruto da árvore, é o que mostra aquele que disse: “a meu ver, a árvore simbolizava a contemplação”, aquela que pode ser alcançada por aqueles cujo estado é suficientemente perfeito. Mas ela não é boa para os que são ainda toscos e ávidos em seu desejo, assim como o alimento sólido não é útil aos que são ainda bebês e necessitam de leite[288]. Mas se quisermos transformar em contemplação, num sentido espiritual, esta árvore e o alimento que ela fornece, não será difícil, penso eu, ver como ela permanece inútil aos seres ainda imperfeitos. Pois me parece que, para os sentidos, ver seu fruto e comê-lo é a última razão de ser da mais agradável das árvores do Paraíso. Ora, o alimento mais agradável aos sentidos não pertence nem àquilo que é verdadeira e completamente bom, nem ao que é sempre bom, nem ao que é bom para todos. Este alimento é bom para aqueles que podem utilizá-lo sem morrer, no momento conveniente, da maneira conveniente e para a glória Daquele que o criou. Para os que não são capazes de utilizá-lo assim, ele não é bom. É por isso, penso eu, que chamaram esta árvore de árvore do conhecimento do bem e do mal[289]. Pois somente os perfeitos no estado da contemplação divina e da virtude são capazes de se dedicar ao que existe de mais agradável aos sentidos e não desviar seu intelecto da contemplação de Deus, dos hinos e das orações que lhe dedicam, mas de fazer do que é agradável aos sentidos a matéria e a

[286] Cf. I *Samuel* 2: 3.

[287] Cf. *Gênesis* 3: 7-8.
[288] Cf. *Hebreus* 5: 12.
[289] Cf. *Gênesis* 2: 17.

ocasião de sua tensão em direção a Deus, e de dominar o prazer dos sentidos por meio do movimento do intelecto para o melhor. Mesmo não tendo o hábito do prazer, e mesmo que o prazer seja ainda maior e mais violento devido à sua inexperiência, eles não esvaziam a razão da alma para correr para este ser mau, que apresenta como bom aquilo que eles já haviam vencido.

50. Este era um benefício para os ancestrais que, vivendo neste lugar sagrado, não deveriam jamais se esquecer de Deus. Eles deveriam se dedicar e como que se educar sempre mais aos bens puros e simples e elevá-los até o estado de contemplação. Mas como eles ainda não haviam alcançado este termo, mas se encontravam a meio caminho, e porque eram, pela força das coisas de que se serviam, facilmente levados ao bem ou ao seu contrário, eles acabariam fazendo esta experiência. E fizeram isto empurrando para baixo, dominando e abatendo por meio dos sentidos o intelecto inteiro, dando espaço às ações más e mostrando o quanto era persuasivo o iniciador e artífice de tais paixões, cuja origem, a partir daí, consiste na nutrição excitante oferecida pelos alimentos mais agradáveis. Com efeito, se a simples visão desta árvore, segundo a história, permitiu à serpente fazer-se admitir e ser recebida confiantemente como conselheira, quanto mais o será o alimento dado em abundância! Não fica assim claro que não era útil aos ancestrais, com seus sentidos, comer do fruto desta árvore? E não deveriam os que dele comeram ser expulsos do Paraíso de Deus[290], para não fazer do lugar divino um local onde se tramasse e se elaborasse o mal? Não deveriam estes transgressores sofrer desde logo a morte do corpo? Mas o Mestre tinha paciência.

[290] Cf. *Gênesis* 3: 23-24.

51. A sentença de morte da alma, que a transgressão desatou, estava em conformidade com a justiça do Criador. Ele abandonou os que o haviam abandonado, porque eles havia agido por sua própria vontade: ele não os forçou a nada. Deus havia anunciado esta sentença previamente[291], em seu amor pelo home, pelas razões que já mencionamos. Mas primeiro ele aplicou e estabeleceu a sentença da morte do corpo. E quando ele a pronunciou, na profundeza de sua sabedoria e na superabundância de seu amor pelo homem, ele reservou para o futuro sua aplicação real, não dizendo a Adão: "Volte para o lugar de onde veio", mas: "Você é terra e retornará à terra[292]". É possível, para os que escutam com inteligência, ver nestas palavras que Deus não criou a morte da alma nem a morte do corpo[293]. Pois quando ele estabeleceu sua ordem, ele não disse: "Morram no dia em que comerem", mas "Vocês morrerão no dia em que comerem[294]". Como ele não diz agora: "Volte para a terra", mas: "Você voltará". Ele adverte, deixa fazer e, com justiça, não impede o que acontecerá.

52. Assim é que nossos ancestrais deveriam comer a morte, como comemos nós, os que ainda estamos neste estado: nosso corpo se tornou mortal. É por isso que este é por assim dizer como que uma longa morte, ou antes, uma miríade de mortes, cada uma recebendo a outra, cada uma por sua vez, até que chegamos à morte única, última e definitiva. Pois nascemos para morrer. E uma vez nascido, escoamos até deixar de escoar e de vir a ser. Não somos jamais os mesmos, ainda que aos olhos dos que não prestam atenção pareçamos sê-lo. Somos como um fogo que peja na extremidade de

[291] Cf. *Gênesis* 2: 17.
[292] *Gênesis* 3: 19.
[293] Cf. *Sabedoria* 1: 13.
[294] *Gênesis* 3: 19.

um junco, que ora é uma chama, ora outra, e que tem como medida de sua existência o comprimento do junco. Da mesma forma, para nós que estamos submetidos à mudança, a medida é o intervalo de vida que é atribuído a cada qual.

53. Para que não ignoremos a superabundância do seu amor pelo homem e a profundidade da sabedoria por cuja causa Deus, após aplicar a sentença da morte, não concedeu ao homem que vivesse doravante, mas primeiro lhe mostrou que o castigava com compaixão, ou melhor, que lhe aplicava o castigo com justiça, para que nós não nos desesperemos totalmente. Ele nos deu tempo para o arrependimento e para nos conduzirmos de modo a agradá-lo desde o começo. Ele aliviou com as alternâncias do devir a tristeza da morte. Ele aumentou a raça com descendentes, para que a multitude dos que nascessem superasse o números dos que morrem. Em lugar de um único Adão tornado miserável e indigente por causa da beleza da árvore sensível, Deus suscitou inúmeros homens, nascidos do sensível, que foram, por sua beatitude, ricos da ciência de Deus, de virtude, de conhecimento e de bem-aventurança divina, como Seth, Enoque, Né, Melquisedeque, Abraão e todos os que se revelaram dentre eles, antes, depois ou junto deles. Mas dentre tantos e tais homens, nenhum houve que vivesse totalmente sem pecado, para poder reparar com seu combate a derrota dos ancestrais, curar a ferida recebida na raiz da raça e bastar daí por diante para alcançar a santificação, a bênção e o retorno da vida para todos. Deus havia previsto isto e no tempo azado escolheu as raças e as tribos de onde haveria de extrair o ramo[295] célebre que daria a flor por meio da qual iria se realizar a economia capaz de salvar o gênero humano.

[295] Cf. *Números* 17: 23.

54. Ó profundezas da riqueza, da sabedoria[296] e do amor de Deus pelo homem! Pois se não tivesse havido a morte, e se nossa raça, saída de tal raiz, não tivesse se tornado mortal antes mesmo da morte, não seríamos nós ricos das primícias da imortalidade, não seríamos chamados aos céus, nossa natureza não seria entronizada acima de toda autoridade e de todo poder, à direita da Majestade, nos céus[297]. Assim por sua própria sabedoria e seu próprio poder, Soube Deus, em seu amor pelo homem, transformar com vistas ao melhor a perdição na qual nos fez cair nosso livre arbítrio.

55. Muitos acusam Adão por haver transgredido o mandamento divino ao se deixar persuadir pelo mau conselheiro, e por ter, através desta transgressão, suscitado em nós a morte. Mas não é a mesma coisa provar de uma erva mortal antes de ter tido esta experiência e desejar comê-la depois de ter aprendido pela experiência que ela é mortal. Quem, depois de haver experimentado, devora o veneno e atrai miseravelmente a morte sobre si mesmo é bem mais condenável do que aquele que, inexperiente, faz este gesto e sofre suas consequências. É por isso que cada um de nós está bem mais sujeito à vergonha e à condenação do que o próprio Adão. Mas esta árvore não está em nós? Não existe agora, dirigido a nós, um mandamento de Deus que nos proíbe de comer seu fruto? Assim é que esta árvore pode também não estar em nós. O mandamento de Deus permanece para sempre entre nós, e hoje como sempre. Aos que o obedecem e que desejam viver na sua observância, ele os livra dos castigos pelos pecados cometidos, assim como da maldição e da condenação ancestral. Mas aos que ainda agora o transgridem, preferindo a sugestão e o conselho do maligno, é impossível que não

[296] *Romanos* 11: 33.
[297] Cf. *Hebreus* 8: 1.

sejam expulsos para longe desta vida, para fora dos caminhos do Paraíso, e que não caiam na Geena do fogo eterno que a todos nos ameaça.

56. Qual é então este mandamento de Deus que hoje nos é proposto? O arrependimento, cujo princípio é de não mais tocar no que foi proibido. Com efeito, quando fomos justamente rejeitados do campo das delícias divinas e excluídos do Paraíso de Deus, quando tombamos no fundo deste abismo, quando fomos condenados a viver e permanecer entre os animais desprovidos de razão e perdemos a esperança de ver chegar a nós o chamado do Paraíso, o próprio Deus, trazendo-nos um julgamento justo, ou melhor, permitindo a nós nos aproximarmos deste julgamento, na superabundância de seu amor pelo homem e de sua bondade, das entranhas de sua compaixão[298], por nós, desceu até nós. E tornando-se, embora sem pecado, homem como nós[299], por sua benevolência, a fim de ensinar e salvar o mesmo pelo mesmo, nos trouxe o conselho e o mandamento salutar do arrependimento, dizendo-nos: "Arrependam-se, pois o Reino de Deus está próximo[300]". Antes que o Verbo de Deus se fizesse homem, o Reino dos céus estava tão distante como está o céu afastado da terra. Mas quando o Reino dos céus veio e pe3rmaneceu entre nós, e se uniu a nós em sua benevolência, ele se aproximou de todos nós.

57. Uma vez que o Reino dos céus se aproximou de nós, fazendo descer a nós o Verbo de Deus pelo amor que nos dedica, não nos afastemos dele levando uma vida sem arrependimento. Fujamos da miséria daqueles que estão sentados nas trevas e na sombra da morte[301]. Tentemos adquirir as obras do arrependimento, um pensamento humilde, uma compunção e uma tristeza espirituais, um coração manso e doce, cheio de piedade, tomado de justiça, esforçando-nos pela pureza, dóceis, pacíficos, tenazes, acolhendo com alegria as perseguições, as injúrias, os ultrajes, as calúnias e os sofrimentos pela verdade e a justiça. Pois o Reino dos céus, ou antes, o Rei dos céus – ó magnificência indizível! – está em nós[302]. É a ele que devemos nos ligar sempre pelas obras do arrependimento, amando, tanto quanto nos é possível, Aquele que tanto nos amou.

58. A ausência de paixões e a abundância de virtudes suscita o amor que dedicamos a Deus. Pois a aversão aos vícios, da qual procede a ausência de paixões, deixa espaço para o desejo e a aquisição dos bens. Ora, aquele que se afeiçoa a estes bens e os possui, como não amará acima de tudo ao Mestre que é o bem em si, o único que dispensa e guarda todos os bens: é nele que está o bem por excelência, e é ele que o traz consigo por amor, segundo o Apóstolo que disse: "Quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele[303]". E nisto podemos ver não apenas o amor a Deus nascendo das virtudes, mas também as virtudes nascendo do amor. É por isso que o Senhor nos Evangelhos tanto diz: "Quem guarda meus mandamentos, este me ama[304]", como diz: "Quem me ama guardará meus mandamentos[305]". Mas nem as obras das virtudes são louváveis naqueles que agem sem amor, nem o amor é louvável e útil sem as obras. É o que Paulo mostra sobejamente quando escreve

[298] Cf. *Lucas* 1: 78.
[299] Cf. *Hebreus* 4: 15.
[300] *Marcos* 1: 15.
[301] Cf. *Isaías* 9: 2; *Lucas* 1: 79.
[302] Cf. *Lucas* 7: 21.
[303] I *João* 4: 16.
[304] *João* 14: 23.
[305] *João* 14: 23.

aos Coríntios: “Se eu fizer isto, mas não tiver o amor, isto de nada me servirá[306]”. Reciprocamente, o discípulo que Cristo amava disse: “Não amemos com palavras e com a língua, mas em ato e verdade[307]”.

59. O Altíssimo, o Pai adorado, é o Pai da própria verdade, ou seja, do Filho único, e ele traz o Espírito de verdade, o Espírito Santo, como mostrou previamente a palavra de verdade. Portanto, os que adoram o Pai no Filho e no Espírito e creem neles, agem com o que por intermédio deles. É pelo Espírito, diz o Apóstolo, que adoramos e oramos[308]. Da mesma forma: “Ninguém chega ao Pai senão por mim[309]”, disse o Filho único de Deus. Os que assim adoram o Pai Altíssimo em espírito e em verdade, são estes os verdadeiros adoradores[310].

60. Deus é espírito, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade[311], ou seja, concebendo de modo incorporal o incorpóreo. É assim que eles o verão verdadeiramente em toda parte, em seu Espírito e em sua verdade. Com efeito, a partir do momento em que Deus é Espírito, ele é incorpóreo. Ora, o incorpóreo não pode ser localizado num lugar, nem circunscrito a limites espaciais. Portanto, quem diz que é preciso adorar a Deus num dado lugar em detrimento de todos os outros lugares da terra, nem diz a verdade, nem adora verdadeiramente. Pois se Deus é incorpóreo ele não está em parte alguma, mas, como ele é Deus, está em toda parte. Com efeito, se Deus estivesse numa montanha, ou num lugar, ou numa criatura – lugares onde ele não está – ele estaria circunscrito por alguma coisa. Ora, ele está em toda parte porque ele não tem limites. Mas como pode ele estar em toda parte? Estará ele contido, não numa parte, mas no todo? Certamente não, porque neste caso ele continuaria sendo um corpo. Mas uma vez que ele mantém e contém o todo, ele está em si mesmo, em toda parte e acima de tudo, adorado por seus verdadeiros adoradores, em seu Espírito e sua verdade.

61. O anjo e a alma, seres incorpóreos, não estão em parte alguma, mas também não estão em toda parte. Porque eles não sustentam o todo, mas têm necessidade Daquele que os sustém, a eles também. Assim é que eles estão contidos Naquele que mantém e sustém o todo, determinados por ele à sua medida. Porém a alma, que sustenta o corpo, para o qual foi criada, permanece ligada ao corpo, não como ligada a um lugar, nem como contida nele, mas como algo que mantém, contém, vivifica e porta o corpo, à imagem de Deus.

62. Não é apenas por possuir em si mesmo um poder englobante e vivificante que o home foi feito à imagem de Deus mais do que os anjos, mas também porque ele comanda. Pois existe na natureza de nossa alma, de uma parte, algo que dirige e comanda e, de outra, algo que está naturalmente sujeito e que obedece: a vontade, o desejo, os sentidos, numa palavra, tudo o que, depois do intelecto, foi criado com ele por Deus, mesmo que, por amor ao pecado, nos sirvamos destas faculdades para nos revoltar não apenas contra o Deus Todo-Poderoso, mas ainda contra Aquele que é por natureza o próprio poder e que está ligado a nós. Mas Deus, ao nos conferir o

---

[306] I *Coríntios* 13: 3.
[307] I *João* 13: 8.
[308] Cf. I *Coríntios* 12: 3.
[309] *João* 14: 6.
[310] Cf. *João* 4: 23.
[311] Cf. *João* 4: 24.

poder de comandar, nos concedeu dominar a terra inteira[312]. Os anjos não estão ligados a corpos, na medida em que não têm corpos submetidos à inteligência. Alguns, os decaídos, mantêm a vontade de seu intelecto continuamente voltada para o mal. Outros, os bons, têm sua vontade continuamente dirigida para o bem, sem que haja necessidade de que ela seja dirigida. O maligno não tinha poder sobre a terra, mas a tomou para si, donde fica claro que ele não foi criado para comandá-la. Mas os anjos bons receberam do Todo-Poderoso a ordem de velar sobre o que se passa na terra, depois da nossa queda, quando perdemos nossa dignidade, embora não por completo graças ao amor que Deus tem pelo homem. Pois Deus fixou os limites dos anjos quando separou as nações[313], como diz Moisés em sua ode. Esta partilha ocorreu depois de Caim e Seth, entre os homens chamados filhos de Caim e os homens nascidos de Seth, chamados filhos de Deus. Foi este nome que, desde então, penso eu, efetuou a divisão e anunciou previamente a raça da qual deveria nascer o filho único de Deus.

63. Podemos dizer com muitos outros que o caráter trinitário do nosso conhecimento mostra que, mais do que os anjos, fomos nós feitos à imagem de Deus, e não apenas porque nosso conhecimento é trinitário, mas porque ele ainda engloba toda espécie de conhecimento. Com efeito, únicos dentre todas as criaturas, trazemos em nós o domínio dos sentidos, além do intelecto e da razão. A parte de nós naturalmente ligada à razão encontrou uma grande multitude e variedade de artes, de ciências e de conhecimentos: cultivar a terra, construir, criar a partir do que não existia (mas não a partir do nada absoluto, que só pertence a Deus), isto foi concedido apenas aos homens. Pois é quase impossível fazer ou destruir o que foi realizado por Deus, mas nós podemos misturar as coisas umas com as outras para gerar outras formas. Mais ainda, as coisas trazidas pela palavra invisível do intelecto não apenas são percebidas pelo ouvido quando ela se une ao ar, como ainda podem ser transformadas em escrita: Deus concedeu apenas aos homens vê-la, com o corpo e por intermédio do corpo, levando-os a acreditar constantemente na vinda do Verbo Altíssimo e na sua revelação na carne. Nada disto foi dado aos anjos.

64. Mas se, mais do que os anjos, somos feitos à imagem de Deus, estamos bem abaixo deles, em especial agora, no que diz respeito à semelhança com Deus. Pois, se me é permitido deixar o resto de lado por um momento, a semelhança com Deus se realiza pelo flamejar divino que provém de Deus. Os anjos maus foram privados disto: por isso se foram para as trevas[314]. Mas os intelectos divinos o trazem consigo: por isso são chamados de segunda luz e efusão da luz primeira, se, como espero, não ignoro nenhuma dos que leram com atenção e inteligência as palavras inspiradas de Deus. É assim que os anjos têm também o conhecimento das coisas sensíveis. Pois eles não as concebem em função de uma potência sensível e natural, mas em função de uma potência semelhante à de Deus, para a qual nada do que existe, de um modo ou de outro, seja passado, presente ou futuro, pode permanecer oculto.

65. Os que participam deste flamejamento e que o trazem em si mesmos numa certa medida possuem também o conhecimento dos seres na proporção desta medida. Também os anjos participam deste flamejamento, pois ele é incriado, mas não como no caso da essência

[312] Cf. *Gênesis* 1: 28.
[313] Cf. Deuteronômio 32: 8.
[314] Cf. *Judas* 6.

divina, como sabem todos os que leram os apóstolos e os teólogos dotados da sabedoria de Deus. Quem pensa o contrário blasfema contra o flamejamento divino, sustentando, ou bem que ele é uma criatura, ou bem que ele é uma essência de Deus. Quando se diz que ele é uma criatura, não se admite que seja a luz dos anjos. Ouçamos então Denis o Areopagita, o Teofante, que explica brevemente estas três coisas: "As inteligências divinas que se movem em círculos se unem aos flamejamentos sem começo nem fim do Deus belo e bom. É claro para todos que as inteligências divinas são os anjos bons[315]". Uma vez estabelecida a pluralidade dos flamejamentos, ele as separa da essência de Deus. Pois esta é una e totalmente indivisível. E ao mostrar que estes flamejamentos não têm começo nem fim, que nos mostra ele, senão que eles são incriados?

66. O Verbo de Deus se apiedou da pesandez de nossa natureza desprovida desta flamejamento e deste esplendor divino por causa da transgressão, e a assumiu, nas entranhas de sua compaixão[316], e a mostrou tal como é aos seus discípulos eleitos quando a revestiu claramente sobre o monte Tabor[317]: aquilo que fomos outrora e que por ele seremos no século futuro se escolhermos viver aqui em baixo segundo ele, na medida em que nos for possível, como disse João que tinha uma língua de ouro[318].

67. Também Adão partilhava deste flamejamento e deste esplendor de Deus antes da transgressão, quando ainda se cobria de uma veste de glória: ele não estava nu. Antes, ele se vestia de mais beleza, não é preciso dizer, do que os que hoje são coroados com diademas ornados de ouro e pedras preciosas. A este flamejamento e a esta graça de Deus, o grande Paulo chama de nossa morada celeste, quando diz: "É neste estado que gememos, desejando vestir nossa morada que vem do céu, para que sejamos encontrados vestidos e não nus[319]". Paulo recebeu de Deus as garantias deste flamejamento divino e desta vestimenta de luz no caminho de Jerusalém a Damasco[320], quando, para retomarmos as palavras de Gregório o Teólogo, "antes de ser purificado das perseguições ele encontrou o Perseguido, ou melhor, um breve lampejo da grande luz[321]".

68. A supra-essência divina jamais é mencionada no plural. Mas a graça de Deus, sua energia divina e incriada, indivisivelmente repartida, à imagem da irradiação solar, aquece, ilumina, vivifica, faz crescer, leva seu próprio esplendor àqueles a quem ilumina e aparece aos olhos dos que a veem. Ora, neste esplendor, que no fundo é como uma imagem obscura, a divina energia de Deus não é apenas nomeada no singular pelos teólogos, mas também o é no plural, como quando Basílio o Grande diz: "As energias do Espírito, quais são elas? Sua grandeza é indizível, sua multitude inumerável. De fato, como poderíamos conceber o que está além dos séculos? Quais eram estas energias antes da criação do inteligível?[322]". Certamente, ninguém disse nem jamais pensou que antes da criação inteligível e além dos séculos (pois os séculos são também criaturas inteligíveis) o esplendor fosse incriado. As potências e as energias do Espírito divino são, portanto, incriadas, mas a teologia as considera como

[315] *Nomes Divinos* IV, 8.
[316] Cf. *Lucas* 1: 78.
[317] Cf. *Mateus* 17: 1-6.
[318] João Crisóstomo.
[319] II *Coríntios* 5: 2-3.
[320] Cf. *Atos* 9: 3-4.
[321] Gregório de Nazianze, *Discurso* XXXIX, 9.
[322] São Basílio, *Tratado do Espírito Santo*.

plurais, inseparavelmente separadas da essência única e inteiramente inseparáveis do Espírito.

69. Os teólogos, como mostrou acima Basílio o Grande, afirmam que a energia incriada de Deus é inseparavelmente repartida na pluralidade. Portanto, o flamejamento divino e deificante – a graça – não é a essência, mas a energia de Deus. É por isso que ela não se desenvolve apenas no singular, mas também na pluralidade, uma vez que ela está na medida daqueles que dela participam, e sendo assim está em maior ou menor grau naqueles que recebem, segundo sua qualidade própria, o esplendor deificante.

70. Isaías disse que estas energias eram em número de sete. Ora, a cifra sete, entre os hebreus, significa muitas coisas. Com efeito, ele disse: "Uma ramo nascerá da raiz de Jessé, e deste ramo nascerá uma flor. Sobre esta flor repousarão sete espíritos: de sabedoria, de inteligência, de conhecimento, de piedade, de conselho, de força e de temor[323]". Os que tolamente professam doutrinas heréticas sustentam que estes sete espíritos foram criados. Esta doutrina, já a expusemos e recusamos ampla e suficientemente em nossas "Refutações[324]". Mas Gregório o Teólogo, depois de haver mencionado estas sete energias do Espírito, diz que lhe agrada chamar de espíritos, como Isaías, às energias do Espírito[325]. E este último, que foi a maior voz dentre os profetas, não apenas mostrou por meio do número a diferença entre as energias e a essência divina, como também estabeleceu o caráter incriado destas energias divinas, dizendo que elas "repousam". Pois "repousar" é próprio da suprema dignidade. Se as energias repousam sobre esta carne que é a nossa e que o Mestre assumiu, como poderão elas ser criaturas?

71. Nosso Senhor Jesus Cristo disse, segundo Lucas, que ele expulsava os demônios com o dedo de Deus[326]; e segundo Mateus, por meio do Espírito de Deus[327]. O grande Basílio disse que o dedo de Deus é uma das energias do Espírito[328]. Portanto, se uma destas energias é o Espírito Santo, as demais certamente o serão também, como ele próprio nos ensinou. Mas isto não significa que existam numerosos Deus ou numerosos Espíritos. Pois tais manifestações são as sentinelas, os reveladores e as energias naturais do Espírito único: é o mesmo Espírito que trabalha em cada energia. Os que professam o erro, dizendo que estes espíritos são criaturas, rebaixam sete vezes ao grau de criatura o Espírito de Deus. Que sejam sete vezes confundidos! Pois o Profeta disse ainda que estes sete espíritos são os olhos do Senhor que observam toda a terra[329]. E quando o Apóstolo escreve no Apocalipse: "Que a graça e a paz lhes sejam dadas por Deus, dos sete espíritos que estão diante de seu Trono, e de Cristo[330]", ele mostra claramente aos fiéis que estes espíritos são o Espírito Santo.

72. Deus Pai, ao anunciar previamente pelo profeta Miquéias que o Filho único nasceria na carne, e querendo mostrar que sua Divindade não possuía começo, disse: "Suas origens remontam ao começo, aos dias da eternidade[331]". Os Padres divinos explicaram que estas

---

[323] *Isaías* 11: 1-2.
[324] *Antirréticos contra Acindino.*
[325] *Discurso* XLI.
[326] Cf. *Lucas* 11: 20.
[327] Cf. *Mateus* 12: 28.
[328] *Contra Eunome*.
[329] Cf. *Zacarias* 4: 10.
[330] *Apocalipse* 1: 4-5.
[331] *Miquéias* 5: 1.

“origens” eram as energias da Divindade. Trata-se com efeito das potências e das energias do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que aqueles que se esforçam em professar e justificar as opiniões dos construtores de mentiras proclamam ser criadas. Mas se algum dia eles receberem a inteligência, deverão se perguntar quem é Aquele que existe desde a origem, quem é Aquele de quem Davi disse: “Você existe desde a eternidade” (o que equivale a dizer: “Você existe desde os dias da eternidade”) e “Você existirá até a eternidade[332]”, e, neste dia, que eles considerem com inteligência que ao dizer pela voz do profeta que no começo havia “origens” Deus não disse que elas haviam sido suscitadas, feitas ou criadas. Basílio, que falava como teólogo no Espírito de Deus, disse também que as energias do Espírito não haviam sido suscitadas, mas que elas existiam antes da criação inteligível e além dos séculos. Portanto, somente Deus é ativo e todo-poderoso desde a origem, uma vez que ele possuía as potências e as energias anteriores aos séculos.

73. Evidentemente opostos aos santos, os que professam a opinião contrária[333] dizem: “O incriado é um, a natureza divina. Tudo o que difere desta, de um modo ou de outro, é criado”. Logo, eles tornam criaturas o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Pois também a energia dos três é uma. Ora, se a energia de Deus é criada, ele próprio deixa de ser incriado. Portanto, não é a energia de Deus, longe disto, mas aquilo que recebe esta energia e se realiza a partir dela que é criatura. É por isso que o maravilhoso Damasceno ensinou que a energia, diferente da natureza divina, é também um movimento da essência, vale dizer, um movimento da natureza divina[334]. Uma vez que é próprio da energia de Deus criar, disse o divino Cirilo[335], como poderá ela ser uma criatura, a menos que ela tenha sido posta em ação por outra energia, e esta por outra, e sucessivamente, até o infinito? Nós, ao contrário, buscamos e proclamamos a causa incriada da energia.

74. Uma vez que a essência divina e a energia divina estão presentes em toda parte sem ser divididas, a energia de Deus pode ser recebida também por nós, as criaturas. Pois, segundo os teólogos, elas se dividem sem se dividir, pois a natureza divina, dizem eles, permanece inteiramente indivisível. É por isso que nosso Pai Crisóstomo, quando disse quem a gota da graça preencheu de conhecimento o universo, que por meio dela aconteceram os milagres e foram absolvidos os pecados, e quando mostrou que esta gota de graça é incriada, logo se apressou em precisar que ela consiste na energia, mas não na essência. Além disso, ele lembra a diferença que separa a energia divina da essência divina e da hipóstase do Espírito, ao escrever: “Eu digo que tal é a parte da energia, mas o Consolador certamente não foi dividido. A graça divina e a energia não são menos recebidas por cada um de nós. Pois elas se distribuem sem se dividir. Mas a essência de Deus, que em si mesma é absolutamente indivisível, como poderia ela ser recebida por uma criatura?”.

75. Uma vez que existem três caracteres de Deus, a essência, a energia e as hipóstases divinas da Trindade, aqueles que foram considerados dignos de se unir a Deus até se tornarem com ele um só Espírito (como disse o grande Paulo: “Quem se une ao Senhor se

[332] *Salmo* 89 (90): 2.
[333] A opinião de Acindino.
[334] João Damasceno, *A fé ortodoxa* III, 18.
[335] Cirilo de Alexandria, *Thesaurus de Trinitate*, PG 75, 312.

torna com ele um só Espírito[336]", pois foi dito mais acima que os que são dignos disto não se unem a Deus em sua essência), e todos os teólogos, atestam que Deus não é participável em sua essência. A união segundo a hipóstase pertence apenas ao Verbo, o Deus-Homem. Os que se tornaram dignos de se unir a Deus se unem através da energia. E o Espírito por meio do qual ele se une a Deus é um com Deus, é e é chamado de energia incriada do Espírito, mas não de essência de Deus, mesmo que isto desgoste os que pensam o contrário[337]. Pois Deus predisse através do Profeta: não será meu Espírito, mas "de meu Espírito, que repartirei sobre aqueles que creem[338]".

76. Foi dito: "Ao chamado de Deus levantaram-se Moisés e Davi", e todos os que receberam a energia divina por se terem despojado das marcas da carne. E: "Eles se tornaram ícones vivos de Cristo, iguais a ele, mas mais pela graça do que pela assimilação". E: "A pureza em Cristo e a pureza nos santos é a mesma coisa". E: "O esplendor de nosso Deus está sobre nós[339]", como cantou o mais divino dos poetas. Pois "as almas que trazem o Espírito e são por ele iluminadas se tornam elas próprias – segundo o grande Basílio – espirituais, e enviam a outras a graça, da qual procedem a presciência do futuro, a inteligência dos mistérios, a compreensão do que está oculto, a partilha dos carismas, a cidadania celeste, a ronda com os anjos, o regozijo que não tem fim, a efusão divina, a semelhança a Deus, o desejo máximo: tornar-se Deus[340]".

[336] I *Coríntios* 6: 17.
[337] Barlaam e Acindino.
[338] *Joel* 3: 1.
[339] *Salmo* 89 (90): 17.
[340] *Tratado sobre o Espírito Santo, op. cit.*, pg. 328.

77. Na ordem desta graça, do esplendor e da união com Deus, os anjos superam os homens. Por isso eles são "o segundo esplendor, os liturgistas do esplendor do alto". E: "As potências intelectuais e os espíritos litúrgicos[341] são as luzes segundas, as irradiações da luz primigênia". E: "Os anjos são a primeira natureza luminosa após a natureza original, da qual recebem a irradiação". E: "Um anjo é uma luz segunda que jorra ou participa da luz primigênia". E: "As inteligências divinas, girando em círculos, se unem às irradiações sem começo nem fim do Deus belo e bom". "Pois Deus é em si mesmo luz para os eternos, e nada senão isto". "Aquilo que é o sol para o sensível, é Deus para o inteligível. Ele é em si a primeira e mais alta luz que ilumina toda natureza dotada de razão". "Mesmo que você ouça a palavra do Profeta: 'Eu vi o Senhor sobre seu Trono[342]', disse nosso Pai Crisóstomo, não imagine que ele tenha visto esta essência, mas sim a irradiação de sua compaixão que desce a nós. E ele não viu esta irradiação mais obscuramente do que a veem as Potências do alto[343]".

78. Toda natureza está como que afastadíssima da natureza divina e é totalmente estranha a ela. Pois se Deus é uma natureza, tudo o que não é ele não poderia ser uma natureza. E se os outros são uma natureza, é ele quem não é. Também ele não será um ser, se os outros forem seres. E se Deus for um ser, os outros não o serão. E se admitirmos o mesmo raciocínio em relação à sabedoria, a bondade, numa palavra, em relação a tudo o que é dito ao redor de Deus ou sobre Deus, estaremos falando dele corretamente, na mesma linha dos santos. Deus é e é chamado de natureza de todos os seres, na

[341] Cf. *Hebreus* 1: 14.
[342] *Isaías* 6: 1.
[343] *Sobre a incompreensibilidade de Deus.*

medida em que todos participam dele e são constituídos por esta participação nele, não pela participação em sua natureza, longe disto, mas pela participação em sua energia. Ele é assim a essência dos seres, a forma das formas – na medida em que é a própria origem das formas –, a sabedoria dos sábios, numa palavra, o tudo de todos. E ele não é uma natureza, na medida em que está acima de todas as naturezas. E ele não é um ser, na medida em que está acima de todos os seres. E não é uma forma, nem possui uma forma, na medida em que está acima das formas. Como então poderemos nós nos aproximar de Deus? Será em nos aproximando de sua natureza? Mas jamais uma criatura, uma sequer, teve ou terá, mesmo que uma única vez, a possibilidade de entrar em comunhão com a natureza suprema, ou de se aproximar dela. Portanto, se nos aproximarmos de Deus, esta aproximação terá sido por meio da energia. Mas como? Participando naturalmente desta energia? Mas isto é comum a todas as criaturas. Portanto, não é por intermédio do que está ligado a nós devido à natureza, mas por intermédio daquilo que provém de uma resolução, que nos aproximamos ou nos afastamos de Deus. A resolução é característica apenas dos seres dotados de razão. Portanto, apenas estes, dentre todos os seres, podem estar perto ou longe de Deus, dele se aproximando ou se afastando por meio da virtude ou do vício. A apenas eles também recebem a beatitude ou a infelicidade. Quanto a nós, esforcemo-nos para receber a beatitude.

79. Comparada a outra, uma criatura pode ser considerada unida a Deus segundo a natureza, ou estranha a ele. Aquilo que está unido à Divindade, diz-se, são as naturezas intelectuais que somente o intelecto é capaz de captar. E o que lhe é completamente estranho são as naturezas que captam os sentidos, e dentre estas aquelas que são inteiramente sem alma e sem movimento são ainda mais afastadas. Comparadas entre si, as criaturas podem ser chamadas de unidas a Deus segundo a natureza, ou estranhas. Mas todas as que são por si mesmas segundo a natureza são estranhas a Deus. Com efeito, é tão impossível dizer o quanto a natureza intelectual está afastada de Deus quanto dizer o quanto os sentidos e o sensível estão afastado dos seres intelectuais. É neste ponto que estamos afastados de Deus por nossa própria natureza, em realidade, para nossa infelicidade, se, devido a uma nobre resolução de nossa parte, não nos aproximarmos dele por meio das boas obras e de uma boa conduta.

80. A língua divina e comum aos que pregam a Deus, Damasceno o Teóforo, diz no segundo de seus capítulos teológicos: “Quem pretende dizer ou ouvir algo sobre Deus deve saber claramente que nem tudo é indizível e que nem tudo é dizível, tanto na ordem da teologia como na ordem da economia, assim como nem tudo é desconhecido e nem tudo é conhecido[344]”. Mas, sabemos nós, aquilo que é permitido dizer das coisas de Deus ultrapassa a palavra, na medida em que provém de uma palavra supra-eminente que temos viva em nós, não exteriormente a esta palavra que nos falta, mas fora de nossa própria palavra, e que a partir de nós mesmos levamos ao ouvido dos outros. Pois nem quem interpreta pode se apropriar dela, nem quem se ocupa de tudo são capazes de alcançá-la. Nem a nós mesmo é permitido dizer seja o que for de Deus. Mas é permitido aos que dizem em espírito as coisas do Espírito, e também quando os adversários pedem que lhes dirijamos uma palavra.

81. Diz-se que na porta da academia de Platão estava escrito: “Não entre aqui se não for geômetra”. Ora, não é geômetra quem não é capaz de pensar ou dizer que os indivisíveis podem ser divididos.

---

[344] *A fé ortodoxa*.

Pois sem o finito, é impossível que exista um limite. A geometria é quase toda ela um discurso sobre os limites, que são definidos e traçados sem os corpos finitos, às vezes com eles, quando o intelecto divide o indivisível. Mas quem ainda não aprendeu em seu intelecto a separar os corpos das coisas que os cercam, como poderá compreender quando ouvir falar da natureza em si mesma, que não apenas não pode ser separada das coisas naturais – por existir nelas – como sequer existe sem elas. Como compreenderá, quando ouvir falar do universal enquanto universal, uma vez que este também se encontra no particular, dividido apenas pela inteligência e a simples razão do particular, ele que é concebido antes do múltiplo e totalmente sem o múltiplo pela razão verdadeira? Como compreenderá quando ouvir falar do inteligível e do intelectual? Como compreenderá que cada inteligência em nós que falamos tenha pensamentos, e que cada um de nossos pensamentos seja uma inteligência? E como não nos acusará de erro e não nos refutará, nos acusando de dizer que cada homem possui duas, e mesmo muitas, inteligências? Quem, a propósito destas noções, não consegue compreender nada nem dizer nada sobre os indivisíveis capazes de se dividir, como poderá, a propósito de Deus, dizer ou compreender semelhantemente, uma vez que existem inúmeras uniões e distinções, assim denominadas pelos teólogos? Mas "as uniões superam as distinções e as ultrapassam": elas não as suprimem nem são impedidas por elas. Em todo caso, os adversários[345] recusam e são incapazes de conhecer a indivisível divisão e a união divisível que estão em Deus, quando nos ouvem dizer – em acordo com os santos – que Deus é ao mesmo tempo incompreensível e compreensível ao mesmo tempo em que permanece sendo um, incompreensível na sua essência e compreensível pelas criaturas em suas energias divinas, vale dizer, sua vontade, sua providência, sua sabedoria que ele dirigiu a nós antes dos séculos, e, para falarmos como o divino Máximo, seu poder, sua sabedoria e sua bondade infinitas. Quando os adversários e os que os seguem nos ouvem dizer estas verdades necessárias, eles nos acusam de afirmar que existem muitos Deuses e muitos incriados, e de fazer de Deus um ser composto. Pois eles ignoram que Deus é indivisivelmente dividido, que ele permanece um, mesmo se dividindo, e que nisto ele não conhece nem multiplicação nem composição.

82. O grande Paulo, a boca de Cristo, o vaso de eleição[346], aquele que mais claramente levou o nome divino, disse: "Aquilo que Deus tem de invisível desde a fundação do mundo se deixa ver ao intelecto nas criaturas, como seu poder e sua eterna divindade[347]". Será então a essência de Deus que se deixa ver ao intelecto das criaturas? Absolutamente. Este é o delírio de espíritos falsos[348], e antes deles a loucura de Eunomo. Pois este, antes deles e como eles, escreveu que através das criaturas, o que se deixe ver ao intelecto não é outra coisa que a essência de Deus. Ora, falta muito para que o Apóstolo divino houvesse falado a mesma coisa. Depois de haver ensinado que o que é conhecido de Deus é manifestado, e de haver demonstrado que existe outra coisa, que está além daquilo que conhecemos de Deus e que o próprio Deus revelou aos que têm inteligência, ele acrescentou: "O que Deus tem de invisível desde a criação do mundo se deixa ver ao intelecto nas criaturas". Assim, é possível saber o que conhecemos de Deus: os Padres teóforos o explicam. Eles disseram: o que não conhecemos de Deus é sua

[345] Acindino.

[346] Cf. *Atos* 9: 15.
[347] *Romanos* 1: 20.
[348] Barlaam e Acindino.

essência, e o que conhecemos é tudo o que envolve esta essência: a bondade, a sabedoria, o poder, a divindade, ou, em verdade, a grandeza. É isto que Paulo chama de invisível, mas visível ao intelecto das criaturas. Ora, o que é visível ao intelecto das criaturas e que envolve a essência de Deus, como poderá isto ser ainda uma criatura? Portanto, a energia de Deus visível ao intelecto das criaturas é também ela incriada, e ela não é a essência. Pois ela é suscitada não apenas no singular, mas na pluralidade.

83. "As criaturas permitem conhecer a sabedoria, a arte, o poder, mas não a essência[349]", disse o grande Basílio, replicando Eunomo, que afirmava que a essência de Deus era representada pelas criaturas. Portanto, a energia de Deus representada pelas criaturas é também incriada, e ela não é a essência. E os que dizem que a energia divina em nada difere da essência divina são manifestamente eunomianos.

84. Nas suas "Refutações", seu irmão teve razão em dizer-lhe com sentimento fraterno: "Quando consideramos a beleza e a grandeza dos milagres da criação, e que recebemos destes milagres e de coisas semelhantes outros pensamentos do divino, damos os nomes que lhes convêm a cada um destes pensamentos que nos ocorrem. Com efeito, é a partir da grandeza e da beleza das criaturas que consideramos por analogia o autor da existência. E damos ao Criador o nome de demiurgo, o chamamos de poderoso, a ele, a quem basta o poder de criar seres apenas com sua vontade, e o chamamos de justo, porque ele é um juiz íntegro. Mas compreendemos também que o que prevalece a partir da energia criadora é o enunciado do nome de Deus, de tal modo que depois de havermos aprendido uma energia particular da natureza divina, pelo enunciado deste nome, não estejamos em condições de compreender a essência em si mesma".

85. Denis o Areopagita, o mais eminente de todos os teólogos que sucederam aos maravilhosos apóstolos, depois de haver examinado o que distingue as hipóstases de Deus, disse: "A distinção divina é a processão que a bondade suscita, uma vez que a união divina cresce e se multiplica além de si mesma pela bondade[350]". Ele acrescenta: "Dizemos que a distinção divina consiste nas processões da Tearquia, suscitadas pela bondade. Pois ela é concedida a todos os seres e distribui abundantemente as participações a todos os bens, e assim se distingue primeiramente na união para em seguida crescer na unidade e se multiplicar inseparavelmente no Um[351]". E ele acrescenta ainda: "Nós nos esforçaremos tanto quanto possível para celebrar estas distinções da divindade, comuns e unidas à divindade em sua inteireza, ou as processões suscitadas pela bondade[352]". Ele mostra claramente aqui que em Deus existe uma outra distinção: não apenas a distinção das hipóstases, mas a distinção diferente daquela das hipóstases: a distinção da divindade. Pois a distinção das hipóstases não é a distinção da divindade. É segundo as processões e as energias divinas que se diz que Deus cresce e se multiplica. Ele diz que estas processões são a mesma processão que se desenvolve aqui e agora. Mas por outro lado o divino não se multiplica, longe disto, nem se separa do próprio Deus. Pois para nós Deus é tríade, e não triplo. Por fim ele mostra o caráter incriado destas processões e destas energias. Pois ele as chama de divinas e diz que elas são as distinções da divindade em sua inteireza, acrescentando ainda que é

[349] São Basílio, *Contra Eunomo* II.

[350] *Nomes divinos* II, 5.
[351] *Ibid.* II, 11.
[352] *Ibid.*

a própria Tearquia que cresce e se multiplica por intermédio de suas processões e de suas energias, não por receber qualquer acréscimo do exterior, longe disto, mas por ordenar que suas processões sejam celebradas. E ele acrescenta: "tanto quanto possível". O mais eminente dos compositores sacros mostra aqui o quanto as processões são celebradas acima de tudo.

86. O mesmo teofante, depois de haver dito acima que a processão suscitada pela bondade é uma distinção divina, acrescenta: "As difusões absolutas estão unidas na origem, segundo a distinção divina[353]". Abarcando pelo pensamento as difusões aqui e agora, ele as chamou de processões e energias de Deus. E acrescentou que elas são absolutas, a fim de que ninguém pense que elas são resultados, como a essência de cada um dos seres, ou como a vida sensível que reside nos vivos, ou como a razão e o intelecto nos seres racionais e inteligentes. Pois como seriam estas qualidades absolutas em Deus se forem criadas? E como as processões e as difusões absolutas de Deus seriam criaturas, uma vez que a difusão absoluta está naquele que difunde, como vemos pela luz?

87. Indo adiante, este grande teólogo celebra estas processões e estas energias de Deus com outros nomes divinos: ele as denomina participações e autoparticipações, e mostra, em diversos pontos de seus discursos, que elas estão acima dos seres e que, preexistindo em Deus numa união supraessencial, elas são modelos dos seres. Assim, como poderiam elas ser criaturas? Ensinado então quais são estes modelos, ele prossegue: "Chamamos de modelos às razões – *logoi* – que em Deus criam os seres, que preexistem na unidade e que a teologia denomina predeterminações, vontades divinas e boas que definem e criam os seres: é por meio delas que Aquele que é mais alto que o ser predeterminou e suscitou todos os seres[354]". Como poderiam ser criadas as predeterminações e as vontades criadoras dos seres? Como não denunciar aqueles que, reduzindo a providência de Deus ao estado de criatura, considera que estas processões e estas energias são criadas? Pois a energia que gera o ser, a vida e a sabedoria, e que, numa palavra, fundamenta e engloba os seres criados, consiste nas vontades de Deus, estas participações divinas e os dons da bondade que são a causa de tudo.

88. A participação do ser que existe por si mesmo não participa de nada em nenhum modo que seja, como ainda afirma o grande Denis: as demais participações, na medida em que são participações e princípios dos seres, não participam de absolutamente nada, pois nem a providência participa da providência, nem a vida participa da vida. Mas na medida em que elas têm o ser, nós dizemos que elas participam do ser que existe por si mesmo, pois sem ele elas não existiriam, nem teriam como ser participadas, assim como não pode existir presciência sem conhecimento. É por isso que as autoparticipações não são absolutamente criadas. Segundo o divino Máximo, elas jamais começaram a ser. Elas se revelam em sua essência ao redor de Deus. Elas sempre existiram. Os adversários[355], que, em sua impiedade, pensam que a vida em si, a bondade em si e as energias semelhantes sejam seres criados, porque elas participam da denominação comum dos seres, ao mesmo tempo não percebem que, mesmo que sejam chamadas de seres, elas estarão ainda acima dos seres, como disse o grande Denis. Em sua leviandade, aqueles que colocam assim as autoparticipações no nível das criaturas

[353] *Ibid.*

[354] *Ibid.* V, 8.

[355] Os Barlaamitas.

consideram que também o Espírito Santo é criado, pois o grande Basílio diz que o próprio Espírito Santo participa dos nomes divinos[356].

89. Se alguém afirmar que apenas a existência em si consiste em participação, como se fosse a única que não participa de nada mas que é apenas participada – porque as outras participam dela – saiba que não está concebendo com inteligência as demais participações. Pois aquilo que vive, ou o que é santo, ou o que é bom, não é chamado de vivo, santo ou bom pelo simples fato de existir e de participar da existência em si, mas pelo fato de participar da vida em si, da santidade em si ou da bondade em si. Ora, a vida em si, ou outra energia semelhante, não se torna vida em si por participação a alguma outra vida em si. É por isso que, enquanto vida em si, ela pertence às energias participadas, não às que participam. Ora, o que não participa da vida mas é ele próprio participado e que vivifica os vivos, como poderá ser uma criatura? E o mesmo acontece com as demais participações.

90. O divino Máximo nos diz que a providência que gera os seres consiste nas processões de Deus, quando escreve em seus Comentários: "As providências e as bondades criadoras, ou seja, as energias que geram o ser, as que suscitam a vida e as que suscitam a sabedoria, são inerentes à Mônada das três hipóstases em suas distinções[357]". Ao afirmar que estas energias são numerosas e distintas, ele demonstra que elas não são por si mesmas a essência de Deus. Pois esta é uma e completamente indivisível. Mas ao dizer que elas são inerentes à Mônada das três hipóstases em suas distinções, ele nos sinaliza que elas não são nem o Filho nem o Espírito Santo. Pois a energia não teria como ser identificada a estas três hipóstases. Mas ao afirmar não apenas que elas são providências e bondades, mas ainda que elas são criadoras, ele demonstrou que elas são incriadas. Pois se não for assim, o que cria será também criado. Ou seja, por algum outro criador, que, por sua vez, terá sido criado por outro, e assim ao infinito, se levarmos a coisa até o último grau do absurdo, o que seria inconcebível. Portanto, as processões e as energias de Deus são incriadas, e nenhuma delas é nem a essência, nem uma hipóstase.

91. A partir do momento em que Aquele que gerou e qualificou o universo lhe atribuiu numerosas formas na incomparável abundância de sua bondade, ele quis também que algumas possuíssem apenas o ser, enquanto outras, para ter o ser, adquirissem também a vida. Ele quis que umas tivessem parte nesta vida recebendo também o intelecto, enquanto outras desfrutassem apenas de uma das duas coisas, e ainda que algumas tivessem em si uma mistura de vida e inteligência. E dentre estas que receberam dele a vida dotada de razão e de inteligência, ele quis que, chamando-as para si, elas se descobrissem unidas a ele e vivessem assim sobrenatural e divinamente, tornadas dignas de sua graça e de sua energia teúrgicas. Com efeito, sua vontade foi a gênese dos seres, seja dos que ele tirou do nada, seja dos que ele aperfeiçoou. E tudo diferentemente. Mas no coração desta diferença da vontade divina a respeito dos seres existe esta única providência e esta única bondade, que é a compaixão de Deus voltada, por sua bondade, àquilo que é de mais baixo. Existem numerosas providências e numerosas bondades, é também o que dizem os teólogos que possuem a sabedoria de Deus: elas estão indivisivelmente divididas e repartidas em tudo o que é partilhado. É assim que eles chamam a uma poder previdente de

[356] São Basílio, *Tratado sobre o Espírito Santo*, *op. cit.*, pg. 418.
[357] Máximo o Confessor, *Scholia*, PG 4, 221 AB.

Deus, e à outra poder criador e englobante, pois, dentre estas, segundo o grande Denis, umas engendram o ser, outras a vida, outras a sabedoria[358]. E cada uma delas é comum ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. No coração de cada vontade boa e divina que nos cerca assim, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a energia que gera o ser, a vida e a sabedoria, às quais ele chamou também de difusões absolutas[359] e irredutíveis, retirando-as de tudo o que é criado e ensinando que elas estão naturalmente Naquele que difunde.

92. Assim como o sol, difundindo irredutivelmente sobre aqueles que participam de seu calor e luz, possui aí energias inatas e essenciais, também as difusões divinas, irredutivelmente inerentes Àquele que as difunde, são energias naturais e essenciais: são elas, portanto, incriadas. Assim é que não desaparece a impressão da luz solar a quem está sobre a terra quando o sol se põe sob a terra, e não é possível que o olhar que desfrutou desta claridade não se tenha misturado a ela e, por meio dela, se unido àquele que espalha esta luz: então vem o calor que provém dele e tudo o que se realiza por meio deste calor, na medida em que ele contribui para o nascimento e o crescimento das coisas sensíveis e para as variadas diferenças de sabores e de qualidades – nada falta, mesmo às coisas que não estão ligadas ao sol por intermédio dos seus raios. Da mesma maneira, através da imagem obscura que está nas coisas sensíveis é possível aos que se voltam para a luz sobrenatural e divina – e apenas a eles – participar da graça deificante e por meio dela se unir a Deus. Todas as demais coisas são o resultado da energia criadora: elas são geradas a partir do nada pela graça, vale dizer, gratuitamente. Mas elas não são iluminadas por esta graça, que é outro nome do esplendor de Deus.

93. Este esplendor de Deus, esta energia deificante que deifica os que dela participam, é uma graça divina, mas não é a natureza de Deus. Não que esta esteja ausente em quem recebe a graça, segundo a tola calúnia dos adversários[360] – pois a natureza de Deus está em toda parte – mas ela não é participável, pois, como dissemos, nenhum ser criado é capaz de recebê-la em partilha. Mesmo a energia divina, a graça do Espírito, presente em toda parte e inseparável dele, não poderia ser recebida em partilha pelos que, por causa de sua impureza, estão impróprios para a comunhão: neste caso, a graça está como que ausente. Pois foi dito: "Assim como a expressão das máscaras de teatro não se adequa a todas as situações, mas apenas àquelas mais móveis e transparentes, também a energia do Espírito não se imprime em todas as almas, mas apenas naquelas que nada têm de tortuoso e enganador". E ainda: "O Espírito Santo não está presente em todos. Mas ele revela seu próprio poder aos que se purificam de suas paixões. E aos que ainda possuem a razão queimada pelas manchas do pecado, ele não se revela".

94. Assim como a luz do sol é inseparável da irradiação e do calor que ela distribui, mas aqueles que não podem ver não conseguem participar desta luz – estes apenas recebem o calor que provém da irradiação, pois, estando privados da visão, não conseguem perceber a luz – também, e com mais razão ainda, nenhum dos que desfrutam do esplendor divino são capazes de participar da essência do Criador, porque não há criatura capaz de ter o poder que lhe permita receber a natureza do Criador.

---

[358] *Nomes divinos* XI, 6.
[359] *Ibid.* II, 5.

[360] Acindino.

95. Que a divina energia participada não é nem uma energia criada nem a essência de Deus, é o que para nós testemunham aqui e agora João, que batizou a Cristo, João, a quem Cristo amou mais do que os outros discípulos[361], e João, que tinha uma língua de ouro[362]. Um conta e descreve. O outro, Precursor e Batista de Cristo, diz que o Espírito foi dado a Cristo por Deus Pai sem medidas. Enfim, o que fala como o ouro explica e descreve: "Está dito que a energia é Espírito. Pois todos recebemos a energia do Espírito comedidamente. Mas ele, Cristo, possui toda energia desmedida e integralmente. Ora, se sua energia é desmedida, quanto mais será sua essência[363]". Com efeito, dizer que a energia é Espírito, e em especial o próprio Espírito de Deus, como disse o Batista, mostra que esta energia, por ser sem medidas, é incriada. E o fato de que recebemos esta energia comedidamente mostra que a energia incriada difere da essência incriada. Pois ninguém recebe a essência de Deus, mesmo que recolha todas as energias conjuntamente: esta graça é recebida por cada um parcialmente, na razão mesma de sua purificação. Indo além, nosso Pai João Crisóstomo mostra também outra diferença entre a essência incriada e a energia incriada, na medida em que diz que "se a energia do Espírito é incriada, quanto mais o será a essência".

96. Se, de acordo com as bobagens dos adversários[364] e dos que pensam como eles, a energia divina em nada difere da essência de Deus, a criação, que é apanágio da energia, em nada diferirá da geração e da ecporese[365], que são o apanágio da essência. E, se criar não é outra coisa que engendrar e suscitar a ecporese, as criaturas em nada se diferenciarão do que foi engendrado e do que foi projetado. Enfim, se as coisas forem como eles dizem, o Filho de Deus e o Espírito Santo em nada diferirão das criaturas. Todas as criaturas terão sido engendradas e projetadas por Deus Pai, a criação será deificada e Deus será colocado entre as criaturas. É por isso que o divino Cirilo, ao mostrar a diferença entre a essência de Deus e a energia, disse que a geração é própria da natureza divina e que a criação é própria de sua energia. E ele acrescenta claramente: "A natureza e a energia não são a mesma coisa[366]".

97. Se a essência de Deus não diferir em nada da energia divina, a geração e a ecporese em nada diferirão da criação. Deus Pai criou pelo Filho no Espírito Santo. Assim, segundo a opinião dos adversários e dos que pensam como eles, Deus engendra e suscita a ecporese, pelo Filho, no Espírito Santo.

98. Se a essência de Deus em nada difere da energia divina, ela tampouco difere da vontade. E o Filho único nascido da essência do Pai teria sido, segundo eles, ao que parece, criado por sua vontade.

99. Se a essência de Deus em nada difere da energia divina, enquanto que na verdade os Padres teóforos atestam que Deus possui em si inúmeras energias, como, por exemplo, suas providências e suas bondades criadoras, como demonstrado acima, então Deus possui muitas essências: e isto ninguém que traga em si o nome de Cristo jamais disse nem jamais pensou.

---

[361] João Evangelista.
[362] João Crisóstomo.
[363] João Crisóstomo, *Homilia* XXX, 2.
[364] Acindino.
[365] Do verbo *ekporeuô*, "fazer sair", termo empregado no Credo de Nicéia, em um sentido mais preciso do que o de "processão", para expressar a relação entre o Pai e o Espírito Santo.
[366] Cirilo de Alexandria, *Thesaurus de Trinitate*, PG 75, 312...

100. Se as energias de Deus em nada diferirem da essência divina, elas também não apresentarão diferenças entre si. Portanto, a vontade de Deus não será diferente da sua presciência. Desta forma, ou bem Deus não conhece tudo previamente, por que não deseja tudo o que acontece; ou bem, se conhece tudo previamente, deseja também o mal. Mas se ele não conhece tudo com antecedência, isto equivale a dizer que ele não é Deus. E se ele não é bom, isto equivale também a dizer que ele não é Deus. Portanto, a presciência deve diferir da vontade divina. Por conseguinte, também a essência divina diferirá destas energias.

101. Se as energias divinas não apresentam diferenças entre si, então a energia criadora não se distinguirá da presciência. Desde o momento em que Deus começou a criar, ele começou também a conhecer por antecipação. Pois como seria ele Deus se não conhecesse tudo antes dos séculos?

102. Se a energia criadora de Deus em nada difere da presciência divina, as criaturas andarão de par com a presciência de Deus. Elas terão sido criadas fora de todo começo, como ele próprio criou antes de qualquer começo. Pois ele conhecia tudo antes do começo: o que é conhecido previamente é conhecido antes do começo. Como seria ele Deus se suas criaturas não viessem depois dele?

103. Se a energia criativa não se diferenciar em nada da presciência de Deus, criar não dependerá da vontade, uma vez que tampouco da presciência dependerá dela. Pois não será Deus a criar por sua vontade, mas apenas a natureza. E como seria ele Deus se não pudesse criar somente com sua vontade?

104. De um lado, Deus permanece em si mesmo. Assim, as três hipóstases divinas estão conjuntamente na união eterna e envolvem umas às outras numa pericorese sem confusão. Por outro lado, Deus está no universo, e o universo está em Deus. Deus, porque o contém; e o universo, porque nele está contido. Assim, o universo participa da energia englobante, mas não da essência de Deus. E os teólogos dizem que, se Deus está em toda parte, é devido à sua energia.

105. Os que agradaram a Deus e que alcançaram aquilo pelo que foram criados – ou seja, a deificação – dizem que Deus nos fez para que possamos comungar com sua própria Divindade[367]. Tais homens estão em Deus, porque foram deificados por ele, e Deus está neles, pois foi ele quem os deificou. A partir daí, eles também participam da energia divina, mesmo que de outra maneira, mas não da essência de Deus. É por isso que os teólogos dizem que a divindade é o nome da energia divina.

106. A natureza mais alta do que o ser, mais do que viva, mais do que divina e mais do que boa, se ela for mais do que boa, mais do que divina e tudo o mais, não poderá nem ser nomeada, nem concebida, nem contemplada de modo algum, uma vez que, separada de tudo, ela é mais do que desconhecida, levada por uma potência inalcançável acima das inteligências mais do que celestes, e, para todos, totalmente incompreensível e completamente indizível para sempre. Pois não existe nome que a possa denominar neste século presente ou no século futuro[368]. Não existe palavra que a possa suscitar na alma ou proferi-la pela língua. Não há contato ou participação, sensível ou intelectual, nem imaginação qualquer que a

---

[367] Cf. II *Pedro* 1: 4.
[368] Cf. *Efésios* 1: 21.

possa captar. É por isso que os teólogos acrescentam a ela a mais total incompreensibilidade expressa pelas apofases[369], porque ela apaga com sua transcendência tudo o que existe e tudo o que pode ser nomeado. Portanto, não é permitido a quem nomeia propriamente falando, chamar de essência ou natureza a esta natureza mais alta do que o ser, desde que ele reconheça a verdade que está acima de toda verdade. Porque está é, de resto, a origem de tudo, tudo gira ao redor dela, tudo existe por ela, ela existe antes de todas as coisas, ela preparou todas as coisas em si mesma simplesmente e sem limites, e é apenas abusivamente, mas não propriamente, que ela pode ser nomeada a partir de tudo. Devemos antão chamá-la essência e natureza e propriamente processão e energia de Deus criadoras dos seres. Pois esta é a real denominação do ser em si, conforme disse também o grande Denis[370].

107. Podemos encontrar a denominação de natureza igualmente aposta aos atributos naturais, tanto para os seres criados quanto para Deus, como disse Gregório o Teólogo em seus escritos: "A natureza de meu mestre consiste em oferecer a felicidade". Pois dar não consiste na natureza de qualquer um, mas é um atributo natural do benfeitor. É como com o fogo: podemos dizer do fogo que sua natureza consiste em subir e em levar a luz aos que veem. Mas para o fogo sua natureza não está no movimento, nem na criação, mas na origem do movimento. Também denominamos natureza às coisas naturais, como o próprio Denis afirma ao escrever: "A natureza consiste em conduzir ao bem e em salvar". Isto equivale a dizer que a salvação está naturalmente ligada ao bem. Assim, quando ouvimos ao Padres dizer que a essência de Deus não pode ser participada, devemos considerar que ela não pode nem se dividir, nem se manifestar. E quando ouvimos dizer que ela é participável, devemos considerar que se trata da processão, da manifestação e da energia, que estão naturalmente ligadas a Deus. Amando a ambas – a essência e a energia – estaremos de acordo com os Padres.

108. Uma parte da essência – ainda que a mais ínfima – contém em si todas as potências desta. Como a chama, ela é luminosa e ilumina: esta distingue e queima os que dela se aproximam, e, por sua própria natureza, se move sozinha e se eleva ao alto: numa palavra, a chama é tudo o que o fogo é, e não uma parte. Da mesma forma, a gota traz em si todas as propriedades da água da qual é feita. E o lingote contém todas as propriedades do metal de que é feito. Portanto, se participamos da essência não-manifestada de Deus, seja da essência como um todo ou de parte dela, sermos todo-poderosos. Cada ser será, portanto, todo-poderoso: e isto nem todos juntos podemos ser, ainda que afirmemos abarcar toda a criação. É o que Paulo demonstra sobejamente: ele atesta que a totalidade dos carismas do Espírito não se liga a cada um que obtém um desses carismas deificantes: "Mas a um, diz ele, foi dada uma palavra de sabedoria, a outro uma palavra de conhecimento, a um terceiro outro carisma, segundo o mesmo Espírito[371]". Nosso Pai Crisóstomo, denunciando com antecedência e clareza o erro dos adversários[372], afirmou que "não recebemos todos os carismas para que não creiamos que a graça é uma natureza". Mas ninguém dotado de inteligência pensará que a graça da natureza divina, tal como a distinguimos aqui, seja criada. Não há o menor perigo que isto aconteça: é impensável que a criatura seja a natureza de Deus. Ora, se a graça do Espírito é

[369] Aproximação de Deus que procede por negação.
[370] *Nomes divinos* V, 1.
[371] I *Coríntios* 12: 8.
[372] Barlaam e Acindino.

diferente da natureza divina, ela não pode ser separada dela, mas antes conduz à união com o Espírito de Deus aqueles que se tornaram dignos disto.

109. A essência possui tantas hipóstases quantas pessoas que dela participam. Pois quanto mais lâmpadas forem acesas a partir de uma primeira, mais hipóstases do fogo serão suscitadas nelas. Decorre daí, portanto, que, se a essência de Deus é participável, como sustentam os adversários – e todos eles dizem a mesma coisa – esta essência não possui apenas três hipóstases, mas miríades delas. Quem, dentre os que se nutriram dos dogmas divinos, não reconhecerá aí a opinião dos Messalianos, a saber, que aqueles que chegam ao extremo daquilo a que eles chamam virtudes participam da essência de Deus? Nossos adversários[373], que se vangloriam de ir ainda além nesta blasfêmia, dizem, por um motivo totalmente insensato, que não apenas aqueles que se distinguiram dos homens pela virtude, mas absolutamente todos os homens, participam da essência divina: esta estaria presente em toda parte. Gregório, o grande teólogo, derrubando as opiniões aberrantes de uns e outros, disse: "Aquele que foi ungido – Cristo – o foi por intermédio da divindade. Pois esta é a unção da humanidade. Ora, não foi por sua energia que ela santificou a Cristo, como no caso dos demais ungidos, mas pela presença Daquele que ungiu, inteiramente[374]". Os Padres, que tinham a sabedoria dada por Deus, mostraram também, de comum acordo, que a divindade habita naqueles que se purificaram, mas não como se eles a possuíssem por natureza. Portanto, não é nem segundo a essência, nem segundo uma hipóstase que participamos de Deus. Pois nem uma nem outra se divide em absoluto, nem se transmite a ninguém de modo algum. É por isso que, neste sentido, Deus é absolutamente inacessível, mesmo que, por outro lado, esteja presente em toda parte. Mas a energia e a potência que são comuns às três hipóstases da natureza divina são partilhadas de maneira diferente e apropriada dentre aqueles que participam: é por isso que elas são acessíveis aos que receberam a graça. Pois o Espírito Santo, como disse o grande Basílio, "não é participado numa só medida pelos que são dignos dele, mas ele distribui a energia na proporção da fé. Simples por essência, ela é múltipla em suas potências[375]".

110. Aquilo do qual se diz participar de alguma coisa deve ter em si uma parte daquilo de que participa. Com efeito, se participarmos, não de uma parte, mas da totalidade de uma coisa, podemos dizer que a possuímos, mas não que participamos dela. Aquilo que é participado é, portanto, sempre parcial, pois necessariamente aquilo que participa só pode fazê-lo em parte. Ora, a essência de Deus é absolutamente indivisível: portanto, ela é igualmente imparticipável. A distribuição é apanágio da energia divina, como o declara nosso Pai Crisóstomo em numerosas passagens de seus discursos. Assim, é ela que é dada em partilha aos que se tornaram dignos da graça teúrgicas. Ouça sua língua de ouro ensinar claramente estas duas coisas: "É a energia, não a essência, que é indivisivelmente dividida e participada; não a essência, que é imparticipável, e da qual procede a divina energia". E, citando de início estas palavras da Escritura: "Nós todos recebemos de sua plenitude[376]", ele acrescenta: "Com efeito, se dividimos e deixamos de dividir o fogo, cuja divisão consiste numa essência e num corpo, quanto mais dividiremos e

[373] Discípulos de Acindino.
[374] Gregório de Nazianze, *Discurso* XXX, 21.

[375] *Tratado do Espírito Santo*, *op. cit*., pgs. 324-326.
[376] *João* 1: 16.

deixaremos de dividir a energia, esta energia saída de uma essência incorpórea[377]".

111. E ainda: "Participar de algo em sua essência implica a necessidade comum de possuir em si a essência do participado e de ser de algum modo a mesma essência. Mas quem jamais ouviu dizer que a essência de Deus e a nossa sejam a mesma?". E isto, pela boca do grande Basílio: "As energias de Deus descem até nós, mas sua essência permanece inacessível[378]". Também o divino Máximo disse: "Tudo o que Deus é, sê-lo-á aquele que foi deificado pela graça, com a exceção da identidade segundo a essência". Portanto, mesmo os que foram deificados pela graça divina não podem tomar parte na essência de Deus. Mas a eles é possível participar da energia divina. "Pois é a ela diz Gregório o Teólogo, que me leva o modesto brilho de verdade que me foi dado aqui em baixo: ver e experimentar o esplendor de Deus[379]". E: "O esplendor de nosso Deus está sobre nós[380]", disse o profeta salmista. E Máximo, glorioso entre todos, escreveu precisamente: "A energia de Deus e a dos santos são a mesma energia". E: "Os santos são ícones vivos de Cristo, um só ser com ele, mas mais pela graça do que por assimilação".

112. Deus é idêntico a si mesmo, uma vez que as três hipóstases divinas estão umas nas outras e se envolvem mutuamente de uma forma total, eterna e inseparável, mas também sem mistura e sem confusão, pois sua energia é uma, coisa que não se pode encontrar em nenhuma criatura. A energia, com efeito, é semelhante em seres da mesma raça, mas é própria a cada pessoa quando esta age por si mesma. Ora, não é o que acontece com estas três hipóstases divinas e adoradas. Pois aí existe em verdade uma só e mesma energia. Suscitada pela causa primeira que é o Pai, desdobrando-se no Filho e se manifestando no Espírito Santo, o movimento da vontade divina é um. Isto é evidente se observarmos os efeitos. Pois aqui toda energia natural é conhecida. Não é um casulo semelhante, mas outro casulo que produz outra borboleta, outra página escrita por outro escritor, mesmo que o casulo e a página sejam constituídos pelos mesmos elementos. Assim é com o Pai, o Filho e o Espírito Santo: cada hipóstase provoca um efeito que lhe é próprio. Mas tudo o que é criado pelos três constitui uma só e mesma obra. É a partir desta criação que os Padres nos fazem compreender que a energia divina é uma só e mesma energia nas três pessoas, que ela não é particular a nenhuma delas, e que ela é semelhante em todas.

113. Uma vez que o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão uns contidos nos outros sem confusão nem mistura, sabemos que seu movimento e sua energia são estritamente únicos: a vida ou a potência que o Pai contém em si não é outra que a do Filho, na medida em que o Filho contém em si a mesma vida e a mesma potência. E o mesmo acontece com o Filho em relação ao Espírito Santo. Mas os que pensam que não existe diferença alguma entre a essência de Deus e a energia divina – por que nossa vida não é outra coisa que o próprio Deus, por que ele não existe em função de outra coisa, mas existe por si mesmo uma vida anterior aos séculos – estes são ímpios e ignorantes. São ignorantes, por que não aprenderam que a Trindade suprema não é outra senão o próprio Deus, e que nada impede de distinguir a Unidade na Trindade. E são ímpios, por que destroem uma contra a outra a essência e a energia. Pois existir em função de outro não constitui uma essência, e ser por si mesmo

[377] *Homilia* 14: 1.
[378] São Basílio, *Carta* CCXXXIV, 1.
[379] *Discurso* XXXVIII, 2.
[380] *Salmo* 89 (90): 17.

não é a mesma coisa que existir em função de algo outro. Assim, se a essência e a energia em nada diferem uma da outra, elas destroem uma à outra. Ou melhor, elas excluem do número dos que veneram a Deus aqueles que dizem que elas não diferem em nada.

114. Mas nós, nós confessamos que nossa vida segundo a causa e a energia é o Filho de Deus. E dizemos que é ele mesmo a vida em si, e que ele traz ambas – a vida em si e a nossa vida – no incriado, de modo irredutível e absoluto. O mesmo acontece com o Pai e o Espírito Santo. Esta vida nossa, que nos vivifica como causa dos vivos, não é outra coisa que o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É segundo a causa que nosso Deus em três Pessoas é chamado de nossa vida. Ora, se a vida divina, tal como a teologia a considera, não existe nem segundo a causa nem em função de algo outro, mas existe absolutamente e em si mesma, ela não é outra coisa senão o Pai, nem outra coisa que o Filho e o Espírito Santo. Isto não se opõe aos que pensam que Deus é incriado não apenas em sua essência e suas hipóstases, mas também na energia divina comum aos três. Pois nós afirmamos teologicamente que existe um único Deus em três hipóstases, e que, portanto, uma é a essência, uma a potência, uma a energia e tudo o mais que possa haver ao redor da essência: é o que a Escritura chama de coesão e plenitude da Divindade[381], que a teologia considera como as mesmas para cada uma das três santas hipóstases.

115. Os que recusam esta energia divina dizendo ora que ela é criada, ora que ela não difere em nada da essência de Deus, inauguram uma nova impiedade, ensinando que existe apenas uma única energia incriada, o Filho único do Pai. Pretendendo impor esta opinião, eles acusam as ideias de são Cirilo, a saber: "A vida que o Pai contém em si não é outra coisa que a do Filho, e a vida que está no Filho não é outra que a do Pai, conforme é verdade o que foi dito: 'Eu estou no Pai, e o Pai está em mim'[382]". Na medida em que isto nos for possível, mostraremos agora o que quis dizer o Santo com estas palavras, e denunciaremos a impiedade daqueles que nos contradizem a partir de suas confusas trevas. Aos que afirmam falsamente que o Filho não apenas não é semelhante ao Pai, mas que veio depois do Pai – uma vez que não é pela natureza que ele vive e tem a vida – mas que a vida lhe foi dada por participação e adjunção, e que a recebeu do Pai, conforme está escrito: "Assim como o Pai tem a vida em si, ele concedeu ao Filho que tivesse a vida em si[383]", a estes, que compreendem de forma ímpia esta passagem do Evangelho, o divino Cirilo replica: "Deus é chamado de vida segundo a energia, na medida em que ele vivifica os vivos. Pois ele próprio é a vida dos que vivem segundo a natureza, uma vez que ele é o Criador da natureza. Mas ele também é a vida dos que vivem divinamente, por que é ele quem dispensa a graça. Mas ele próprio é também chamado de vida em si, não em vista de outra coisa, mas de modo livre e absoluto[384]". Demonstrando que o Filho em nada difere do Pai segundo cada uma destas duas vidas, e que o Filho recebeu do Pai, o divino Cirilo mostra que o Filho não vem depois do Pai, nem é segundo no tempo, e diz, entre outras coisas: "Ele não possui o ser por receber algo, mas ele recebe algo por que ele é[385]". Concluindo, ele acrescenta: "Receber algo do Pai não obriga o Filho e a ser em realidade segundo no tempo". Aqui ele admite que a vida que o Pai

[381] Cf. *Colossenses* 2: 9.

[382] *Thesaurus de Trinitate*, PG 75, 244, citando *João* 14: 11.
[383] *João* 5: 26.
[384] *Thesaurus de Trinitate*, PG 75, 236-237.
[385] *Ibid.* 233.

possui e que o Filho recebe do Pai não constitui a essência.

116. O divino Cirilo mostra ainda que se o Filho de Deus é chamado, em sua energia, vida para os vivos, uma vez que ele os vivifica e é chamado de sua vida, nisto ele em nada difere do Pai, pois sua natureza consiste em ser sua vida e em vivificá-los como o faz o Pai. Indo adiante, ele escreve: "Se o Filho não for a vida segundo a natureza, como será verdade: 'Quem crê em mim terá a vida eterna[386]', e 'Minhas ovelhas ouvem a minha voz e eu lhes dou a vida eterna[387]'?". E ele acrescenta: "Desde que ele prometeu dar a vida aos que creem nele[388], vida esta que está ligada a ele por natureza e que nele está em essência, como será possível entender aqui que o Filho não possui esta vida e que a recebe do Pai?[389]". Sejam, portanto, confundidos os insensatos que, ouvindo dizer que a vida está ligada a Deus naturalmente, afirmam que ela é sua própria essência. Pois não é sua essência que o Pai, ou o Filho, ou o Espírito Santo nos dão, a nós os fiéis. Longe de nós esta impiedade.

117. Continuando, o grande Cirilo não se opõe menos aos que professam os pensamentos do adversário[390]. Prosseguindo, ele diz: "O Filho traz em si, por natureza, provindo do Pai, tudo o que o Pai possui. Ora, a vida é um dos atributos do Pai". Assim, ao dizer "um dos atributos do Pai", ele mostra claramente que estes atributos são numerosos. E se a vida for a própria essência de Deus, para os que pensam assim, Deus terá numerosas essências. Mas afirmar que o ser e os atributos são a mesma coisa, ainda que isto fizesse algum sentido, não deixa de ser, além de uma impiedade, um excesso de ignorância. Dizer que o ser e os atributos não diferem em nada é ainda mais insensato do que dizer que a unidade e a multiplicidade são a mesma coisa. Pois é impossível e irrazoável que uma coisa possa ser ao mesmo tempo uma e plural.

118. O divino Cirilo, ao dizer que a vida é um dos atributos do Pai, deixa claro aqui que ele não chama a essência de Deus de vida. Acompanhemo-lo, quando ele diz que tais atributos de Deus são numerosos. Aprofundando a questão, são Cirilo afirma: "Foi dito que o Pai possui como atributos numerosas qualidades. Mas o Filho tampouco está desprovido delas[391]". Como poderão estes numerosos atributos de Deus constituir a essência divina? Citando algumas destas qualidades que são os atributos do Pai, ele cita Paulo, que disse: "Ao Deus incorruptível, invisível, o único sábio[392]". Por aí fica demonstrado, definitivamente, que nenhum dos atributos de Deus é sua essência. Pois como a essência poderia ser incorruptível ou invisível, ou seja, atributos privativos ou negativos, tomados em conjunto ou separadamente? Com efeito, não existe essência que não esteja ligada a um ou muitos atributos reais. Quanto a estes atributos de Deus, classificados de maneira afirmativa pelos teólogos, nenhum deles representa a essência de Deus, mesmo que, por necessidade, nos sirvamos de todos estes nomes para designar esta supra-essencialidade que é absolutamente sem nome.

119. É preciso buscar ao que se ligam os atributos. Se eles não estiverem ligados a nada, tampouco serão atributos. Mas se os

[386] João 6: 47.
[387] João 10: 27-28.
[388] Cf. João 17: 2.
[389] *Thesaurus de Trinitate*, PG 75, 263 BC.
[390] Barlaam.
[391] *Ibid.* 240 A
[392] I *Timóteo* 1: 17.

atributos estiverem ligados a uma coisa e esta coisa for a essência, esta não diferirá deles, nem de cada um deles, nem deles todos. Se esta única essência possuir numerosos atributos, existirão aí numerosas essências. Aquilo que é um por essência se tornará plural em sua essência: haverá assim numerosas essências, e aquilo que possui numerosas essências é necessariamente composto. O divino Cirilo, refutando os que se deixam persuadir por estas ignorâncias ímpias, diz em seus *Tesouros*: "Se o que existe apenas por Deus é sua essência, ele, para nós, será composto de muitas essências. Pois numerosas são as coisas que existem naturalmente apenas por ele e por nenhum outro ser. As divinas Escrituras dizem dele ser ele o Rei, Senhor, incorruptível, invisível. E lhe atribuem ainda outros nomes. Se cada um destes atributos for classificado na ordem da essência, como poderá Aquele que é simples não ser também composto? Conceber tal coisa é completamente absurdo".

120. Cirilo, que possuía a sabedoria do divino, depois de ter dito em várias passagens de seus escritos que, se o Filho é a vida e se se diz que ele possui a vida segundo a energia – uma vez que ele nos vivifica – nisto ele não será distinto do Pai, por que também o Pai vivifica. São Cirilo quer mostrar com isto que se o Filho não existe em função de algo outro, é por que ele existe de modo livre e absoluto a vida e por que ele possui a vida. Assim, não é pela vida que ele é distinto do Pai. Com efeito, quando não chamamos a Deus de nossa vida por que ele nos vivifica, mas o chamamos assim livre e absolutamente, nós nomeamos sua essência a partir da energia que está ligada a ele por natureza. O mesmo acontece com a sabedoria, a bondade e todos os demais atributos. Demonstrando isto, ele diz: "Quando dizemos que o Pai tem em si a vida, é ao Filho que estamos chamando de vida. O Filho só é distinto do Pai por sua hipóstase, mas não pela vida. Por isso nenhuma composição ou dualidade é concebível nele. E quando, reciprocamente, dizemos que o Filho possui a vida em si, chamamos esta vida de Pai, concebida de modo absoluto. Pois o Pai, que não existe em função de outra coisa, mas existe livremente por si próprio, e o Filho, estão contidos um no outro. O Filho disse: 'Eu estou no Pai, e o Pai está em mim[393]'.". Estas são as palavras do divino Cirilo, ao mostrar que a vida contida no Pai, ou seja, o Filho, é de certa maneira outra coisa e não é outra coisa do que o Pai. Mas os que dizem que a vida que está nele não é absolutamente outra que ele, e que ela é a mesma em tudo, por não ser em nada diferente, estes, ao sustentar que esta vida é o Filho único do Pai, necessariamente não estão conduzidos pelos ensinamentos do divino Cirilo, mas pelos de Sabélio

121. Mas ao tentar colocar o grande Cirilo em contradição consigo mesmo, os que seguem os adversários[394] atraem sobre si a maior condenação. Pois dizer ora uma coisa, ora outra, sendo as duas coisas verdadeiras, é típico de todo teólogo que se exprime com piedade. Mas dizer por si mesmo coisas contraditórias não é típico de quem possui inteligência. Pois como é possível que aquele que afirmou que o Filho tem por natureza a vida que concede aos que nele creem, e que mostrou com isto que não apenas a essência de Deus – que ninguém recebe – mas também a energia segundo a natureza são chamadas de sua vida (esta vida que os santos vivificados por ele receberam na graça, a ponto de serem capazes de salvar por si mesmos, ou seja, de imortalizar no Espírito aqueles que antes não viviam no Espírito e de ressuscitar criaturas mortas em um de seus membros ou de corpo inteiro), como será possível que aquele que demonstrou isto correta e sabiamente poderia em

[393] *João* 14: 11.
[394] Barlaam e Acindino.

seguida, para suprimir esta energia divina, chamar de vida a essência de Deus, como afirmam tolamente os que distorcem suas palavras e o caluniam?

122. Não é apenas o Filho de Deus, mas também o Espírito Santo que é chamado pelos santos de energia e potência. Mas eles possuem exatamente as mesmas potências e as mesmas energias que o Pai, uma vez que Deus, segundo o Grande Deus, é chamado de Potência, por que a traz em si desde sempre e transcende ainda todo poder[395]. Por isso o Espírito Santo, quando é chamado de potência e energia em sua hipóstase, contém em si cada uma das hipóstases que com ele fala e escuta, conforme disse o grande Basílio: "O Espírito Santo é a potência vivificante, que em si é inerente à essência, à existência e à hipóstase[396]". Quanto às demais potências que provêm do Espírito, ele mostra que elas não existem todas em uma hipóstase. É claro que aí ele distingue as potências das criaturas. Os seres que provêm do Espírito vêm numa hipóstase, mesmo sendo criaturas, uma vez que Deus suscitou os seres criados.

123. A teologia negativa não se opõe à teologia afirmativa, nem a suprime. Ela mostra que aquilo que afirmamos a respeito de Deus é verdadeiro e é dito com piedade, mas que Deus não possui seus atributos como nós. Por exemplo: Deus, como nós, possui o conhecimento dos seres. Mas nós o temos como um conhecimento dos seres que existem e que existiram, enquanto com Deus as coisas não se passam assim, pois ele já conhecia estes seres antes mesmo de seu nascimento. Em todo caso, aquele que diz de Deus que ele não conhece os seres enquanto seres, não se opõe ao que diz que Deus conhece os seres e que os conhece como tais. Existe igualmente uma teologia afirmativa que tem a mesma faculdade da teologia negativa, como quando é dito que todo conhecimento se refere a um dado objeto, ou seja, àquilo que é conhecido. Mas o conhecimento de Deus não se refere a nenhum objeto. Isto equivale a dizer que Deus não conhece os seres enquanto seres, e que, portanto, ele não tem o conhecimento dos seres como nós o temos. Extrapolando neste sentido, podemos afirmar que Deus é o não-ser. Mas quem afirma isto para mostrar que não falam corretamente os que dizem que Deus é, não está usando a teologia negativa por extrapolação, mas por falta, como se Deus não existisse na realidade. Existe aí um excesso de impiedade, da qual sofrem, aliás, aqueles que, por meio da teologia negativa, tentam suprimir a essência e a energia incriada tais como Deus as tem. Quanto a nós, longe de suprimir uma pela outra, apreciamos as duas, confirmados que somos por uma e outra na piedade.

124. Penso que basta uma breve palavra dos Padres para derrubar totalmente as futilidades dos adversários[397] e mostrar que elas não passam de um vasto falatório. Pois está dito: "O que não tem começo, o começo e o que existe com o começo são um só Deus. Mas o começo não é separado daquilo que não tem começo pelo fato de ser o começo. Pois o começo não é a natureza de um, assim como o não começo não é a natureza do outro. O começo e o não começo envolvem a natureza, mas não são a natureza". E então? Pelo fato de o começo e o não começo não serem a natureza, mas envolverem a natureza, diremos que eles são criados? Isto seria tolice. Mas, se o começo e o não começo fossem incriados e fossem por natureza atributos de Deus, então seria Deus composto? De modo algum. Pois

[395] *Nomes divinos* I, 6.
[396] *Contra Eunomo* V.
[397] Os Barlaamitas.

os atributos não diferem da natureza divina. Ao contrário, se os atributos naturais de Deus fossem sua natureza, então o divino seria composto: é o que ensina o grande Cirilo, junto com os outros Padres. Mas você, mostre-me os escritos que o grande Basílio e seu irmão endereçara, a Eunomo, mostrando sentimentos fraternais em relação a ele. Aí você encontrará aqueles que seguem os adversários[398] e concordam com Eunomo, e você terá amplamente com que os refutar.

125. Para os Eunomistas que pensam que a essência do Pai e a do Filhos não são as mesmas, por que consideram que tudo o que é dito de Deus é dito da essência, e que sustentam que as essências são diferentes por que existe uma diferença entre engendrar e nascer, e para os que dizem que não é o mesmo Deus que tem a essência divina e a energia divina, por que acreditam que tudo o que se diz de Deus é essência, e que sustentam que existem muitos Deuses diferentes, por que existe uma diferença entre a essência e a energia divina: para uns como para outros, mostramos que tudo o que é dito a respeito de Deus não é dito segundo a essência, mas é dito de maneira relativa, ou seja, em vista daquilo que ele próprio não é. Assim, o Pai é chamado em função do Filho, pois o Filho não é o Pai. Da mesma forma, o Senhor é denominado em função da criação submetida. Pois Deus domina os que existem no tempo e no século, e os próprios séculos. Ora, dominar pertence à energia incriada de Deus, que difere da essência, por que ela é denominada em função de outra coisa que não é ela mesma.

126. Os Eunomistas afirmam que tudo o que é dito sobre Deus é essência. Assim, eles têm como doutrina que a essência consiste no não gerado. A partir daí, ao menos no que lhes concerne, como o Filho é distinto do Pai, eles o reduzem ao estado de criatura. Justificam dizendo que não pode existir dois deuses: o primeiro, não gerado, e o segundo, posterior a ele, gerado. À imitação dos Eunomistas, nossos adversários afirmam que tudo o que é dito sobre Deus é essência, a fim de reduzir, eles também, de maneira ímpia, a energia ao estado de criatura, que não é separada mas que difere da essência de Deus na medida em que procede desta, e que é participada pelas criaturas. Pois foi dito que tudo participa da providência, tal como ela emana da Divindade que é causa de tudo. E eles justificam dizendo que não é possível haver duas divindades: a essência em três pessoas, além de qualquer designação, de toda causa e de toda participação, e a energia de Deus, que provém da essência, e que é participada e nomeada. Pois eles não veem o seguinte: como Deus Pai é chamado de Pai em função de seu próprio Filho, e como ser Pai pertence à ordem do incriado, mesmo que ser Pai não significa a essência, terá Deus a energia de modo incriado, mesmo que a energia seja distinta da essência. Quando nós falamos de uma só Divindade, dizemos que tudo é Deus: a essência e a energia. São eles que dividem de maneira ímpia a Divindade única de Deus em criada e incriada.

127. O acidente é aquilo que aparece e desaparece, uma vez que mesmo no invisível encontramos acidentes. O atributo natural, na medida em que cresce ou diminui, é também de certo modo um acidente: por exemplo, o conhecimento, na alma dotada de razão. Mas não há nada disto em Deus, pois ele permanece imutável, pelo fato de que nele nada pode ser tratado como acidente. Entretanto, nem tudo o que é dito a respeito de Deus se refere à essência. Pois é possível dizer que também Deus existe em função de alguma coisa: isto indica um sentido relativo e indica relações com outra coisa,

[398] Barlaam e Acindino.

mas não essências. É o que acontece com a energia divina em Deus. Pois ela não é nem a essência nem um acidente, mesmo que os teólogos a chamem assim de certa maneira, apenas para mostrar que ela está em Deus, mas não é a essência.

128. Temos ainda o seguinte: a energia divina, mesmo se for um acidente, como se usa dizer, está contemplada em Deus e não implica composição. É o que nos ensina Gregório o Teólogo quando escreve sobre o Espírito Santo: "O Espírito Santo, diz ele, pertence ou bem ao que existe em si, ou bem àquilo que é considerado em outro. Os que são capazes de falar disto dizem que a primeira ordem é a da essência, e a segunda a do acidente. Mas se acidente existe, este é a energia de Deus. Como poderia ser outra coisa? Ou de quem? Pois, desta maneira, este acidente escapa à composição[399]". Ele diz claramente que aquilo de que está falando pertence ao que é contemplado em Deus, e que não se trata da essência, mas de um acidente a que ele dá o nome de Espírito. Não é possível que este acidente seja outra coisa do que uma energia de Deus. É o que ele mostra ao dizer: "Como poderia ser outra coisa? Ou de quem?". Estabelecendo desde logo que nada senão a energia – nem a qualidade, nem a quantidade, nem nada semelhante – pode ser considerado em Deus, ele acrescenta: "Pois, desta maneira, este acidente escapa à composição". De que modo a energia considerada em Deus escapa à composição? Por que só existe a energia mais impassível, uma vez que ele é um ato puro e não se altera em função da energia: ele não muda nem se torna outra coisa.

129. Pois o Teólogo sabe que esta energia é incriada, e ele o mostrou um pouco acima quando a opôs à criatura. "Dentre os nossos sábios, disse ele, alguns compreenderam que a energia era o Espírito, outros uma criatura, outros Deus[400]". Ele diz com isto que Deus é a própria hipóstase. Depois, mostrando que a energia se distingue da criatura, ele prova claramente que ela não é uma criatura. E um pouco adiante, ele fala que esta energia é um movimento de Deus[401]. E como um movimento de Deus não seria incriado? Damasceno o teóforo escreve em seu 59º Capítulo: "A energia é o movimento ativo e essencial da natureza. A natureza é atividade, é dela que provém a energia. O efeito é o resultado da energia. Quem age é aquele que usa a energia, ou seja, a hipóstase[402]".

130. A partir do que disse aqui o Teólogo, a saber, que se a energia é operada e não opera ela, por isso mesmo, cessará de ser operada[403], os adversários[404] logo conjecturaram e declararam que esta energia divina é criada. Pois eles ignoram que também dos incriados se diz serem operados, como o mostra o Teólogo quando escreve: "Se o Pai é o nome da energia, a consubstancialidade será o efeito desta energia". Damasceno o teóforo também afirma: "Realizando divinamente a providência universal, Cristo se assenta à direita do Pai[405]". Mas Damasceno não aplica o termo "ele repousa" ao caráter incriado da energia. Pois ao criar, Deus começa e termina, como disse Moisés: "Deus repousou de todas as obras que começara[406]". Permanecer criando, aquilo em que Deus começa e termina, tal é a energia natural e incriada de Deus.

---

[399] Gregório de Nazianze, *Discurso* XXXI, 6.

[400] *Ibid*, XXXI, 5.
[401] *Ibid.* XXXI, 6.
[402] *A fé ortodoxa*, III, 15.
[403] *Discurso* XXXI, 6.
[404] Os Acindinistas.
[405] *A fé ortodoxa* IV, 2.
[406] *Gênesis* 2: 2.

131. Em outra parte o divino Damasceno, depois de afirmar que a energia é o movimento ativo e essencial da natureza, para mostrar de que modo o Teólogo disse que esta energia era operada e cessava, acrescentou: "É preciso saber que a energia é o movimento, e que ela é operada mais do que opera, como disse Gregório o Teólogo em seu tratado sobre o Espírito Santo: se a energia existe, ela será operada e não operará, e, por isso mesmo, ela cessará de ser operada[407]". Daí fica claro que aqueles que professam as opiniões dos adversários[408] ensinando que é criado aquilo que Gregório o Teólogo chama aqui de energia, esta energia natural e essencial de Deus, a reduzem tolamente ao estado de criatura. São João Damasceno, ao declarar que ela não apenas é operada, como é opera, estabeleceu que ela é incriada, no que, de resto, ele não está em desacordo com o epônimo da teologia[409], como abundantemente já mostrei em meus tratados.

132. Os caracteres próprios das hipóstases se reportam igualmente a Deus, uns e outros de maneira relativa, e as hipóstases diferem umas das outras, mas não segundo a essência. É possível reportar Deus à criação, de maneira relativa. Pois não ele não é chamado de anterior aos séculos, anterior ao começo, grande, bom, Deus, Santíssima Trindade, da mesma maneira como ele pode ser chamado de Pai. Não é cada uma das hipóstases, mas apenas uma dentre as três, que é o Pai. É dele que vem o seguimento, e a ele que retorna. Mas diante da criação, por ser esta a obra única dos Três e por que os filhos são formados pela graça comum que os Três lhes concedem, a Trindade pode ser chamada de Pai. Dizer: "O Senhor seu Deus é um[410]" e "Nosso Pai único está nos céus[411]" equivale a dizer que a Santa Trindade é um só Senhor e nosso Deus, e em especial nosso Pai, que nos regenera por sua graça. Mas isto é dito de maneira relativa, como vimos. Só o Pai é o Pai em vista do Filho consubstancial. Ele próprio é chamado também de começo em vista da criação, como Mestre e Criador de todas as criaturas. Então, quando o Pai é assim chamado em vista da criação, também o Filho é o começo, em vista da criação, como um mestre perante seus servidores. O Pai e o Filho com o Espírito são, portanto, em vista da criação, um único Mestre, um só Criador, um só Deus e Pai, previdente, vigilante e tudo o que segue Mas nenhum destes atributos é essência. Pois nenhum estaria em relação com outro qualquer, se fosse sua essência.

133. As adoções, os estados, os lugares, os tempos e tudo o que lhes é assemelhado não são chamados de Deus no sentido próprio, mas de forma metafórica. Criar e operar não podem em verdade ser ditos senão de Deus apenas. Pois somente Deus cria. Ele próprio não se torna nem está submetido a nada, na medida em que pertence apenas à sua própria essência. Somente ele cria continuamente todas as coisas. Só ele criou do nada, pois a energia nele é todo-poderosa. É segundo esta energia, em vista da criação, e de maneira relativa, que se diz que ele tem o poder. Ele próprio, com efeito, não pode estar submetido a nada em sua natureza. Mas ele pode aumentar as criaturas, se quiser. Pois estar submetido à força, ter e receber qualquer coisa em sua essência é próprio da fraqueza. Mas criar com poder, ter e aumentar as criaturas ao bel prazer é próprio de uma força divina e todo-poderosa.

---

[407] *A fé ortodoxa* III, 15; Gregório de Nazianze, *Discurso* XXXI, 6.
[408] Barlaam e Acindino.
[409] Gregório o Teólogo (Gregório de Nazianze).
[410] *Deuteronômio* 6: 4.
[411] *Mateus* 6: 9; 23: 9.

134. Para além daquilo que pode ser recapitulado em dez caracteres, ou seja, a essência, a quantidade, a qualidade, a relação, o lugar, o tempo, o fazer, o sofrer, o ter, o estado e os caracteres subsequentes considerados na essência, Deus é uma essência supra-essencial, na qual, consideradas isoladamente, a relação e a criação não operam nenhuma composição nem nenhuma alteração. Pois Deus criou todas as coisas e ele próprio não sofreu [mudança] em sua essência. Diante da criação, ele é Criador, Começo e Mestre, uma vez que ela própria começou e ela própria foi extraída. Mas ele é também nosso Pai, que nos regenera por meio da graça. E ele é igualmente Pai para o Filho, que também não começou no tempo. E o Filho existe para o Pai. E o Espírito é a processão do Pai, eterno com o Pai e o Filho, e todos pertencem a uma só e mesma essência. Quanto aos que dizem que Deus não é senão uma essência na qual nada existe a considerar, estes não se dão conta nem que Deus cria e opera, nem que ele tem em si a relação. Mas se o Deus no qual pensam não possui estes atributos, ele não será nem ativo, nem demiurgo, e não terá em si a energia. Tampouco será o começo e o Criador, nem Mestre, nem nosso Pai segundo a graça. Pois como poderia ele ser estes atributos se não tiver a relação e a criação consideradas em sua própria essência? Mesmo as três Pessoas da Trindade serão apagadas e a relação não será considerada na essência de Deus. Ora, o que não existir em três Pessoas não será nem Mestre do universo, nem Deus. Portanto, serão ateus os que pensam assim, ao modo dos adversários.

135. Deus possui também aquilo que não tem essência. Não que aquilo que não tem essência seja um acidente. Pois o que não apenas não passa, como também não recebe nem opera nenhuma espécie de crescimento ou diminuição, não pode de nenhum modo ser contado como acidente. Mas, como esta energia não é nem acidente nem essência, ela tampouco pertence ao nada, mas existe, e existe em verdade. Ela não é acidente, por que é imutável. Mas também não é essência, por que não pertence ao que existe por si mesmo. Por isso ela é de certo modo um acidente para os teólogos que a chamam assim, e que pretendem demonstrar que ela não é uma essência. O que acontece? Toda realidade e toda hipóstase, se não são em Deus nem essência nem acidente, pertencerão assim ao nada? Longe disto. Pois da mesma forma a divina energia de Deus não é nem essência, nem acidente, e tampouco pertence ao nada. E, para falarmos de acordo com todos os teólogos, de Deus criou por sua vontade, ele não criou simplesmente por natureza: donde uma coisa é a vontade, e outra a natureza. Se assim é, a vontade divina é diferente da natureza divina. E então? Por ser a vontade de Deus distinta da natureza e por não ser essência, ela não poderá existir? Absolutamente. Mas ela existe, ela pertence a Deus, que não apenas possui a essência, como também a vontade, por meio da qual ele cria. Mesmo que a chamemos de um tipo de acidente, por não ser ela uma essência, ela não será um acidente, na medida em que não opera nenhuma composição, nenhuma alteração. Assim é que Deus possui em si algo que é essência e algo que não é essência e que não podemos chamar de acidente: ou seja, a vontade divina e a divina energia.

136. Se a essência não possuir uma energia distinta dela, estará totalmente desprovida de hipóstase e não será senão um ofuscamento do espírito. Pois o homem abstrato, aquele a quem chamamos de homem em geral, não pensa, não reflete, não vê, não sente, não fala, não escuta, não caminha, não respira, não come, numa palavra, não possui em si energia diferente da essência e que mostre que ele está numa hipóstase. É por isso que o homem em geral é totalmente desprovido de hipóstase. Mas do homem que tem em si a energia

distinta da essência, seja uma ou muitas, ou todas as de que falamos, dele podemos dizer que ele está numa hipóstase, que este homem não é desprovido de hipóstase. E que estas energias possam se revelar não uma, ou duas, ou três, mas muitas vezes, mostra que este homem é feito de miríades de hipóstases.

137. Para aquilo que recebemos por intermédio de sua graça, ou seja, a piedade de sua Igreja, Deus tem uma energia inata que o revela por si mesma e que difere nisto de sua essência. Pois ele conhece previamente as criaturas mais baixas, ele as socorre em suas necessidades, ele as cria, as guarda, as dirige e as transforma segundo sua própria vontade: ele mostra que está numa hipóstase, que não é apenas uma essência desprovida de hipóstase. Graças a todas essas energias, Deus se revela a nós existindo não numa única, mas em três hipóstases. Ora, os adversários[412], que afirmam que Deus não possui uma energia inata, distinta de sua essência e que o revele de per si, dizem que não há Deus em uma hipóstase, e fazem do Senhor em três hipóstases um Deus desprovido delas. Eles ultrapassam em erro ao líbio Sabélio, na mesma medida em que a ausência de piedade ultrapassa em malícia a má piedade.

138. A energia das três hipóstases divinas não é uma por ser a mesma, como em nós, mas também é uma numericamente. Isto os que professam as opiniões dos adversários[413] não podem dizer, pois eles afirmam que a energia incriada das três não é comum. E dizem que suas respectivas hipóstases são energias, uma vez que, segundo eles, a energia divina não é comum. Eles recusam dizer que haja uma única energia dos três. Apagando desta maneira umas pelas outras, eles tornam o Deus em três Pessoas desprovido de hipóstases.

139. Os que têm a alma enferma pelo erro da falsa opinião[414], e que dizem que a energia diferente da essência divina é criada, professam que o próprio ato criador de Deus é criado. É o mesmo que dizer que seu poder criador é criado. Pois não é possível operar e criar sem energia, assim como é impossível existir sem existência. Assim, da mesma forma que não é possível a quem diz que a existência de Deus é criada pensar que o próprio Deus é de maneira incriada, também é impossível a quem diz que a energia de Deus é criada pensar que Deus opera e cria de maneira incriada.

140. As criaturas de Deus não são a energia de Deus, e os que pensam com piedade jamais dizem isto, como o fazem os falastrões dos adversários[415] – longe de nós esta impiedade! As criaturas são os efeitos da energia divina. Pois, se as criaturas forem energias, ou bem elas serão incriadas (ó tolice!), por que terão existido mesmo antes de serem criadas, ou bem Deus não possuía a energia antes que existissem as criaturas (ó impiedade!). Mas Deus é ativo e todo-poderoso por toda eternidade. Portanto, não é a energia de Deus, mas os que a recebem e que são por assim dizer seus efeitos, que são as criaturas. A energia de Deus é incriada e eterna com Deus, é o que dizem os teólogos.

141. Não é a partir da essência que conhecemos a energia. Mas é a partir da energia que sabemos que a essência existe, sem, no entanto, sabermos o que ela é. É por isso que, dizem os teólogos, não é a partir da essência, mas da providência, que sabemos que Deus existe.

---

[412] Os Acindinistas.
[413] Acindino.
[414] O erro de Acindino.
[415] Os Acindinistas.

Também nisto a energia difere da essência. Pois o que conhece é a energia, e o que é conhecido por ela, aquilo que por ela sabemos que existe, é a essência. Mas os que sustentam a impiedade do erro, esforçando-se por persuadir que a energia divina em nada difere da essência divina, apagam o conhecedor e se esforçam por nos convencer a não conhecer que Deus existe, como, de qualquer modo, eles próprios não o conhecem. Ora, quem não conhece pode ser chamado de o mais ateu e insensato de todos.

142. Quando dizem que Deus possui uma energia, mas que esta em nada difere de sua essência, [os adversários] se esforçam por dissimular assim sua própria impiedade, iludindo e enganando com sofismas aqueles que os escutam. Assim é que o líbio Sabélio dizia que Deus Pai tem um Filho que não difere dele em nada. Mas assim como ele foi refutado por haver nomeado o Pai sem o Filho e haver negado que entre eles exista uma diferença de hipóstase, também os de agora, ao dizerem que a energia divina em nada difere da essência de Deus, são refutados por pensarem que Deus não contém em si nenhuma energia. Pois se a essência e a energia em nada diferem, Deus não possui em si nem a faculdade de criar, nem a de operar. Pois não é possível operar sem energia, dizem os teólogos, assim como, sempre segundo eles, não é possível existir sem existência. Que a divina energia seja distinta da essência de Deus é algo claríssimo também aqui, para os que pensam corretamente. A energia opera algo diferente daquilo que não opera. Pois Deus opera e faz as criaturas, mas ele próprio é incriado. A relação é sempre estabelecida em função do outro. O Filho é chamado de Filho em função do Pai, e ele jamais é o Pai de seu Pai. Portanto, assim como é impossível que a relação não seja em nada distinta da essência, nem que ela seja considerada na essência, nem que ela seja a essência, da mesma forma tampouco é possível que a energia não difira totalmente da essência e que seja a essência, mesmo que isto desagrade aos adversários[416].

143. O grande Basílio, falando de Deus em seus "Capítulos silogísticos" diz: "A energia não é nem aquele que opera, nem o que é operado. Assim, a energia é diferente da essência". O divino Cirilo, também falando de Deus, diz como teólogo: "A criação é própria da energia, mas a geração é própria da natureza. Natureza e energia não são a mesma coisa[417]". Damasceno o teóforo afirma: "O nascimento é obra da natureza divina, mas a criação é obra da vontade de Deus[418]". Em outra parte, ele diz claramente: "Uma coisa é a energia, outra é aquilo que opera. Com efeito, a energia é o movimento essencial da natureza, e o que opera é a natureza, da qual provém a energia[419]". Portanto, a energia difere da essência divina de muitas maneiras, segundo os Padres semelhantes a Deus.

144. A essência de Deus é totalmente sem nome, pelo fato de que é inteiramente incompreensível. Portanto, ela é designada a partir de suas próprias energias, e nenhum destes nomes se diferencia dos demais naquilo que significa. O que é significado por cada um destes nomes não é outra coisa do que esta essência oculta da qual é impossível saber o que seja. Quanto às energias, cada um de seus nomes tem um significado diferente. Que Deus cria, domina, julga, provê, nos adota por sua graça – quem não sabe que estes atributos diferem uns dos outros? Portanto, os que dizem que são criadas estas energias naturais de Deus que diferem entre si e diferem da natureza

---

[416] Acindino e seus seguidores.
[417] *Thesaurus de Trinitate*, PG 75, 312.
[418] *A fé ortodoxa*, PG 94, 813ª.
[419] *Ibid.* 1048ª.

divina, que fazem estes senão reduzir Deus ao estado de criatura? Pois o que é criado, o que é dominado, o que é julgado – numa palavra, tudo o que assim pertence ao mundo – tudo são criaturas, nunca o Criador, o Mestre e o Juiz, assim como não o são o julgar, o dominar e o criar, que vemos nele naturalmente.

145. A essência de Deus, na medida em que não tem nome, está também acima de todo nome, dizem os teólogos. Da mesma forma, sempre segundo eles, na medida em que ela é imparticipável, está acima de toda participação. Os que hoje desobedecem ao ensinamento do Espírito transmitido por nossos santos Padres e se riem de nós que estamos de acordo com estes, dizem que existem muitos Deuses, ou que o Deus único é composto, se a divina energia diferir da essência de Deus, e se, numa palavra, considerarmos qualquer coisa de outro na essência de Deus. Pois eles ignoram que não é pelo fato de operar e pela energia, mas por estar sujeito à influência e ser passivo, que se define a composição. Deus opera, mas ele próprio não é influenciado nem se transforma. Portanto, ele não será composto devido à energia. Da mesma forma, Deus contém em si a relação em vista da criação, na medida em que ele é sua Origem e seu Mestre. Mas nem por isso ele é contado entre as criaturas. Eles dizem ainda que existem diversos Deuses pelo fato de que Deus possui uma energia, se esta pertencer ao mesmo Deus, enquanto que a essência divina e a energia divina são na verdade o mesmo Deus. Fica claro que tudo isto não passa de palavrório tolo.

146. O Senhor disse aos seus discípulos que alguns dos que estavam ali não conheceriam a morte antes de ver o Reino de Deus chegar com seu poder[420]. Seis dias depois, ele tomou a Pedro, Tiago e João e subiu ao Monte Tabor. Ele brilhou como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a luz[421]. Mas os discípulos não puderam ver imediatamente, ou antes, incapazes de suportar tamanho esplendor, foram atirados à terra[422]. Porém, segundo a promessa do Salvador, eles haviam visto o Reino de Deus, esta luz divina e misteriosa que os grandes Gregório e Basílio chamaram de Divindade. De fato, o grande Basílio diz que essa luz é a beleza de Deus, contemplada apenas pelos santos no poder do Espírito divino. É por isso que ele diz também: "Pedro e o filho do trovão viram no topo da montanha sua beleza, mais luminosa que a radiação solar e assim se tornaram dignos de receber com seus olhos as premissas da parúsia[423]". O teólogo Damasceno e João da língua de ouro chamaram esta luz de irradiação natural da Divindade. Um – João Damasceno – escrevendo que o Filho nascido do Pai fora de qualquer começo possui independente de qualquer começo a irradiação natural da Divindade, e que a glória da Divindade se tornou a glória do seu corpo[424]. O outro – João Crisóstomo – ao dizer que o Senhor, sobre a montanha, apareceu mais luminoso do que ele próprio, quando a Divindade mostrou sua irradiação luminosa.

147. Esta luz divina e misteriosa – a Divindade e o Reino de Deus, a beleza e o esplendor da natureza divina, a visão e o regozijo dos santos no século infinito, a irradiação e a glória natural da Divindade – dela dizem os heréticos[425] falastrões ser um fantasma e uma criatura. E eles proclamam, caluniando, que os que não blasfemam como eles essa luz divina e que consideram que Deus é incriado em

[420] *Marcos* 9: 1.

[421] *Mateus* 17: 2.
[422] *Mateus* 17: 6.
[423] *Homilia do Salmo 44.*
[424] *Homilia da Transfiguração.*
[425] Os Acindinistas.

sua essência e em sua energia, são diteístas. Com efeito, a partir do momento em que esta luz divina é incriada, Deus é, para nós, um na Divindade única. Como já mostramos, a essência incriada e a energia incriada – ou seja, a graça divina e sua irradiação – são próprias do Deus uno.

148. Daí que os hereges insensatos que ousaram dizer no Concílio e que tentaram demonstrar que essa luz divina que irradiava do Senhor no Tabor era um fantasma e uma criatura, que foram reprovados por muitos e não se retrataram, foram submetidos à excomunhão escrita a ao anátema. Pois eles blasfemaram contra a economia de Deus na carne, disseram tolamente que a Divindade de Deus é criada, e, ao menos no que lhes concerne, reduziram ao estado de Criaturas o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Pois a Divindade dos três é uma só e mesma Divindade. E, se eles dizem que veneram a Divindade incriada, devem reconhecer que existem duas Divindades de Deus, uma criada e outra incriada. Assim, eles rivalizam com todos os antigos desviados em matéria de erro, e os superam em impiedade.

149. Por outro lado, esforçando-se para dissimular o próprio erro, eles dizem que a luz que brilha sobre o Tabor é incriada, e que ela é a essência de Deus, e, com isto, eles a blasfemam ainda mais. Pois esta luz foi vista pelos Apóstolos: então, nossos adversários pensam que a essência de Deus é visível. Que eles escutem o que foi dito: a ninguém, não apenas dentre os homens, mas também entre os anjos, foi dado ver[426] ou revelar a essência e a natureza de Deus. Pois mesmo os Serafins de seis asas, ao aproximarem este derramamento de esplendor que é a irradiação de Deus no coração do mundo, cobrem seus rostos com as asas[427]. Portanto, como a supra-essencialidade de Deus jamais foi vista por ninguém, quando os heréticos dizem que esta luz é a supra-essencialidade, eles atestam que ela é absolutamente invisível, que não foi ela que os Apóstolos eleitos viram sobre a montanha, e que não falou a verdade aquele que disse: "Vimos sua glória, nós que com ele estávamos sobre a montanha santa", e "permanecendo despertos, Pedro e os que com ele estavam viram sua glória[428]". O outro discípulo disse que João, a quem Cristo amava especialmente, viu esta Divindade do Verbo revelada sobre a montanha. Portanto, eles viram, e verdadeiramente viram o esplendor divino incriado, esta luz do Deus invisível que permanece no segredo supra-essencial, mesmo que o tentem apagar os príncipes da heresia[429] e os que pensam como eles.

150. Quando interrogamos estes hereges, que afirmam que esta luz da Divindade é a essência, e que a essência de Deus é visível, eles são obrigados a dissimular a mentira, dizendo que esta luz é a essência, uma vez que é a essência de Deus que é visível nela, e que são as criaturas que veem a essência de Deus. Novamente estes infelizes fazem da luz da transfiguração do Senhor uma criatura. O que as criaturas veem não é a essência, mas a energia criadora de Deus. É, portanto, de modo ímpio, também aí, que eles dizem, em acordo com Eunomo, que a essência de Deus é vista pelas criaturas. É assim que eles colhem da colheita da impiedade. É preciso fugir deles e de sua companhia, como da hidra de muitas cabeças que corrompe a alma, como de um flagelo que, sob tantas e variadas formas, devasta a piedade.

---

[426] Cf. *Jeremias* 23: 18.

[427] Cf. *Isaías* 6: 2.

[428] Cf. *Lucas* 9: 32.

[429] Barlaam e Acindino.

TOMO HAGIORÍTICO

Sobre os santos hesiquiastas, para aqueles que, por sua inexperiência e porque não são fiéis aos santos, rejeitam as energias místicas do Espírito. Ou melhor: discurso sobre aqueles que vivem segundo o Espírito a operação destas energias manifestadas pelas obras, mas não demonstradas pelas palavras.

A doutrina justamente ensinada pela palavra, comumente conhecida por todos e pregada abertamente constituía os mistérios da Lei de Moisés, que somente os profetas de então viram no Espírito. Mas os bens do século futuro, os bens prometidos aos santos que se tornaram dignos de ver pelo Espírito são os mistérios da vida vivida segundo o Evangelho, estes mistérios que lhes foram dados com parcimônia, parcialmente, como garantias, e que eles puderam contemplar previamente. Ora, assim como um judeu de antigamente, ouvindo sem dar graças dizerem os profetas que o Verbo e o Espírito de Deus eram um e outro eternos e anteriores aos séculos, tapava os ouvidos pensando ouvir vozes proibidas pela piedade e contrárias ao que confessavam unanimemente os religiosos, ou seja, a voz que dizia: "O Senhor é seu Deus, o Senhor é um[430]", da mesma forma hoje acontece de as pessoas não escutarem com piedade os mistérios do Espírito conhecidos apenas pelos que foram purificados pela virtude. Mas, assim como a realização das profecias demostrou uma conformidade visível com os antigos mistérios, e assim como cremos hoje no Pai, no Filho e no Espírito Santo, Divindade em três

---

[430] *Deuteronômio* 6: 4.

Pessoas, natureza única e simples, não composta, incriada, invisível, incompreensível, da mesma forma, quando século futuro se revelar em seu tempo, na indizível manifestação do Deus único em três Pessoas perfeitas, os mistérios serão manifestados em acordo com tudo o que é visível.

Mas é preciso considerar igualmente que, se as três Pessoas da Trindade foram a seguir manifestadas sem nenhum prejuízo aos confins da terra pela palavra da monarquia divina – e que, antes mesmo da realização das coisas as três Pessoas foram conhecidas dos próprios profetas e recebidas por eles que as escutaram então – da mesma maneira, hoje, também não ignoramos as palavras da confissão daquilo que é abertamente pregado e misticamente manifestado previamente no Espírito àqueles que dele se tornaram dignos. Uns foram iniciados por esta experiência – aqueles que pela vida evangélica não apenas renunciaram à posse do dinheiro, à glória dos homens e aos maus prazeres do corpo, mas ainda confirmaram esta renúncia se submetendo aos que alcançaram o canteiro de Cristo – pois, após se terem consagrado a Deus para além de todos os cuidados, ultrapassaram na hesíquia a si próprios alcançando a Deus pela prece pura e, unindo-se a ele na união mística que supera a inteligência, foram iniciados naquilo que está acima do intelecto. Outros foram iniciados pelo respeito, a confiança e o afeto que dedicaram a tais homens.

O mesmo nos acontece hoje, a nós que escutamos o grande Denis dizer na segunda epístola a Gaio: "Estamos persuadidos de que o dom deificante de Deus, a divindade, a divina origem, a boa origem, Deus que dispensa esta graça aos que dela são dignos, estas coisas estão acima desta divindade". Pois Deus não poderia se multiplicar, e assim não podemos dizer que existem duas divindades. O divino Máximo, escrevendo a respeito de Melquisedeque, declara que esta graça deificante de Deus é incriada, que ela é eternamente e que ela provém do Deus eterno[431]. Em outras passagens, ele afirma que ela é uma luz não gerada e pessoal, que se manifesta aos que dela são dignos, no momento em que estão, mas que não é suscitada neste momento. Ele chama a esta luz "luz da glória mais que inefável e pureza dos anjos[432]". O grande Macário[433], por sua vez, a chama de alimento dos incorpóreos, glória da natureza divina, beleza do século futuro, fogo divino e celeste, luz indizível do intelecto, garantia do Espírito Santo[434], azeite santificante que espalha a alegria[435].

Portanto, aquele que se alinha aos messalianos[436] e que chama de diteístas[437] àqueles que dizem que esta graça deificante de Deus é incriada, não gerada e pessoal, saiba ele que está se opondo aos santos de Deus e que priva a si mesmo da participação entre os que serão salvos, caso não se arrependa, e que se afasta do Deus uno, que é, por natureza, o único Deus dos santos. Mas aquele que crê, que está convencido, que fala com os santos, que busca desculpas para seus pecados, que em sua ignorância não rejeita o que é dito abertamente nem ignora que aí existe um caminho de mistério, que ele não considere indigno buscar e aprender junto àqueles que sabem. Pois ele verá que nada está em desacordo com as palavras e os atos de Deus, e isto nas coisas mais necessárias, sem as quais

---

431 *Ambigua*, PG 91,1141 B.
432 *Ad Thalassium*, 16.
433 Ver p. ex. *Paráfrase de Simeão Metafraste*, cap. 62, 65, 70, 73, 74...
434 Cf. II *Coríntios* 1: 22.
435 Cf. *Salmo* 44 (45): 8.
436 Messalianos ou euquitas eram membros de uma seita herética que considerava que este mundo teria sido criado por Satanás, sendo, portanto, mau.
437 Diteísmo: religião dualista que admite dois princípios, um bom e um mau.

nada poderia se manter, nem mesmo o mistério divino.

Quem declara haver alcançado a união perfeita com Deus apenas pela imitação e a disposição natural, sem a graça deificante do Espírito, como os que vivem esta mesma união e amam uns aos outros, e que afirma que a graça deificante de Deus é um estado da natureza dotada de razão, suscitada apenas pela imitação, e não uma iluminação sobrenatural e misteriosa e uma energia divina que é invisivelmente visível para os que dela são dignos, e concebida incompreensivelmente, saiba este homem que caiu sem o saber no erro dos messalianos. Pois terá sido pela natureza, necessariamente, que o deificado será Deus, se a deificação provém de uma potência natural e se encontra naturalmente compreendida dentro dos limites da natureza.

Que este homem não tente imputar seu próprio comportamento àqueles cujo hábito é firme, nem colocar seu opróbrio sobre aqueles cuja fé é irretocável, mas que deponha a arrogância e aprenda, com os que têm experiência ou com quem foi ensinado por estes, que "a graça da Divindade é completamente irredutível, na medida em que ela não encontra na natureza nenhuma potência capaz de recebê-la. Caso contrário, ela não seria mais a graça, mas a manifestação de uma energia de uma potência natural, e nada haveria de paradoxal se a deificação proviesse de uma potência capaz de recebê-la. Pois se a deificação for racionalmente uma obra da natureza, ela não poderá ser um dom de Deus. Este homem poderia ser Deus por natureza e se dizer Deus propriamente, pois a potência natural de todo ser não é outra coisa do que o movimento que mantém a natureza em sua energia. Mas como poderia a deificação fazer sair de si mesmo o deificado? Não vejo como poderia ser, se ele permanecer contido dentro dos limites da natureza[438]".

A graça da deificação ultrapassa assim a natureza, a virtude e o conhecimento. Estão lhe são, conforme são Máximo[439], infinitamente inferiores. Pois toda virtude, como a imitação de Deus de que somos capazes, torna aquele que a adquire apto para a união divina. Mas é a graça que realiza a união misteriosa em si. De fato, é por meio dela que "Deus por inteiro envolve inteiramente aqueles que são dignos disto, e é por meio dela que os santos, também inteiros, envolvem inteiramente a Deus inteiro: eles recebem a Deus inteiro em troca de si próprios e, como recompensa por sua elevação a Deus eles obtêm apenas a Deus[440]", o próprio Deus: a direção da alma que se liga ao corpo como se fossem seus próprios membros, e que os torna dignos de estar nele.

Quem diz serem messalianos os que veem no coração ou no cérebro a sede do intelecto, saiba está agredindo erroneamente os santos. Pois o grande Atanásio diz que a razão da alma está no cérebro[441]. E Macário, que não é menor, afirma que a energia do intelecto está no coração[442]. Quase todos os santos estão de acordo com eles. Com efeito, quando o divino Gregório de Nissa diz que o intelecto, por ser incorpóreo, não está nem o interior nem no exterior do corpo[443], ele não se opõe aos santos Atanásio e Macário. Estes afirmam que o intelecto está no interior do corpo, por estar ligado a ele. Eles dizem isto de outra maneira, e não diferem absolutamente de são Gregório.

---

438 Máximo o Confessor, *Ambigua*, PG 91, 11237 B.
439 *Centúrias sobre a teologia e a economia*, III, 75.
440 *Ambigua*, PG 91, 1308 B.
441 *Orat. Contra gentes*, PG 25, 61 AB; *Ad monachos*, 70.
442 *Homilias espirituais de são Macário*, XV, 20.
443 *A criação do homem*, PG 44, 177 BC.

Pois à afirmação de que o divino não está em parte alguma por ser incorpóreo, não se opõe a afirmação de que o Verbo de Deus esteve um dia no seio virginal e puríssimo, onde, acima da razão, ele se uniu à nossa natureza, em seu indizível amor pelo homem.

Quem diz que a luz que brilhou ao redor dos discípulos no Tabor[444] era um fantasma e um símbolo, que apareceu e desapareceu, que ela não existe por si própria e que não ultrapassa todo entendimento, mas que se trata de uma banal projeção do pensamento, está em manifesta contradição com as opiniões dos santos. Estes, com efeito, em seus cantos e seus escritos, a chamam de misteriosa, incriada, eterna, intemporal, inacessível, imensa, infinita, sem limites, invisível aos anjos e aos homens, beleza original e imutável, glória de Deus, glória de Cristo, glória do Espírito, raio da Divindade e outros nomes semelhantes. Esta dito, com efeito, que "a carne foi glorificada pela encarnação de Cristo, e que a glória da Divindade se tornou a glória do corpo. Mas no corpo manifestado a glória não aparece para aqueles que não trazem em si aquilo que mesmo para os anjos é invisível. Cristo se transfigurou, não por assumir o que ele não era, nem por se transformar no que não era, mas manifestando aos discípulos aquilo que ele é, abrindo os seus olhos e tornando videntes a eles que eram cegos. Ao mesmo tempo em que permanecia no mesmo estado no qual antes lhes aparecera, ele então se manifestou e se revelou aos discípulos. Pois ele é em si a verdadeira luz[445], a beleza da glória. Ele brilhou como o sol[446]... A imagem não é justa, mas é impossível representar corretamente o incriado na criação[447]".

Aquele que diz que somente a essência de Deus é incriada, mas não as energias eternas – por que a essência as ultrapassa a todas como o operador supera o operado – que escute são Máximo, que afirma: "Tudo o que é imortal, e a própria imortalidade, tudo o que vive, e a própria vida, tudo o que é santo, e a própria santidade, tudo o que é virtuoso, e a própria virtude, tudo o que é bom, e a própria bondade, tudo o que é, e o próprio ser, são manifestamente obras de Deus. Mas alguns começaram a ser no tempo (pois houve um tempo em que não existiam), e outros não começaram a ser no tempo: pois jamais houve um tempo em que não existiam a virtude, a bondade, a santidade e a imortalidade[448]". E também: "A bondade e tudo o que está contido na palavra bondade, em suma, toda a vida, toda imortalidade, toda simplicidade, toda imutabilidade, toda infinitude e tudo o que é considerado em sua essência ao redor de Deus, são obras de Deus e não tiveram um começo no tempo. Pois aquilo que não era não pode jamais ser mais antigo do que a virtude, nem mais antigo que os demais caracteres de que falamos, mesmo que aquilo que deles participa tenha começado com eles a ser no tempo. Com efeito, toda virtude é sem começo, dado que o tempo não é mais antigo do que ela, pois a virtude possui em si a Deus que, somente ele, gerou o ser eternamente. Mas Deus se eleva infinitamente ao infinito acima de todos os seres, participantes e participados[449]".

Aprenda este homem com isto que todas as existências saídas de

---

[444] Cf. *Mateus* 17: 5.
[445] *João* 1: 9.
[446] Cf. *Mateus* 17: 2.
[447] João Damasceno, *Hom. In Transf.* in *Joie de la Trasnfiguration d'après les Pères d'Orient*, SO 39, Bellefontaine 1985, pgs. 199-200.
[448] *Centúrias sobre a teologia e a economia*, I, 50.
[449] *Ibid.*, 48-49.

Deus não estão submetidas ao tempo. Pois entre elas existem algumas que são sem começo e que não são absolutamente apagadas pela Unidade trinitária, que somente ela é pura natureza sem começo, e pela simplicidade sobrenatural que nela reside. Do mesmo modo o intelecto, como uma imagem obscura desta indivisibilidade transcendente, através dos pensamentos que lhe são naturais, não é absolutamente composto.

Quem não aceita as disposições espirituais manifestadas diretamente no corpo pelos carismas do Espírito na alma daqueles que progridem em Deus, e chama de impassibilidade a mortificação habitual do estado passional, mas não a energia que leva normalmente para o melhor aquele que se desembaraçou totalmente do mal e se voltou para o bem, largando os maus hábitos e se enriquecendo com os bons, este, conforme ao que pensa, nega que o corpo possa levar sua vida naquilo que é eterno. Pois se um dia, por intermédio da alma, o corpo participar dos bens indizíveis, é provável que agora ele já participe, na medida do possível, da graça misteriosa e indizivelmente concedida por Deus ao intelecto purificado, e que ele se entregará por si só ao divino quando a parte passional da alma for transformada e santificada, mas não mortificada em seu estado. Uma vez que o corpo e a alma têm uma existência em comum, ela santificará então por si própria as disposições e as energias do corpo. Pois uma vez que for separado dos bens da existência pela esperança dos bens futuros, segundo são Diádoco, o intelecto, vigorosamente conduzido na ausência de cuidados, sentirá por si só o indizível odor divino. E ele transmitirá ao corpo sua própria doçura, na medida de seu progresso[450]. Tamanha alegria, que sobrevirá então na alma e no corpo, é uma reminiscência infalível da vida incorruptível.

[450] Diádoco de Foticéia, *Cem capítulos* 25.

Uma é a luz percebida naturalmente pelo intelecto, e outra a luz percebida pelos sentidos. Pois os sentidos percebem o sensível, e os objetos sensíveis têm sua qualidade de objetos sensíveis. Mas a luz do intelecto é o conhecimento que reside nos pensamentos. Assim é que a vida e o intelecto não percebem a mesma luz, na medida em que cada qual opera segundo sua própria natureza e no domínio que se refere à sua natureza. Mas quando participam da graça e da potência espiritual, os que são dignos disto veem com os sentidos e com o intelecto aquilo que ultrapassa todo sentido e todo intelecto. E eles realizam tais milagres, como somente Deus sabe, para retomar o que disse o grande Gregório o Teólogo. É isto o que aprendemos das Escrituras, e o que recebemos de nossos Padres. É o que nos permite conhecer nossa minúscula experiência. É isto que, para a plena e segura informação dos que lerão este texto, junto com nosso venerado irmão entre os hieromonges, Gregório, que escreveu sobre os santos hesiquiastas seguindo rigorosamente as tradições dos santos, nós assinamos.

- O primaz dos veneráveis mosteiros da Montanha Santa, hieromonge Isaac.
- O higoumeno da santa Láuria real, Teodosa, hieromonja.
- Assinatura do higoumeno do mosteiro de Iberes, em sua língua.
- O higoumeno do venerável mosteiro real de Vatopedi, hieromonge Joanico.
- Assinatura do higoumeno do mosteiro de Serbes, em sua língua.
- Filoteu, o menor dos hieromonges, é o que eu penso. Eu assino.
- O menor dos hieromonges e confessor do venerável mosteiro de Esfigmenou, Amfilóquio.
- O menor dos hieromonges e confessor de Vatopedi, Teodósio.
- O higoumeno do mosteiro de Koutloumousi, Teostericros.

- Gerontios Maroulis, peador, vivendo entre os anciãos da venerável Láuria, é o que eu penso. Eu assino.
- O menor dos monges, Calistos Mouzalon.
- Gerásimo, o último dos hieromonges, eu vi e li tudo o que está escrito no amor da verdade. Concordo e assino.
- Geronte Moisés, o último e menor dos monges, é o que eu penso. Eu assino.
- O menor e último dos monges, Gregórios Stravolancadites, que se intitula hesiquiasta, é o que eu concebo e penso. Eu assino.
- Geronte Isaías, da sketa de Magoula, o menor dos monges, é o que eu penso. Eu assino.
- O menor dos monges, Marcos, do Sinaíta.
- O menor dos hieromonges, Calisto da sketa de Magoula.
- Assinatura do Geronte hesiquiasta, do mosteiro dos Sírios, em sua língua.
- O menor dos monges, Sofrônio.
- O menor dos monges, Joasafe.

Humilde bispo de Hierissos e da Montanha Santa, Tiago, elevado nas tradições hagioríticas e patrísticas, eu atesto que pelos homens escolhidos que assinaram aqui, é toda a Montanha Santa que assina num mesmo acordo. Eu próprio estou de acordo, aprovo e assino. E acrescento o seguinte perante eles: quem não está de acordo com os santos, como estamos nós e como estão os Padres que vieram antes de nós, este não será por nós recebido em comunhão.

CALIXTO E INÁCIO XANTHOPOULOI

CENTÚRIA ESPIRITUAL

Calixto e Inácio Xanthopouloi

Calixto, que tinha o nome de Xanthopoulos e foi Patriarca de Alexandria, viveu no século XIV no reinado de Andronico II Paleólogo. Discípulo de Gregório o Sinaíta (cuja biografia redigiu), ele foi monge no Monte Athos, na sketa de Magoula diante do Mosteiro de Filoteu. Aí ele viveu por vinte e oito anos com seu discípulo Marcos. Ele ficou ligado por uma forte amizade com Inácio, que também tinha por nome Xanthopouloi, tornando-se como que uma só alma. Tornando-se Patriarca, e a caminho da Sérvia, onde iria trabalhar pela união e a paz da Igreja, ele passou pela Montanha Santa. Aí, Máximo o Capsocalyvita fez a seu respeito uma previsão bem humorada, dizendo: "Este ancião perdeu sua anciã". Com efeito, mal chegado à Sérvia, Calixto trocou a vida mortal pela incorruptibilidade.

Em seus capítulos sobre a prece deificante, Simeão de Tessalônica disse a seu respeito:

"Nosso Pai entre os santos Calixto, pela graça de Deus Patriarca da nova Roma, e o bem-aventurado Inácio, que, com ele viveu na oração, cujo conhecimento expuseram em cem capítulos. Filhos de Constantinopla, eles abandonaram tudo, primeiro para viver na submissão uma vida de virgindade e solidão, e depois para alcançar, por meio da ascese, o estado celeste e indivisível. Eles guardaram em especial a unidade em Cristo (esta unidade que Cristo pediu ao Pai que nos concedesse) e foram como chamas que trouxeram ao mundo a palavra de vida. Pois mais do que muitos que foram santificados, eles atingiram o grau de união e de amor em Cristo, a ponto de que jamais se manifestou neles a menor alteração de tendência ou de comportamento, nem a menor tristeza, coisa que é quase impossível aos homens. Tornando-se angélicos, eles adquiriram e mantiveram em si mesmos, como haviam pedido, a paz de Deus, que é Jesus Cristo, nossa paz, ele que de dois fez um e cuja paz ultrapassa todo conhecimento. Tendo partido em paz, eles desfrutam agora da serenidade do alto, e contemplam Jesus com toda pureza, ele a quem amaram com toda sua alma, a quem eles buscaram verdadeiramente. Eles se tornaram um com ele. Eles participam de sua dulcíssima e divina Luz, cuja garantia receberam desde aqui em baixo, purificados que estavam pela contemplação e pela ação. Como os Apóstolos, eles conheceram a divina iluminação do Tabor, de que muitos foram testemunhas. Eles viram seus rostos brilhando como o de Etiene, pelo muito de graça que se expandia não somente em seus corações, mas em toda a sua aparência. É por isso que, como o grande Moisés, eles revelaram a transfiguração (e os que o viram testemunham), e a forma de seus corpos brilhou como o sol. Tendo experimentado esta beatitude e a conhecendo por experiência, eles deram a conhecer a luz divina, a energia e a graça naturais de Deus, a sagrada oração, e tomaram os santos por testemunhas.

*

No final do século XIV, no Monte Athos, oferecidos ao sacrifício e à transfiguração, devotados a atestar a passagem última e a abertura absoluta, Calixto e Inácio, ambos com o nome de Xanthopoulos, apareciam como os modelos para estes monges – os hesiquiastas – a quem Gregório o Sinaíta e Gregório Palamas exortavam e defendiam nos fronts e nas brechas da história. Mas também para eles valiam os sinais dos tempos: aqueles que mais se aprofundaram na morte ao mundo e na interiorização do Reino eram chamados a dirigir a Igreja

no coração da Cidade, e, em 1397, no fim de sua existência, Calixto foi eleito Patriarca de Constantinopla. Ele morreu três meses depois.

Terá sido ele o autor dos textos inseridos no final da antologia sob o nome de Calixto o Patriarca e de Calixto Cataphygiotes? É o que veremos, se pudermos pensar assim, embora não o saibamos ao certo. Resta a presente centúria, concebida como uma série de conselhos, um conjunto de reflexões e um florilégio temático, que fazem dela, não apenas o mais pedagógico dos textos da antologia, mas uma antecipação da própria antologia, na medida em que convoca inúmeros testemunhos que asseguraram durante um milênio a transmissão da experiência hesiquiasta, e, em especial, os dois testemunhos fundamentais de João Clímaco e Isaac o Sírio.

Tal é bem esta centúria: uma obra prima da recapitulação e de realização, escrita em conjunto por dois monges que dispensam os frutos de sua amizade espiritual e que se cercaram eles mesmos de testemunhos para relatar as causas e os efeitos de sua própria transfiguração.

E esta é a mensagem: a prece contínua no interior do coração não pode ser relegada. Tanto no decurso como saída da liturgia do tempo, ela se incorpora aos combates da ascese e à graça da eucaristia sacramental. Enfim, por meio do arrependimento, da tristeza espiritual e das lágrimas, por meio da hesíquia, da atenção e da prece, são colocadas como nunca as primícias do ocaso histórico, a abertura mesma da porta estreita: alcançar o amor à beleza, alcançar o êxtase do amor e a irradiação da luz incriada que precede e anuncia a nova criação. Isto equivale a dizer que o conteúdo e o alcance da transmissão filocálica estão aqui inteiros neste último apelo, amplo e preciso, do caminho a seguir.

CALIXTO E INÁCIO XANTHOPOULOI

CENTÚRIA ESPIRITUAL

1. ***Do modo como conduzem, governam e regram sua vida aqueles que assumem na razão a hesíquia, e das grandes benesses que esta lhes traz. A presente obra se divide em cem capítulos. Este exórdio – primeiro capítulo – trata do dom sobrenatural e da graça que os fiéis recebem pelo Espírito Santo.***

Seria preciso, como mostram as divinas profecias, que fôssemos ensinados por Deus[451], levando, mais clara que uma chama, a nova lei inefavelmente escrita em nossos corações[452]. Seria preciso que fôssemos conduzidos pelo Espírito de bondade e de toda retidão, como filhos e herdeiros de Deus, herdeiros com Cristo[453]. Seria preciso que levássemos a vida dos anjos, jamais nos afastando d'Aquele que nos ensinou a conhecer o Senhor. Mas agora, quando, desde nossos primeiros fios de cabelo, nossa desorientação em face do melhor e nossa tendência para o pior, somados aos enganos do demônio malfeitor e à sua implacável tirania contra nós, nos conduziram de modo condenável para longe dos mandamentos salutares da obra de Deus, fomos arrastados para os abismos que

[451] Cf. *João* 6: 45, citando *Isaías* 54: 13.
[452] Cf. II *Coríntios* 3: 2-3.
[453] Cf. *Romanos* 8: 17.

destroem a alma. Enfim, o que é mais lamentável, somos insuflados a pensar e a agir contra nós mesmos. É por isso que, segundo a palavra divina, "não existe ninguém que compreenda, ninguém que busque a Deus[454]". Pois, "desviados do caminho direito, nos tornamos inúteis[455]", somos inteiramente carne[456], e, privados da graça luminosa de Deus, perdemos o impulso e o auxílio que deveríamos receber uns dos outros para nos orientarmos para o bem.

2. *Que os temas desenvolvidos nesta obra respondem à interrogação é à busca de um irmão, mas também à observância do mandamento paternal.*

Uma vez que em seu desejo de sondar as divinas Escrituras que dão a vida[457], em conformidade ao que ordenou o Senhor, e de se iniciar com toda segurança, você muitas vezes nos pediu, a nós os inúteis, uma palavra e uma regra escrita, para seu próprio bem e o de outros, como você mesmo nos disse, mesmo que não o tenhamos feito antes, possamos hoje satisfazer seu louvável desejo, esquecendo nossa habitual, por seu amor e seu benefício, admirando-o no mais alto grau por seu zelo pelo bem e seu gosto constante pelo trabalho, caro filho espiritual. Mas, acima de tudo, devemos temer o julgamento de Deus, cuja ameaça é terrível, como vimos pelo que aconteceu com aquele que escondeu o talento[458].

Por outro lado, cumprimos assim a ordem paternal que nos foi dada por nossos pais e mestres espirituais: confiar a outros que amam a Deus aquilo que eles nos ensinaram.

Que Deus, Pai do amor, o primeiro que dispensou abundantemente todos os bens de uma vez por todas, ele que em muitas ocasiões concedeu a inspiração da palavra a animais sem razão[459] para o bem dos que os ouviram, nos conceda também uma palavra oportuna e nos abra a boca[460], pois somos lentos e não sabemos falar[461]. Mas a você e a todos os que nos leem, como você mesmo disse, que ele conceda um ouvido capaz de escutar o que se segue com sabedoria e ciência, a fim de que vocês possam levar uma vida direita e firme que agrade a Deus. Pois sem ele, como está escrito, nada podemos fazer de útil[462] e de salutar, e, "se o Senhor não constrói a morada, aqueles que trabalham penam em vão". É exatamente assim.

3. *Que em todas as coisas o objetivo é o primeiro, e que o objetivo da presente obra é de ensinar o fundamento.*

Todas as coisas começam pelo objetivo. [463]O mesmo acontece com nosso objetivo que também é o seu. O nosso é o de expressar na medida do possível o que ajuda no crescimento espiritual, e o seu consiste em viver realmente aquilo que lhe é dito. É preciso antes de tudo examinar como chegaremos ao acabamento do edifício que construímos, este acabamento que vemos como se fosse num espelho. Pois, uma vez que tenhamos colocado eficazmente as

[454] *Salmo* 13 (14): 7.
[455] *Salmo* 13 (14): 3.
[456] Cf. *Gênesis* 6: 3.
[457] Cf. *João* 5: 39.
[458] Cf. *Mateus* 25: 25.
[459] Cf. *Números* 22: 28.
[460] Cf. *Efésios* 6: 19.
[461] Cf. *Êxodo* 4: 10.
[462] *João* 15: 5.
[463] *Salmo* 126 (127): 1.

primeiras fundações, mais tarde, quando chegar o tempo, ou melhor: quando tivermos recebido abundantes socorros do alto, colocaremos também um teto digno da arquitetura do Espírito.

4. *Que o começo de tudo o que se faz em Deus consiste em viver segundo os mandamentos do Salvador. E o fim consiste em retornar à graça perfeita do Espírito Santo que é a origem da vida, esta graça que desde o começo nos foi dada por meio do batismo divino.*

O começo de tudo o que se faz em Deus, para dizê-lo em poucas palavras, consiste em nos esforçarmos de todas as maneiras e com todas as nossas forças para viver segundo os mandamentos deificantes do Salvador. E o fim consiste em, por intermédio da observância destes mandamentos, retornar àquilo que, desde o começo mesmo, foi concedido do alto pelo banho sagrado do batismo: a regeneração e a nova criação perfeita da graça. Ou então, se você preferir, atrair para si um tal dom. E despojando-se do velho Adão com seus atos e suas concupiscências, revestir-se do novo e do espiritual[464] que é o Senhor Jesus Cristo, como disse o divino Paulo: "Meus filhos por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que o Cristo seja formado em vocês[465]". E: "Vocês que foram batizados em Cristo, vocês se revestiram de Cristo[466]".

5. *O que é a graça, e como podemos descobri-la. O que a perturba e o que a purifica.*

Mas o que é a graça, como podemos descobri-la, o que a perturba, o que ao contrário a torna pura, isto tudo será revelado a você por aquele cuja alma e cuja língua são mais luminosas do que todo o ouro do mundo, quando ele diz: "Refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nesta mesma imagem[467]". O que isto significa? É o que ele mostrou com maior clareza ainda ao suscitar a graça dos milagres. Entretanto, a quem possui os olhos da fé, mesmo hoje em dia não é difícil ver coisa semelhante. Pois "ao mesmo tempo em que somos batizados, a alma brilha mais do que o sol, purificada pelo Espírito. E não apenas nós vemos a glória de Deus, como recebemos dela algum esplendor. Da mesma forma, com efeito, que a prata pura brilha quando colocada sob a luz do sol – não só por sua natureza mas porque ela reflete a irradiação solar – também a alma purificada e mais luminosa que toda prata do mundo recebe um raio de glória do Espírito que dela se aproxima para cobri-la de glória[468]", desta glória que é conforme ao Espírito do Senhor[469].

Percebe você que eu lhe mostro isto da maneira mais sensível, partindo do testemunho dos apóstolos? Lembre-se de Paulo, cujas vestes operavam milagres[470]. Lembre-se de Pedro, cuja simples sombra tinha o mesmo poder[471]. Eles não poderiam fazer isto se não carregassem em si a imagem do Rei, se a luz que saía deles não fosse a luz inacessível, a tal ponto que suas vestes e suas sombras

---

[464] Cf. *Colossenses* 3: 9-10.
[465] *Gálatas* 4: 20.
[466] *Gálatas* 3: 27.
[467] II *Coríntios* 3: 18.
[468] João Crisósotomo, *Homilia sobre II Coríntios*, VII, 5.
[469] Cf. II *Coríntios* 3: 18.
[470] Cf. *Atos* 19: 12.
[471] Cf. *Atos* 5: 15.

operavam milagres. Pois as vestes do Rei aterrorizam até os ladrões.

Você também quer ver a imagem de Deus irradiar através do corpo? Foi dito: "Contemplando o rosto de Estevão, eles acreditavam ver a face de um anjo[472]". Mas isto não é nada diante da glória que irradia dentro. Pois aquilo que Moisés tinha em seu rosto[473], revestia sua alma, e muito mais. A transfiguração de Moisés foi mais sensível, mas esta era incorpórea. Assim como os corpos luminosos espalham sua luminosidade sobre aqueles que estão próximos, transmitindo-lhes sua própria claridade, o mesmo acontece com os fiéis. É por isso que aqueles que provaram desta luz se distanciam da terra e se revestem das coisas do céu; mas, ora essa!, é bom estar aqui, e é amargo gemer. Pois nós desfrutamos de uma tal nobreza, e não sabemos o que dizer, tanto se perdem as coisas rapidamente, e por tanto medo que temos do que sentimos. Esta glória misteriosa e terrível, não permanece em nós mais do que um ou dois dias. Nós a extinguimos quando entramos no inverno desta vida, recusando seus raios sob a espessura das nuvens.

Também foi dito: "Os corpos daqueles que agradaram a Deus se revestirão de tamanha glória que será impossível aos olhos da carne enxerga-los. Mas Deus fez com que nos tenham sido dados, no Antigo e Novo Testamentos sinais e traços obscuros destes corpos. Lá o rosto de Moisés irradiava tanta glória que era inacessível aos olhos dos Israelitas. Mas no Novo Testamento o rosto de Cristo brilhava muito mais[474]".

[472] *Atos* 6: 15.
[473] Cf. *Êxodo* 34: 30.
[474] João Crisóstomo, *A uma jovem viúva*, citando *Êxodo* 34: 30 e *Mateus* 17: 2.

Ouviu as palavras do Espírito? Compreendeu o poder do mistério? Sabe você por quantas dores surge em nós a nova criação espiritual, perfeita no banho sagrado do batismo, e quais são os frutos, o cumprimento, as recompensas? Depende de nós fazer crescer ou diminuir esta graça sobrenatural, depende de nós manifestá-la ou torná-la obscura, tal como o faz aquilo que nos é peculiar: a tempestade de coisas desta vida, as trevas das paixões engendradas por estas coisas. Elas nos arrastam, de fato, como o inverno ou a torrente selvagem. Elas engolem a alma e não lhe permitem respirar nem contemplar a verdadeira beleza e a verdadeira beatitude, para as quais ela foi feita: as paixões a entenebrecem, ela é sacudida e destroçada sob o ruído e a fumaça dos prazeres, que a afogam nas suas águas. Mas o contrário destas coisas, ou seja, aquilo que nasce dos mandamentos deificantes, é dado aos que caminham não segundo a carne, mas segundo o Espírito. Pois foi dito: "Caminhem conforme o Espírito, e não cedam à concupiscência da carne[475]". É aí que encontra seu bem e sua salvação aquele que, como a escada, leva consigo o cume e a extremidade dos degraus, o amor, que é Deus[476].

6. Que no santo batismo, a graça divina é concedida a nós gratuitamente. Se nós a encobrimos com as paixões, também podemos reencontrá-la em toda sua pureza cumprindo os mandamentos.

Mas então, no seio de Deus, ou seja, no banho sagrado do batismo, recebemos o dom totalmente perfeito, a graça divina. E se, na

[475] *Gálatas* 5: 16.
[476] Cf. I *João* 4: 8.

sequência, pelo mau uso dos negócios temporais, pelos cuidados das coisas da existência e pelas brumas das paixões, recobrimos esta graça contra o que seria certo, ainda nos é possível, pelo arrependimento e pelo cumprimento dos mandamentos da obra divina, reencontrar rapidamente e adquirir outra vez esta benfazeja luz sobrenatural e nela enxergar a mais límpida revelação.

Mas a graça nos é manifestada na medida da vigilância de cada qual na fé, e antes de tudo pelo socorro e a benevolência de nosso Senhor Jesus Cristo. Como diz são Marcos o Asceta: "Sendo Cristo o perfeito Deus, concedeu aos batizados a graça perfeita do Espírito Santo, à qual nada há a acrescentar[477]. Mas ela nos é revelada, nos é manifestada na medida em que trabalhamos nos mandamentos. E ela nos concede ainda a fé, até que cheguemos todos, na unidade desta, à medida da plenitude de Cristo[478]". Se nos oferecemos então, renovados pelo novo nascimento nele, tudo isto lhe pertence, vem dele, e estava todo o tempo oculto em nós.

7. *Que aquele que conduz sua vida no caminho de Deus deve assumir todos os mandamentos. Que é preciso atribuir de certa forma aos primeiros, tanto quanto aos mais gerais dos mandamentos, a maior parte da obra.*

O começo e a raiz de toda esta obra, como dissemos, consiste em levar uma vida conforme aos mandamentos salutares. O fim e o fruto consistem em retornar à graça perfeita do Espírito que nos foi dada inicialmente pelo batismo, e que está em nós. Pois foi dito que Deus não volta atrás naquilo que nos concedeu[479]. Mas a graça se encontra recoberta pelas paixões, velada para a obra dos mandamentos divinos. Por meio do cumprimento dos mandamentos na medida do possível, cabe a nós nos esforçarmos de toda maneira para liberarmos em nós a manifestação do Espírito[480] e assisti-la claramente. "Sua Lei, disse a Deus o bem-aventurado Davi, é lanterna para meus pés e luz para meus caminhos[481]". E: "O mandamento do Senhor é claro, ele ilumina os olhos". E: "Eu me engajei em todos os seus mandamentos[482]". E o Apóstolo bem-amado: "Quem guarda seus mandamentos permanece em Deus, e Deus nele[483]". E: "Seus mandamentos não são pesados[484]". E o Salvador: "Quem recebe meus mandamentos e os guarda, este me ama. Quem me ama, será amado por meu Pai. Eu o amarei e me revelarei a ele. Se alguém me ama, guardará minhas palavras, e meu Pai o amará. Nós viremos até ele, e nele faremos nossa morada", e "quem não me ama não guarda minhas palavras[485]".

É sobretudo a estes primeiros mandamentos, que são os mais gerais e como que as matrizes de todos os outros, que se deve atribuir a maior parte de nossa obra. Assim poderemos, com Deus, atingir sem falta a meta que nos propusemos, tendo um bom começo até o final da impulsão: ou seja, a manifestação do Espírito[486].

---

[477] *Resposta ao que interrogaram sobre o batismo*, 17, *in* Marcos o Monge, *Tratados espirituais*, pg. 107.
[478] *Efésios* 4: 13.
[479] *Romanos* 11: 29.
[480] Cf. I *Coríntios* 12: 7.
[481] *Salmo* 118 (119): 105.
[482] *Salmo* 18 (19): 128.
[483] I *João* 3: 24.
[484] I *João* 5: 3.
[485] *João* 14: 21-24.
[486] Cf. I *Coríntios* 12: 7.

8. ***Que o princípio de toda obra amada por Deus é a invocação com fé do nome de nosso Senhor Jesus Cristo, e que esta obra é acompanhada da paz e do amor que se elevam da oração.***

O princípio de toda obra amada por Deus é a invocação com fé do nome salvador de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois foi ele mesmo que disse: "Sem mim, vocês nada podem[487]". A obra também é a paz, pois foi dito que é preciso orar sem cólera e sem disputas[488]. Ela é amor, pois "Deus é amor", e "quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele[489]". Esta paz e este amor, não apenas fazem com que a prece seja agradável, como nascem e se elevam dela mesma. Como dois raios gêmeos de Deus, elas crescem e se completam.

9. ***Que por meio destas obras, por cada uma delas e pelas três, o conjunto de todos os bens nos é concedido abundantemente.***

É por intermédio destas obras, ao mesmo tempo por meio de cada uma delas e pelas três, que o conjunto de todos os bens nos é concedido em abundância e transborda. Pela invocação na fé do nome de nosso Senhor Jesus Cristo, esperamos com toda certeza receber a piedade e a verdadeira vida que está oculta nele[490], como de outra fonte divina eterna transbordante naquele que clama puramente em seu coração o nome do Senhor Jesus Cristo. Pela paz que ultrapassa toda inteligência e não tem limites[491], somos tornados dignos de nos reconciliarmos com Deus, e de nos reconciliarmos uns com os outros. Pelo amor, cuja glória é incomparável, pois ele é o fim e o fundamento da Lei e dos Profetas[492] – e o próprio Deus se chama amor[493] – nós nos unimos inteiramente a Deus. Então, nosso pecado é abolido pela justiça de Deus e pela adoção da graça que age paradoxalmente em nós no amor. Com efeito, foi dito que o amor cobrirá uma multitude de pecados[494]. E: "O amor perdoa tudo, atesta tudo, espera tudo, suporta tudo. O amor não passa jamais[495]".

10. ***Que nosso Senhor Jesus Cristo, no momento da paixão salvadora, deixou a seus discípulos, como um mandamento de adeus, uma herança divina. O mesmo aconteceu depois da ressurreição.***

Porque nosso Senhor Jesus Cristo é todo bondade e mansidão, quando chegou o momento de sua Paixão voluntária por nós, quando apareceu aos Apóstolos depois da Ressurreição e certamente quando retornou a seu Pai por natureza e nosso Pai pela graça – Pai verdadeiro e afetuoso – deixou a todos os seus, como mandamentos de adeus, consolações de bondade e, por assim dizer, garantias dulcíssimas e certas: a inalienável herança de Deus.

---

[487] *João* 15: 15.
[488] I *Timóteo* 2: 8.
[489] I *João* 4: 16.
[490] Cf. *Colossenses* 3: 3.
[491] Cf. *Filipenses* 4: 7 e *Isaías* 9: 7.
[492] Cf. *Mateus* 22: 40.
[493] Cf. I *João* 4: 8.
[494] I *Pedro* 4: 8.
[495] I *Coríntios* 13: 7-8.

Sabendo que se aproximava o tempo de sua Paixão salvadora, ele disse aos seus discípulos: "Aquilo que vocês pediram em meu nome, eu o farei[496]". E: "Amém, eu lhes digo, tudo o que vocês pedirem ao Pai em meu nome eu lhes darei. Até agora vocês nada pediram em meu nome. Peçam e receberão, para que sua alegria seja perfeita". E: "Neste dia vocês pedirão em meu nome[497]". E logo após a Ressurreição: "Milagres acompanharão aqueles que creram. Em meu nome eles expulsarão os demônios, eles falarão línguas novas[498]". O discípulo bem-amado acrescenta: "Jesus fez muitos outros sinais diante de seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes foram escritos, para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, vocês levem a vida em seu nome[499]". E o glorioso Paulo: "Diante do nome de Jesus todo joelho se dobrará[500]". Da mesma forma, está escrito nos Atos dos Apóstolos: "Então, cheio do Espírito, Pedro disse: Que isto seja conhecido por todos e por todo Israel. É pelo nome de Jesus Nazareno que vocês crucificaram e que Deus ressuscitou de entre os mortos, é por seu nome que este homem se apresenta curado diante de vocês[501]". E pouco depois: "Em nenhum outro senão nele está a salvação. Pois nenhum outro nome foi dado aos homens por meio do qual possamos nos salvar[502]". E o Salvador: "Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra[503]".

[496] *João* 14: 3.
[497] *João* 16: 23-26.
[498] *Marcos* 16: 17-18.
[499] *João* 20: 30-31.
[500] *Filipenses* 2: 10.
[501] *Atos* 4: 8-10.
[502] *Atos* 4: 12.
[503] *Mateus* 28: 18.

E ainda mais, quando o Senhor, o Deus Homem, disse aos Apóstolos antes da cruz: "Eu lhes deixo minha paz, eu lhes dou a minha paz[504]". E: "Eu lhes disse essas coisas para que vocês tenham paz em mim[505]". E: "Este é meu mandamento: amem uns aos outros[506]". E: "Assim todos saberão que vocês são meus discípulos, se amarem uns aos outros[507]". "Como o Pai me amou, assim também eu os amei. Permaneçam em meu amor. Se vocês guardarem meus mandamentos, vocês permanecerão em meu amor, assim como eu guardei os mandamentos de meu Pai e permaneci em seu amor[508]". E, logo após a Ressurreição, ele voltou muitas vezes, em diferentes momentos, para dar a sua paz. Ele apareceu aos seus e disse: "A paz esteja com vocês[509]". A Pedro, a quem ele havia confiado a autoridade dentre seus discípulos, ele disse três vezes, para fazê-lo entender que o cuidado com o rebanho estava relacionado ao fervente amor por ele, o Senhor Jesus Cristo: "Pedro, se você me ama mais do que os outros, apascente minhas ovelhas[510]".

Podemos dizer não sem razão que por meio destas três maravilhosas virtudes reveladas nascem em nós três outras virtudes admiráveis, que são a purificação da alma, a iluminação e a perfeição.

11. Que nestas três obras estão tecidas todas as virtudes.

[504] *João* 14: 27.
[505] *João* 16: 33.
[506] *João* 15: 12.
[507] *João* 13: 55.
[508] *João* 15: 9-11.
[509] *João* 20: 19.
[510] *João* 21: 15ss

Se quisermos examinar a coisa com exatidão e clareza, encontraremos que por intermédio desta corda de três fios e como que indestrutível[511] se desenvolve e é tecido todo o amplo manto real das virtudes criadas por Deus. A vida em Deus é, com efeito, como uma cadeia preciosa, uma corda de ouro na qual com toda pureza uma virtude depende da outra, e onde todas se reúnem num mesmo lugar. Múltiplas, elas compõem uma obra única: deificar o homem que vive com elas na pureza; e, como os nós e laços desta trama, enriquecê-lo com a invocação salvadora do nome do Senhor bem-amado Jesus Cristo, na fé, na esperança e na humildade, e ainda com a paz e o amor; esta é árvore de três troncos que Deus plantou verdadeiramente, e que dá a vida. Quem ela alimenta a seu tempo e concede naturalmente seus frutos, não colhe a morte, como a primeira criatura, mas a vida eterna que jamais perece.

12. Que o dom do Espírito Santo aos fiéis, por Deus Pai, e sua chegada, são dispensados em Jesus Cristo e em seu santo nome.

Sim, o dom do Espírito Santo aos fiéis por Deus Pai, e sua chegada, são dispensados em Jesus Cristo e em seu santo nome. Como disse aos apóstolos o Senhor Jesus Cristo mais que divino, que ama as almas: "É bom para vocês que eu me vá. Porque se eu não for, o Consolador não virá para vocês. Mas se eu for eu o enviarei a vocês[512]". E: "Quando vier o Consolador que eu enviarei do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai[513]", e também: "O Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome[514]".

13. Que é com razão que nossos santos Padres, e o Espírito Santo que neles reside, nos ordenam orar a nosso Senhor Jesus Cristo e pedir a sua piedade.

Assim, é por isso que nossos gloriosos guias e nossos mestres nos ensinam sabiamente e com o Espírito Santo que neles reside, que antes de qualquer outra boa obra e qualquer exercício, todos – e em especial os que querem engajar-se pessoalmente no estado deificante da hesíquia, se consagrarem a Deus, romper com o mundo e viver esta hesíquia segundo a razão – devem orar ao Senhor e pedir resolutamente sua piedade; e adotar como obra e meditação contínuas seu nome santíssimo e dulcíssimo, trazendo-o sempre no coração, no intelecto e nos lábios; nele e com ele respirar, viver, dormir e velar, comer, beber; e, por assim dizer, esforçar-se para tudo fazer da mesma maneira. Pois quando o Senhor está ausente, tudo vai mal. Nada recebemos daquilo de que necessitamos. Mas estando ele presente em nós, tudo o que lhe é contrário é expulso. Nenhum dos bens nos falta, mesmo aquilo que é impossível de se atingir, como o próprio Senhor nos afirma: "Quem permanece em mim, com este eu estou. Ele carrega muitos frutos. Pois sem mim vocês nada podem[515]". Portanto, esta realidade, este nome terrível que toda a criação venera, e que está acima de toda realidade e de todo nome[516], nós, os indignos, o invocamos na fé, e, desdobrando sobre ele de todos os modos os véus do presente discurso, vamos

---

[511] Cf. Eclesiástico 4: 12.
[512] *João* 16: 7.
[513] *João* 15: 26.
[514] *João* 14: 26.
[515] *João* 15: 5.
[516] Cf. *Filipenses* 2: 9.

adiante naquilo que temos a dizer.

14. Que aquele que pretende marchar sem tropeçar sobre o caminho da hesíquia no Senhor, deve antes de tudo escolher a renúncia total, a submissão perfeita.

Em nome de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo, que disse: "Eu sou a luz[517], a vida, a verdade e a via[518], a porta que abre para Deus Pai", e "e alguém passar por mim será salvo, entrará, sairá e encontrará seu pasto[519]", ou seja, a salvação, esteja atento às minhas palavras, aos conselhos que lhe damos com toda fidelidade.

Antes de tudo com total renúncia, escolha a verdadeira e perfeita submissão que pede a santa revelação. Procure, esforce-se por encontrar um guia e mestre direito. Você saberá que ele é direito porque ele submeterá tudo o que diz ao testemunho das sagradas Escrituras. Ele leva uma vida que traz o Espírito e que está de acordo com suas palavras. Seu intelecto é elevado, mas seu coração é humilde, e ele é manso em tudo o que faz. Tal é o Mestre à imagem de Cristo: ele ensina as palavras que Deus nos transmitiu. Se você o encontrar, agarre-se a ele como um filho afetuoso de corpo e espírito, permaneça por inteiro naquilo que ele lhe der, siga suas ordens como se obedecesse ao próprio Cristo, com os olhos neste e não num homem, rejeitando toda incredulidade que surgir em si, toda incerteza, todo orgulho, todo desejo da vontade. Assim, simplesmente e sem afetação, siga o mestre de perto, guardando como um espelho em vista da clara certeza a extrema e pura obediência em relação ao iniciador: sua própria consciência.

Mas, se acaso o demônio que odeia o bem semear em seu intelecto uma ou outra das coisas contrárias, afaste-se depressa, como da prostituição ou do fogo, e entre em si mesmo, responda sabiamente ao impostor que quer suborna-lo, a fim de que aquele que é levado não dirija ao que guia, mas que o que guia dirija o que é levado. Não sou eu que julgo quem comanda, mas ele que desvenda meu julgamento. Eu não sou seu juiz, ele é que é meu juiz, como diz João Clímaco[520], dentre outros. Com efeito, nada é mais verdadeiro do que esta conduta, ou seja, a obediência, desde que tenhamos resolutamente decidido abrir o manuscrito de nossas próprias faltas e nos inscrevermos no livro divino dos que são salvos. Segundo o bem-aventurado Paulo, o Filho de Deus, nosso Deus e Senhor Jesus, que tomou nossa forma por nós e sabiamente colocou em movimento a bem-aventurança paterna, abriu este caminho. Para além de toda auto-complacência humana, ele recebeu as palavras que lhe foram ditas pelo Pai. "Pois ele se rebaixou, disse Paulo, e obedeceu até a morte, e morte sobre a cruz. É por isso que ele a elevou e lhe deu um nome...[521]". Quem então teria a ousadia, para não dizer a ignorância, de pretender alcançar a glória do Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo, e receber recompensa do Pai, sem ter escolhido caminhar sobre a mesma via que nosso Guia e nosso Mestre Jesus Cristo? Se o discípulo quiser se tornar como o Mestre, deverá ter em si toda a beleza da empreita e do modelo. Assim ele permanecerá de toda alma voltado para a conduta e a arte de viver daquele que o forma, ardoroso em imitá-lo a cada dia.

---

[517] *João* 8: 12.
[518] *João* 14: 6.
[519] *João* 10: 7-9.
[520] *A escada santa* IV, 8.
[521] *Filipenses* 2: 8-9.

Está escrito que nosso Senhor Jesus Cristo era submisso ao seu pai e à sua mãe[522]. O próprio Salvador disse de si mesmo: "Eu não vim para ser servido, mas para servir[523]". Haverá alguém que queira viver de outro modo, na auto-complacência e na arbitrariedade, e sem guia? Julgará este homem caminhar segundo a razão na vida divina? Isto não é possível, porque ele ultrapassou os limites. É João Clímaco quem diz: "Assim como alguém que caminha sem guia erra facilmente de caminho, também aquele que pretende caminhar sobre a via única com toda independência se prede facilmente, ainda que conheça toda a sabedoria do mundo[524]". É por isso que a maior parte – para não dizer todos – dos que pretendem caminhar sem receber conselhos semeia entre penas e suores, e no mais das vezes estes não fazem senão sonhar. Na verdade, eles colhem muito pouco. Alguns chegam a colher ervas daninhas ao invés do trigo. Eles seguem seu espírito de independência, comprazem-se consigo mesmos. Ora, nada é pior. João Clímaco o atesta, dizendo: "Vocês que tentaram se despojar entrando no estágio da confissão intelectual, vocês que querem trazer ao pescoço o jugo de Cristo, que tentam colocar sua própria carga sobre as costas dos outros, que se apressam em escrever o prêmio de suas aquisições, e que pretendem que, quanto a esta recompensa, são livres, vocês que, sustentados e nadando pelas mãos de outros, atravessam o grande oceano, saibam que escolheram avançar sobre um caminho duro que não leva longe e que traz consigo uma só e única ilusão, que se chama independência[525]". Aquele que renunciou de uma vez por todas a esta, em tudo o que pode ser considerado bom, espiritual e agradável a Deus, chega antes de começar a andar. Pois a obediência é a recusa em acreditar, até o fim da vida, que trazemos em nós mesmos, por nós mesmos, qualquer bem.

É por isso que, aprendendo você essas coisas com toda inteligência, dedicando-se a viver a boa parte[526], a parte indefectível, a da hesíquia que se eleva aos céus, siga aqueles que carregaram a boa ordem, como as leis lhe revelaram. Possa você assim descobrir a hesíquia. Pois, assim como a ação é o fundamento da contemplação, também a obediência é o fundamento da hesíquia. E não queira deslocar os limites que os Padres colocaram[527], conforme está escrito: "Pobre do homem sozinho[528]". Se você começar colocando tais fundações, com o tempo você cobrirá com um teto glorioso a mansão edificada pelo Espírito. Quando o começo não é aprovado tudo é perdido. Ao contrário, quando o começo é aprovado, tudo é belo e certamente bem ordenado, mesmo que o contrário aconteça eventualmente, mas então é porque ele surge fora de nossa intenção e de nossa resolução.

15. Quais são os sinais da verdadeira submissão, de modo a que aquele que é verdadeiramente obediente e que os possui possa ser submisso sem a menor falha.

É demorado e difícil falar de tal conduta. Os que chegam a viver assim o fazem por diferentes caminhos. É preciso que você imprima

[522] *Lucas* 2: 51.
[523] *Mateus* 29: 8-9.
[524] *A escada santa* XXVI, 55.
[525] *A escada santa* IV, 5.
[526] Cf. *Lucas* 10: 42.
[527] Cf. *Provérbios* 22: 28.
[528] *Eclesiástico* 4: 10.

em si, como um selo, algumas pequenas coisas relativas a esta conduta. Se você as conservar como um modelo e uma regra infalíveis, você viverá santamente. Vamos dizer o seguinte: quem se dedica verdadeiramente à obediência, nos parece, deve conservar necessariamente as cinco virtudes. A primeira é a fé. Deve-se ter uma fé pura e sem sutilezas diante do pai espiritual, uma fé tal que se veja nele o próprio Cristo e se submeta a ele como a Cristo, como disse o Senhor Jesus: "Quem os escutar me escutará. Quem os rejeitar rejeitará a mim, e àquele que me enviou[529]". João Clímaco lembra que tudo o que não vem da fé é pecado[530]. A segunda virtude é a verdade. Deve-se ser verdadeiro em obras e palavras, e na exata confissão dos pecados. Pois foi dito: "O começo de suas palavras é a verdade[531]". E: "O Senhor exige a verdade[532]". O próprio Cristo disse: "Eu sou a verdade[533]". Nós o chamamos de "verdade em si". A terceira virtude consiste em não fazer sua própria vontade. Pois foi dito: "Quem se consagra à obediência se perde se fizer a própria vontade". É preciso diariamente dobrar esta vontade voluntariamente, ou seja, sem ser instado pelo mestre. A quarta virtude consiste em não contestar nem disputar em nada. Pois a contestação e a disputa não são próprias a quem se consagrou à piedade. São Paulo escreveu: "Se alguém pretende disputar, nós não temos este hábito, assim como as Igrejas de Deus[534]". Ora, se os cristãos têm em comum evitar essas coisas, quanto mais os monges. É a própria ordem do Senhor: é preciso se submeter estritamente. Contestar e disputar são próprios de um pensamento misturado de dúvida e orgulho, conforme foi dito: "O monge orgulhoso contesta violentamente[535]". O contrário – ou seja, não contestar nem disputar – vem da fé e da humildade. Enfim, a quinta virtude consiste no dever de manter uma confissão exata e sincera diante do pai espiritual. Pois no dia da tonsura junto ao terrível altar de Cristo nós prometemos diante de Deus e dos santos anjos termos por princípio e por fim, juntamente com a profissão e a aliança que nos ligam ao Senhor, revelarmos os segredos do coração. O divino Davi disse: "Irei ao Senhor confessar meu pecado... e você absolveu meu delito[536]". E João Clímaco: "As feridas ultrapassadas já não pioram, mas são curadas[537]".

Quem guarda sábia e ciosamente as cinco virtudes que enumeramos, saiba sem dúvidas que logo receberá como garantia a beatitude dos justos. Tudo isto está ligado à obediência memorável.

Tais são a raiz e o fundamento. Mas aprenda também quais são os ramos e os frutos, e qual é a copa. "Da obediência, acrescenta João Clímaco, nasce a humildade. Da humildade, o discernimento. Do discernimento, a clarividência. E desta, a visão profética[538]" Aí está a obra exclusiva de Deus, o dom maravilhoso e sobrenatural que ele concede aos que o servem com toda beatitude. Além de tudo o que dissemos, que isto fique claro: a humildade produzirá em você na mesma medida a estrita submissão; o discernimento, na medida da humildade; e assim por diante.

---

[529] *Lucas* 10: 16.
[530] João Clímaco, *A escada santa* IV, 7, citando *Romanos* 14: 23.
[531] *Salmo* 118 (119): 160.
[532] *Salmo* 30 (31): 24.
[533] *João* 14: 6.
[534] I *Coríntios* 11: 16.
[535] João Clímaco, *A escada santa* XXII, 6.
[536] *Salmo* 31 (32): 5.
[537] *A escada santa* IV, 12.
[538] *Ibid.* IV, 115.

Portanto, esforce-se quanto puder para percorrer sem falta o caminho da obediência: é assim que você chegará com segurança aos estágios mais elevados. Verifique se você manca ao ultrapassar os limites da submissão. Saiba que se isto acontecer você terá dificuldades para terminar o resto do percurso até a chegada, ou seja, até a vida de Cristo, e você não será coroado com o turbante concedido aos vencedores. Ao contrário, a obediência é um guia. Guarde consigo o que ela é e tudo o que dissemos, como o ponto que os marinheiros observam para manter o curso, a fim de que, mantendo sempre os olhos neste ponto, você possa atravessar o grande oceano das virtudes e alcançar a calma do porto da impassibilidade. Mesmo que a tempestade e as ondas o assaltem, é para lá que a submissão o conduzirá. Pois, dizem os Padres, o próprio diabo não é capaz de prejudicar aos que verdadeiramente obedecem.

Para mostrar um pouco a grandeza do prêmio que merece a obediência admirável, lembraremos uma palavra do santo Padre. A chama luminosa da vida de Cristo, o novo Besaleel[539] da Escada celeste, disse: "Os Padres simbolizam a salmodia como arma, a prece como muralha, e as lágrimas puras como banho. E eles consideraram que a bem-aventurada obediência é a confissão sem a qual nenhum dos que vivem presa das paixões verá o Senhor[540]". Isto basta, nos parece, para mostrar claramente e louvar a inimitável imitação da obediência três vezes bem-aventurada.

Mas ainda teremos muito que aprender pela experiência, e a discernir se olhamos para os cumes, se examinamos a causa daquilo que nos fere e nos leva à morte, quando essas coisas não são cumpridas de início, e também qual é a causa da renovação e da imortalidade. Assim é que encontraremos na origem da corrupção a autossuficiência, a independência e a desobediência do primeiro Adão, de onde nasceram a rejeição e a transgressão do mandamento divino[541], e na origem da incorruptibilidade a obediência a seu Pai do segundo Adão, nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, e sua vontade em comum, de onde nasce a observância de seu mandamento: "Pois eu não falei por mim mesmo, disse o Salvador. Foi o Pai que me enviou quem me ordenou o que eu deveria dizer e explicar. E eu sei que seu mandamento é a vida eterna. Aquilo que eu digo, o faço como meu Pai disse a mim[542]". Portanto, da mesma forma como a presunção é a raiz e a mãe de todos os que se seguiram ao ancestral, também no homem novo, no Deus Homem, Jesus Cristo, e naqueles que desejam viver como ele viveu, a origem, a fonte e o fundamento de todos os bens é a humildade. Vemos no mundo dos anjos divinos, no mundo sagrado do alto que nos domina, e também em nossa Igreja terrestre, a observância desta atitude e desta ordem.

Mas os que se inclinam para longe desta lei que nos foi dada e que querem viver de modo desviado, para não dizer impudente, sabemos e cremos que eles irão se ferir, que serão banidos para longe de Deus, para longe da parte iluminada da Igreja celeste e católica, e que serão enviados para as trevas e o fogo da Geena. É isto que sofreram os maus obreiros que cercam Lúcifer e os faladores que seguiram os heréticos mentirosos. Aqui só repetimos o que dizem as palavras da divina Escritura. Por causa de sua autossuficiência e de seu orgulho, como foi dito, eles foram lamentavelmente rejeitados da glória e das delícias divinas e da santa assembleia.

---

[539] Cf. *Êxodo* 31: 2.
[540] *Hebreus* 12: 14 e João Clímaco, *A escada santa* IV, 9.
[541] Cf. *Gênesis* 3: 6.
[542] *João* 12: 49-50.

São os contrários, disse um sábio, que nos curam dos contrários. Pois a causa de todas as tristezas é a desobediência e a presunção. E a causa de todas as alegrias é a obediência e a contrição. Quem deseja viver sem faltas deve levar uma existência submetida a um Pai experimentado, que rejeitou todo erro, que recebeu sua autoridade da experiência do tempo e da ciência das coisas de Deus, e que adornou sua vida com a beleza do círculo das virtudes. Ele deve considerar as ordens e os conselhos deste Pai como a voz e a vontade de Deus. Com efeito, foi dito que a salvação vem dos numerosos conselhos que recebemos[543], e que aquele que não recebe conselho combate a si mesmo. Um ou outros dos Padres gloriosos talvez tenha podido, sem passar por esta ascese da submissão, alcançar a hesíquia deificante e a perfeição da vida divina. Estes receberam a revelação de Deus. Mas isto é raro. Ora, como foi escrito, aquilo que é raro não é a lei da Igreja, assim como uma andorinha não faz verão. Confie a si próprio à verdadeira submissão como a uma ciência que permite penetrar em toda a beleza da hesíquia. Deixe as coisas que aconteceram uma única vez por uma particular disposição de Deus e conforme-se com as resoluções comuns dos veneráveis Padres. É assim que você será considerado digno das recompensas dos que vivem segundo a regra.

Ora, ninguém, sem experiência, escolheria tomar esta via sem um guia seguro, como não tentaria atravessar o oceano sem um piloto experiente, ou aprender uma arte ou uma ciência sem um mestre infalível. Assim, diante da arte das artes e da ciência das ciências, diante do caminho que conduz a Deus, diante deste oceano espiritual infinito que é a vida solitária semelhante à vida dos anjos, quem ousaria se consagrar ao início da ascese e imaginar que poderia levá-la a bom termo, sem um guia, um piloto, um Mestre testado e verdadeiro? Este homem, qualquer que seja, erra antes mesmo de haver começado[544], pois ele não segue a lei. Ao contrário, aquele que, antes mesmo de dar o primeiro passo, se submete ao que foi colocado pelos Padres, chegará certamente ao final.

Com efeito, sem ser pelos Padres, como poderemos saber se marchamos naturalmente segundo a carne, ou se combatemos as paixões e os demônios? Pois os vícios, como foi escrito, estão ligados às virtudes, como se fossem seus vizinhos. Quem, fora os Padres, poderá educar em nós os sentidos do corpo e ritmar como uma harpa as potências de nossa alma? E, sobretudo, como nos será possível discernir as vozes e as revelações, as consolações e as visões de Deus? E as armadilhas, as ilusões e os fantasmas dos demônios? Numa palavra, como poderemos ser considerados dignos de chegar à união com Deus, às celebrações teúrgicas, aos mistérios, se não formos iniciados por um verdadeiro guia esclarecido? Verdadeiramente, isto não é possível. Quando vemos o vaso de eleição, o bem-aventurado Paulo, o iniciado dos mistérios inefáveis, a boca de Cristo, a luz do mundo, o sol comum, o mestre de toda a terra dos homens, ele que transmitiu e aprofundou o Evangelho com os demais apóstolos, dizer "tenho medo de correr ou haver corrido por nada[545]"; quando vemos nosso Senhor Jesus Cristo, a sabedoria em pessoa, dizer de si mesmo: "Eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade do Pai que me enviou[546]"; quando ele diz do Espírito Santo vivificante: "Ele não falará por si

[543] Cf. *Provérbios* 11: 14.

[544] Cf. *Gálatas* 6: 3.
[545] *Gálatas* 2: 2.
[546] *João* 6: 38.

mesmo, mas dirá aquilo que ouviu[547]"; por causa dessa boa ordem que mantém unidos o céu e a terra, somos tomados de um calafrio, de estupor e de angústia diante de nosso nada e de nossa indolência, particularmente entre aqueles dentre nós que escolheram estúpida e perigosamente, por tolice e orgulho, viver por sua conta e fora da obediência.

Este combate é verdadeiramente terrível. Os ladrões são miríades. As armadilhas colocadas pelos assaltantes são inumeráveis. Os naufrágios estão além de toda medida. Dentre tantos seres, bem poucos são salvos[548]. Mas deixemos que marchem como queiram: "o fogo provará o que é a obra de cada um[549]", como foi escrito. E: "Você dará a cada um conforme suas obras[550]". É preciso não apenas querer, mas querer e viver como se deve. Possa o Senhor dar inteligência a todos[551]. Mas você, e qualquer um que queira viver segundo Deus e aprender a conhecer, como que se agarrando às franjas das parábolas, o tecido espiritual todo em ouro e a benfazeja obediência, apresse-se em encontrar um mestre correto e perfeito, como eu lhe mostrei.

O alimento sólido, disse Paulo que tinha a Cristo em si, é o alimento dos perfeitos que têm, por seu estado, os sentidos exercitados no discernimento do bem e do mal[552]. Se é isto que você procura, entre penas e fé, você não perderá o objetivo proposto. Pois, diz a divina Escritura, quem pedir receberá, quem procura encontrará, a quem bater será aberto[553]. Tal mestre o iniciará na ordem e em sequência em todas as coisas necessárias, em todas as coisas que Deus ama, e, acima de tudo, ele o conduzirá às coisas mais espirituais, que primeiro agradam a Deus e que não são transmitidas a muitos, a partir do momento em que ele perceber que você se regozija em sua alma com a continência, a sobriedade, a simplicidade que você coloca no comer, no beber, nas suas vestes e em tudo o que o cobre, contentando-se com as coisas úteis e necessárias que convêm a cada momento, não se comprazendo com as coisas vãs e fúteis com que se glorificam os que vivem tolamente na negligência e na frivolidade, e que carregam a espada contra si próprios e contra sua salvação. O grande Apóstolo disse: "Contentemo-nos em ter o que comer e o que vestir[554]".

Mas você pede, você deseja aprender, você quer entender de nós por escrito aquilo que convém ao começo, ao meio e ao fim da vida em Cristo. A questão é louvável, mas a resposta é naturalmente difícil. Entretanto, Cristo estende sua mão direita à sua pergunta, e nós nos esforçaremos em aceder. Como sobre um fundamento sólido e firme construiremos sobre a venerável e perfeita obediência o templo glorioso de todo o edifício espiritual, ou seja, da hesíquia deificante. Eis o que diremos, servindo-nos das palavras dos Padres inspirados pelo Espírito, e nos apoiando sobre eles como sobre colunas inquebráveis.

16. Que, em nome da fé ortodoxa, aquele que quiser, com toda fidelidade, viver a hesíquia segundo Deus, deve velar por

[547] *João* 16: 13.
[548] Cf. *Lucas* 13:23.
[549] I *Coríntios* 3: 13.
[550] *Salmo* 61 (62): 13.
[551] Cf. II *Timóteo* 2: 7.
[552] Cf. *Hebreus* 5: 14.
[553] *Mateus* 7: 8.
[554] I *Timóteo* 6: 8.

estar cheio de boas obras. Que a fé é dupla. Que com a fé o hesiquiasta deve ser pacífico, viver sem distrações, permanecer sem inquietudes e cuidados, calar-se, ser calmo, dar graças por tudo, reconhecer sua própria fraqueza, suportar nobremente as tentações, esperar em Deus e dele aguardar o que nos é bom.

A) O Salvador disse: "Não é quem me diz 'Senhor, Senhor' que entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus[555]". Também você, bem-amado, se não for apenas em palavras que você ama a hesíquia deificante que desde já faz aparecer na luz o Reino dos céus e o Reino de Deus naqueles que os recebem com toda fidelidade, e que no século por vir se revelarão mais total e perfeitamente, mas se seu desejo de amor for real e verdadeiro, vigie, em nome da fé ortodoxa, para estar igualmente cheio de boas obras. De sua parte, que você possa estar em paz com todos, sem se deixar distrair ou inquietar, sem se preocupar com nada, que você possa ser silencioso, calmo, agradecido por tudo e consciente de sua própria fraqueza. Em resumo, mantenha seu olhar vigilante e sóbrio sobre as diversas e numerosas tentações que chegam a cada dia, combata com a paciência e a temperança a tempestade e a tormenta que o assaltam de todas as maneiras.

Quanto à primeira e à segunda ordem – ou seja, em nome da fé ortodoxa adornar-se de boas obras – que o glorioso irmão de Deus seja para você um mestre claro, quando diz: "A fé sem obras é morta, assim como as obras sem a fé". E: "Mostre-me sua fé com suas obras[556]". Mas antes de tudo o guia e mestre de todos, nosso Senhor Jesus Cristo, já havia dito aos seus discípulos: "Vão e ensinem a todas as nações, batizem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Aprendam a guardar tudo o que eu lhes ordenei[557]". E o Teólogo diz que Deus reclama de todo homem que recebeu o batismo três coisas: a reta fé da alma, a castidade do corpo e a verdade da língua.

Que a fé é dupla.

B) Note que, segundo a tradição divina, a fé é dupla. Uma é a fé geral dos cristãos ortodoxos, na qual fomos todos no princípio batizados, e com a qual partimos para o fim. Outra é a fé dos raros homens que, tendo cumprido todos os mandamentos deificantes, alcançaram a imagem e a semelhança, e, com isto, ricos da divina luz da graça, repousam no Senhor toda a sua esperança[558]. E de tal modo que, no momento da prece, segundo a palavra do Senhor, eles não sabem o que pedir a Deus[559], mas buscam com fé e – que bela recompensa! – recebem facilmente o que lhes convém. Os bem-aventurados adquiriram a fé certeira que provém das obras puras. Eles rejeitaram de si mesmos todo conhecimento, toda distinção, toda dúvida, toda preocupação. Inteiramente mergulhados na embriaguez divina da fé, da esperança e do amor a Deus, foram transformados pela excelente e bem-aventurada transformação da direita do Altíssimo, segundo o divino Davi[560].

---

[555] *Mateus* 7: 21.
[556] *Tiago* 2: 17-18.
[557] *Mateus* 28: 19-20.
[558] Cf. *Salmo* 72 (73): 28.
[559] Cf. *Mateus* 21: 21.
[560] *Salmo* 76 (77):11.

Não cabe aqui nos estendermos sobre a primeira fé. Mas é oportuno falar da segunda fé que, como um fruto divino, floresce e nasce da primeira. Com efeito, a fé é como que a raiz e o cume da hesíquia que chamamos deificante. "Pois se você não crê, diz João Clímaco, porque você vive a hesíquia?[561]". Também o divino Davi disse: "Eu acreditei, e por isso eu falei[562]". E o grande apóstolo Paulo: "A fé é o fundamento daquilo que se espera, a prova daquilo que não se vê[563]". E: "O justo viverá por sua fé[564]". O próprio Senhor disse aos discípulos que lhe pediam que aumentasse sua fé: "Se vocês tivessem a fé do tamanho de um grão de mostarda, vocês diriam a esta amoreira: 'Desenraize-se e plante-se no mar', e ela obedeceria[565]". E: "Se vocês tiverem fé e não duvidarem, não apenas farão o que fiz com a figueira, mas ainda, se disserem a esta montanha: 'Levante-se e se atire ao mar', ela os obedecerá. Tudo o que vocês pedirem pela prece e acreditando, vocês receberão[566]". E: "Sua fé o salvou[567]". Também santo Isaac escreveu: "A fé é mais sutil do que o conhecimento, assim como o conhecimento é mais sutil do que as coisas sensíveis". Todos os santos considerados dignos de encontrar o modo de vida que os mergulhou no temor a Deus passaram, de fato, pelo poder da fé, pelas delícias deste mundo sobrenatural.

Aquilo a que chamamos fé não consiste em crer na distinção das Pessoas divinas adoradas, na própria natureza extraordinária da Divindade, na admirável economia, por elevada que esta seja, que a trouxe para a humanidade e a fez tomar nossa natureza. A fé de que falamos se ergue da luz da graça na alma pelo testemunho da consciência. Ela conforta o coração resoluto na plena certeza da esperança, longe de toda presunção. Não a descobrimos naquilo que o ouvido escuta, mas ela mostra aos olhos espirituais os mistérios escondidos na alma. Ela dispensa a riqueza secreta de Deus escondida aos olhos dos filhos da carne e revelada no espírito aos que comem à mesa com Cristo e conversam sobre suas leis, como ele disse: "Se vocês guardarem meus mandamentos, eu lhes enviarei o Consolador, o Espírito de verdade que o mundo não pode receber. E ele lhes ensinará toda a verdade...[568]". E também: "Até que ele venha, ele que é o cumprimento dos mistérios, e que sejamos dignos de ver sua revelação, a fé celebrará entre Deus e os santos a liturgia destes mistérios inefáveis que nos foram dados como garantia pela graça do próprio Cristo, na própria fonte da verdade, no Reino dos céus, com os que o amam[569]".

Que devemos ser pacíficos.

C) Quanto à terceira ordem – estar em paz com todos – que a palavra do bem-aventurado Davi seja para você uma clara exortação; e que, da mesma forma, a de Paulo que tinha Cristo em si ressoe mais forte do que uma trombeta. Um disse: "Uma grande paz está naqueles que amam a lei, e eles não tombarão[570]." [571]E: "Eu permaneci pacífico

[561] *A escada santa* XXVII, 74.
[562] *Salmo* 115 (116): 1.
[563] *Hebreus* 11: 1.
[564] *Romanos* 1: 17, citando *Habacuque* 2: 4.
[565] *Lucas* 17: 6.
[566] *Mateus* 21: 22.
[567] *Mateus* 9: 22.
[568] *João* 14: 17 e 16: 13.
[569] Isaac o Sírio, *Obras espirituais*, pg. 342-343.
[570] *Salmo* 118 (119): 165.
[571] *Salmo*118 (119): 7.

entre os que desprezavam a paz". E: "Busque a paz e persiga-a[572]". O outro disse: "Procurem a paz com todos e a santificação, sem as quais ninguém verá o Senhor[573]". E: "Se isto for possível, estejam em paz com todos[574]".

Que devemos viver longe de todas as distrações.

D) A quarta obra – viver longe de todas as preocupações – lhe será mostrada por santo Isaac, que disse: "Se a concupiscência nasce dos sentidos, que se calem aqueles que confessam manter a paz no intelecto enquanto levam uma vida agitada[575]". E: "Não comungue da vida daqueles que se agitam[576]".

Que é preciso estar sem inquietudes e cuidados.

E) Que o ensinamento da quinta ordem – permanecer sem inquietudes e sem cuidados com as coisas boas ou más – lhe seja dado pelo que disse o Senhor nos Evangelhos: "Por isso eu lhes digo: não fiquem preocupados com a vida, com o que comer; nem com o corpo, com o que vestir. Afinal, a vida não vale mais do que a comida? E o corpo não vale mais do que a roupa? Olhem os pássaros do céu: eles não semeiam, não colhem, nem ajuntam em armazéns. No entanto, o Pai que está no céu os alimenta. Será que vocês não valem mais do que os pássaros? Quem de vocês pode crescer um só centímetro, à custa de se preocupar com isso? E por que vocês ficam preocupados com a roupa?[577]". E logo depois: "Portanto, não fiquem preocupados, dizendo: O que vamos comer? O que vamos beber? O que vamos vestir? Os pagãos é que ficam procurando essas coisas. O Pai de vocês, que está no céu, sabe que vocês precisam de tudo isso. Pelo contrário, em primeiro lugar busquem o Reino de Deus e a sua justiça, e Deus dará a vocês, em acréscimo, todas essas coisas. Portanto, não se preocupem com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã terá suas preocupações. Basta a cada dia a própria dificuldade[578]". Santo Isaac disse: "Se você não estiver vazio de cuidados, não procure a luz em sua alma, nem a calma e o repouso na vaidade dos sentidos[579]". E João Clímaco: "Um único fio de cabelo perturba o olhar, e o menor cuidado destrói a hesíquia. Pois a hesíquia é o retiro dos pensamentos e a renúncia aos cuidados da razão. Quem realmente recebeu a hesíquia não se preocupará com a carne. O Senhor que prometeu isto é fiel[580]".

Que é preciso estar em silêncio.

F) Quanto à sexta ordem – calar-se – é a continuação do discurso que nos obriga a falar. Santo Isaac diz a este respeito: "Quem fecha sua boca ao falatório guarda seu coração das paixões. E quem purifica seu coração das paixões contempla o Senhor a toda hora[581]". E: "Se você faz uma parte de todas as obras da vida social e uma

[572] *Salmo* 33 (34): 15.
[573] *Hebreus* 12: 14.
[574] *Romanos* 12: 18.
[575] Obras espirituais, pg. 61.
[576] Citando Evagro, *Esboço monástico* 7.
[577] *Mateus* 6: 25-28.
[578] *Mateus* 6: 31-34.
[579] *Obras espirituais*, pg. 111.
[580] *A escada santa* XXVII, 52-53, citando *Hebreus* 10: 23.
[581] *Obras espirituais*, pg. 243.

parte de silêncio, você verá que esta pesa mais[582]". E: "Ame o silêncio mais que tudo, pois ele o aproxima do fruto. A língua é impotente para explicar. Obriguemo-nos ao silêncio. Então, dele nascerá em nós algo que nos conduzirá a ele mesmo. Que Deus lhe permita sentir esta coisa que vem do silêncio. Se você começar a levar esta vida, eu não sei, a partir dela, que luz se levantará em você". E: "O silêncio é o mistério do século futuro. As palavras são o órgão deste mundo[583]". É assim que a voz divina prescreveu a santo Arsênio: "Arsênio, fuja, cale-se, viva a hesíquia e você será salvo[584]".

Que é preciso estar calmo.

G) No que diz respeito à sétima ordem – viver a hesíquia – você pode confiar no que expõem o grande Basílio e também santo Isaac. Um diz: "A hesíquia é o começo da purificação da alma[585]". E o outro: "O objetivo da hesíquia é o silêncio longe de tudo[586]". Com essas palavras, um aponta brevemente o começo da hesíquia e o outro o fim. Está dito no Antigo Testamento: "Você pecou? Fique em repouso[587]". E: "Detenha-se, e saiba que eu sou Deus[588]". João Clímaco diz: "A obra que conduz à hesíquia é em primeiro lugar a ausência de preocupações de qualquer tipo, boas ou más. Pois quem abre para as primeiras, acaba caindo nas segundas. Depois vem a prece ativa. Enfim o trabalho do coração, que ninguém violenta. É naturalmente impossível a alguém que não a prendeu as letras estudar nos livros. Mas é mais impossível ainda a quem não aprendeu a primeira parte da obra alcançar com razão às duas outras[589]". E santo Isaac: "O amor à hesíquia é a espera contínua da morte. Quem entra na hesíquia fora desta meditação não pode suportar aquilo que é preciso aguentar e manter de toda maneira".

Que é preciso dar graças por tudo.

[590]H) Quanto à oitava ordem – dar graças por tudo – basta que você tenha por guia o divino apóstolo Paulo, que ordena: "Deem graças por tudo[591]". E santo Isaac: "A ação de graças daquele que recebe leva o que dá a dar dons maiores do que os primeiros. Quem não dá graças pelas pequenas coisas é mentiroso e injusto nas maiores[592]". E: "Quem abre ao homem os carismas de Deus é um coração levado à contínua ação de graças. Mas abrir a alma à tentação significa que temos o coração sacudido por murmúrios". E: "Uma boca que dá graças continuamente recebe a benção de Deus". E: "A graça desce no coração que permanece em ação de graças[593]".

Que é preciso conhecer a própria fraqueza.

I) Ganha muito, aquele que chegou a conhecer sua própria fraqueza.

---

[582] *Ibid.*, pg. 213.
[583] *Ibid.*, pg. 213.
[584] *Sentenças dos Padres do deserto*, Arsênio 1.
[585] *Carta* II, 2.
[586] *Obras espirituais*, pg. 392.
[587] *Gênesis* 4: 7.
[588] *Salmo* 45 (46): 11.
[589] *A escada santa* XXVII, 47.
[590] *Obras espirituais*, pg. 215.
[591] I *Tessalonicenses* 5: 18.
[592] *Obras espirituais*, pg. 188.
[593] *Ibid.*, pg. 368 (ambas as citações)

Esta é a nona ordem. Que ele escute e aprenda o décimo-sexto salmo do divino Davi, onde é dito: "Tem piedade de mim, Senhor, porque sou fraco[594]". E em outra parte: "Eu sou um verme e não um homem, a vergonha dos homens e o rejeito do povo[595]". E santo Isaac: "Bem-aventurado o homem que conhece sua própria fraqueza. Este conhecimento é o fundamento, a raiz, o começo de toda bondade. Quando aprendemos, de fato, quando em verdade sentimos nossa própria fraqueza, encerramos nossa alma longe de toda vaidade que obscurece o conhecimento, recolhemos em nós o tesouro da vigilância[596]". E: "O homem que chegou a conhecer a medida de sua fraqueza alcançou a perfeição da humildade[597]".

Que é preciso suportar nobremente as tentações.

J) O último capítulo do discurso, o décimo, que encerra nossa exposição, estabelece como suportar nobremente as diversas tentações de todos os tipos que vão assaltar, e como resistir a elas com paciência e perseverança. Escute o que diz a respeito disto a Santa Escritura. Paulo, que tinha Cristo em si, disse: "Irmãos, não temos que combater o sangue e a carne, mas as dominações, os poderes, os príncipes do mundo que mantêm as trevas deste século, os espíritos do mal nos lugares celestes[598]". E: "Se vocês não têm a experiência do castigo que receberam, vocês são bastardos e não filhos[599]". E: "O Senhor castiga aqueles a quem ama. Ele castiga aos que aceita como filhos[600]". E o irmão de Deus: "O homem que não tem a experiência da tentação não é testado[601]". E santo Elias de Ecdicos: "É permitido a todo cristão ter uma fé reta em Deus, viver fora de todas as preocupações, mas também esperar continuamente e receber a tentação para que, quando ela chegar, não ser surpreendido, não ficar perturbado, mas suportá-la dando graças pela pena e a aflição, e assim compreender o que ele diz quando canta com o profeta: 'Salve-me, Senhor, prove-me'. Ele não diz: seu castigo me destruiu, mas: 'Ele reergueu no fim'.[602]" Também não procure a causa das tentações, não se inquiete buscando de onde elas vêm. Apenas reze a Deus para suportá-las dando-lhe graças, como diz são Marcos o Eremita: "Quando a tentação chegar, não procure saber por que ou de onde ela vem. Tente suportá-la dando graças e sem ressentimento". E ainda: "Se não é fácil encontrar alguém que leve uma vida agradável sem tentações, é preciso dar graças a Deus por tudo o que acontece". E: "Toda aflição permite verificar o movimento que conduz a vontade, seja à direita, seja à esquerda. É por isso que a aflição que chega é chamada de tentação. Ela dá a quem a recebe a experiência das vontades ocultas[603]".

Também santo Isaac, entre outros, diz o seguinte: "A tentação é útil a todos os homens. Pois se ela foi útil a Paulo, toda boca deve se calar, e que todo mundo se saiba culpado diante de Deus[604]. Os que combatem são tentados para acrescentar às suas riquezas. Também os que se deixam levar pela vaidade, a fim de que se guardem daquilo que os prejudica. Os que dormem, a fim de que disponham a

[594] *Salmo* 6: 3.
[595] *Salmo* 21 (22): 7.
[596] *Obras espirituais*, pg. 143.
[597] *Ibid*. pg. 368.
[598] Efésios 6: 12.
[599] Hebreus 12: 8.
[600] *Hebreus* 12: 6, citando Provérbios 3: 12.
[601] *Tiago*, 1: 12.
[602] Elias de Ecdicos, *Florilégio*... I, 1; citando *Salmos* 25: 2 e 17 (36).
[603] Marcos o Asceta, *Dos que pensam ser justificados*, 198-204.
[604] Cf. *Romanos* 3: 19.

despertar. Os que estão longe, para que se aproximem de Deus. Os que vivem em casa, para que permaneçam com toda confiança. Todo filho que não é testado não recolhe a riqueza da casa de seu pai, não recebe dele nenhuma ajuda. É por isso que Deus começa primeiro tentando-o e testando-o, para depois revelar-lhe seus dons. Glória ao Mestre que por meio dos remédios mais amargos nos traz as delícias da saúde. Não há homem que não se sinta oprimido quando ele chega. E não há homem a quem não pareça amargo o tempo em que bebe o veneno das tentações. Mas sem estas coisas é impossível adquirir uma boa constituição". E: "Não cabe a nós suportar. Como poderia o vaso de argila suportar a água que é vertida nele, se não tivesse antes endurecido no fogo divino? Se nós nos submetermos orando humildemente numa tensão contínua, também a nós será concedido suportar em Jesus Cristo nosso Senhor[605]". Está escrito na Sabedoria do Eclesiastes: "Meu filho, se você quer servir ao Senhor seu Deus, prepare sua alma para as tentações[606]". E: "Torne direito seu coração, persevere, não se deixe levar quando estiver angustiado[607]".

Que é preciso esperar em Deus e dele esperar tudo o que é bom.

Jogue a âncora da esperança para Deus que pode salvá-lo, e dele você receberá para seu bem a libertação das tentações. Com efeito, foi dito: "Deus é fiel e não permitirá que sejamos tentados além do que podemos suportar. Junto com a tentação ele nos fornecerá os meios de escapar dela[608]". E: "A aflição engendra a perseverança, a vitória na provação; e esta vitória, a esperança. Ora, a esperança não engana[609]". E: "Aquele que perseverar até o fim será salvo[610]". E: "Por sua perseverança, vocês salvarão suas almas[611]". O irmão de Deus disse igualmente: "Considerem, meus irmãos, que é uma grande alegria ser exposto a diversas tentações, sabendo que a prova de sua fé engendra a paciência. Mas é preciso que a paciência realize perfeitamente sua obra, a fim de vocês próprios sejam perfeitos e completos, sem falhar em nada[612]". E: "Bem-aventurado o homem que suporta com paciência a tentação. Quando ele for testado, ele receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam[613]". E: "Os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados à glória que virá e que será revelada a nós[614]". E: "Eu pus minha paciência no Senhor, e ele veio a mim, escutou minha prece, livrou-me do abismo do mal e do pântano lodoso. Ele pôs meus pés sobre um rochedo e dirigiu meus passos. E colocou em minha boca um canto novo, um louvor ao nosso Deus[615]".

O bem-aventurado Simeão o Metafrasto escreveu: "A alma presa nos laços do amor a Deus jamais considera estar sofrendo. Ela faz suas delícias das coisas dolorosas, e floresce quando lhe fazem mal. Quando ela não sofre nada que a aflige por aquele a quem ama, é então que ela se sente dolorosa. Ela foge do conforto como de uma

---

605 *Obras espirituais*, pg. 268-269.
606 *Eclesiastes* 2: 1.
607 *Eclesiastes* 2: 2.
608 I *Coríntios* 10: 13.
609 *Romanos* 3: 35.
610 *Mateus* 10: 22.
611 *Lucas* 21: 19.
612 *Tiago* 1: 2-4.
613 *Tiago* 1: 12.
614 *Romanos* 8: 18.
615 *Salmo* 39 (40): 4.

danação”.

17. Do temor a Deus. Que ele é duplo: um é o temor dos noviços, outro o temor dos perfeitos.

Não podemos deixar de lembrar agora o duplo temor divino, mesmo que tenhamos julgado melhor terminar os dez capítulos precedentes falando apenas do temor perfeito, invertendo assim de certa maneira a ordem do primeiro temor. O temor foi colocado pelos Padres depois da fé.

Do primeiro temor, o temor dos noviços.

Saiba então, bem-amado, que o temor divino é duplo: um é o dos noviços, outro o dos perfeitos. Do primeiro, está escrito: “O temor do Senhor é o começo da sabedoria[616]”. E: “Venham, filhos, escutem-me. Eu lhes ensinarei o temor do Senhor[617]”. E: “Pelo temor do Senhor, todo homem se desviará do mal[618]”. E: “O temor é a observância dos mandamentos[619]”. Santo Isaac disse: “O temor a Deus é o começo da virtude. Diz-se que ele nasce da fé[620]”. E: “Ele é semeado no coração quando o intelecto se separa da distração do mundo para reunir os pensamentos que impulsionam a dispersão e recolhe-los na meditação contínua do restabelecimento futuro”. E: “O temor a Deus é o começo da verdadeira vida do homem. Ele não aceita residir na alma daqueles que se dispersam”. E: “Tenha a sabedoria a fundamentar seu caminho sobre o temor a Deus. Em poucos dias você estará estabelecido nas portas do Reino, fora do movimento circular”.

Do segundo temor, o temor divino perfeito.

Quanto ao segundo temor, o temor divino perfeito, foi dito: “Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor e que coloca toda sua vontade nos mandamentos[621]”. E: “Felizes os que temem ao Senhor e caminham sobre suas vias[622]”. E: “Temam ao Senhor, todos os seus santos. Pois nada falta àqueles que o temem[623]”. E: “Vejam, assim será bendito o homem que teme ao Senhor[624]”. E: “O temor ao Senhor é puro, ele permanece pelos séculos dos séculos[625]”.

São Pedro Damasceno escreveu: “O sinal do primeiro temor é a aversão ao pecado, é voltar-se contra ele, como alguém que foi ferido por um animal selvagem. Mas este é o sinal do temor perfeito: amar a virtude e recear se desencaminhar. Pois ninguém é imutável. Em todas as coisas desta vida, devemos sempre temer a queda. Por isso, também você, que ouve estas coisas com inteligência, esforce-se, com todos os de que falamos, para sempre trazer consigo o primeiro temor. Pois ele é como um tesouro mais seguro do que todas as boas ações. Se você agir assim, você guiará seus passos[626]

---

616 *Provérbios* 1: 7.
617 *Salmo* 33 (34): 12.
618 *Provérbios* 15: 27.
619 Gregório de Nazianze, *Discurso* XXXIX, 8.
620 *Obras espirituais*, pg. 59.
621 *Salmo* 111 (112): 1.
622 *Salmo* 127 (128): 1.
623 *Salmo* 33 (34): 10.
624 *Salmo* 127 (128): 4.
625 *Salmo* 18 (19): 10.
626 Cf. *Salmo* 39 (40): 3.

para a obra de todos os mandamentos de nosso Senhor Jesus Cristo. E avançando neste caminho você adquirirá o temor perfeito e puro[627], no desejo das virtudes e do amor de nosso bom Deus[628]".

18. Que graças aos mandamentos e à fé em nosso Senhor Jesus Cristo, fé esta que passa pelos mandamentos, quando chegar o momento não devemos nada tentar preservar desta vida.

Quanto ao que dissemos, é preciso ainda saber o seguinte: graças aos mandamentos do Senhor Jesus Cristo, que dispensam a vida, e graças à fé que passa por eles, devemos, quando chegar o momento, perder até a alma com alegria. Vale dizer que não devemos tentar preservar nossa vida. É isto que o próprio Senhor Jesus Cristo disse: "Quem perder sua alma por minha causa e por causa do Evangelho, se salvará[629]". É preciso crer sem hesitar, e não duvidar que o Deus Homem, Jesus o Salvador, é ele mesmo a ressurreição, a vida, e tudo o que conduz à salvação, como ele próprio disse: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morto, viverá". E: "Quem crer e viver em mim não morrerá jamais". [630]E: "Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único para que quem nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna[631]". E: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância[632]".

[627] *Salmo* 18 (19): 10.
[628] Pedro Damasceno, *Livro* II, *Discurso* 3.
[629] *Marcos* 8: 35.
[630] *João* 11: 25-27.
[631] *João* 3: 16.
[632] *João* 10: 10.

Portanto, faça o seguinte: esqueça o que ficou para trás. Volte-se para o que está adiante[633]. Siga seu caminho com Jesus Cristo nosso Senhor, sem se voltar. Mas aqui é bom, nos parece, e muito útil, expor primeiro um método natural que o bem-aventurado Nicéforo o Grande, que nos ensina como penetrar no coração pela respiração, e que de certo modo tende a recolher o intelecto. Assim, com a ajuda de Deus, a continuação do presente trabalho progredirá em boa ordem. Entre muitas outras coisas que extraem sua autoridade dos testemunhos escritos dos Santos, este homem divino disse o seguinte:

19. Método natural referente à entrada e saída do sopro no coração pela respiração, e sobre a prece que, com este, produz sua obra em nós. Esta prece é: Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim. Este método leva de qualquer maneira ao recolhimento do intelecto.

"Saiba, irmão, que o sopro que respiramos é o próprio ar. E que só respiramos este ar por causa do coração. Com efeito, o coração é a fonte da vida e do calor do corpo. Assim, o coração atrai o sopro a fim de lançar para fora seu próprio calor pela expiração e garantir para si uma boa temperatura. O autor, ou melhor, o servidor desta ordem, é o pulmão. Ele foi feito poroso pelo Criador. Como um fole, ele faz o ar entrar e sair sem esforço. Assim, o coração, atraindo o frio do sopro e rejeitando o calor, mantém sem jamais transgredir a ordem segundo a qual ele foi regulado para manter vivo o ser".

"Portanto, irmão, sente-se na calma de sua célula e, recolhendo todo

[633] Cf. *Filipenses* 3: 13.

o seu intelecto, faça-o entrar pelo caminho das narinas, por onde o sopro penetra no coração. Empurre-o e force-o a permanecer com o sopro inspirado dentro do coração. Quando ele penetrar aí e já não estiver sem a alegria e a graça, acontecerão a você as coisas subsequentes. Do mesmo modo como um homem que partiu para longe de sua casa exulta de alegria quando retorna a ela, porque pode rever seus filhos e sua esposa, também o intelecto, quando se une à alma, se enche de prazer e de regozijo inefáveis".

"Então, irmão, habitue o intelecto a não escapar do coração facilmente. De fato, no começo ele não se deixará capturar e prender no seu interior. Mas depois que ele se habituar, ele não mais cobiçará os movimentos do exterior. Pois o Reino de Deus está em nós[634]. Àquele que o contempla no coração e que o busca através da prece pura, todas as coisas do exterior parecem desprezíveis e detestáveis".

E ainda: "Eis é uma coisa que você precisa aprender, quando seu intelecto chegar lá: você não deve deixá-lo no silêncio e na inércia, mas deve dar-lhe como trabalho e como exercício contínuo a oração: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim'. Que ele jamais cesse de dizê-la. Pois a prece o defenderá de toda dispersão. Ela impedirá que ele seja submetido ou tocado pelos ultrajes do inimigo. Ela o elevará a cada dia mais no amor e no desejo de Deus[635]".

Este é o objetivo do bem-aventurado Padre: que, de sua desorientação costumeira, de seu cativeiro, de sua agitação, o intelecto, sob a ação deste método natural, retorne à atenção; que pela atenção ele se ligue novamente a si mesmo e assim se uma à prece; que então, junto com a prece, ele desça até o coração e nele permaneça para sempre. Um outro sábio de Deus, explicando esta prática e partindo naturalmente de sua experiência nesta obra santa, disse o seguinte:

20. Do método da respiração natural e da invocação do Senhor Jesus Cristo que acompanha a respiração.

"Eis uma coisa que deve ficar bem clara para quem deseja aprender: se, quando o sopro entra, instruímos nosso intelecto a descer com ele, então saberemos precisamente que o intelecto, uma vez descido, não sai mais se houver renunciado a todo pensamento, vendo-se uno e nu, sem nenhuma outra recordação ao seu redor que não a invocação de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas se ele deixar o coração, ele voltará às coisas de fora, à memória múltipla, e se dividirá ainda que não queira[636]".

21. Que são João Crisóstomo, assim como outros antigos Padres, ordena orar em Jesus Cristo nosso Senhor, e de rezar no interior do coração. Ele diz que esta oração é: Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim.

Também o grande Crisóstomo disse: "Eu lhes imploro, irmãos, jamais transgridam ou desprezem a regra da oração". E: "Quer coma, quer beba, quer se sente ou caminhe, faça o que faça, o monge deve dizer continuamente: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus,

[634] Cf. *Lucas* 17: 21.
[635] Nicéforo o Solitário, *Sobre a sobriedade e a guarda do coração*.
[636] Nicéforo o Solitário, *ibid.*

tenha piedade de mim'". E: "Que o nome do Senhor, descendo à profundeza do coração derrube o dragão que tomou as pastagens, que ele salve a alma e lhe devolva a vida. Permaneça sem parar no nome do Senhor Jesus, para que o coração absorva o Senhor e que o Senhor absorva o coração, e que os dois se tornem um". E ainda: "Jamais separem de Deus seu coração. Permaneçam nele e mantenham-no sempre com a lembrança de nosso Senhor Jesus Cristo, até que o nome do Senhor se encontre aí firmemente plantado e que o coração não considere outra coisa, a fim de que Cristo seja exaltado em vocês[637]".

22. Da lembrança de Jesus pela respiração e a prece no interior do coração.

João Clímaco escreveu: "Que a lembrança de Jesus se ligue à sua respiração. Então você conhecerá o socorro da hesíquia[638]". E santo Hesíquio: "Se você quiser realmente cobrir de vergonha os pensamentos, viver sem mal a hesíquia, possuir um coração sóbrio e vigilante comodamente, que a prece de Jesus se uma à sua respiração. Você verá a coisa surgir em poucos dias[639]".

23. Que aquele que pretende ser sóbrio e vigilante em seu intelecto, em particular o noviço, deve se sentar no momento da prece num cômodo calmo e escuro, para recolher assim naturalmente, ainda que de forma parcial, o intelecto e o pensamento.

A tudo o que foi revelado, que veio do alto, àquilo que os santos Padres anunciaram ao longo dos testemunhos com os quais nos explicaram como devemos, seguindo a inspiração até dentro do coração, por meio da prece, da meditação, da sobriedade e da vigilância, permanecer em nosso Senhor Jesus Cristo e em seu santo Nome salvador rogando por sua piedade, devemos acrescentar o seguinte:

Os divinos Padres, os Mestres, que tiveram a experiência desta obra bem-aventurada, ensinam e prescrevem aos que se aplicam com todo seu intelecto em ser sóbrios e vigilantes em seu coração, e em particular aos noviços, sentarem-se sempre num lugar calmo, sobretudo no momento fixado para a prece, e num canto sem iluminação. Pois a visão dos olhos, o olhar que se projeta sobre as coisas que vemos e observamos, distrai naturalmente o intelecto, divide-o e o modifica. Mas se, como dissemos, o encerramos numa cela calma e escura, ele deixa de ser dividido e modificado pelo olhar. Assim, quer queira, quer não, ao menos parcialmente, o intelecto é conduzido à serenidade, ele se habitua a se recolher sobre si mesmo, como diz o grande Basílio: "O intelecto que não vagueia fora, que não escoa pelo mundo através dos sentidos, retorna para si mesmo[640]".

24. Que o intelecto é libertado de toda distração acima de tudo pela invocação no interior do coração e com fé de nosso Senhor Jesus Cristo e de seu santo Nome. O método

[637] Pseudo-Crisóstomo, *Ad monachos*.
[638] *A escada santa* XXVII, 62.
[639] Hesíquio de Bathos, *Sobre a vigilância* 182.
[640] *Carta* II, 2.

natural da respiração no interior do coração, o recolhimento num lugar calmo e sombrio e outras coisas semelhantes, não passam de recursos auxiliares.

Mas antes dessas coisas, ou melhor, antes de todas as coisas, o intelecto chega ao termo de tal combate pelo socorro da graça divina, que lhe é dado na fé pela pura e simples invocação do simples nome de nosso Senhor Jesus Cristo do fundo do coração, mas não pelo simples método natural – a respiração, ou a imobilidade num lugar calmo e sombrio – que acabamos de expor. Pois os Padres divinos não viram nestas coisas mais do que um recurso auxiliar para recolher o intelecto, para fazê-lo retornar a si mesmo, fora de sua agitação natural, e lhe fornecer a atenção.

É assim, como dissemos, que a prece pura, contínua e recolhida, nasce no intelecto. É o que diz também são Nilo: "A atenção que busca a prece encontrará a prece. Pois a prece segue a atenção, se existe algo que siga[641]". Devemos, assim, nos aplicar à atenção. Mas já dissemos o bastante. Você, filho, se quiser a vida, se desejar com todo seu amor ver os dias felizes[642], viva no seu corpo como se fosse incorpóreo, submeta a sua vida a uma regra e siga-a.

25. Como o hesiquiasta deve passar o tempo entre o entardecer e a aurora. Início do desenvolvimento desta instrução.

Ao por do sol, após haver pedido a ajuda do Senhor infinitamente bom e todo-poderoso, sente-se sobre seu leito em uma cela calma e escura. Recolha seu intelecto para longe de seu redemoinho e de sua errância habitual por aí. Empurre-o gentilmente para dentro do coração inspirando. Retenha nele a prece: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim'. Então, junto com o sopro, e como que unidas a ele, faça entrar as palavras da prece, como diz santo Hesíquio: "Uma à sua respiração a sobriedade, a vigilância e o nome de Jesus, a meditação contínua da morte e a humildade. Pois ambos são salutares[643]". Com a oração e as outras coisas de que falamos coloque também a lembrança do Juízo e da retribuição das ações boas e más.

Considere com toda sua alma que você é mais pecador do que todos os homens, mais maldito que os próprios demônios, e que está condenado à danação eterna. Que o pensamento destas coisas o leve à compunção, ao luto, sós. Mas se você ainda não recebeu o dom das lágrimas, combata, peça com o coração humilde para adquiri-lo. Pois é pelas lágrimas que somos purificados das paixões e de toda sujeira. É por meio delas que tomamos parte nas coisas da doçura e da salvação, como diz João Clímaco: "Assim como o fogo destrói o junco, as lágrimas puras retiram toda mancha da carne e do espírito[644]". E um outro Padre: "Quem quiser destruir os vícios o fará chorando. E quem quiser adquirir as virtudes o fará chorando[645]".

Se você não sente a compunção, saiba que você tem vaidade. Pois esta impede a alma de se recolher. Se as lágrimas não veem,

---

641 Evagro, *Sobre a prece*, 149.
642 *Salmo* 33 (34): 12.
643 Hesíquio de Bathos, *Sobre a vigilância* 189.
644 *A escada santa* VII, 35.
645 *Sentenças dos Padres do deserto*, Poêmio 119.

permaneça sentado durante uma hora, atento a esses pensamentos e à oração. Depois se levante, cante com atenção as pequenas completas[646]. Sente-se novamente, retenha a prece o quanto puder, com pureza, com calma, sem nenhuma preocupação, sem nenhum pensamento qualquer que seja, com toda sobriedade e vigilância, por cerca de meia hora, conforme aquele que disse: "Na oração, fique fora de todas as outras coisas, sem a respiração nem o alimento, se você quiser ficar só com o intelecto[647]". Então trace sobre si mesmo o sinal da cruz venerável e vivificante. Trace-o também sobre seu leito. Sente-se, pense nas alegrias e nos castigos futuros, no tempo que escoa, no engano das coisas temporais, e, certamente, na necessidade súbita e comum, a morte, no terrível Julgamento antes e depois do fim. Repasse brevemente na memória todas as faltas que você possa ter cometido, peça o perdão por elas com todo fervor, reveja precisamente como você passou este dia, deite-se, retenha em si a oração. Foi dito: "Que a lembrança de Jesus partilhe seu sono[648]". Durma cinco ou seis horas. Ou melhor, durante a noite, tenha o sono que lhe couber.

26. Como se deve passar o tempo da aurora até a manhã.

Quando você se levantar, glorifique a Deus, chame-o em seu socorro assim que puder, e comece o dia com a primeira obra: orar calmamente no coração, com toda pureza, durante uma hora. Este é o momento em que o intelecto está naturalmente mais sereno, mais calmo. É a ordem que recebemos: oferecer a Deus o sacrifício daquilo que temos de primeiro e de melhor[649], ou seja, voltarmos diretamente, na medida em que pudermos, para nosso Senhor Jesus Cristo, nosso primeiro pensamento, por intermédio da prece do coração, a prece pura. São Nilo disse: "Cumpra sua prece, oferecendo a Deus o fruto do primeiro pensamento[650]".

Depois disso, cante o ofício das Noturnas. Se neste momento, de fato, você não puder oferecer as primícias, por não estar firme em ter alcançado a hesíquia mais perfeita, ou por qualquer outra razão, como costuma acontecer aos que dão seus primeiros passos nessa obra, e mesmo – mais raramente – com os que já estão mais avançados mas ainda não atingiram a perfeição (pois os perfeitos tudo podem em Cristo que lhes dá força[651]), e então se levante, afaste o sono, desperte o mais que puder, e comece por cantar o ofício das Noturnas com toda atenção e toda consciência. Depois se sente, reze em seu coração, puro, recolhido, como já lhe mostramos, durante uma hora e até mais se o Dispensador dos bens lhe conceder isto. É o que disse João Clímaco: "Durante a noite, dedique-se o mais possível à oração e um pouco à salmodia. E durante o dia, assuma o que puder fazer[652]".

Se você sustentar este combate mas for negligente, ou se sentir a acídia, se seu intelecto for perturbado por qualquer evento, levante-se, desperte, retome a prece. Sente-se, vele sobre a oração, como escrevemos, aplicando-se sempre em reencontrar, pela prece pura, a pureza de Deus. Depois se levante, cante o hexapsalmo, o salmo

---

[646] Hora canônica que completa o ofício divino e vem antes das vésperas.
[647] Elias de Ecdicos, *Florilégio* 93.
[648] *A escada santa* XV, 52.
[649] Cf. *Êxodo* 22: 29.
[650] Evagro, *Sobre a prece* 126; Nilo e Evagro são a mesma pessoa.
[651] Cf. *Filipenses* 4: 15.
[652] *A escada santa* XXXVII, 92.

cinquenta e o cânon a gosto, mas como toda consciência. Sente-se novamente, permaneça desperto, reze com toda pureza por meia hora. Levante-se para cantar os hinos, a doxologia habitual, a primeira hora e depois desta a despedida. Que aquilo que seus lábios proferem esteja numa altura tal que só seus ouvidos escutem. Pois recebemos a ordem de oferecer a Deus os frutos dos lábios[653], dando graças com toda nossa alma, com todo nosso intelecto, a nosso Deus que ama o homem, que vela por ele com toda sabedoria, que em sua infinita piedade nos concede ter atravessado sem mal o oceano da noite passada e ver o estágio radioso do dia presente. É preciso, assim, que imploremos com fervor para que ele nos permita atravessar em calma a negra e selvagem tempestade dos demônios e das paixões, e que ele tenha piedade de nós.

27. O que se deve fazer da manhã até o almoço.

Da manhã até o almoço, tanto quanto você puder, consagre-se inteiramente a Deus. Com o coração contrito peça-lhe que venha em auxílio à sua fraqueza, sua negligência, sua hesitação. Passe seu tempo com a prece do coração, a prece pura, recolhido, e também lendo as passagens do saltério, das epístolas e do santo Evangelho que lhe forem prescritas, consagrando-se ainda às orações a nosso Senhor Jesus Cristo e à Mãe de Deus puríssima e a outras leituras das santas Escrituras. Depois disto, cante com toda sua inteligência as horas habituais, que foram sabiamente organizadas pelos padrinhos da Igreja. Expulse o ócio de sua alma, ele que é o mestre de todos os vícios, com as paixões e suas causas, ainda que algumas delas pareçam pequenas e inofensivas.

[653] Cf. *Hebreus* 13: 15.

28. Como se proteger do ócio. Que é necessário ao hesiquiasta observar a tradição da Igreja.

É o que disse santo Isaac: "Ó bem-amados, protejam-se do ócio. Pois nele se esconde a morte que conhecemos. Longe do ócio não será possível cairmos nas mãos daqueles que se esforçam para capturar o monge. Não é pelos salmos que Deus nos abandonará no dia, nem por nossa preguiça em orar, mas porque, ao abandonarmos as preces, deixamos entrar os demônios. Ora, se eles descobrem em nós um lugar para eles, se eles entram, se eles fecham as portas de nossos olhos, eles nos encherão com sua tirania e sua impureza, que submetem ao Julgamento de Deus e à violência do castigo os que se entregam às suas obras. Caímos sob seu poder porque abandonamos as pequenas coisas que, para Cristo, mereceriam nossa atenção, como escreveram os sábios: quem não submete a Deus sua própria vontade, submete-se ao seu adversário. Essas coisas que lhe parecem pequenas, considere-as como muralhas diante daqueles que querem nos capturar. Aqueles que mantém a ordem da Igreja ordenaram sabiamente edificar estas muralhas no interior da cela, para guardar nossas vidas num espírito de revelação. Mas os que não têm sabedoria as desdenham. Eles as consideram como coisinhas, e não veem o mal que estas coisas podem fazer. O começo e o meio de seu caminho é a liberdade que não se deixa instruir. Esta liberdade é a mãe das paixões. Mais vale se esforçar para não abandonar as pequenas coisas do que deixa-las crescer e abrir espaço para o pecado. Pois o fim desta liberdade intempestiva é a servidão brutal[654]".

[654] *Obras espirituais*, pg. 241.

Ele acrescenta: “Como são doces as fontes das paixões! Existem ocasiões em que podemos romper com as paixões, podemos estar calmos longe delas e nos alegrarmos por vê-las cessar. Mas não fomos capazes de abandonar suas causas, e por isso somos tentados sem querer. Ficamos tristes por cairmos nas paixões, mas gostamos de manter em nós suas fontes. Não desejamos os pecados, mas recebemos com prazer as causas que os trazem. É por isso que a ação das causas suscita os pecados. Quem ama as fontes das paixões está submetido às paixões, mesmo que não queira. Mas quem detesta seus próprios pecados se verá livre delas, e que os confessar obterá o perdão. É impossível abandonar o estado de pecado antes de haver adquirido a aversão, como é impossível obter o perdão antes de haver confessado as faltas. Pois uma é a causa da verdadeira humildade; e outro da compunção que, por meio da vergonha, penetra no coração[655]”.

E ainda: “Não há pecado que não seja perdoado, exceto aquele para o qual não houve arrependimento[656]”.

Mas já dissemos o bastante. Você, depois da salmodia das horas de que falamos, coma, mas mantenha a prece enquanto come. Se você fizer isto, pela força da graça, você chegará ao estado da prece contínua, conforme o mandamento[657]. Mas agora, nosso propósito sobre o alimento que conforta o corpo na inefável sabedoria do Criador pode esperar um pouco. E passemos ao alimento que firma a alma e lhe dá vida, ou seja, segundo os santos, a prece sagrada, a prece deificante. E isto é bem natural, uma vez que a alma importa mais do que o corpo.

29. A prece. Que é preciso orar.

Assim como nosso corpo sem a alma é morto e infecto, também a alma que não se volta para a oração está morta, miserável e corrompida. O grande profeta Daniel nos ensina que a falta da oração é mais amarga que qualquer morte: “Eu prefiro morrer a ser privado da oração sequer por uma hora[658]”.

O divino Crisóstomo também nos ensina: “Quem ora conversa com Deus. Nenhum ser ignora a grandeza do homem que encontra a Deus na oração, mas pela palavra ninguém pode avaliar o que seja esta honra, pois ela ultrapassa a magnificência dos anjos”. E: “A prece é a obra comum dos anjos e dos homens; nela não existe mais nenhuma distância entre as naturezas de uns e de outros. É ela que o separa dos animais, é ela que o une aos anjos. Se alguém se esforça para consagrar sua vida à prece e à adoração de Deus, será logo transportado ao lugar onde vivem os anjos, em suas moradias, sua honra, sua nobreza, sua sabedoria e sua compreensão”. E ainda: “Quando o diabo vê uma alma cercada de virtudes ele não ousa se aproximar dela, ele teme a força e o poder que as preces lhe dão, elas que alimentam a alma mais do que o corpo”.

E ainda: “As preces são os nervos da alma. Com efeito, assim como, pelos nervos, o corpo se mantém, permanece íntegro e vive coordenadamente (mas se os cortamos, destruímos toda a harmonia

[655] *Ibid*., pg. 292.
[656] *Ibid*., pg. 188.
[657] Cf. I *Tessalonicenses* 5: 17.
[658] *Daniel* 6: 11ss.

do corpo), também pelas santas orações as almas se compõem, se recolhem e correm facilmente para o estado de piedade. Privar a alma da prece, é como tirar o peixe da água, pois assim como a água é a vida para o peixe, a prece á a vida para você. Por meio dela, como o peixe na água, lhe é possível voar pelos espaços, subir aos céus e se aproximar de Deus". E: "A prece e a súplica permitem aos homens se tornarem os templos de Deus. E assim como o ouro, as pedras preciosas e o mármore constroem as mansões dos reis, a prece faz dos homens templos de Cristo. Pode haver maior elogio à prece do que este: ela nos permite nos tornarmos templos de Deus? Aquele a quem os céus não podem conter penetra na alma e vive nas preces".

E mais: "Podemos ver aqui o poder das santas orações. Paulo, que corria por todo o mundo como que sustentado por asas, esteve na prisão, suportou os golpes, carregou correntes, viveu entre o sangue e os perigos, expulsando os demônios, ressuscitando os mortos, curando os doentes, e em nada disso se fiava para a salvação dos homens, mas fortificava sua alma pela oração. Depois dos milagres, depois da ressurreição dos mortos, corria para a oração, como um atleta corre para o exercício que lhe dará a coroa. Pois é a prece que dispensa a ressurreição dos mortos e tudo o mais. A mesma força que a água dá às árvores, a prece dá à vida dos santos". E também: "A prece é a fonte da salvação, a porta da imortalidade, a firme muralha da Igreja, a guarda inviolável, temível aos demônios, mas salutar para nós que carregamos em nós a piedade".

E ainda: "Assim como uma rainha que entra numa cidade deve ser seguida de toda sua riqueza, também a prece, quando penetra no coração, é seguida por todas as virtudes". E: "Aquilo que a fundação representa para uma casa representa a prece para a alma. É preciso que ela seja a primeira coisa, como o fundamento, como uma raiz mergulhada na alma, para edificar diligentemente a castidade, o cuidado com os pobres e todas as demais leis de Cristo". E: "A prece atenta é a luz do intelecto e da alma. Ela é uma luz contínua que jamais se extingue. É por isso que o maligno assalta nosso intelecto com milhares de pensamentos imundos. Aquilo em que jamais pensaríamos, ele junta no momento da oração e espalha sobre nossa alma". E ainda: "A prece é uma grande arma, ela dá toda a segurança[659]".

E o Teólogo: "É preciso lembrar-se de Deus como se respira". E: "Pense em Deus mais do que você respira[660]".

E santo Isaac: "Sem a oração contínua, você não pode se aproximar de Deus". E: "Depois de penar na oração, dê ao seu intelecto outra responsabilidade: dissipar os pensamentos". E: "É preciso considerar que toda prece que não afadiga o corpo nem aflige o coração é um fruto abortado. Pois esta prece está fora da alma[661]".

E João Clímaco: "Por sua qualidade, a prece é a conjunção e a união do homem com Deus. Por sua ação, ela é a ordem do mundo, a reconciliação com Deus, a mãe e a filha das lágrimas, a expiação dos pecados, a ponte que atravessa sobre as tentações, o muro diante da tormenta, o fim das guerras, a obra dos anjos, o alimento dos incorpóreos, a alegria futura, a obra infinita, a fonte das virtudes, a causa dos carismas, o progresso invisível, o alimento da alma, a iluminação da inteligência, o machado que corta o desespero, a

---

[659] Todas as citações: João Crisóstomo, *Sobre a prece* I e II.
[660] Gregório de Nazianze, *Discurso* XXVII, 4.
[661] *Obras espirituais*, pg. 11.

prova da esperança, a libertação da tristeza, a riqueza dos monges, o tesouro dos hesiquiastas, a redução do ardor, o espelho do progresso, a manifestação da medida, o ensino de nosso estado, a revelação das coisas por vir, o sentido da glória. Para aquele que ora, a prece é verdadeiramente o lugar onde Deus nos julga antes do Julgamento futuro[662]". E mais: "A prece não é outra coisa que a passagem do mundo visível para o mundo invisível[663]".

E são Nilo: "Se você quiser rezar, rejeite tudo para herdar tudo[664]". E: "A prece é a elevação do intelecto até Deus[665]". E: "A prece é uma conversa do intelecto com Deus[666]". E: "Assim como o pão é um alimento para o corpo e a virtude um alimento para a alma, a prece é o alimento espiritual do intelecto[667]". Isto é tudo, por enquanto. Mas agora é tempo de expor também brevemente aquilo que diz respeito à vida do corpo, e explicar a medida que lhe é necessária em quantidade e qualidade.

30. Da vida corporal. Como o hesiquiasta deve se alimentar.

Está escrito: "Filho do homem, coma seu pão com moderação, e beba sua água na medida[668]", a fim de poder levar uma vida de combate conforme a Deus. Pois foi dito: "Se você não der seu sangue, não receberá o Espírito[669]". Também o grande Paulo disse: "Eu trato duramente meu corpo e o submeti, para que, depois de ter pregado aos outros, eu não me veja como inapto[670]". E o divino Davi: "Meus joelhos se dobram de fraqueza sob o jejum. Privada de azeite, minha carne se esgota[671]". E o Teólogo: "Nada serve melhor ao Senhor do que a vida dura, nem dá em retorno o amor pelos homens como as lágrimas".

E santo Isaac: "Assim como uma mãe vela por seu filho, também Cristo vela sobre o corpo que assume suas penas. Ele está continuamente junto deste corpo[672]". E: "O conhecimento dos mistérios de Deus não está num ventre cheio[673]". E: "Assim como foi dito que semeamos nas lágrimas as sementes da bem-aventurança, também a alegria segue as penas que assumimos por Deus[674]". E: "Bem-aventurado aquele que arranca de si toda preguiça que o separa de seu Criador[675]".

E ainda: "Por longo tempo tentado à direita e à esquerda, muitas vezes testado nestas duas vias, coberto de inumeráveis feridas feitas em mim pelo adversário, mas secretamente cumulado de recompensas, eu recolhi em mim mesmo a experiência de muitos anos. Nas provações e pela graça de Deus eu aprendi que o fundamento de todos os bens, o apelo da alma longe do cativeiro a que a levara o inimigo, o caminho que conduz à luz e à vida, tudo

---

662 *A escada santa* XXVIII, 1.
663 *Ibid.*, XXVIII, 27.
664 Evagro, *Sobre a prece* 37.
665 *Ibid.*, 36.
666 *Ibid.*, 3.
667 *Ibid.*, 101.
668 *Ezequiel* 4: 10-11.
669 *Sentenças dos Padres do deserto*, Longino 5.
670 I *Coríntios* 9: 27.
671 *Salmo* 108 (109): 24.
672 *Obras espirituais*, pg. 297-298.
673 *Ibid.*, pg. 153.
674 *Ibid.*, pg. 151, citando *Salmo* 125 (126): 5.
675 *Ibid.*, pg. 248.

provém destas duas coisas: recolher-se a um lugar solitário e jejuar sempre, ou seja, regrar sua vida pela temperança do ventre, sábia e prudentemente, permanecendo imóvel na busca e na meditação constante de Deus. Pois é assim que se obtém a submissão dos sentidos; assim que se descobre a sobriedade do intelecto, assim que se acalmam as paixões selvagens que agitam o corpo; assim que se amansam os pensamentos; assim que se ilumina a reflexão; assim que se desperta a atenção para as obras divinas da virtude; assim que se elevam e se afinam os pensamentos; assim que nos chegam todo o tempo as lágrimas sem medida e a lembrança da morte; assim que nos é concedida a castidade pura, perfeitamente afastada de qualquer imaginação que atormente o intelecto; assim que recebemos a visão aguda, a acuidade do conhecimento do que está distante; assim recebemos também as profundezas dos significados místicos que o intelecto compreende no poder das palavras de Deus, os movimentos interiores que nascem na alma e o discernimento que nos permite distinguir entre os espíritos e as santas potências e entre as verdadeiras visões e as imaginações vãs; enfim, é assim que recebemos o temor das vias e dos caminhos que cruzam o oceano da reflexão, este temor que proíbe a irresponsabilidade e a negligência; e a flama do zelo que supera todo perigo e ultrapassa todo medo; e o fervor que despreza todas as concupiscências, as apaga da reflexão e nos faz esquecer com o resto toda lembrança das coisas passadas. Numa palavra, é assim que descobrimos a liberdade do homem verdadeiro, a alegria da alma, a ressurreição e o repouso com Cristo no Reino dos céus. Se alguém é negligente nessas duas coisas, saiba que não apenas perde tudo o que dissemos, mas também que, ao desprezar estas duas virtudes, ele inverte o fundamento de todas as demais virtudes. Com efeito, assim como elas são o começo e a cabeça da obra divina na alma, a porta e a via que levam a Cristo se as guardamos e perseveramos nelas, também se nos separamos e nos afastamos delas acabamos por cair nas duas coisas que são seus contrários, ou seja, a excitação do corpo, a gula intempestiva e tudo o que se segue[676]”.

Em outra parte: “Alguns, irresponsáveis e moles desde o início, ficam atemorizados e perturbados não apenas com tais combates e com os esforços que eles exigem, mas até pelo ruído das folhas das árvores; a menor necessidade a que a fome os leva, a menor fraqueza os domina. Eles renunciam e voltam atrás. Outros, que são verdadeiros, que são experientes, nem de legumes se alimentam: eles vivem das raízes de plantas secas, e não aceitam comer nada antes da hora que se fixaram para tomar alimento. Eles permanecem deitados sobre a terra no esgotamento e na agonia do corpo. Seus olhos já não veem claramente, tanto estão vazios seus corpos. Levados por esta necessidade, eles estão prestes da deixar seus corpos. Mas em sua firme resolução, eles não se deixam levar pelo desencorajamento nem pela queda. Pois, com todo seu desejo eles não buscam outra coisa do que violentar-se por amor a Deus. Eles preferem sofrer pela virtude a usufruir desta vida passageira e do repouso que ela permite. E quando lhes advêm as tentações, eles se regozijam por ter de lutar contra elas para se tornarem perfeitos. Em seu amor a Deus, eles não hesitam em enfrentar as duras penas que elas lhes trazem. Até sua partida desta vida, eles acolhem nobremente e de coração os ultrajes e não recuam, pois é pelos ultrajes que eles se tornam perfeitos[677]”. Também nós marchamos sobre as pegadas destes homens e dos que a eles se assemelham, obedecendo ao que foi ordenado: “Vá pela via real, não se desvie nem à direita nem à esquerda[678]”; e assim nós lhe

---

[676] *Ibid.*, pg. 169-170.
[677] *Ibid.*, pg. 290-291.
[678] Cf. *Números* 20: 17.

expusemos o modelo e a regra do justo meio, cuja verdadeira definição está aqui descrita.

31. Como deve aquele que conduz o combate espiritual se alimentar na segunda-feira, na quarta e na sexta-feira.

Três dias por semana – segunda, quarta e sexta-feira – coma seu almoço na nona hora[679] e não se alimente mais do que uma vez no dia. Coma cerca de seis onças de pão e alimentos secos, com temperança: o que for suficiente. Beba três ou quatro copos de água, conforme sua vontade. Siga aquilo que está prescrito no 69º cânon dos Santos Apóstolos: se um bispo, um padre, um diácono, um leitor, um mestre de canto não jejua durante a santa quaresma da Páscoa, ou na quarta ou na sexta-feira, sem que o impeça a fraqueza do corpo, que ele seja deposto. Se um leigo faz o mesmo, que seja excomungado. Os divinos Padres acrescentaram a segunda-feira ao cânon.

32. Como deve se alimentar na terça e na quinta-feira.

Nos outros dois dias – terça e quinta-feira – coma duas vezes. No desjejum, coma seis onças de pão e alimentos cozidos, com temperança, e um pouco de alimentos secos. Tome também vinho misturado com água, até três ou quatro copos, se sentir necessidade. Ao entardecer, três onças de pão, um pouco de alimentos secos ou algumas frutas, um copo de vinho ou de água, ou dois se tiver muita sede. Pois a sede faz com que venham as lágrimas, e ela tem a vigília por companheira, como diz João Clímaco: "A sede e a vigília partem o coração; do coração partido jorram as lágrimas[680]". E santo Isaac: "Tenha sede por Deus, a fim de que ele o encha com seu amor". Mas se, durante estes dois dias, você quiser se manter com uma só refeição, você fará muito bem. Pois as primícias, a mãe, a raiz, a fonte, o fundamento de todos os bens são o jejum e a temperança. Um autor profano escreveu: "Escolha da vida o melhor, e o hábito o tornará doce". E o grande Basílio: "Onde existe resolução, não há impedimento". E outro dos Padres que têm a Deus em si: "O começo da frutificação é a flor. E o começo da vida ativa é a temperança[681]".

Talvez estas e outras coisas pareçam difíceis a alguns, e até mesmo impossíveis. Mas quem considera os frutos que elas podem dar e que vê a glória que elas engendram, as julgará fáceis. Com a ajuda de nosso Senhor Jesus Cristo, e com seu próprio zelo na medida de suas forças, ele as proclamará em palavras e obras e confirmará seu poder. Santo Isaac disse: "Uma refeição frugal sobre uma mesa pura purifica de todas as paixões a alma daquele que come". E: "Da mesa dos que jejuam, que velam e que se esforçam no Senhor, receba para você o remédio da vida". E: "Desperte sua alma da morte. Pois o Bem-Amado deitou-se em meio deles, santificou seus alimentos e transformou com sua inefável doçura a amargura de suas vidas duras. Os espíritos celestes que o servem cobriram-nos com sua sombra, a eles e a seus santos alimentos". E: "O doce odor daquele que jejua e sua proximidade regozijam os corações dos que são dotados de discernimento". E: "A vida do homem temperante é amada por Deus[682]".

---

[679] Em torno do meio-dia.

[680] *A escada santa*, VI, 15.

[681] Hesíquio de Bathos, *Sobre a vigilância* 165.

[682] *Obras espirituais*, pg. 248-249 (cinco últimas citações).

33. Como deve se alimentar no sábado. Das vigílias noturnas. Como se alimentar no tempo das vigílias.

Todos os sábados – exceto o sábado santo – é preciso tomar duas refeições, como indicado para a terça e a quinta, conforme a definição dos santos cânones, e porque você deve celebrar todas as vigílias noturnas dos domingos de todo o ano, salvo o domingo que precede à grande quaresma. Mas se se acrescentarem as vigílias de uma das grandes festas do Senhor ou de um dos santos maiores, você deverá celebrar estas vigílias e deixar a do domingo. Seja como for, coma duas vezes aos sábados. É bom que você sempre se esforce para a obra da vigília noturna. É por isso que, se acontecer destas vigílias acontecerem no meio da semana, será vantajoso celebrar também a do domingo: você logo receberá um grande ganho. É assim que sua luz jorrará como a aurora, diz o profeta, e assim se levantará sua cura[683].

Santo Isaac diz também: "A pena da vigília e do jejum é o começo de todo combate contra o pecado e a concupiscência, sobretudo para quem enfrenta o pecado que está no interior de cada um. Os que se esforçam para sustentar este combate invisível veem nisto o sinal de que realmente odeiam o pecado e a concupiscência. Quase todos os ataques das paixões começam a diminuir quando se jejua. E depois do jejum, a vigília da noite contribui para a ascese. Que, durante toda sua vida, ama unir em si o jejum e a vigília, será o amigo da castidade. Assim como a saciedade do ventre e a preguiça do sono, que inflamam o desejo da prostituição, são o começo de todos os males, também a santa via divina, o fundamento de toda virtude, é o jejum unido à vigília e à vigilância na liturgia de Deus[684]".

E ainda: "Quando a alma está noite e dia iluminada pela lembrança de Deus e vela sobre esta sem descanso, o Senhor desdobra sobre sua firme segurança uma nuvem que a cobre de dia e uma luz de fogo que a ilumina de noite[685]. A luz sempre brilhará no interior de sua treva[686]". E: "Escolha uma obra das delícias, a vigília constante durante as noites. É por meio dela que todos os Padres se despojaram do homem velho[687] e foram considerados dignos da renovação do intelecto. É ao longo dessas horas de vigília que a alma toma consciência desta vida imortal, é quando ela sente isto que ela se despoja das trevas das paixões e recebe o Espírito Santo[688]". E mais: "Honre a obra da vigília, a fim de encontrar consolo para sua alma[689]". E: "Não imagine, homem, que, em toda a obra dos monges, se possa encontrar algo de maior que a vigília noturna". E: "Não pense que um monge que permanece em vigília com o discernimento do intelecto se encontra ainda na carne. Esta obra pertence na realidade à ordem angélica". E também: "A alma que se esforça por levar esta vida angélica da vigília terá os olhos dos querubins. Seu olhar estará continuamente voltado para a contemplação celeste[690]".

No tempo da vigília, permaneça com a prece, a salmodia e a leitura, com toda pureza, recolhimento e compunção, só ou com alguém que

---

683 Cf. *Isaías* 58: 8.

684 *Obras espirituais*, pg. 423-424.
685 Cf. *Êxodo* 13: 21-22.
686 *Obras espirituais*, pg. 297.
687 Cf. *Efésios* 4: 22.
688 *Obras espirituais*, pg. 460.
689 *Ibid.*, pg. 153.
690 *Ibid.*, pg. 184 (três últimas citações)

lhe agrade e que compartilha de sua vida. Depois do período de vigília, dê a si mesmo um pouco do conforto de um alimento e de bebida, para aliviá-lo da pena, durante a refeição. Vale dizer: coma três onças de pão. Tome alguns alimentos secos, se puder. Beba ainda três copos de vinho misturado com água. Se no dia em que você come à nona hora houver vigília, suprima esta refeição. Pois é preciso fazer uma coisa e não permitir a outra[691]. Quanto ao reconforto do alimento ao final das vigílias, já dissemos o que deve ser feito.

34. Como se alimentar nos domingos. De algumas outras coisas. Enfim, das penas e da humildade.

Da mesma forma, aos domingos, como aos sábados, coma duas vezes durante a jornada. Guarde esta fórmula tal e qual, sem fraqueza. O mesmo vale para os dias que foram autorizados aos Padres divinos e como que liberados devido a um longo costume ou por razões mais recentes, vale dizer, razões que vêm de Deus, ou até por razões contrárias. Nestes dias, rompemos com a refeição única e com os alimentos secos, mas tomamos todo tipo de alimento útil e irreprochável, e também legumes, com temperança e na quantidade prescrita. Pois é sempre melhor ser temperante em tudo.

Durante as enfermidades corporais, dissemos, podemos tomar sem vergonha todos os alimentos legítimos e úteis que confortam o corpo. É o que ensinaram os Padres divinos: "É preciso destruir as paixões, mas não o corpo".

[691] Cf. *Mateus* 23: 23.

Que lhe seja natural, por tudo o que foi ensinado, ou seja, por tudo o que é permitido à profissão monástica, comer um pouco, para dar graças a Deus e pela modéstia. Rejeite o supérfluo. "A raridade das coisas, diz santo Isaac, ensina a temperança ao homem, mesmo que ele não queira". Quando temos coisas em abundância e licenciosamente, não possuímos a nós mesmos. Não ame o conforto do corpo, pois a alma que ama a Deus, conforme santo Isaac, não sente conforto senão em Deus[692]. Melhor é escolher a pena, a vida dura, o rebaixamento. "São as penas e a humildade, escreveu um santo, que permitem alcançar a Jesus".

35. Como se alimentar e como se conduzir durante a grande Quaresma e em especial durante a Semana Santa.

Quanto ao alimento que você deve tomar, bem como sobre a vida que você deve levar durante a santa Quaresma, pensamos que é supérfluo dar aqui uma explicação detalhada e especial. Pois durante a santa Quaresma, exceto nos sábados e domingos, você deve fazer o que foi ordenado nos dias em que você come à nona hora. Se você puder, seja ainda mais rigoroso e mais sóbrio durante a santa e grande Quaresma, pois ela oferece o dízimo de todo o ano e concede, pelo dia do Senhor, no dia divino e luminoso da Ressurreição, as recompensas dos combates aos que conseguem vencer em Jesus Cristo.

36. Do discernimento. Do desprezo pelo trabalho comedido. Da submissão.

[692] *Obras espirituais*, pg. 151.

Entretanto, é preciso se dedicar a essas práticas e a outras semelhantes com rigoroso discernimento, se você quiser manter em harmonia e em estado de calma o duplo animal que somos. Foi dito: "É pela sabedoria que se constrói uma morada. É pela inteligência que ela é edificada. É pela experiência que seus celeiros são cheios de todas as riquezas preciosas e boas[693]". O divino Thalassius também escreve: "A indigência e o jejum, levados a efeito com discernimento e razão, constituem o caminho real. Mas a mortificação sem discernimento, ou a condescendência irrefletida, são nocivas, pois de um lado como de outro as coisas se fazem contra a razão". Santo Isaac diz: "A desorientação e a confusão de pensamentos seguem-se ao relaxamento dos membros. A acídia se segue ao trabalho feito sem medida, e a desorientação acompanha a acídia. Mas são desorientações diferentes: a primeira segue-se ao combate que nos faz a prostituição; a segunda, ao abandono do mosteiro e à errância de lugar em lugar. Deixamos de honrar o trabalho ritmado feito com esforço. Quando diminuímos as penas do trabalho, passamos a buscar o prazer. E a falta de medida faz aumentar a desorientação[694]". E o grande Máximo: "Não coloque toda sua atenção na carne, mas delimite sua ascese tanto quanto puder, e volte todo seu intelecto para o interior. Pois os exercícios corporais não servem para grande coisa, mas a piedade é útil para tudo, etc.[695]".

Na balança, a carne pode suplantar a alma, dominá-la e pesar sobre ela, arrastando-a para os impulsos e os movimentos desordenados que a corrompem, conforme está escrito: "A carne deseja contra o espírito, e o espírito contra a carne[696]". Mas você ponha nela a mordaça da temperança, refreie-a, mortifique-a até que, mesmo não querendo, ela se torne dócil e submissa ao melhor. Lembre-se do que foi dito pelo grande Paulo: "Na medida em que o homem exterior se destrói o homem interior se renova dia após dia[697]". E santo Isaac: "Esforce-se para morrer nos combates, e não para viver na negligência. Pois os mártires não são apenas os que recebem a morte pela fé em Cristo, mas os que morrem para guardar seus mandamentos[698]". E: "É melhor morrer no combate do que viver em falta[699]". E: "Antes de tudo, não faça nada sem antes receber o conselho de seu pai espiritual no Senhor. Então, com a graça de Cristo, o que era pesado lhe parecerá leve para carregar, e o que era escarpado se inclinará como uma planície". Mas agora devemos voltar ao ponto de onde partimos.

37. Como o combatente deve passar o tempo entre a refeição e o por do sol. Que é preciso crer que as graças divinas são dispensadas seguindo a pena e a medida de nosso trabalho.

Depois de haver almoçado como convém ao combatente, conforme ordenado pelo glorioso Paulo quando disse que quem luta deve ser temperante em tudo[700], sente-se e faça uma leitura, consequente, sobretudo dos Padres consagrados à sobriedade e à vigilância. Se os dias forem longos, durma por uma hora. Depois se levante e trabalhe

---

693 *Provérbios* 24: 3-4.
694 *Obras espirituais*, pg. 294.
695 *Sobre o amor* IV, 63; citando I *Timóteo* 4: 8.
696 *Gálatas* 5: 17.
697 II *Coríntios* 4: 16.
698 *Obras espirituais*, pg. 251.
699 *Ibid.*, pg. 91.
700 Cf. I *Coríntios* 9: 25.

um pouco com as mãos, mantendo a oração. Depois ore como lhe mostramos, leia, medite, cuide para se rebaixar e se considerar abaixo de todos os homens. Pois foi dito: "Quem se eleva será rebaixado e quem se humilha será elevado[701]". E: "Que aquele que se acha de pé cuide para não cair[702]". E: "O Senhor se opõe aos orgulhosos, mas concede sua graça aos humildes[703]". E: "O começo do orgulho é a ignorância do Senhor[704]". E: "Os orgulhosos foram profundamente injustos[705]". E: "Não se satisfaçam no orgulho, mas vão procurar o que é humilde[706]".

O divino Crisóstomo diz igualmente: "Quem conhece a si mesmo deve considerar-se como um nada. Nenhuma outra coisa agrada tanto a Deus como contar a si mesmo dentre os últimos". E santo Isaac: "Os mistérios são revelados aos humildes[707]". E: "Aonde leva a humildade, tudo se cobre com a glória de Deus". E: "A humildade corre adiante da graça, e a presunção adiante do castigo[708]". E são Barsanulfo: "Se você realmente quer ser salvo, escute bem: erga seus pés de sobre a terra e leve seu espírito ao céu. Mantenha sua atenção noite e dia. Despreze todo poder, lute para se considerar abaixo de todos os homens. Esta é a verdadeira via. Não existe outra para quem quer ser salvo por Jesus Cristo, que lhe dá a força[709]. Quem o quiser que corra. Quem o quiser, corra para ganhar[710]. Eu o testemunho diante do Deus vivo[711], que quer dar a vida eterna a todo homem que a desejar". E João Clímaco: "Eu não jejuei; eu não velei; sequer dormi no chão duro. Mas eu me humilhei e, em pouco tempo fui salvo[712]".

Antes de qualquer outra coisa busque apagar-se, como disse são Barsanulfo: "Não se preocupar com nada o fará aproximar-se da cidadela. Desaparecer em meio aos homens o fará residir na cidadela. Morrer para os homens o tornará herdeiro da cidadela e de seus tesouros". E: "Se você quiser ser salvo, mantenha-se apagado e corra para o que está diante de você[713]". Segundo o bem-aventurado João, o discípulo de são Barsanulfo, apagar-se significa não se igualar a ninguém, implica jamais dizer a respeito de uma boa obra: "Fui eu que fiz[714]".

E mais: sente-se, ore com pureza e recolhimento até que chegue o por do sol. Então cante as vésperas costumeiras e se recolha. Creia com um coração sincero: na medida em que penamos e que sofremos pela virtude, na medida de nosso trabalho, receberemos de Deus a partilha dos dons e das recompensas, o elogio e o consolo, como disse o divino salmista: "Quanto mais eu sofro em meu coração, mais as consolações alegram minha alma[715]". E o Salvador: "Venham a mim todos os que sofrem sob o peso, e eu os

---

[701] *Lucas* 14: 11.
[702] I *Coríntios* 10: 12.
[703] *Tiago*, 4: 6.
[704] *Eclesiastes* 10: 12.
[705] *Salmo* 118 (119): 51.
[706] *Romanos* 12: 16.
[707] *Obras espirituais*, pg. 158.
[708] *Ibid.*, pg. 87.
[709] Cf. *Filipenses* 4: 13.
[710] Cf. *Filipenses* 3: 12.
[711] Cf. I *Timóteo* 5: 21.
[712] *A escada santa* XXV, 14.
[713] *Correspondência*, Carta 38.
[714] *Ibid.*, Carta 272.
[715] *Salmo* 93 (94): 19.

aliviarei[716]”. E o grande Paulo: “Nós sofremos com Cristo para sermos também glorificados com ele. Com efeito, eu considero que os sofrimentos do tempo presente nada são comparados à glória que deverá se revelar em nós[717]”.

Máximo, que possuía a sabedoria das coisas divinas, dizia igualmente: “É dito que os bens de Deus são dispensados na medida da fé de cada um. Segundo cremos, com efeito, aumenta em nós o desejo de levar a obra adiante. Quem se encaminha para o final da obra revela a medida de sua fé proporcionalmente àquilo que fez, e recebe a graça na medida em que acreditou[718]”. Mas quem não chega ao final da obra mostra a medida de sua descrença proporcionalmente àquilo que deixou de fazer, e se priva da graça na medida em que não acreditou O invejoso faz mal em invejar aquele que conseguiu escolher este caminho que está claramente aqui e em nenhum outro lugar: crer, agir e receber a graça na medida da fé. Peçamos com toda nossa alma que nos seja dado levar pacientemente os anos que nos restam, que o fim de nossa vida seja cristã, sem dor, sem vergonha, pacífica, e que possamos responder positivamente quando comparecermos diante do trono terrível de onde nos julgará o Senhor, nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.

38. Que a prece pura é maior do que todo trabalho.

Além do que mostramos, saiba também, irmão, que todo método, toda regra, e, se você quiser, toda ação diferenciada, é formulada assim porque ainda não somos capazes de orar em nosso coração com toda pureza e em perfeito recolhimento. Pois, quando alcançamos este estágio, pela benevolência e a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, quando deixamos para trás a divisão e a diversidade do múltiplo, ficamos, diretamente e acima da razão, unidos ao um, ao simples, ao unificador, como disse o glorioso Teólogo: “Deus se une e se revela aos deuses[719]”. Esta é a iluminação enipostática[720], que o Espírito Santo traz ao coração. Esta iluminação, diz-se, nasce da prece pura em recolhimento, da prece do coração de que falamos. Mas isto é raro. Dificilmente encontramos um em mil que seja digno, pela graça de Cristo, de progredir até este estado. Quanto a navegar mais alto e ser considerado digno da prece espiritual, descobrindo a revelação dos mistérios do século por vir, pouquíssimos encontramos dentre inúmeras gerações, que tenham este poder pela benevolência da graça.

É isto que também escreve santo Isaac: “Assim como, entre miríades de homens, dificilmente se encontra um que mal e mal cumpra os mandamentos e as leis e que alcance a pureza de alma, também se acha um em mil que possa ser considerado digno de atingir, com muita vigilância, a prece pura, de atravessar esta fronteira e descobrir este mistério. Pois a prece pura não é concedida a muitos, mas a poucos. Quanto a este mistério que a segue, e para além daí, dificilmente se encontra um que chegue até aí em gerações e gerações, pela graça de Cristo”. E ele acrescenta: “Se é difícil encontrar um homem que reze com toda pureza, que dizer da prece

[716] *Mateus* 11: 28.
[717] *Romanos* 8: 17-18.
[718] *Sobre a Teologia* V, 35.

[719] Gregório de Nazianze, *Discurso* XXXVIII, 7.
[720] Inerente à hipóstase, à pessoa. União de Deus enquanto Verbo com a pessoa humana de Jesus.

espiritual? Toda prece espiritual é desembaraçada do movimento. A prece ligada ao movimento está abaixo da prece espiritual[721]".

É por isso que se você quiser, pelo trabalho e realmente, vale dizer, por experiência própria, ser considerado em Jesus Cristo digno destes mistérios novos, esforce-se durante todo o tempo para aí chegar, em todas as horas e em todo o trabalho da prece pura e recolhida em seu coração. Você poderá assim progredir da criança que engatinha até o homem perfeito, na medida da plenitude de Cristo[722], e com a economia fiel e prudente[723] ser chamado de bem-aventurado e receber o elogio, pois você terá gerado suas palavras com discernimento, ou seja, você terá vencido segundo a razão daquilo que você diz. Então você não poderá mais ser sacudido, como escreveu são Filemon: "Irmão, quando Deus o tornar digno de orar noite e dia com o intelecto puro e recolhido, não se preocupe mais com a regra, mas permaneça voltado tanto quanto puder para sua ligação com Deus. É ele que ilumina seu coração sobre a obra espiritual[724]". E um dos sábios divinos: "Se você quiser celebrar a liturgia de Deus em seu corpo como um incorporal, adquira secretamente e, seu coração a prece contínua, e sua alma, ainda que antes da morte, será como um anjo".

Santo Isaac escreveu no mesmo sentido. Interrogado por alguém que lhe perguntou o que abarca todas as penas dessa obra, ou seja, da hesíquia, a fim de aprender, depois de alcançá-la, que aí está a perfeição da vida monástica, ele respondeu: "Quando se traz em si a prece contínua. Quando atingimos esta oração, chegamos de fato à extremidade de todas as virtudes. Tornamo-nos daí em diante uma morada do Espírito Santo. Pois, se não recebemos a graça do Consolador, é impossível termos em nós como toda liberdade a perfeição desta oração contínua. Com efeito, foi dito que o Espírito, quando estabelece sua moradia em um homem, não deixa nunca mais de estar em oração. O próprio Espírito ora todo o tempo. A partir daí, quer durma ou vele, a prece já não deixa a alma deste homem. Quer ele coma, quer beba, durma, seja lá o que faça, e até no sono profundo, os perfumes e os vapores da oração sobem sem dificuldade ao seu coração. Então a prece já não mais se interrompe. Em todas as horas de sua vida, ainda que a prece repouse fora dele, ele não deixará de dizê-la em si secretamente[725]".

Um dos Padres que traziam a Cristo em si chamou a prece de silêncio dos puros. Pois seus pensamentos são os movimentos de Deus. Mas os movimentos do coração puro e do intelecto são doces vozes que cantam secretamente a Deus que permanece no segredo. Muitos outros Padres que tinham a Deus em si, iniciados em tal graça pela experiência, expuseram numerosas coisas como esta, dignas de admiração, mas que não mencionaremos para não nos estendermos em demasia aqui.

39. Do número de prosternações a cada noite e dia.

Quanto às prosternações que devemos fazer a cada noite e dia durante os cinco dias da semana, os Padres divinos estabeleceram o número de trezentas. Mas todos os sábados e domingos, e em outros

[721] *Obras espirituais*, pg. 188-189.
[722] Cf. *Efésios* 4: 13.
[723] Cf. *Lucas* 12: 42-43.
[724] *Sobre o abade Filemón.*
[725] *Obras espirituais.*

dias fixados pelo costume por razões ocultas e misteriosas, mesmo que caiam durante a semana, nos é ordenado não nos prosternarmos. Existem alguns que ultrapassam este número, outros que não o alcançam. Cada um age de acordo com sua força e resolução. Faça você também o que puder. Em verdade, bem-aventurado é quem se violenta em todas as coisas dedicadas a Deus. Pois a entrada no Reino dos céus se faz a força, e dele se apoderam os que se violentam[726].

40. Que os dons de Deus são distribuídos, como dissemos, não apenas segundo nosso combate e na medida de nosso esforço, mas também conforme o estado de nossa vida, o cuidado com que a levamos, nossa fé e a disposição natural que nos é própria.

É preciso saber, como já dissemos, como nos são distribuídos os dons de Deus, não apenas segundo nosso combate e na medida de nosso esforço, mas também segundo o estado de nossa vida e o cuidado com que a levamos e, com certeza, conforme nossa fé diante daquilo que nos é proposto e a disposição natural que nos é própria.

São Máximo disse: "O intelecto é o órgão da sabedoria e a palavra é o órgão do conhecimento. A certeza natural que decorre dos dois é o órgão da fé suscitada por um e outro. O amor natural do homem é o órgão do carisma das curas. Pois todo carisma divino tem em nós um órgão apropriado – uma faculdade, um estado ou uma disposição – que está naturalmente ligado a ele e que é capaz de recebê-lo. Assim, aquele que purifica o intelecto de todas as imaginações sensíveis recebe a sabedoria. Quem permite que a razão domine as paixões naturais – o ardor e o desejo – recebe o conhecimento. Quem traz em si, pelo intelecto e a razão, a inquebrantável certeza do divino, recebe a fé que tudo pode. Quem atinge o amor natural do homem, depois da total destruição do egoísmo, recebe o carisma das curas[727]". Mas que seja assim: "Vigie para que ninguém conheça a sua obra fora aquele que o assiste e dirige. E reze por nós, os indignos, que falamos do bem mas não o praticamos, a fim de que sejamos considerados dignos de fazer primeiro o que agrada a Deus, para depois falar aos homens e exortá-los. Pois aquele que fez e depois ensinou, como diz a palavra divina, será chamado grande[728]. Então o Senhor todo-poderoso e compassivo o fortificará e guiará, para que você possa ouvir estas coisas, compreendê-las e fazê-las com todo o seu desejo. Pois não são aqueles que ouvem a lei que são justos diante de Deus, segundo o divino Paulo, mas os que a cumprem[729]. Ele o colocará em todas as obras boas e salutares. E neste trabalho intelectual e sagrado que ele lhe propõe, ele o conduzirá em espírito, pelas orações dos santos. Amém".

Já falamos um pouco do discernimento prático. Agora é tempo de falarmos do discernimento total e perfeito, na medida em que é possível explica-lo brevemente. Pois o discernimento é naturalmente a maior de todas as virtudes, de acordo com nossos gloriosos Padres.

41. Do discernimento total e perfeito. Quem é aquele que vive contra a natureza e carnalmente. Quem é o que vive

---

[726] CF. *Mateus* 11: 12.

[727] *Sobre a Teologia* V, 33.

[728] *Mateus* 5: 19.

[729] *Romanos* 2: 13.

segundo a natureza e psiquicamente. E quem é o que vive acima da natureza e espiritualmente.

Aquele que vive e se conduz carnalmente e contra a natureza perdeu totalmente sua capacidade de discernir. Mas quem se afasta do mal, que começa a fazer o bem (conforme está escrito: "Afaste-se do mal e faça o bem[730]"), se for iniciado e abrir os ouvidos ao ensinamento, adquirirá pouco a pouco algum discernimento, como convém aos noviços. Aquele que, seguindo a natureza e psiquicamente, submete sua vida à reflexão e à razão, e que é chamado de médio, este vê as coisas pela sua própria medida, e discerne o que lhe diz respeito e o que concerne aos que são como ele. Mas quem conduz sua vida além da natureza e espiritualmente, este ultrapassa o apaixonado que se inicia e também os limites da vida média e, graças a Cristo, progride para a perfeição – esta iluminação enipostática – e para o discernimento perfeito: ele se vê, ele discerne a si próprio com plena clareza. Ele vê e discerne igualmente com toda pureza a todos os seres. Mas ele próprio, por mais que o vejamos, não é visto nem discernido por ninguém. Ele tampouco é julgado, porque ele é verdadeiramente espiritual, e é assim chamado não com tinta e papel, mas de fato e pela graça, como disse o divino apóstolo: "O espiritual julga todos os seres, mas não é julgado por ninguém[731]".

42. Do discernimento: um exemplo.

Dentre esses homens, um se parece com alguém que caminha numa noite profunda, nas trevas sombrias. Errante e cego na intangível escuridão, não apenas ele não se vê nem discerne a si próprio, como também não sabe aonde vai nem por onde caminha, como disse o Salvador: "Aquele que caminha nas trevas não sabe aonde vai[732]". Outro está numa noite pura iluminada pelos astros. Ele avança pouco a pouco sob a fraca luminosidade. Muitas vezes seus pés topam nas pedras – pois ele discerne mal – e ele cai. Este homem se vê e discerne a si mesmo com dificuldade, como nas sombras, conforme está escrito: "Você que dorme, levante-se dentre os mortos, e a luz de Cristo se levantará com você[733]". Um outro está numa noite calma de plenilúnio. Os raios da lua o guiam: ele caminha sem erros e vai avante. Ele se vê e distingue a si mesmo como em um espelho, e distingue os que caminham com ele, como está dito: "Vocês fazem bem em estarem atentos à lei, como uma lâmpada que brilha num lugar escuro, até que venha o dia e que o astro da luz se levante em seus corações[734]". Outro está na imensa pureza do pleno meio-dia iluminado pelos raios solares em todo seu ardor. Sob esta luz do sol, ele se vê se distingue tal qual é. E ele julga muitos seres, e mesmo todos os seres, como disse o apóstolo divino[735], e, certamente, também todas as coisas que lhe acontecem, sejam quais forem. Pois ele avança sem erro, e conduz infalivelmente aos que o seguem para a verdadeira luz, a vida e a verdade.

É sobre estes homens que está escrito: "Vocês são a luz do mundo[736]". O divino Paulo diz também: "Deus, que mandou que a luz brilhasse nas trevas, brilhou em nossos corações, para que irradie o conhecimento da glória de Deus que está na face de Jesus

---

[730] *Salmo* 33 (34): 15.
[731] I *Coríntios* 2: 15.
[732] *João* 12: 35.
[733] *Efésios* 5: 14.
[734] II *Pedro* 1: 19.
[735] I *Coríntios* 2: 15.
[736] *Mateus* 5: 14.

Cristo[737]". E o bem-aventurado Davi: "Revele a nós a luz de sua face, Senhor[738]". E: "Em sua luz veremos a luz[739]". E o Senhor: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida[740]".

43. Da mudança e da alienação para cada um. E da glória eminente da humildade.

Queremos que você saiba também como, pela purificação e a iluminação, alguns atingiram a perfeição até o limite que é possível atingi-la. Pois não existe perfeição perfeita dentro do século imperfeito; na verdade, seu cumprimento não tem fim. Mesmo aqueles homens não trazem em si o imutável todo o tempo, por causa da fraqueza natural e da presunção que às vezes se insinua. Pode acontecer com eles, para serem testados, sofrerem alienações e cativeiros. Eles então clamam pelos maiores socorros.

O que é contrário aos perfeitos, os Padres denominam "parte dos lobos". Pois a imobilidade e a imutabilidade são mantidas tais quais apenas no século futuro. Mas no século presente, existem tanto os tempos de pureza, de paz e consolação divina, como os tempos de confusão, tempestade e tristeza. E isto na medida da vida e do progresso de cada um, segundo os julgamentos que o Senhor conhece, e, certamente, para que através deles reconheçamos nossa fraqueza. Pois foi dito: "Bem-aventurado aquele que conhece a própria fraqueza[741]". E, segundo Paulo: "Não confiemos em nós mesmos, mas naquele que ressuscita os mortos[742]".

Assim, retornemos continuamente a Deus na humildade, no arrependimento, na confissão. Santo Isaac disse: "Quantas vezes alguns transgredem e curam suas almas pelo arrependimento, e a cada vez a graça os recebe. Pois, em toda natureza dotada de razão, a mudança ocorre indefinidamente e as alterações assaltam o homem por toda sua vida. Quem é dotado de discernimento compreende o sentido de tantas vicissitudes. Mas acima de tudo as provas que ele vive a cada dia podem lhe trazer a experiência, se ele for sóbrio e vigilante. Assim ele se manterá recolhido em seu intelecto. Ele aprenderá quais variações de doçura e de bem-aventurança sofre a cada dia sua reflexão e como ela passa subitamente da paz à confusão, sem saber por que, e como vai parar em grande e indizível perigo. É isto que o bem-aventurado Macário quis mostrar com muita presciência e atenção, para a memória e o ensinamento dos irmãos, ao escrever que não devemos cair em desespero quando as coisas contrárias nos forçam a mudar, pois é comum caírem os que se mantêm na ordem da pureza, sem que tenham sido negligentes ou dissolutos, assim como às vezes o ar se torna frio. Com efeito, é justamente quando caminham segundo sua ordem que lhes acontece caírem topando com coisas contrárias ao objetivo de sua vontade".

E mais adiante: "O que acontece ao justo? As mudanças chegam para cada um como o ar que muda". Compreenda o que eu quero dizer com "cada um". Pois também a natureza é uma. Mas a fim que você não pense que ele disse isto apenas dos homens mais baixos e

---

[737] II *Coríntios* 4: 6.
[738] *Salmo* 4: 7.
[739] *Salmo* 35 (36):10.
[740] *João* 8: 12.
[741] *Jó* 37: 7.
[742] II *Coríntios* 1: 9.

menos avançados, e que os perfeitos estão livres da mudança e se mantêm sempre inflexivelmente na mesma ordem, sem pensamentos passionais, como dizem os euquitas[743], ele precisou: em cada um. Como é isto possível, ó bem-aventurado? Mas você mesmo o diz: "faz frio, e pouco depois vem o calor, talvez a geada, e depois a calmaria. O mesmo acontece com o exercício de nossa vida. A guerra e o socorro da graça se sucedem. Por um tempo, a alma atravessa o inverno, duras vagas a assaltam. Novamente chega uma mudança: a graça a visita e cumula seu coração de alegria e de paz vindas de Deus, e de pensamentos castos e tranquilos".

Ele declara aqui que os pensamentos são castos, dando a entender que antes disso eles eram bestiais e impuros. E exorta: "Assim, se depois destes pensamentos castos e doces sobrevém uma agressão, não nos aflijamos nem nos desesperemos. Mesmo no momento do repouso concedido pela graça, não nos glorifiquemos ainda, mas no tempo da alegria esperemos pelos tormentos". Ele acrescenta: "Saiba que todos os santos passaram por esta obra. A partir do momento em que estamos neste mundo, a imensa consolação que está no meio deles nos é dada em segredo, pois todo dia e toda hora nos é pedida a prova de nosso amor a Deus em nossos esforços e nos combates contra as tentações. E a prova é esta: jamais nos afligirmos, nunca nos deixarmos abater durante o combate. Mas quem quiser mudar de caminho ou se desviar deste, se tornará a parte dos lobos". Ó milagre! Como, com tão poucas palavras, soube confirmar um modo de vida, dar-lhe todo o sentido e tirar completamente as dúvidas do intelecto do leitor. Disse ele: quem se desviar do caminho e se tornar a parte dos lobos, é porque quis marchar sobre uma via que não é o caminho. É isto que ele deixou de adquirir em espírito: ele quis caminhar por um caminho próprio, que não foi traçado pelos Padres.

E logo após: "A humildade, mesmo sem obras, apaga numerosas faltas. Ao contrário, sem ela as obras não servem para nada". E: "Aquilo que representa o sal para os alimentos, representa a humildade para todas as virtudes. Ela pode quebrar a força de inúmeros pecados. Assim, é preciso esforçar-se por ela em espírito continuamente, com modéstia e nas provas do discernimento. Se a adquirirmos, ela fará de nós filhos de Deus. E mesmo sem as boas obras, ela nos levará diante de Deus. Mas sem ela, todas as nossas obras, virtudes e penas terão sido em vão. O que Deus quer é a transformação do intelecto". E: "Nós nos tornamos melhores no intelecto. Basta que ele, sem outra ajuda, se mantenha diante de Deus e fale por nós". Ele diz ainda: "Um dos santos disse que, quando lhe vier um pensamento de orgulho dizendo: 'Lembre-se de suas virtudes', você deve responder: 'Amigo, veja sua prostituição'[744]".

---

[743] Os Euquitas ou Messalianos foram uma seita condenada como herética pela primeira vez em um sínodo realizado em 383 d.C. em Side, na Panfília, e cuja ata foi citada por Fócio. A palavra Messalianos vem do siríaco mṣallyānā, que significa "aquele que reza". A tradução para o grego, εὐχίτης, euchitēs, significa o mesmo. A condenação da seita por São João Damasceno e por Timóteo de Constantinopla expressou a visão de que a seita abraçava uma espécie de materialismo místico. Entre as crenças da seita estavam: que a substância (*ousia*) da Trindade poderia ser percebida pelos cinco sentidos; que o Deus triplo se transformou numa única hipóstase (existência) para que pudesse se unir com as almas dos perfeitos; que Deus tomou diferentes formas para poder se revelar aos sentidos; que apenas estas revelações de Deus pelos sentidos conferem a perfeição aos cristãos; que o estado de perfeição, liberdade do mundo e paixão é, portanto, atingido apenas pela oração e não pela igreja, nem pelo batismo e nem por nenhum dos sacramentos, que não teriam efeito nas paixões e na influência do mal sobre a alma. Daí o nome da seita, "Aqueles que rezam". Os messalianos ensinavam que uma vez que a pessoa tenha experimentado a substância de Deus, ela estaria livre das obrigações morais e da disciplina eclesiástica.

[744] Todas as citações acima: Isaac o Sírio, *Obras espirituais*, pg. 270-274.

44. Do arrependimento, da pureza e da perfeição.

"Todo caminho é cumprido através destas três coisas: o arrependimento, a pureza e a perfeição. O que é o arrependimento? Abandonar as coisas passadas e afligir-se por elas. O que é a pureza, em poucas palavras? Um coração compassivo por todas as naturezas criadas. E o que é a perfeição? A profundeza da humildade: o abandono de todas as coisas visíveis – as coisas sensíveis – e de todas as coisas invisíveis – as coisas inteligíveis – e não mais nos preocuparmos com elas".

E ainda: "O arrependimento é a dupla morte voluntária para todas as coisas. É um coração compassivo, o fervor do coração por toda a criação, pelos homens, pelos pássaros, pelos animais, pelos demônios, por todas as criaturas". E mais: "Enquanto estamos neste mundo, abandonados na carne, se quisermos nos elevar até a abóboda dos céus, não poderemos fazê-lo permanecendo na irresponsabilidade, sem obras nem penas. Nisto está o cumprimento, perdoe-me. Mas existe mais do que isto, e é a meditação: a meditação fora de qualquer pensamento".

E são Máximo: "A filosofia dedicada à virtude cria a impassibilidade do julgamento, mas não a impassibilidade da natureza. Vale dizer que a graça do prazer divino, no intelecto, está ligada a esta impassibilidade do julgamento". E também: "Quem recebeu a experiência da tristeza e do prazer da carne é chamado noviço, pois experimentou a facilidade das coisas que cercam a carne. Chamamos perfeito aquele que combateu com o poder da razão o prazer e a dor da carne. E chamamos completo aquele que, pela tensão em direção ao divino, manteve inalienáveis suas faculdades de agir e de contemplar[745]". É por isso que declaramos que o discernimento é a mais alta das virtudes, pois nas coisas que, pela benevolência de Deus, podemos ver fora da luz divina, torna-se possível distinguir exatamente o que é divino e o que é humano, o que é místico e o que é apócrifo.

Mas agora é o momento de expor, na medida do possível, o princípio da santa hesíquia edificante que nos foi prometida, agora que podemos vê-la com clareza. E que Deus conduza o que temos a dizer.

45. Das cinco obras da primeira hesíquia dos noviços, ou hesíquia elementar: a prece, a salmodia, a leitura, a meditação e o trabalho manual.

O noviço, aquele que começa a se consagrar à hesíquia, deve passar noite e dia dedicado às cinco obras por meio das quais ele servirá a Deus. Na oração, ou seja, na lembrança contínua do Senhor Jesus Cristo calmamente introduzida no coração pela inspiração do sopro, como dissemos, e depois devolvida assim: lábios cerrados, nenhum pensamento, nenhuma imaginação estranha.

A prece, dissemos, é descoberta na pura humildade, no interior da cela, através da temperança que fecha o ventre, através da privação do sono e do jejum dos demais sentidos. Na salmodia, na leitura do sagrado Saltério, do Apóstolo e dos santos Evangelhos, dos escritos dos santos Padres teóforos, e, em especial, dos capítulos sobre a prece, a sobriedade e a vigilância. Quanto aos outros ensinamentos

---

[745] *Sobre a Teologia* V, 96.

divinos do Espírito, na lembrança dos pecados que colocam o coração em penas, na meditação do Julgamento de Deus, ou da morte e do castigo, ou da bem-aventurança, e de outros temas semelhantes. E no pequeno trabalho das mãos, para amordaçar a acídia. Depois voltar à oração, ainda que as coisas estejam difíceis, até que o intelecto se habitue a rejeitar com facilidade sua própria agitação ocupando-se inteiramente do Senhor Jesus Cristo, pela lembrança constante, por uma contínua tensão voltada para o tesouro interior – o lugar secreto do coração – e por um enraizamento profundo.

Santo Isaac escreveu também: "Esforce-se para penetrar no tesouro que está em você, e você verá o tesouro celeste. Pois um e outro são um e você contempla os dois pela mesma porta[746]". E são Máximo: "O coração comanda todos os órgãos do corpo. Quando a graça ocupa os pastos do coração, ela reina sobre todos os pensamentos e todos os membros. Pois aí estão o intelecto e todos os pensamentos da alma. É, portanto, aí que deve ser verificado se a graça do Santíssimo Espírito escreveu suas leis. Aí; mas onde? No órgão que comanda, no trono da graça, onde estão o intelecto e todos os pensamentos da alma: no coração".

46. Por onde devem começar aqueles que pretendem viver a hesíquia segundo a razão. Quais são o começo, o crescimento, o progresso e a perfeição.

Esta é a primeira obra dos antigos monges, pois ela abre o caminho aos que escolhem viver a hesíquia segundo a razão. Eles começavam pelo temor a Deus, e na medida em que lhes era possível, pelo cumprimento de todos os mandamentos deificantes: a ausência de preocupações em todas as coisas boas ou más, a fé, a fuga completa para longe das coisas contrárias, a pura consagração ao ser em si, como foi dito. Depois eles cresciam na esperança indefectível[747], e atingiam a medida da plenitude de Cristo[748]. Eles chegavam aí por meio do *eros* divino, total e sobre-eminente, que atravessa a prece do coração, pura e sem distração, e que termina na prece espiritual, firme e imutável. Eles aí chegavam pelo único êxtase imediato em direção ao único, pelo arrebatamento, pela unidade do apelo extremo que escorre das fontes do amor perfeito. É assim que a ação leva infalivelmente à contemplação. E é assim que se ressuscita. Davi, o ancestral de Deus[749], sentiu isto. Transformado por esta mudança bem-aventurada, ele proclamou fortemente: "Eu disse em meu êxtase: todo homem é mentiroso[750]". E um outro, dentre os que se distinguiram no Antigo Testamento: "O que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu, o que não subiu ao coração do homem, é isto que Deus preparou para aqueles que o amam[751]". E o grande Paulo acrescentou em conclusão: "Ele nos revelou isto por seu Espírito. Pois o Espírito sonda tudo, mesmo as profundezas de Deus[752]".

47. Da ordem da hesíquia dos noviços.

O noviço, dissemos, não deve sair constantemente de sua cela. Ele

---

[746] *Obras espirituais*, pg. 189.

[747] Cf. *Romanos* 5: 5.
[748] Cf. Efésios 4: 13.
[749] *Salmo* 76 (77): 11.
[750] *Salmo* 115 (116): 2.
[751] I *Coríntios* 2: 9; citando *Isaías* 64: 3 e 52: 15.
[752] I *Coríntios* 2: 10.

deve evitar falar com todos, mesmo vê-los, se não for por grande necessidade, e aí, raramente, com atenção e precaução, assegurando-se, como disse o divino Isaac: "Que em todas as coisas permaneça em você a lembrança que o socorro que provém da guarda de si mesmo é melhor do que o socorro que provém das obras[753]". Pois estas coisas provocam a dispersão e a confusão, não apenas entre os noviços, mas ainda entre os que estão mais avançados, como o próprio Isaac diz adiante: "O conforto só prejudica os jovens, mas o relaxamento prejudica os jovens e os velhos", e: "A hesíquia destrói as sensações exteriores e desperta os movimentos internos. Mas a vida exterior provoca efeitos opostos: ela desperta as sensações externas e destrói os movimentos internos[754]". Santo Isaac quer nos mostrar com isto onde está a ação e, certamente, o caminho da hesíquia ao qual leva a boa obra. João Clímaco, por seu lado, sugere pelas seguintes palavras quem é aquele que age e caminha como se deve sobre o caminho: "O hesiquiasta é aquele procura a coisa mais maravilhosa: conter o incorpóreo na morada do corpo[755]". E: "O hesiquiasta é aquele que diz: Eu durmo, mas meu coração vela[756]". E: "Feche sobre seu corpo a porta de sua cela, sobre suas palavras a porta de sua língua, e sobre os espíritos a porta de seu coração[757]".

48. Da prece do coração na atenção, na sobriedade e na vigilância, e de sua obra.

Dissemos que a prece que sobe ao interior do coração com a atenção, a sobriedade e a vigilância, fora de todo pensamento, de toda imaginação – qualquer que seja – é, em primeiro lugar: *Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus*. O intelecto se volta inteiramente para fora de toda matéria, fora de toda palavra, para o Senhor Jesus Cristo, a quem ela comemora. Depois vem: *Tenha piedade de mim*. O intelecto retorna sobre si mesmo, como se não suportasse não orar por si próprio. Tendo progredido em direção ao amor pela experiência, ele se inclina daí para frente apenas para o Senhor Jesus Cristo, por ter recebido da segunda parte da invocação uma nítida certeza.

49. Como os Padres divinos nos transmitiram o modo de dizer a oração. Quais são as diferentes formas da oração.

Por isso os Padres divinos parecem não ter sempre transmitido a oração inteira. Um a transmitiu inteiramente, outro a metade, outro parcialmente, outro diferentemente, conforme a força e o estado daquele que ora.

O divino Crisóstomo a transmitiu inteira. Ele disse: "Eu lhes peço, irmãos, não pisoteiem nem desprezem jamais a regra da oração. Pois eu ouvi os Padres dizerem: Que será do monge que desprezar ou pisotear a oração? Mas, ao contrário, quer ele coma, quer beba, quer repouse, sirva ou caminhe, seja lá o que fizer, ele deve clamar *Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim*, a fim de que a memória do nome de nosso Senhor Jesus Cristo provoque o inimigo ao combate. Pois a alma que se violenta deve descobrir tudo pela memória, seja o mal, seja o bem. Ela deve primeiro ver o mal no interior do seu coração; então ela verá o bem. É a memória que suscita o dragão e a memória que o derruba. É a memória que

[753] *Obras espirituais*, pg. 322.
[754] *Ibid*. pg. 249.
[755] *A escada santa* XXVII, 7.
[756] *Ibid*., XXVII, 18; citando *Cânticos* 5: 2.
[757] *Ibid*., XXVII, 19.

denuncia o pecado que existe em nós[758], e é a memória que o espalha e que chama todas as potências do inimigo para dentro do coração. Mas é também a memória que pode vencê-lo e desenraizá-lo em parte, a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo descendo às profundezas do coração derrube o dragão que ocupa as pastagens, salve a alma e lhe dê a vida. Portanto, permaneça continuamente com o nome do Senhor Jesus, a fim de que o coração absorva o Senhor, que o Senhor absorva o coração, e que os dois se tornem um. Mas isto não é trabalho para um dia ou dois. É preciso muito tempo combatendo, para que o inimigo seja rejeitado e que Cristo habite em nós[759]".

E ainda: "É preciso que o intelecto se afirme, que ele conduza com as rédeas e o freio e que castigue todo pensamento, toda ação do Maligno por meio da invocação de nosso Senhor Jesus Cristo. Aonde estiver o corpo, esteja ali o intelecto, a fim de que entre Deus e o coração não se encontre nada que seja como um muro ou uma barreira que entenebreça o coração e separe o intelecto de Deus. E, se acontecer das trevas se apoderarem do intelecto, não devemos nos demorar nos pensamentos, para que o consentimento a estes mão lhe seja imputado como um ato no dia do Julgamento diante do Senhor, quando Deus virá para julgar os segredos dos homens[760]. Detenham-se de uma vez por todas e permaneçam no Senhor nosso Deus, até que ele tenha compaixão de nós[761]. E não busquem outra coisa senão a piedade que vem do Senhor da glória[762]. Mas, se buscarem a piedade, procurem com um coração humilde, com o coração contrito. E repitam da manhã até a noite, e se possível toda a noite: *Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim*. Engajem o intelecto com toda força nesta obra até a morte, pois ela exige que nos violentemos. A porta é estreita, a via que conduz à vida é apertada[763]. Aí só entram os que se violentam, pois deles é o Reino dos céus[764]. Por isso eu lhes peço: não separem de Deus seus corações. Mas perseverem, mantenham-se todo o tempo na memória de nosso Senhor Jesus Cristo, até que o nome de nosso Senhor esteja plantado nos seus corações e que estes não concebam nada de outro, a fim de que Cristo seja magnificado em vocês[765]".

Mas, bem antes disso, o grande Paulo havia escrito: *Senhor Jesus*. Ele disse: "Se você confessar com sua boca o Senhor Jesus, e se crer em seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo. Pois é crendo no coração que se chega à justiça, e é confessando pela boca que se alcança a salvação[766]". E mais: "Ninguém pode dizer 'Senhor Jesus', se não for pelo Espírito Santo[767]". Ele acrescenta: *pelo Espírito Santo*, o que quer dizer: quando o coração recebe a energia do Espírito Santo, é por meio dele que passa a orar. Isto é próprio dos que progrediram, dos que receberam a riqueza de Cristo, a partir do momento em que este permanece claramente neles.

"Siga este caminho, diz também são Diádoco. Quando, pela lembrança de Deus, fechamos todas as saídas do intelecto, ele não cessa de nos pedir uma obra que lhe permita manter-se até o final de seu curso. É preciso, assim, dar-lhe as simples palavras: *Senhor*

[758] Cf. *Romanos* 7: 17.
[759] Pseudo-Crisóstomo, *Ad monachos*.
[760] Cf. *Romanos* 2: 16.
[761] Cf. *Salmo* 122 (123): 2.
[762] Cf. I *Coríntios* 2: 8.
[763] Cf. *Mateus* 7: 14.
[764] *Mateus* 11: 12.
[765] Pseudo-Crisóstomo, *Ad monachos*.
[766] *Romanos* 10: 9-10.
[767] I *Coríntios* 12: 3.

Jesus, para atingir plenamente este objetivo. Pois, segundo Paulo, ninguém pode dizer 'Senhor Jesus' se não for pelo Espírito Santo[768]. Mas que ele encerre sempre estas palavras dentre seus tesouros, a fim de não ser desviado por imaginações. Os que meditam sem relaxar, do fundo do coração, o nome glorioso e tão desejado, poderão ver um dia a luz do intelecto. Se a reflexão a guarda e vigia, esta luz, com efeito, queima, o bastante para que sintamos, toda sujeira colada à alma. Pois foi dito que Deus é um fogo devorador[769]. O Senhor chama a alma para o grande amor de sua glória. Quando o calor do coração faz residir em nós, pela memória do intelecto, o nome glorioso e tão desejado, nos coloca em estado de amar sua bondade. E nada poderá nos impedir. Com efeito, esta é a pérola preciosa que precisamos adquirir vendendo tudo o que temos, e cuja descoberta cumula de alegria inefável[770]".

Santo Hesíquio escreveu: *Jesus Cristo*. Ele acrescenta: "A alma que, através da morte, voa no espaço para as portas celestes e que tem Jesus consigo e por ela, não será confundida por seus inimigos, mas então, e daí por diante, lhes falará às portas com segurança. Mas até sua partida ela não deve se desencorajar de chamar por Jesus Cristo noite e dia. Ele agirá por ela. Ele lhe fará justiça rapidamente, segundo a promessa verídica e divina, esta promessa que ele fez a propósito do juiz iníquo[771]. Sim, eu lhes digo, ele o fará, tanto na vida presente como depois que a alma tiver deixado seu corpo[772]".

São João Clímaco fala apenas de: *Jesus*. "Ataque seus adversários com o nome de Jesus. Pois não existe sob o céu arma mais poderosa. E não acrescente mais nada". Ele diz também: "Que a lembrança de Jesus se cole à sua respiração. Então você conhecerá o socorro da hesíquia[773]".

50. Que não foi apenas pelos Padres mencionados, mas pelos próprios Príncipes dos Apóstolos, Pedro, Paulo e João, que fomos iniciados em espírito nas palavras da prece deificante.

Mas não é apenas a partir desses Padres teóforos que mencionamos, e dos que vieram depois deles, que poderemos nos iniciar nas palavras da santa prece; antes deles, houve estes corifeus que foram os primeiros dentre os apóstolos, ou seja, Pedro, Paulo e João. Um disse, como lembramos: "Ninguém pode dizer: 'Senhor Jesus', se não for pelo Espírito Santo[774]". O outro: "A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo[775]". E: "Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus[776]". E o eleito dentre os discípulos de Cristo, que, em resposta à questão que o Mestre e Salvador dirigiu aos próprios apóstolos: "Quem os homens dizem que sou?" – respondeu com esta feliz confissão: "Você é o Cristo, o Filho de Deus vivo[777]".

É por isso que aqueles que vieram depois deles, nossos mestres gloriosos, e sobretudo os que levaram no deserto e no repouso a vida livre de todos os jugos, seguiram estes exemplos que nos deram

[768] *Ibid.*
[769] Cf. *Hebreus* 12: 29.
[770] *Cem Capítulos* 59; citando *Mateus* 13: 45-46.
[771] Cf. *Lucas* 18: 1-8.
[772] *Sobre a vigilância* 149.
[773] *A escada santa* XX, 7.
[774] I *Coríntios* 12: 3.
[775] *João* 1: 17.
[776] I *João* 4: 2.
[777] *Mateus*16: 16.

primeiramente, cada um por sua vez, as três colunas da pura Igreja, e nos transmitiram como vozes divinas pela revelação do Espírito Santo. O uso das palavras da prece é, assim, largamente atestado por estes três testemunhos dignos de fé[778]. Pois foi dito que toda palavra deverá estar fundamentada sobre três testemunhas.

Estes sábios celestes, perfeitamente ligados entre si no Único e em acordo com o Espírito Santo que neles habitava, pregaram a regra da prece e a transmitiram aos que os seguiram que a mantivessem e guardassem da mesma maneira. Veja a ordem e o encadeamento que, com a sabedoria do alto, levaram a esta coisa maravilhosa. Pois um disse: *Senhor Jesus*. O outro: *Jesus Cristo*. E o outro: *Filho de Deus*. Tudo se passa como se um seguisse ao outro, como se estivessem ligados uns aos outros pelo acordo e a ligação destas palavras que são obra de Deus. Você pode ver, com efeito, cada um receber do final das palavras do anterior o começo das suas, e tudo se completa nos três. Você verá a mesma coisa se acrescentar o sentido do Espírito. De fato, o bem-aventurado Paulo disse: "Ninguém pode dizer 'Senhor Jesus' se não for pelo Espírito Santo[779]". E é pelo que foi aqui colocado por último – pelo Espírito Santo – que começa João, a voz do trovão, quando diz: "Todo espírito que confessa Jesus Cristo como se manifestando na carne é de Deus[780]". Eis aqui o que eles deram a conhecer a todos, não por si próprios ou por seu próprio movimento, mas suscitados pela mão do Santíssimo Espírito. A confissão revelada ao divino Pedro veio-lhe, de fato, do Espírito Santo. Pois foi dito: "O único e mesmo Espírito cumpre todas as coisas, dispensando-as a cada um como quer[781]".

Assim é que a tripla corda[782] indefectível da oração deificante, trançada, ajustada, coordenada com enorme sabedoria e ciência, chegou igualmente aos nossos, que a guardaram da mesma maneira. Os divinos Padres que vieram depois acrescentaram as palavras: *Tenha piedade de nós* às palavras salutares da prece – *Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus* – e as adaptaram e prescreveram aos que são ainda pequeninos na ordem da virtude, os noviços e os imperfeitos. Pois aqueles que progrediram, que são perfeitos em Cristo, por meio de cada um desses oráculos – ou seja, 'Jesus Cristo, Filho de Deus', e até mesmo pela simples invocação de Jesus – abraçam e estreitam, por assim dizer, a inteira obra da oração. Assim eles se encheram de um prazer e de uma alegria inefáveis, mais alta do que toda inteligência, mais alta do que tudo o que se pode ver e ouvir.

Deste modo aqueles três vezes bem-aventurados, deixando a carne e o mundo, iniciando seus sentidos pelos dons divinos e a graça que neles habitava, foram tomados de amor no êxtase e na beatitude, foram purificados, foram iluminados, atingiram a perfeição, pois contemplaram a partir daí secretamente e como uma garantia a graça que não tem começo, a graça sobrenatural e incriada da Divindade mais alta do que o ser. Eles se satisfizeram com a simples lembrança, mas também, como ressaltamos, em dizer cada uma das invocações do Verbo, do Deus-Homem, como indicamos. Assim elevados por esta prece nos arrebatamentos, nos conhecimentos e nas revelações, eles foram tornados no Espírito Santo dignos de palavras inefáveis. Em sua grande doçura e seu amor pela alma, nosso Senhor Jesus

[778] Cf. *Mateus* 18: 16.
[779] I *Coríntios* 12: 3.
[780] I *João* 4: 2.
[781] I *Coríntios* 12: 11.
[782] Cf. *Eclesiástico* 4: 12.

Cristo, o Filho de Deus, cujas palavras foram obras e a linguagem espírito de vida[783], como ele próprio disse, lhes deu uma clara certeza e uma confiança segura. Ele lhes declarou com força: "Sem mim vocês nada podem[784]". E: "Se vocês pedirem algo em meu nome, eu o farei[785]". E: "O que quer que peçam em meu nome, eu o farei[786]". E tudo o que se segue, conforme nos foi transmitido.

51. Que é permitido aos noviços tanto dizer todas as palavras da prece como apenas uma parte, mas sempre dentro do coração. E que não se deve mudar constantemente as palavras.

É permitido aos noviços, seja dizer todas as palavras da oração, seja dizer uma parte delas; mas sempre dentro do coração e continuamente. Conforme são Diádoco, "aquele que permanece sempre em seu próprio coração abandona todos os encantos desta vida. Pois, caminhando no Espírito, ele já não conhece os desejos da carne[787]. Este homem vai e vem na fortaleza das virtudes, que nele estão como guardiões da cidadela da pureza. É por isso que as armadilhas dos demônios contra eles não têm efeito[788]". Santo Isaac escreve também: "O coração daquele que visita sua alma todo o tempo se alegra nas revelações". E: "Aquele que recolhe em si mesmo sua contemplação, contempla a irradiação do Espírito. Aquele que despreza toda distração contempla seu Mestre no interior do seu coração[789]".

Mas não se deve mudar constantemente as palavras da oração, a fim de que, devido às mudanças e transferências constantes, o intelecto não se torne instável, não se desvie, nem se torne inconsistente e estéril, como as árvores que são constantemente transportadas e transplantadas.

52. Que o fruto é a prece no interior do coração. Mas que é preciso muito tempo, de combate e de violência. Que simplesmente os bens não podem ser adquiridos senão com tempo e penas.

Este prece contínua no interior do coração, e aquilo que está para além dela, não se obtém simplesmente, como que por acaso, penando um pouco, e depressa, quando na verdade ela se encontra raramente em uns poucos. Ao contrário, é preciso muito tempo e muitas penas, é preciso combater no corpo e na alma e violentar-se intensamente para alcançá-la. Pois, conforme a parte que nos cabe do dom e da graça que esperamos receber devemos, tanto quanto nos for possível, travar por ela os combates correspondentes e avaliar os momentos. Esta graça, para os santos mestres, consiste em expulsar o inimigo das pastagens do coração e trazer Cristo para habitar nele claramente.

Santo Isaac disse igualmente: "Quem quiser ver o Senhor deve se esforçar para purificar o coração por meio da lembrança contínua de Deus. Assim, na claridade de sua reflexão, ele verá o Senhor a toda

---

[783] Cf. *João* 6: 63.
[784] *João* 15: 5.
[785] *João* 14: 4.
[786] *João* 14: 3.
[787] Cf. *Gálatas* 5: 16.
[788] *Cem Capítulos* 57.
[789] *Obras espirituais*, pg. 243.

hora[790]".

E são Barsanulfo: "Se a obra interior que se faz com Deus não vem em socorro do homem, este pena em vão exteriormente. Pois a obra interior que coloca o coração em penas carrega em si a pureza; a pureza carrega a verdadeira hesíquia; a hesíquia carrega a humildade; e a humildade faz do homem a m orada de Deus. Uma vez que Deus habita nele, os demônios são banidos com as paixões. O homem se torna assim um templo de Deus cheio de santidade, cheio de luz, de pureza e de graça. Bem-aventurado aquele que, refletindo seu próprio Senhor no segredo de seu coração, espalha sua oração e chora diante de sua bondade[791]".

E são João de Cárpatos: "É preciso consagrar às preces um longo combate e muito tempo para descobrir no estado sem perturbações da reflexão um outro céu do coração, onde habita Cristo, como disse o Apóstolo: 'Ou vocês não sabem que Jesus Cristo mora em vocês? A menos que vocês sejam reprovados'[792]".

E o grande Crisóstomo: "Persevere sem relaxar no nome do Senhor Jesus, a fim de que o coração absorva o Senhor, que o Senhor absorva o coração, e que os dois se tornem um. Mas isto não é trabalho para um dia ou dois. É preciso um longo combate e muito tempo para que o inimigo seja rejeitado e que Cristo habite em nós[793]".

Haveria muito mais a ser dito, mas devemos voltar à sequência de nossa exposição.

53. Da prece do coração que não é pura. Como atingir a prece pura e sem distrações.

À força de perseverar no método de que falamos, o método da prece do coração, da prece pura e sem distração, mesmo se em outros momentos ela estiver mesclada às impurezas e à agitação, é claro que, atravessando as percepções e os pensamentos que a entravam, aquele que combate chegará ao estado de prece com toda liberdade, com toda imobilidade, com toda pureza, com toda verdade. É preciso então que o intelecto persevere no coração, que ele penetre nele pela respiração, sem nada forçar nem negligenciar, e que não o deixe precipitadamente. Ao contrário, que ele permaneça ali, orando continuamente.

Santo Hesíquio diz igualmente: "Aquele cuja prece não está livre de todo pensamento não está armado para o combate. Refiro-me à prece que dizemos provir das profundezas do coração, a fim de que a invocação de Jesus Cristo ataque aquele que nos combate secretamente e queime o adversário[794]". E em seguida: "Bem-aventurado aquele que em sua reflexão está ligado à prece de Jesus, aquele que, sem relaxar, invoca o Senhor em seu coração, como o ar está unido ao nosso corpo ou a chama está unida à cera". E mais: "Quando o sol passa sobre a terra faz-se o dia. O santo e venerável nome do Senhor Jesus, brilhando continuamente na reflexão, engendrará inumeráveis pensamentos tão luminosos quanto o sol[795]".

---

[790] *Ibid*., pg. 244.
[791] *Correspondência*, Carta 119.
[792] *Aos monges da Índia* 52, cit. II *Coríntios*. XIII,5.
[793] Pseudo-Crisóstomo, *Ad monachos*.
[794] *Sobre a vigilância* 21.
[795] *Ibid*., 196.

54. Da prece do coração, pura e sem distrações, e do calor que ela suscita.

Esta é a que chamamos de prece do coração, pura e sem distrações, da qual se diz: "Dela nasce um calor no coração". Está escrito: "Meu coração queima em mim", e: "Um fogo se acendeu em minha meditação[796]". Este é o fogo que nosso Senhor Jesus Cristo veio atirar sobre a terra de nossos corações que, de outro modo se encheria de espinhos sob o jugo das paixões, mas que, sob a graça, se enche do Espírito. Ele próprio disse: "Eu vim para lançar fogo sobre a terra: e como gostaria que já estivesse aceso![797]". É este fogo que se acendeu em Cléofas e em seu companheiro, que os aqueceu e os fez dizer: "Não queimava nosso coração pelo caminho?[798]".

O grande João Damasceno escreveu num tropário de seus cânticos à puríssima Mãe de Deus: "O fogo do coração me entranha e me leva a celebrar o desejo virginal".

Santo Isaac escreveu igualmente: "O calor sem medida que chega à superfície da reflexão, vindo das lembranças abrasadoras, consome o coração com seu fogo, nasce da violência que fazemos a nós mesmos. Esta obra, esta guarda do coração, afina o intelecto com seu calor e lhe concedem a visão". E mais adiante: "É deste calor que proveniente da graça da contemplação que nasce o fluxo das lágrimas". E logo depois: "A alma recebe a paz dos pensamentos das lágrimas incessantes. Da paz dos pensamentos ela se eleva à pureza do intelecto. E pela pureza do intelecto o homem consegue ver os mistérios de Deus". E ainda: "Depois disso, o intelecto pode ver as revelações e os sinais, como viu o profeta Ezequiel[799]". E mais: "As lágrimas, a cabeça que toca o solo durante a oração, o calor das prosternações despertam no coração a chama de sua doçura. Este é o êxtase digno de todos os louvores. O coração voa para Deus e diz: 'Minha alma tem sede de ti, Deus forte, Deus vivo. Quando verei eu tua face, Senhor?'[800]". E assim por diante".

E João Clímaco: "O fogo que visitou meu coração fez erguer-se a prece. Quando a prece despertou e subiu ao céu, o fogo desceu à câmara mais alta da alma[801]". E ainda: "Quem é o monge fiel e prudente[802] que guardou vivo o calor que nele existe? E que, até sua partida desta vida, não cessou de acrescentar, a cada dia, o fogo ao fogo, o calor ao calor, o desejo ao desejo, o esforço ao esforço?[803]".

E são Elias de Écdicos: "Quando a alma deixou as coisas exteriores e se uniu à oração, então esta a envolve qual uma chama, como o fogo envolve o ferro, e a abrasa inteiramente. A alma permanece a mesma, mas não a podemos tocar, como o ferro em brasa não pode ser tocado[804]". E ainda: "Bem-aventurado aquele que nesta vida foi julgado digno de ser considerado assim, Bem-aventurado aquele que viu seu corpo, por natureza de terra, se tornar fogo pela graça[805]".

---

[796] *Salmo* 38 (39): 4.
[797] *Lucas* 12: 49.
[798] *Lucas* 24: 32.

[799] Todas as citações: *Obras espirituais*, pg. 101.
[800] *Ibid.*, pg. 111; citando *Salmo* 41 (42): 3.
[801] *A escada santa* XXVIII, 48.
[802] Cf. *Lucas* 12: 42.
[803] *Ibid.*, 1: 46
[804] *Florilégio* I, 105.
[805] *Ibid.*, I, 106.

55. Que o calor tem diversas origens. Mas o calor fundamental é aquele que vem da prece do coração, da prece pura.

Saiba que tal calor possui muitas e diferentes formas em sua gênese e sua existência em nós. É o que se depreende claramente das palavras dos santos que expusemos, e também, hesitamos em afirma-lo, do próprio ato, pois o calor que provém da prece do coração, da prece pura, é, de certa forma, mais importante que estas palavras. Ele se propaga e cresce juntamente com a prece, até o repouso sabático na iluminação enipostática. Vale dizer que, conforme os Padres, ele ilumina com esta luz o homem que ora assim.

56. Qual é a obra contínua do calor do coração.

Este calor expulsa continuamente aquilo que impede a primeira prece, a prece pura, de ser cumprida à perfeição. Pois nosso Deus é um fogo, e um fogo que consome[806] o mal dos demônios e de nossas paixões.

São Diádoco disse: "Quando, queimado por alguma dor, o coração recebe as marcas dos demônios, a alma que começa a se purificar odeia as paixões, porque aquele que é combatido teme, em suas penas, sofrer com as flechas do inimigo. Isto quer dizer que, se não experimentamos um grande sofrimento diante da impudência do pecado, não poderemos nos regozijar abundantemente diante da bondade da justiça. Aquele que pretende purificar seu próprio coração deve inflamá-lo diariamente com a lembrança de Jesus Cristo, não tendo outra coisa em si senão esta meditação e este trabalho incessante. Pois os que pretendem expulsar sua própria podridão não devem ora rezar, ora não rezar. É preciso que tragam incessantemente a oração sob a guarda do intelecto, mesmo que permaneçam no exterior das moradas da prece. Pois, do mesmo modo como aquele que quer purificar o ouro evita que o fogo se afaste do cadinho para a matéria purificada não endureça, aquele que às vezes se lembra de Deus e às vezes o esquece, perde, ao se deter, aquilo que pensou ter adquirido ao orar. É próprio de um homem que ama a virtude absorver constantemente a matéria terrestre do coração por meio da lembrança de Deus. Assim, com o mal pouco a pouco consumido pelo fogo da lembrança do bem, a alma alcançará perfeitamente seu esplendor natural, numa glória ainda maior[807]". A partir daí, o intelecto que permanece livremente no coração rezará com toda pureza, livre de qualquer erro.

Um santo disse: "A prece é verdadeira, livre de todo erro, quando o intelecto mantém o coração orando". Santo Hesíquio escreve igualmente: "O verdadeiro monge é aquele que alcançou a sobriedade e a vigilância. E o monge verdadeiramente sóbrio é aquele que é monge em seu coração[808]".

57. Do desejo e do eros *que nascem do calor, da atenção e da prece.*

É neste calor, nesta prece atenta, ou seja, na prece pura, que se encontra o desejo, o *eros* divino que leva à lembrança permanente do

[806] *Hebreus* 12: 29.

[807] *Cem Capítulos* 97.

[808] *Sobre a vigilância* 159.

Senhor Jesus Cristo. Então o amor nasce no coração, conforme está escrito: "As jovens me amaram e me atraíram[809]". E: "Estou doente de amor[810]". Também são Máximo diz: "Todas as virtudes trabalham com o intelecto em seu encaminhamento para o *eros* divino, mas, mais do que todas, a prece pura. Dele ela recebe as asas para voar para Deus, elevando-se para além de tudo[811]".

58. Das lágrimas do coração. Do desejo e do eros *divino.*

Quando de um coração assim correm as lágrimas em abundância, elas purificam e enriquecem aquele que se vê cumulado de amor. Elas jamais se esgotam e nunca secam. Pois aquilo que provém do temor a Deus, assim como aquilo que provém do *eros* divino, nasce do violento e irresistível desejo de amar o Senhor Jesus Cristo a quem lembramos. Fora de si, a alma proclama: "Cristo, você me atraiu por seu desejo, você me transformou por seu *eros* divino[812]". E: "Salvador, você é todo mansidão, todo desejo e apelo, inteiramente inesgotável, inteiramente inconcebível beleza[813]". Com Paulo, o predicador de Cristo, ela repete: "O amor a Deus nos pressiona[814]". E: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a nudez, o perigo, a espada?[815]". E mais: "Estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem as potências, nem o presente, nem o futuro, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura poderá nos separar do amor a Deus que está em Jesus Cristo nosso Senhor[816]".

59. Exortação a não buscar aquilo que ultrapassa a medida, e trazer sempre no coração a lembrança de nosso Senhor Jesus Cristo.

Então, quem poderá ser considerado digno destas coisas e de tudo o que vem com elas? Não é oportuno falar disto agora. Foi dito: "Não busque antes do tempo aquilo que vem com o tempo[817]". E: "O bem não é bom quando não vem a propósito". Segundo são Marcos o Asceta, não convém conhecer o que vem depois sem ter antes feito o que vem primeiro, "pois a ciência infla, se não se traduzir em atos; mas a caridade edifica", "ela suporta tudo[818]".

É preciso assumir as penas e combater sempre, se diz, para trazer continuamente na profundeza do coração a lembrança do Senhor Jesus Cristo, e não de modo exterior e superficial, como diz a respeito o bem-aventurado Marcos o Asceta: "Se, por meio de uma esperança total e espiritual, a prece não abrir o lugar de nosso coração, o lugar mais interior, secreto e puro, é certo que não seremos capazes de conhecer nem aquele que irá nele residir, nem saber se nossos sacrifícios de louvor foram ou não recebidos[819]".

---

[809] *Cânticos* I, 3-4.
[810] *Cânticos* 2: 5.
[811] *Sobre o amor* I, 11.
[812] Tropário para a festa da Transfiguração.
[813] Tropário da liturgia bizantina cantado antes da comunhão.
[814] II *Coríntio*s 5: 14.
[815] *Romanos* 8: 35.
[816] *Romanos* 8: 38-39.
[817] João Clímaco, *A escada santa* XXVI, 70.
[818] *Sobre a lei espiritual* 84; citando I *Coríntios* 8: 1 e 13: 7.
[819] *Resposta aos que interrogam sobre o batismo*, em Marcos o Monge, *Tratados espirituais e teológicos*, pg. 69.

60. Do zelo ardente. Da aparição divina em nós, e da iluminação enipostática da graça.

Assim podemos nos afastar com facilidade, não apenas das más obras, mas também dos pensamentos passionais e das más imaginações, conforme está escrito: "Caminhem segundo o espírito e não aceitem a concupiscência da carne[820]". Pois quem queima de zelo ardente pela virtude e suprime dos sentidos e do intelecto toda má obra antes que ela aja, se afastará cada vez mais de toda imaginação e dos seus príncipes, os demônios, que se divertem com a infelicidade dos outros. Como diz santo Isaac: "Os demônios temem, mas Deus e seus anjos desejam aquele que em seu zelo divino desenraiza os espinhos que o inimigo colocou nele. Este homem, ao avançar, chegará à certeza que a iluminação enipostática da graça implanta nele, esta graça divina que virá habitar nele. Podemos dizer que, numa alegre corrida, ele sobe às alturas para a nobreza e a filiação espiritual que a graça do santo batismo estabelece em nós".

Santo Isaac diz ainda: "Esta é a Jerusalém, e este o Reino de Deus oculto em nós[821] segundo a palavra do Senhor. Este país é a nuvem da glória de Deus, na qual apenas os corações puros entrarão para contemplar a face de seu Mestre[822]. Mas que este homem não busque a aparição de Deus, a fim de não receber aquele que na verdade é feito de trevas e que imita a luz[823]".

[820] *Gálatas* 5: 16.
[821] Cf. *Lucas* 17: 21.
[822] Cf. *Mateus* 5: 8.
[823] Cf. II *Coríntios* 11: 14.

61. Da energia divina e da energia contrária.

Quando seu intelecto, sem a procurar, vê a luz, ele não deve nem aceitá-la nem recusá-la, como diz são Marcos o Asceta: "A criança ignora o que é a energia da graça". E: "Uma outra energia, a do mal, se faz semelhante à verdade. É melhor não ver estas coisas, devido à ilusão. Mas também não é bom estigmatiza-las, por causa da verdade. É preciso em tudo recorrer a Deus com esperança. Entre as duas, ele sabe qual será proveitosa para você[824]". Mas interrogue quem tem a graça e o poder de ensinar e discernir por Deus.

62. Do mestre iluminado e infalível.

Se você encontrar aquele que ensina não apenas o que aprendeu nas Sagradas Escrituras, mas também o que ele próprio experimentou em toda beatitude pela iluminação divina, dê graças a Deus. Senão, será melhor para ele não aceitá-lo, mas recorrer a Deus com humildade, considerando a si mesmo, com o coração sincero, indigno de tal dignidade e de tal contemplação. É o que dissemos, é o que diremos, é no que fomos iniciados, é o que, pela graça de Cristo, nos ensinaram as línguas verídicas que falam sob a ação do Espírito Santo, as Escrituras inspiradas de Deus e a experiência parcial.

63. Da verdadeira e da falsa iluminação, ou da luz divina e da luz má.

[824] *Dos que pensam ser justificados*, 28.

Em alguns de seus escritos, nossos gloriosos Padres deram a entender quais são os sinais da luz que não engana, e quais os sinais da luz que é uma ilusão. É justamente o que o bem-aventurado Paulo de Latros[825] fez por três vezes, quando disse a seu discípulo que o havia questionado a respeito: "A luz da potência contrária tem a aparência de uma chama, ela é acompanhada de fumaça e se parece ao fogo sensível. Quando a alma sóbria e purificada a vê, ela se sente mal e experimenta um profundo desgosto. Mas o que é bom e provém de Deus é cheio de graça e sem mescla, investe e santifica, cumula a alma de luz, de alegria, de bom humor, a torna doce e a leva a amar os homens".

Outros dizem as mesmas coisas. Mas assim como de viva voz isto me foi confiado, também você o escutará no momento oportuno. Agora não é hora.

64. Da má e da boa imaginação. Como passar de uma à outra.

Mencionamos há pouco a imaginação, e a má imaginação. Será útil, parece-nos, explicar brevemente e na medida do possível o que ela é, ou melhor, o que é a imaginação. Pois a maldita se opõe com toda força à prece pura, à prece do coração, à obra simples e direita do intelecto. É por isso que os Padres divinos falam dela e contra ela de muitas maneiras. Com efeito, assim como Dédalo, esta imaginação possui muitas formas, e como a hidra ela tem muitas cabeças. Ela é como uma ponte pela qual passam os demônios, como dizem os santos. Por ela atravessam e passam os assassinos infames que vêm se unir e se misturar à alma, que fazem dela uma casa de marimbondos, uma moradia para pensamentos estéreis e passionais.

É preciso rejeitar completamente esta imaginação. A menos que você queira, pelo arrependimento, a contrição do luto, a humildade, e ainda pelo estudo e a contemplação dos seres, colocar de lado a má imaginação e substituí-la por uma imaginação boa. Misturando e opondo uma à outra, dominando a imaginação indecente e impudente, você obterá contra ela o prêmio da vitória. Agindo desta maneira, não apenas você não cometerá nenhum mal, como ainda receberá um grande benefício, porque levará sua vida com um discernimento sem falha e descartará toda má imaginação por imaginações boas. E você terá ferido de morte, terá ferido seus inimigos com as armas dos adversários, como outrora fez o divino Davi a Golias[826].

65. Que na prece pura e na obra simples e una do intelecto os santos rejeitam tanto a imaginação ruim como a boa.

Tal é o combate daqueles que ainda são crianças, ou seja, dos noviços. Mas os que progrediram ao longo do tempo rejeitam toda e qualquer imaginação, tanto a má quanto a boa. Eles se afastam delas. Como a cera derrete ao fogo[827], eles as reduzem a cinzas e as consomem por meio da prece pura, pelo desembaraço e o despojamento do intelecto em relação a qualquer imagem, porque eles tendem unicamente a Deus, e, se você quiser, porque eles o acolhem e se unem a ele na unidade além das formas.

---

[825] Monge bizantino (séc. X); o mosteiro de Latros fica na Bitínia.

[826] Cf. I *Samuel* 17: 51.

[827] Cf. *Salmo* 67 (68): 3.

Santo Hesíquio disse: "Todo pensamento é no intelecto a imaginação de uma coisa sensível. O intelecto – que é o Assírio – não tem força para nos enganar se se servir do sensível que nos cerca e de nossos hábitos[828]". E são Diádoco: "Todo pensamento entra no coração pela imaginação das coisas sensíveis. A partir daí, quando o coração permanece todo o tempo longe de tudo e desembaraçado das formas, a bem-aventurada luz da Divindade brilha nele, pois seu esplendor, no vazio de todo e qualquer pensamento, se revela à inteligência pura[829]". E o grande Basílio: "Assim como o Senhor não habita nos templos feitos pela mão do homem[830], também ele não habita nas representações e nas criações do intelecto. Estas se colocam diante da alma e a acediam. E a alma, alterada por elas, já não é capaz de inclinar-se puramente para a verdade, pois agora ela está ligada ao espelho e ao enigma[831]".

E o divino Evagro: "Diz-se que Deus habita onde é conhecido. É por isso que se diz que o Trono de Deus é a inteligência pura. O pensamento de Deus, com efeito, não se encontra nos pensamentos que impregnam o intelecto, mas nos pensamentos que não o impregnam. Aquele que ora deve se separar totalmente dos pensamentos que impregnam o intelecto. De outro modo o intelecto estará impregnado quando ele vir o Intelecto, e estará propenso quando na verdade não vê mais do que sua razão. Assim é que aprendemos como o conhecimento espiritual afasta o intelecto de suas representações: ele o desembaraça de toda imagem e o dirige para Deus[832]".

E são Máximo, em seus comentários sobre o grande Dionísio: "Uma coisa é a imaginação e outra a intelecção, ou seja, o pensamento. Pois elas provêm de potências diferentes e seus movimentos não são os mesmos. A intelecção é energia e criação. Mas a imaginação é paixão e representação ligada a alguma coisa sensível ou a algo semelhante. Os sentidos concebem os seres nas formas como os reúnem. Mas o intelecto capta, ou seja, concebe os seres de outra maneira, diferente dos sentidos. Quanto ao movimento corporal, ou ao movimento espiritual que dissemos dirigir também os sentidos, ele recebe as paixões e representa as formas. É preciso dar à alma e ao intelecto a faculdade de julgar e de conceber. A imaginação deve ser afastada por esta força de conceber que a alma possui. A faculdade de imaginar se divide em três partes: a primeira transforma as percepções em imagens e torna sensível o que percebemos. A segunda representa em nós as lembranças que permanecem das percepções, suas imagens não se apoiam sobre alguma coisa: é a imaginação propriamente dita. Na terceira, todo prazer, toda imaginação daquilo que nos parece bom ou mau cai na tristeza. É por isso que se diz que nenhuma imaginação tem lugar diante de Deus. Pois Deus, de uma vez por todas, está além de todo pensamento e acima de absolutamente tudo".

O grande Basílio diz também: "O intelecto que não se dispersa nas coisas exteriores, que não se espalha pelo mundo através dos sentidos, retorna sobre si mesmo e através de si meso se eleva ao pensamento de Deus. Cercado pela luz desta beleza chega a esquecer

[828] *Sobre a vigilância*, 180.
[829] Na realidade, Hesíquio, *ibid.* 89.
[830] Cf. *Atos* 7: 48.
[831] Cf. I *Coríntios* 13: 12.
[832] *Sobre o discernimento das paixões*, 24.

de sua própria natureza[833]".

Sabendo disso, esforce-se você também para estar a toda hora com Deus, livre de imaginações, de formas, de representações, e reze com todo o seu intelecto puro e com sua alma pura. É o que diz são Máximo.

66. Do intelecto, da alma e do coração puros e perfeitos.

Da inteligência pura

"A inteligência pura é a inteligência que se separou da ignorância e que brilha na luz de Deus[834]".

Da alma pura

"A alma pura é a alma que se libertou das paixões e que não cessa de se regozijar no amor de Deus[835]".

Do coração puro

"O coração puro é o coração que dirige inteiramente para Deus sua memória, livre de qualquer figura, de qualquer forma, pronto para ser marcado pelos únicos sinais por meio dos quais ele se revela[836]". Que ele se ligue a eles.

[833] *Carta* II, 2.
[834] Máximo o Confessor, *Sobre o amor* I, 33.
[835] *Ibid*., 34.
[836] Máximo o Confessor, *Sobre a Teologia* II, 82.

Da inteligência perfeita

"A inteligência perfeita é a inteligência que conheceu pela verdadeira fé o Mais-que-desconhecido, que contemplou o conjunto de suas criaturas, e que recebeu de Deus a ciência que inclui a providência e o julgamento a seu respeito. Mas eu falo como um homem[837]".

Da alma perfeita

"A alma perfeita é a alma cuja potência passional está totalmente voltada para Deus[838]".

Do coração perfeito

"Chamamos de coração perfeito o coração que não tem de modo algum nenhum movimento natural para o que quer que seja. Nele, como num pergaminho bem encerado pela extrema simplicidade, Deus vem escrever suas próprias leis[839]".

Do intelecto puro

Purificar o intelecto, segundo são Diádoco, cabe apenas ao Espírito Santo[840]. Também fixar o intelecto, segundo João Clímaco, cabe apenas ao Espírito Santo[841]. São Nilo diz ainda: "Se quisermos ver a

[837] Id., *Sobre o amor*, III, 99.
[838] *Ibid*., 98.
[839] Máximo o Confessor, *Sobre a Teologia* II, 81.
[840] *Cem Capítulos*, 28.
[841] *A escada santa* XXVIII, 17.

natureza profunda do intelecto, devemos nos afastar de todos os pensamentos. Então o veremos semelhante à cor da safira e à cor do céu." E também: "A natureza profunda do intelecto é sua própria altura semelhante à cor do céu. Nele, no momento da prece, permanece a luz da santa Trindade". E santo Isaac: "Quando intelecto se despojar do homem velho, quando estiver revestido do homem novo[842], ele verá sua própria pureza como a cor do céu. Ele se tornará aquilo que a assembleia dos filhos de Israel chamou de 'lugar de Deus', que eles viram sobre a montanha[843]". Assim, se você fizer o que foi dito, se você orar com toda pureza além de toda imaginação, além de toda forma, você seguirá as pegadas dos santos. Senão, ao invés de hesiquiasta, você será um imaginativo. E em lugar de espigas, colherá espinhos. Mas que isto não aconteça!

67. Como viam os profetas.

Se alguém pensa conhecer pela imaginação e pela ordem natural as visões dos profetas, as imagens e revelações que estes contemplaram, estará se afastando do justo objetivo e da verdade. Pois naquilo que eles viram e imaginaram, não é por uma consequência e uma ordem natural que os profetas e os iniciados que existem entre nós viram e formaram essas imagens. Foi de forma divina e sobrenatural, pelo poder e a graça indizíveis do Espírito Santo, que seu espírito conheceu esses sinais e essas imagens, como disse o grande Basílio: "Uma potência inefável permitiu aos que têm o intelecto puro, longe de qualquer distração, ver nele as imagens, como se a palavra de Deus ressoasse neles". E mais: "Os profetas viram a razão marcada pelo Espírito". E Gregório o Teólogo: "Ele – o Espírito Santo – age primeiro nas potências angélicas e celestes"; e a seguir: "depois nos Padres e nos profetas. Dentre estes, alguns viram a imagem de Deus ou conheceram a Deus; outros, com a razão marcada pelo Espírito, previram o futuro; eles estavam como que presentes nas coisas futuras[844]".

68. Das imaginações e das numerosas e diferentes contemplações.

Mas alguns, que receberam as imaginações e toda a variedade das contemplações, duvidam e se opõem a nós acreditando seguir os santos, porque Gregório o Teólogo disse que podemos figurar a Deus apenas pelo intelecto, não a partir do que ele é, mas daquilo que o cerca, quando uma imaginação estranha se parece com uma imagem da verdade; porque o divino Máximo disse também que o intelecto não pode se tornar impassível apenas em virtude da ação, se esta não for acompanhada de numerosas e diferentes contemplações[845]; e porque outros santos expuseram do mesmo modo coisas semelhantes.

Saibam estes homens como e de que maneira chegaram a esses bem-aventurados as palavras referentes, não à obra que lhes foi transmitida lá onde se acha a graça – a graça do conhecimento e da contemplação que une o homem a Deus por meio desta experiência –, mas à obra que projetamos, ou seja, à contemplação que provém da sabedoria, da analogia e da harmonia dos seres e que

[842] Cf. *Colossenses* 3: 9.
[843] *Obras espirituais*, pg. 203.

[844] Gregório de Nazianze, *Discurso* XLI, 11.
[845] Máximo o Confessor, *Sobre o amor* II, 5.

insensivelmente conduz ao pensamento de Deus, a qual é permitida de uma vez por todas a muitos, senão a todos, buscar e conceber. Quem com pleno conhecimento provou dos exemplos dos santos sabe disto claramente, conforme está escrito: "É partindo da grandeza e da beleza das criaturas que, por analogia, se pode compreender o Criador[846]", mas não partindo dos ensinamentos deste mundo profano e falador, artificial e vão. Pois este é como um servidor pouco digno. A ciência, os sofismas, as demonstrações o enchem de orgulho. Ele não está fundamentado na fé nem na humildade evangélicas, na verdadeira submissão. Ele se acha banido para longe das portas sagradas.

Mas falemos agora da iluminação perfeita, a iluminação enipostática, por meio da qual os apóstolos escolhidos que estiveram com Jesus sobre o monte Tabor experimentaram inefavelmente a bela e verdadeiramente bem-aventurada mudança[847] que os transformou. Com seus olhos de carne transportados até o divino e tornados espirituais pela direita do Santíssimo Espírito, eles foram considerados dignos de ver o Reino e a Divindade que não se pode contemplar[848]. Assim como o Oriente está longe do Ocidente[849], como o céu está distante da terra, assim como a alma se eleva acima do corpo, também a obra e a graça que recebemos a transportam sobre a obra que projetamos. Pois esta, a obra que projetamos, permanece no exterior, conforme dissemos: ela classifica os seres, organiza-os e os agrupa. Mas quando a imaginação fora dela própria se agrupa assim numa imagem única da verdade, esta obra progredirá sempre, tendendo e se elevando para Deus na fé. A outra, a obra que recebemos, vem diretamente do próprio Deus e se comunica fundamentalmente com o interior do coração. Acontece às vezes dela se manifestar no exterior e transmitir visivelmente ao corpo, além de toda intelecção, seu próprio esplendor e a iluminação de Deus.

O coração, segundo o sábio Máximo, experimenta sobrenaturalmente a deificação incriada, mas não a provoca. Com efeito, este santo disse: "Chamo de deificação incriada a iluminação enipostática específica da Divindade. Esta luz não tem origem. Mas, de maneira inconcebível, ela aparece naqueles que dela são dignos[850]". O grande Dionísio fala no mesmo sentido: "É preciso saber que o nosso intelecto tem a faculdade de compreender, por meio da qual ele vê os inteligíveis, mas também que ele comporta igualmente a união que ultrapassa sua natureza, por meio da qual ele desfruta daquilo que está além dele[851]". E santo Isaac: "Nossa alma tem dois olhos, como dizem os Padres. Mas ambos não possuem o mesmo uso da visão. Por um dos olhos nós vemos o que está oculto nas naturezas, ou seja, o poder de Deus, sua sabedoria e providência a nosso respeito, que compreendemos a partir da santidade com que nos dirige. Pelo outro olho contemplamos a glória de sua natureza santa, quando a Deus apetece nos fazer penetrar em seus mistérios espirituais[852]".

E o divino Diádoco: "Os carismas – a sabedoria, o conhecimento e todos os demais carismas divinos – provêm unicamente do Espírito

[846] *Sabedoria* 13: 5.
[847] *Salmo* 76 (77): 11.
[848] Cf. *Mateus* 17: 1-2.
[849] Cf. *Salmo* 102 (103): 12.
[850] *Questões a Thalassius*, 16.
[851] Denis o Areopagita, *Dos Nomes Divinos* VII, 1.
[852] *Obras espirituais*, pg. 365.

Santo. Assim, cada qual possui sua energia própria. É por isso que o Apóstolo atesta que a um é dada a sabedoria, a outro o conhecimento, pelo mesmo Espírito[853]. Com efeito, o conhecimento, por sua própria experiência, une o homem a Deus sem levar a alma às razões das coisas. É por isso que alguns que cultivam a vida solitária têm seus sentidos iluminados por este conhecimento, mas não penetram nas razões divinas. Ao contrário, a sabedoria, quando concedida a alguém junto com o conhecimento e o temor – o que é raro – revela as próprias energias deste conhecimento. Pois uma ilumina naturalmente pela energia, o outro pela razão. Mas o conhecimento provém da oração e de uma grande hesíquia na total ausência de preocupações. A sabedoria provém da meditação desinteressada das palavras de Deus. E ambas provém, antes de tudo, da graça que é concedida por Deus[854]".

São Máximo diz, por outro lado, nos seus comentários: "O poço de Jacó[855] é a Escritura. A água é o conhecimento que está na Escritura. A profundidade é a contemplação dos enigmas da Escritura, que é difícil de atingir. O pote é o aprendizado da palavra de Deus através das letras. O Senhor não tinha necessidade disto, porque ele mesmo é a palavra. E não é pela instrução e o estudo que ele dá o conhecimento aos que creem. Mas é pela graça inesgotável do Espírito que ele concede aos que são dignos a sabedoria inesgotável que não acabará jamais. Pois o pote – ou seja, a instrução – não recebe senão uma parte mínima do conhecimento. Não lhe é permitido conter o todo. Mas o conhecimento que provém da graça traz sem necessidade de estudos a sabedoria possível aos homens e ela se derrama de diversas maneiras para satisfazer suas necessidades[856]".

E são Diádoco: "Nosso intelecto suporta com dificuldade o muito orar. Pois a virtude da oração é estreita e secreta. Mas ele se dedica com alegria à teologia, tão imensas e absolutas são as contemplações divinas. Portanto, não demos livre curso a seu desejo de falar muito, e não permitamos à alegria que se eleve com suas asas além de toda medida. Consagremo-la sobretudo à prece, à salmodia e à leitura das santas Escrituras. Não negligenciemos também as pesquisas dos homens de ciência cujas palavras revelam a fé. Ao fazer isto, não a deixemos misturar suas próprias palavras às palavras da graça, não nos deixemos atrair pela vaidade a que nos levam o entusiasmo e a falação. No momento da contemplação protejamo-la afastando dela toda imaginação, e vigiemos para que a maior parte dos pensamentos que lhe cheguem sejam como lágrimas. Aquele que, no momento da hesíquia, faz cessar tudo em si, que acima de tudo ama a doçura da prece, não apenas se subtrai aos perigos de que falamos, mas se renova cada vez mais aplicando-se com acuidade e sem esforço às contemplações divinas, avançando com muita humildade no conhecimento do discernimento. Mas isto só cabe àqueles que, com toda percepção e certeza, estão cheios da santa graça".

Entendeu? Ele disse que a prece está acima de toda extensão, e que ela só pertence àqueles que, com toda percepção e certeza – ou seja, do interior do coração – estão, de modo enipostático e sobrenatural, cheios da luz divina da graça[857].

---

[853] I *Coríntios* 12: 8.
[854] *Cem Capítulos*, 9.
[855] Cf. *João* 4: 6-7.
[856] *Sobre a Teologia* IV, 29.
[857] *Cem Capítulos*, 68.

Santo Isaac chama ainda a oração de memória desmembrada, ou seja, memória sem forma, sem imagens, simples. Outros Padres a definem de outras maneiras.

69. Das cinco potências da alma. Das imaginações próprias à alma e ao intelecto. Que na prece pura e no trabalho simples e uno do intelecto é preciso fugir totalmente da imaginação e das representações de formas, imagens e figuras.

Não é apenas por intermédio dos demônios que a alma imagina, mas ela também pode se por a imaginar naturalmente, por si própria, através das cinco faculdades que ela possui – a inteligência, a reflexão, a opinião, a imaginação e a sensação – assim como o corpo possui cinco sentidos, a vista, o olfato, a audição, o paladar e o tato.

A imaginação, coo dissemos, é uma faculdade da alma. É por meio dela que a alma se representa as figuras. É preciso que alma que quiser dirigi-la e discernir bem o que lhe pertence dê asas sobretudo àquelas de suas faculdades que a unem a Deus no século presente e no século futuro, e que ela se apresse em se elevar somente a Deus. Quanto ao resto, ela deve vigiar tudo, utilizar-se de tudo e a tudo fazer como convém. É preciso pesquisar o que dizem os Padres a respeito, e como conservar o que é justo.

São Máximo disse: "A alma, por si só, ou seja, por sua própria essência, é dotada de razão e de inteligência e está fundamentada em si mesma. Se ela está fundamentada em si mesma, ela agirá naturalmente por si própria, dentro de um corpo, compreendendo por natureza, refletindo e não se privando das faculdades intelectuais que estão naturalmente ligadas a ela. Pois aquilo que está ligado naturalmente a um ser, qualquer que seja, não lhe pode ser tirado enquanto ele se mantiver tal como é, enquanto ele permanecer sendo. Assim, a alma que é para sempre, por ser e existir por Deus que a criou assim, não cessa jamais de compreender, refletir e conhecer. E ela o faz por si mesma, dentro de um corpo, por si só e por sua própria natureza. Não existe nenhum motivo que possa separar a alma daquilo que lhe pertence naturalmente, mesmo depois da dissolução do corpo. Pois sabemos, por termos aprendido dos santos, que a inteligência e a reflexão se movem ao redor de Deus e trabalham com ele tanto no século presente como naquele por vir, mas que as outras faculdades só agem no século presente, porque são próprias dele. É preciso que a própria alma, como um piloto hábil, tendo naturalmente autoridade sobre elas e estando destinada a agir não apenas no século presente, mas sobretudo no século futuro, se esforce por todos os modos para dirigir para Deus e unir a ele a inteligência e a reflexão no momento da prece pura, no momento do trabalho intelectual uno e simples, separando a inteligência em geral da imaginação e das outras faculdades".

Segundo são Nilo, "o estado de prece é a condição impassível que, por uma extrema tensão de amor, transporta para as alturas a inteligência espiritual que ama a sabedoria[858]". Com efeito, a alma que age assim protegerá aquilo que lhe é natural e sua preciosa dignidade.

70. Do intelecto.

---

[858] Evagro, *Sobre a oração*, 53.

É assim que esta inteligência, este intelecto, essência indivisível e simples, absoluto, puro e luminoso, deve se proteger, se preservar e se separar da imaginação. Pois ele possui por si mesmo o poder natural de fazê-lo, e de se voltar irresistivelmente para si próprio, de se recolher e entrar em si mesmo. Este é o estado imóvel do intelecto, que lhe chega pela graça divina, como diz João Clímaco: "Imobilizar o intelecto só cabe ao Espírito Santo[859]".

Na medida em que o intelecto é uma faculdade da alma, ele é animado e comandado por ela, mas também é seu olho, e é assim que o chamamos. Ele é rico em uma faculdade particular natural, simples e perfeita, como dissemos. É por isso que quando está naturalmente em relação com a alma e suas potências o intelecto é por si próprio uma potência. É então que dizemos que o homem é psíquico[860]. Mas quando ele se reveste de sua própria condição natural, simples, essencial, e de seu esplendor indivisível, absoluto, independente, vale dizer, quando ele se desembaraça das relações e dos movimentos naturais do corpo e da alma e lhe é concedido passar de seu ser potencial à sua energia própria e progredir até o homem sobrenatural e espiritual, então o intelecto retorna sobre si mesmo na imobilidade e por meio dela se eleva irresistivelmente, totalmente, absolutamente até o pensamento sem forma, sem figura e simples de Deus, como disse o grande Basílio: "O intelecto que não se dispersa nas coisas exteriores, que não se dispersa pelo mundo por meio dos sentidos, retorna sobre si mesmo e se eleva por si só para o pensamento de Deus[861]". Iluminado, cercado de luz tão bela, ele esquece a própria natureza.

[859] *A escada santa* XVIII, 17.
[860] Cf. I *Coríntios* 2: 14.
[861] *Carta* II, 2.

Assim o intelecto assume e salvaguarda enquanto inteligência seu ser feito à imagem e semelhança[862]. Ele se une por si só em espírito diretamente ao Intelecto divino, ou seja, a Deus, e permanece nele. Esta obra é o movimento circular, o retorno sobre si mesmo que tende para si e que se une a si, e depois por si próprio a Deus. Este movimento é verdadeiramente o único que nunca se perde nem se engana. Pois ele é irresistível e imediato. Ele é uma união mais alta que a obra da intelecção e uma visão mais elevada do que a visão.

O grande Denis disse: "O movimento da alma é o movimento circular, centrado em si mesmo, longe das coisas exteriores, o enrodilhamento simples de suas faculdades intelectuais. Este movimento, como num círculo, permite à alma jamais se perder, a faz retornar das numerosas coisas exteriores e acima de tudo a recolhe em si mesma. Depois que ela readquiriu sua forma simples, ele a une às potências unificadas na unidade. Ele assim a conduz ao que é belo e bom, àquilo que ultrapassa todos os seres, em direção ao um, sempre o mesmo, sem começo nem fim. Mas a alma avança também em espiral, na medida em que ela recebe em si, como convém, a luz dos conhecimentos divinos, não em espírito e na unidade, mas a partir da dedução e da conduta do raciocínio, sob o impulso de energias compostas e móveis. Enfim, seu movimento é retilíneo quando ela já não entra em si mesma e não é mais animada pela obra unificante do intelecto, que é, como dissemos, própria do movimento circular. Ela vai ao encontro daquilo que a rodeia. E, das coisas exteriores, como símbolos variados e numerosos, ela sobe para as contemplações simples e unificadas[863]".

[862] Cf. *Gênesis* 1: 26.
[863] *Dos Nomes Divinos* IV, 9.

E são Máximo: "O intelecto que recebe a união imediata com Deus mantém na total inação a faculdade que ele possuía de compreender e de ser compreendido naturalmente. Quando ele libera esta faculdade concebendo aquilo que ele pode discernir da criação, ele rompe a união que ultrapassa toda intelecção, união por meio da qual ele estava unido a Deus, acima da natureza, na medida do possível, e se torna Deus por participação. Como uma montanha inamovível, ele desloca a lei de sua própria natureza[864]".

E ainda: "O intelecto puro que esta unido à sua própria causa penetra além de toda intelecção em um estado no qual, havendo detido o movimento e a relação natural e bastante diversificada de si mesmo com as coisas que seguem sua própria causa, e tendo atingido seu fim inefável, permanece em estado de não-conhecimento, no silêncio bem-aventurado que ultrapassa a intelecção, que nem a palavra, nem o pensamento conseguem definir, mas que revela por si só a experiência de participação que recebem os que são considerados dignos da felicidade mais elevada do que o entendimento. Seu signo é bem conhecido e evidente para todos: é a total insensibilidade da alma em relação a qualquer pendor por este século e sua total separação em relação a ele. É por isso que o intelecto que não é assistido pela alma, ou seja, que não tende constantemente para Deus, e que não se esforça por fazer aquilo que lhe é próprio, que não retorna sobre si mesmo para assim subir irresistivelmente até o pensamento de Deus, não traz em si os frutos de nenhum dos movimentos, mas, unido à imaginação, se diversifica cada vez mais e se afasta de Deus.

[864] *Questões a Thalassius*, 33.

71. Da prece pura.

São Nilo disse: "Esforce-se por manter imóvel, surdo e mudo seu intelecto no momento da prece, e então você poderá orar[865]". E também: "Eu direi o que sei e o que disse aos mais jovens: bem-aventurado o intelecto que, no momento da prece, consegue se desembaraçar de todas as formas[866]".

E são Filoteu: "É raro encontrar quem viva a hesíquia segundo a razão. Pois a hesíquia não pertence senão aos que se esforçam por ter sempre em si por este ato a alegria e a consolação divinas[867]".

E o grande Basílio: "A oração mais bela é a que torna claro à alma o pensamento de Deus. E este é o sinal de que Deus habita na alma[868]: ter a Deus fundado em si pela lembrança, quando a continuidade da lembrança não é rompida pelos cuidados terrestres e o intelecto não é perturbado por paixões súbitas. Aquele que ama a Deus foge destas coisas e parte para Deus apenas[869]".

72. Que uma coisa é a impassibilidade do intelecto e outra a prece verdadeira, que é maior.

É preciso saber também o seguinte, como diz são Máximo: "O intelecto não pode se tornar impassível apenas a partir da ação, se

[865] Evagro, *Sobre a oração* 11.
[866] *Ibid.*, 117.
[867] Filoteu o Sinaíta, *Quarenta capítulos népticos* 3.
[868] Cf. II *Coríntios* 6: 16.
[869] *Carta* II, 4.

não lhe forem dadas numerosas e diferenciadas contemplações[870]". E ainda, conforme o divino Nilo: "Mesmo aquele que se tornou impassível pode não orar verdadeiramente, mas se dispersar e de afastar de Deus[871]". Este Padre diz, com efeito, deste homem: "Mesmo que o intelecto ultrapasse a contemplação corporal, ainda não viu com perfeição o lugar de Deus. Pois ele pode ter penetrado no conhecimento dos pensamentos, e se dispersar apesar deste conhecimento[872]". E mais: "Aquele que chegou à impassibilidade ainda não ora verdadeiramente. Com efeito, ele pode permanecer nos pensamentos simples, distrair-se em suas buscas e permanecer longe de Deus[873]". E: "Não é porque o intelecto deixou de se demorar nos pensamentos das coisas que ele atingiu o lugar da prece. Pois ele pode ter entrado na contemplação das coisas e ficar apenas no falatório. Neste caso, ele não passa das simples palavras, e estas impregnam o intelecto e se afastam de Deus, porque não passam da contemplação das coisas".

São João Clímaco diz também: "Aqueles cujo intelecto aprendeu a orar verdadeiramente conversam com o Senhor face a face[874], como os que falam ao ouvido do rei[875]". Será considerando a estes e a seus semelhantes que você poderá ver com precisão a diferença dos dois modos de vida, e comparar as duas obras irreconciliáveis, a que recebemos e a que projetamos. Esta última consiste nas meditações e nas numerosas contemplações diversas. A outra é a verdadeira oração". Ele também diz: "Uma coisa é a impassibilidade do intelecto, outra a verdadeira oração". E: "Quem possui a verdadeira oração conforme os santos já alcançou por isso mesmo a impassibilidade do intelecto, mas quem tem o intelecto impassível não necessariamente adquiriu a verdadeira prece".

É tudo, por enquanto. Vamos agora retornar ao nosso tema. Dizíamos que a memória dos bens e de seus contrários prejudicava o intelecto, levando-o à imaginação. É isto que explicaremos agora.

73. Das imaginações e das representações do intelecto. Dos sinais da ilusão e da verdade. Quais são os sinais da ilusão.

Se você vive a hesíquia e pretende estar a sós com o Deus único, e se observar dentro ou fora de você algo de sensível ou de inteligível, ainda que seja aparentemente a imagem de Cristo, ou a forma de um anjo ou de um santo, ou uma imagem de luz que surge no seu intelecto, evite aderir a estas coisas, não lhes dê fé, sinta-se oprimido por esta coisa, mesmo que ela seja boa, até que você possa interrogar aqueles que têm mais experiência, conforme já dissemos. É o que há de mais útil e o que agrada a Deus. Guarde sempre seu intelecto longe de qualquer cor, forma, imagem, figura, qualidade ou quantidade. Vele apenas sobre as palavras da oração, medite e reflita no interior do movimento do coração, como diz João Clímaco: "O começo da oração consiste em expulsar pelo nome único de Deus as sugestões assim que elas aparecem. O meio consiste em ter a reflexão fixada nas palavras da oração e apenas nelas; e o fim consiste no arrebatamento no Senhor[876]".

---

[870] *Sobre o amor* II, 5.
[871] *Sobre a prece*, 58.
[872] *Ibid.*, 56.
[873] *Ib*id., 57.
[874] Cf. *Êxodo* 33: 11.
[875] *A escada santa* XXVII, 22.
[876] *A escada santa* XXVIII, 19.

São Nilo diz igualmente: "A prece preeminente, a prece dos perfeitos, consiste no arrebatamento do intelecto, no êxtase total para além das coisas submetidas aos sentidos, quando o Espírito, em gemidos inefáveis[877], intercede diante de Deus que vê o estado do coração aberto como um livro escrito, este estado que revela sua própria vontade em sinais silenciosos". É assim que são Paulo foi arrebatado até o terceiro céu: se dentro ou fora de seu corpo, ele não o sabia. Assim Pedro, quando subiu ao terraço para rezar, teve a visão da toalha[878]. Depois da oração primeira, a segunda consiste em dizer as palavras com o intelecto seguindo compungido e sabendo a quem dirige a oração. Enfim, uma prece dita em meio às necessidades do corpo e misturada a elas afasta o orante do estado alcançado[879]. Portanto, se você está absorto por tais necessidades, não se encarregue de mais nada enquanto não houver acalmado as paixões, enquanto não houver interrogado os mais experientes, como dissemos.

O que queremos dizer com estes e outros exemplos revela imediatamente aonde reside a ilusão. Mas considere também quais são os sinais da verdade: estes, os sinais do Espírito bom e vivificante, são o amor, a alegria, a paz, a paciência, a afabilidade, a bondade, a fé, a doçura, a temperança, tudo aquilo que o Apóstolo chama de frutos do Espírito divino[880]. Ele diz ainda: "Caminhem como filhos da luz. Pois o fruto do Espírito está em toda bondade, justiça e verdade[881]". Tudo isto é o contrário daquilo que a ilusão traz.

[877] Cf. II *Coríntios* 12: 2.
[878] *Atos* 10: 11-16.
[879] *Da pobreza voluntária*, 27-28.
[880] Cf. *Gálatas* 5: 22.
[881] *Efésios* 5: 8-9.

Um dos sábios divinos, interrogado por alguém, disse igualmente o seguinte: "Quanto ao caminho reto da salvação de que você fala, bem-amado, numerosas são as vias que conduzem à vida, e numerosas as que levam à morte". E prosseguindo: "Você tem um caminho que conduz à vida: a observância dos mandamentos de Cristo. Nestes mandamentos você encontrará todas as formas de virtude e, por excelência, estas três: a humildade, o amor, a compaixão. Sem estas, ninguém verá o Senhor[882]". E depois: "Estas três virtudes, a humildade, o amor e a compaixão, são armas invencíveis contra o diabo, que nos deu a Santíssima Trindade. Todo o enxame de demônios é incapaz de resistir a elas, pois neles não existe sequer traço de humildade. A autossuficiência os cobriu de trevas[883] e o fogo eterno os aguarda[884]. Onde encontrar neles sombra de amor ou de compaixão? Seu ódio à raça dos homens é implacável, eles não cessam de combatê-la. Cubramo-nos então com estas armas, que tornam impenetrável aos adversários quem delas se reveste". E logo: "Esta corda de três fios tecida e trançada pela santa Trindade, lembremo-nos de que ela é tripla e que é também uma. Ela é tripla pelos nomes, e, se você quiser, pelas hipóstases. Mas ela é uma pela potência e pela energia, pela proximidade, o chamado e a experiência de Deus. É dela que disse o Mestre: 'Meu jugo é doce e minha carga leve[885]', e também o Apóstolo bem-amado: 'Seus mandamentos não são pesados[886]'". Depois: "A alma que se uniu a Deus se reveste de Deus pela pureza de vida, pela observância dos mandamentos e por estas três armas que são o próprio Deus. Ela se

[882] Cf. *Hebreus* 12: 14.
[883] Cf. *Judas* 6.
[884] Cf. *Mateus* 25: 41.
[885] *Mateus* 11: 30.
[886] I *João* 5:3.

torna Deus por adoção, por intermédio da humildade, da compaixão e do amor. Ultrapassando a dualidade da matéria e elevando-se até o cume da lei[887], vale dizer, até o amor, ela se une à Trindade mais elevada do que o ser, que está na origem da vida, e descobre de maneira imediata a alegria contínua, a felicidade eterna".

Mas já dissemos o bastante. Assim como mencionamos parcialmente os frutos e os conhecimentos da ilusão e da verdade (pois é a partir deles, dos frutos, que, segundo o divino Paulo, conhecemos o espírito daqueles que os carregam), também devemos naturalmente explicar um pouco o que os Padres dizem da consolação de uma e outra, vale dizer, da graça divina, da verdadeira graça e de seu contrário, a falsidade. Eis, portanto, o que diz a respeito o divino Diádoco:

74. Da consolação divina e da falsa consolação.

"Quando nosso intelecto começa a sentir a graça [a consolação] do Espírito Santo, então também Satanás consola a alma, permitindo-lhe perceber um rosto de doçura no repouso noturno, no momento em que ela está em sono ligeiro. Se então o intelecto, com uma lembrança fervorosa, agarra-se com toda força ao santo nome de Jesus Cristo e se serve deste nome santo e glorioso como de uma arma contra a ilusão, o enganador se retira com sua armadilha, mas daí para diante ele se agarrará à alma para lhe dar combate. A partir daí, o intelecto, que conhece precisamente a ilusão do maligno, progredirá na experiência do discernimento[888]".

"Se o corpo vela ou começa a entrar numa aparência de sonho[889], o bom consolo vem quando, como uma fervorosa lembrança de Deus, permanecemos como que ligados ao seu amor. Mas o consolo da ilusão vem sempre, como já disse, quando aquele que combate penetra num sono leve e se recorda moderadamente de Deus. Com efeito, o primeiro consolo, uma vez que provém de Deus, convida, numa grande efusão, as almas dos combatentes da piedade abertamente ao amor. Mas o outro, que costuma agitar a alma sob os ventos da ilusão, tenta roubar pelo sono do corpo a experiência do sentido do intelecto que guarda intacta a lembrança de Deus. Se, então, acontecer de o intelecto, como já disse, lembrar-se continuamente do Senhor Jesus, ele dissipa esta brisa do inimigo e seu semblante de doçura, e avança feliz para o combate, portando daí em diante, como uma arma destra, após a graça, a glória que provém da experiência[890]".

"Se, por um movimento desprovido de equívoco e imaginação, a alma se agarra ao amor a Deus, arrastando consigo o próprio corpo na profundidade deste amor indizível (esteja dormindo ou acordado aquele que recebe a santa graça, como já disse), e se, neste momento ela não concebe absolutamente nada além daquilo para o quê se dirige, é preciso saber que esta é a energia do Espírito Santo. Pois, cumulada por esta doçura inexprimível, ela não consegue pensar em outra coisa, pois regozija-se numa alegria indefectível. Mas, se o intelecto que recebe esta energia concebe a menor dúvida ou um

[887] Cf. *Romanos* 13: 10.

[888] Diádoco de Foticeia, *Cem Capítulos* 31.

[889] Um êxtase.

[890] *Ibid.*, 32.

pensamento sujo, ainda que ela se sirva do santo nome para se defender do mal e não mais somente pelo amor a Deus, é preciso compreender que este consolo vem do enganador, sob a aparência de alegria, e que esta alegria sem caráter e sem alcance é típica do inimigo que quer entrar, quando ele percebe o intelecto firme pela experiência de seu próprio sentido. Então o enganador atrai a alma com consolações de uma doçura aparente, como eu disse, a fim de que esta, dividida por este desejo poroso e fluído, não consiga desmanchar a mistura feita de engano. É assim que reconhecemos o Espírito de verdade e o espírito de ilusão[891]. É naturalmente impossível tanto sentir e provar a bondade divina quanto perceber e experimentar o amargor dos demônios, se não tivermos em nós a plena certeza de que a graça faz sua morada nas profundezas do intelecto e que os espíritos maus se ocupam ao redor dos membros do coração: é isto que os demônios tentam impedir que os homens creiam, por medo que o intelecto, sabendo-o, se arme contra eles com a lembrança de Deus[892]". Mas agora você já sabe o bastante a este respeito. É melhor não ir além de Cádis.

E: "Se você encontrar mel tome um pouco, não demais, para não vomitar[893]".

75. Do prazer divino que brota do coração.

É mais oportuno e natural dizer: quem falará da doçura do mel a quem nunca experimentou? E mais incomparavelmente ainda: quem falará do prazer divino, da alegria que ultrapassa a natureza e distribui a vida, desta fonte que não cessa de jorrar da prece do coração, desta prece pura, da verdadeira prece? Como disse Jesus, o Deus-Homem: "Quem beber da água que eu ofereço não terá mais sede, pois a água que lhe darei se tornará nele uma fonte de água que brota da vida eterna[894]". E ainda: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, diz a Escritura, de seu seio brotarão fontes de água viva[895]". E o discípulo bem-amado acrescenta: "Ele falava do Espírito que receberão os que creram nele". E o grande Paulo: "Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai[896]".

76. Que este prazer espiritual tem muitos significados, mas não tem nome.

Este prazer espiritual é chamado no mistério o esplendor enipostático sobrenatural de onde brota a vida, a treva mais que luminosa, a beleza maravilhosa, o mais alto cume do desejo, a vigilância, a visão de Deus e a deificação. De qualquer modo, ele permanece inexprimível ainda que o expressemos, desconhecido depois de ser conhecido, inconcebível depois de concebido.

O grande Dionísio disse: "Assim oramos nós, para que venha a treva mais que luminosa, que nos seja concedido, pela cegueira e o desconhecimento, vê-la e conhece-la para além da visão e do conhecimento, que nos seja dado ver e conhecer o que não pode ser

---

[891] I *João* 4, 6.
[892] Diádoco de Foticéia, *Cem capítulos* 33.
[893] *Provérbios* 25: 16.
[894] *João* 4: 14.
[895] *João* 7: 37-39.
[896] *Gálatas* 4: 6.

visto nem conhecido. Só então teremos realmente visto e conhecido. Será então que, subtraídos a todos os seres, poderemos celebrar para além deles Aquele que é mais que o ser[897]”. E ainda: “A treva divina é a luz inacessível. Diz-se que Deus habita aí. Ela é invisível, pois sua claridade é mais elevada do que o mundo. E ela é inacessível, pois a efusão da luz mais elevada que o ser ultrapassa toda medida. Qualquer um que seja considerado digno de conhecer e de ver a Deus cessará de ver e conhecer. Ele atingirá em verdade aquilo que ultrapassa a visão e o conhecimento. Ele saberá que Deus está além de todo o sensível e de todo o inteligível[898]”.

E o grande Basílio: “Nada podemos dizer das fulgurações da bondade de Deus. Não as podemos explicar, elas escapam à razão e ultrapassam o entendimento. Tudo o que pudermos dizer da aurora do dia, da claridade da lua, da luz do sol, é bem pálido diante da glória e, em comparação com a verdadeira luz está mais distante dela do que a estão a noite profunda e as trevas sombrias da imensa pureza do meio-dia. Os olhos da carne não podem contemplar esta beleza. Somente a alma e a reflexão do intelecto podem captá-la. Quando esta beleza iluminou alguns santos, deixou neles o aguilhão insuportável do desejo. Pois eles sofriam por viver aqui em baixo. Eles diziam: ‘Meu exílio se prolonga’. E: ‘Minha alma tem sede do Deus poderoso, do Deus vivo. Quando chegarei a ver a face de meu Deus?[899]’. E: ‘O melhor é morrer e estar com Cristo[900]’. E: ‘Agora, Mestre, deixe ir em paz seu servidor, conforme sua palavra[901]’. Eles consideravam a vida aqui em baixo como uma prisão. Para contemplar sem jamais esgotar a beleza divina, eles oravam para que lhes fosse concedido levar por toda a vida eterna a visão do esplendor do Senhor[902]”.

E o Teólogo: “Onde está o temor aí está a observância dos mandamentos. Onde está a observância está a purificação da carne, esta nuvem que esconde da alma o dia e não permite que ela veja com toda pureza a irradiação divina. Onde está a purificação, aí está a iluminação. E a iluminação cumpre o desejo daqueles que buscam as maiores coisas, ou a maior coisa, ou aquilo que é mais do que maior[903]”.

E o divino Gregório de Nice: “Se você lavar as manchas com que os cuidados da existência cobriram seu coração, a beleza divina brilhará sobre você, como acontece com o ferro. Quando este se despoja da ferrugem pela ação da pedra de afiar, ele, que pouco antes estava sombrio se põe a brilhar com os reflexos do sol, e irradia claridade. Também o homem interior, que o Senhor chama de coração, desde que apague a venenosa ferrugem com que a podridão o cobriu, reencontrará sua semelhança com o modelo e se tornará bom. Pois um bem idêntico acompanha de todo modo aquilo que é bom”.

E são Nilo: “Bem-aventurado aquele que traz em si o desconhecimento inseparável da oração[904]”.

E João Clímaco: “O abismo do luto viu a consolação, e a pureza do coração recebeu a iluminação. A iluminação é a inefável energia

[897] *Teólogo Místico* II.
[898] *Carta* V.
[899] *Salmo* 41 (42): 3.
[900] *Filipenses* 1: 23.
[901] *Lucas* 2: 29.
[902] *Grande Regra*, 2.
[903] Gregório de Nazianze, *Discurso* XXXIX, 8.
[904] Trata-se de Evagro, *Kephalaya Gnostika* III, 88.

contemplada no invisível e concebida na ignorância[905]". Por isso será três vezes bem-aventurado os que, como antes Maria, escolheram a boa parte[906], a vida espiritual indefectível, e foram considerados dignos de receber e partilhar desta bondade semelhante a Deus. No grande êxtase da luz maravilhosa, ser-lhes-á possível ser transportados fora de si e dizer com o divino Paulo: "Quando aparecerem a bondade de Deus nosso Salvador e seu amor pelo homem, ele não se preocupará com as obras de justiça que tenhamos ou não praticado, mas em sua misericórdia nos salvará pelo banho do novo nascimento, renovando-nos no Espírito Santo que Jesus Cristo nosso Salvador derramou sobre nós em abundância. A fim de que, justificados pela graça de Cristo, obtenhamos esperançosamente a herança da vida eterna[907]". E mais: "Ele nos deu a unção, nos marcou com seu selo, colocou em nossos corações os penhores do Espírito[908]". E: "Transportamos em nós estes tesouros dentro de vasos de argila. Pois este poder transbordante pertence a Deus e não provém de nós[909]". Assim foram estes homens. Que também a nós, por suas preces confiantes ao Senhor, nos seja permitido tomar parte naquilo que eles foram, na compaixão e na graça.

77. É preciso necessariamente que aquele que pretende viver com todo rigor a vida hesiquiasta seja doce em seu coração.

Mas, meu filho, é preciso que agora você aprenda a tempo, antes das outras coisas e com as outras coisas, o seguinte: assim como quem quer aprender a atirar com o arco não o tensiona sem ter um alvo, também aquele que quer aprender a viver a hesíquia deve ter por alvo manter sempre um coração doce. Santo Isidoro disse: "Não basta se dedicar à virtude, é preciso também moderar a ascese. Se, ao conduzimos o combate pela doçura, o interrompermos com pensamentos violentos, estaremos tentando atingir a salvação sem fazer aquilo que permite que sejamos salvos".

Bem antes, o divino Davi havia dito: "Ele conduzirá os mansos ao julgamento e ensinará aos doces seus caminhos[910]". E o Eclesiastes: "Os mistérios serão revelados aos mansos". E o dulcíssimo Jesus: "Aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão o repouso em suas almas[911]". E: "Sobre quem velarei eu, senão sobre os mansos, os calmos, os que tremem às minhas palavras?[912]". E: "Bem-aventurados os mansos, pois eles herdarão a terra[913]", ou seja, o coração que carrega em si os frutos da graça, um trinta, outro sessenta, outro cem[914], conforme a ordem dos noviços, dos médios e dos perfeitos. Mas estas palavras não devem perturbar. Ela é movida pela piedade.

78. Como alcançar a doçura. Das três partes da alma: o ardor, o desejo e a razão.

Você chegará até aí facilmente, se fizer convergir tudo para o amor e nele colocar sua alma, contendo-se o mais possível, alimentando-se

[905] *A escada santa* VII, 60.
[906] Cf. *Lucas* 10: 42.
[907] *Tito* 3: 4-7.
[908] II *Coríntios* 1: 21-22.
[909] II *Coríntios* 4: 7.
[910] *Salmo* 24 (25): 9.
[911] *Mateus* 11: 29.
[912] *Isaías* 66: 2.
[913] *Mateus* 5: 5.
[914] Cf. *Marcos* 4: 20.

moderadamente e orando sempre. Como dizem os Padres: "Refreie por intermédio do amor o ardor da alma, por meio da temperança esgote seu desejo, dê à sua razão as asas da prece. E a luz do intelecto não se obscurecerá jamais[915]". E: "O freio do ardor é o silêncio oportuno. O freio do desejo desmesurado é a alimentação bem dosada. O freio do pensamento fogoso é a oração do nome único do Senhor". E mais: "Existem três virtudes que cumulam de luz o intelecto de uma vez para sempre: ignorar a malícia de um homem, suportar sem se perturbar aquilo que nos acontece e fazer o bem a quem nos faz mal. Estas três virtudes engendram outras três ainda maiores: ignorar a malícia de um homem engendra o amor; suportar sem se perturbar aquilo que nos acontece engendra a mansidão; e fazer o bem aos que nos fazem mal engendra a paz". E ainda: "Três condições gerais regem a ética dos monges. A primeira consiste em não pecar pela ação. A segunda, em não deixar inveterar na alma os pensamentos passionais. A terceira, em ver sem paixão, de maneira refletida, quando nos aparecem, as mulheres e aqueles que nos afligiram[916]".

79. Que é preciso se arrepender rapidamente das transgressões e daí por diante permanecer em guarda sabiamente.

Se lhe acontecer de se perturbar ou de cair em alguma falta e de desviar do seu dever, é preciso que você imediatamente se reconcilie com quem o afligiu ou a quem você afligiu, e que você se arrependa com toda sua alma. É preciso que você tome o luto, que chore e se envergonhe de si, e que daí por diante você fique atento, que se guarde com toda sabedoria, como nos ensina o Senhor Jesus: "Se você for levar sua oferenda ao altar e se lembrar de que seu irmão tem alguma coisa contra você, deixe sua oferenda diante do altar e vá primeiro se reconciliar com seu irmão. Depois, coloque sua oferenda[917]". E o apóstolo Paulo: "Que a amargura, a cólera, os gritos, os ultrajes desapareçam dentre vocês, e também toda malícia. Ao contrário, sejam bons, compassivos uns com os outros, perdoem-se mutuamente como Deus nos perdoou em Cristo[918]". E: "Enraiveçam-se, mas não pequem". E: "Que o sol não se ponha sobre sua cólera[919]". E: "Não façam justiça por conta própria, bem-amados, mas deixem a ira de Deus agir[920]". E: "Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem[921]". Isto tudo, a respeito da reconciliação mútua.

80. Da queda e do arrependimento.

Santo Isaac diz a respeito da queda: "Não é quando alguma coisa nos faz escorregar que devemos nos afligir, mas quando perseveramos na queda. Pois mesmo aos perfeitos acontece escorregar. Mas permanecer em queda é a morte total. Quanto à tristeza que ficamos quando nos afligimos por nossas próprias quedas, é preciso considerar que a graça faz dela a ocasião para uma obra pura. Mas aquele que se deixa cair uma segunda vez esperando se arrepender depois está tentando enganar a Deus. A morte o arrebatará sem que ele saiba, e jamais chegará o tempo em que ele imagina poder levar à

---

[915] Máximo o Confessor, *Sobre o amor* IV, 80.
[916] *Id.*, *Sobre o amor* II, 87.
[917] *Mateus* 5:23-24.
[918] *Efésios* 4: 31-32.
[919] *Efésios* 4: 26; citando *Salmo* 4: 5.
[920] *Romanos* 12: 19.
[921] *Romanos* 12: 21.

perfeição as obras da virtude[922]".

Ele diz ainda: "É preciso que saibamos todo o tempo que devemos nos arrepender durante as vinte e quatro horas do dia e da noite. E o sentido do arrependimento, conforme nos ensinou a verdadeira ordem das coisas, é o seguinte: dirigirmo-nos para Deus, pedindo-lhe continuamente, a toda hora, numa prece cheia de compunção, que sejamos perdoados das faltas passadas. E nos afligirmos para sermos resguardados das faltas por vir[923]".

E mais: "Graça sobre a graça, o arrependimento é dado aos homens. O arrependimento é o novo nascimento, o segundo nascimento que vem de Deus. Pela fé recebemos sua garantia, e pelo arrependimento recebemos seu dom. O arrependimento é a porta para a piedade. Ela se abre àqueles que o procuram, e por esta porta penetramos na piedade divina. Se não entrarmos por esta porta, não encontraremos a piedade. Pois todos pecaram, diz a Escritura, mas foram justificados pelo puro dom de sua graça[924]. O arrependimento é a graça segunda, que nasce do coração pela fé e o temor. O temor é a vara paterna, que nos dirige até que tenhamos atingido o Paraíso espiritual. Quando o alcançarmos, ele nos deixa e regressa. O Paraíso é o amor de Deus, onde se encontram as delícias de todas as beatitudes[925]".

E também: "Assim como não é possível atravessar o oceano sem navio nem barco, sem o temor tampouco é possível alcançar o amor. Este mar nauseante que nos separa do Paraíso inteligível pode ser atravessado com o navio do arrependimento, quando este carrega em si os remadores do temor. Mas se os remadores do temor não dirigem o navio do arrependimento, com o qual vogamos sobre as águas deste mundo para alcançarmos a Deus, soçobraremos no mar nauseabundo[926]".

81. Do arrependimento, do temor, do amor, do luto, das lágrimas e da vergonha de si.

O arrependimento é o navio. O temor, o piloto. O amor, o porto divino. Assim é que o temor nos embarca no navio do arrependimento. Ele nos faz atravessar o oceano nauseante da existência e nos conduz ao porto divino que é o amor, aonde chegam, pelo arrependimento, aqueles que penam e se curvam sob a carga[927]. Ora, quando atingimos o amor, chegamos a Deus. Completamos nossa jornada: estamos na ilha que fica além do mundo, onde residem o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A respeito da tristeza conforme a Deus, o Salvador disse: "Bem-aventurados os aflitos, pois eles serão consolados[928]".

Sobre as lágrimas, santo Isaac escreveu: "As lágrimas que vertemos orando são um sinal da misericórdia de Deus, da qual a alma se tornou digna pelo arrependimento". E: "Ela esperou, e eis que pelas lágrimas entrou na planície da pureza. Pois, se os pensamentos

---

922 *Obras espirituais*, pg. 322.
923 *Ibid.*, pg. 276.
924 Cf. *Romanos* 3: 23-24.
925 *Obras espirituais*, pg. 365-366.
926 *Ibid.*, pg. 367.
927 Cf. *Mateus* 11: 28.
928 *Mateus* 5: 4.

daquilo que passa não são dissipados, se não rejeitam de si a esperança do mundo, se não suscitam em si o desprezo pelo mundo, se não se armam com um bom viático para seu êxodo, se não se voltam na alma para o que acontecerá lá embaixo, os olhos não podem chorar. Pois as almas correm quando os pensamentos numerosos, constantes e direitos nos vêm sem mistura e sem distração, quando a menor coisa sobe da memória para a reflexão e aflige o coração que se recorda. Então as lágrimas se multiplicam e abundam[929]".

E João Clímaco: "Assim como o fogo consome o orvalho, também as lágrimas puras apagam toda mancha da carne e do espírito[930]". E também: "Guardemos puras e sem malícia as lágrimas que nos vêm de nossa dissolução. Pois nelas não há truques nem orgulho, mas purificação, progresso no amor a Deus, absolvição do pecado, impassibilidade[931]". E mais: "Não se fie nas fontes de suas lágrimas antes da purificação perfeita. O vinho ainda não é garantido quando acaba de sair da prensa para a cuba". E: "As lágrimas vertidas por temor trazem em si aquilo que as resguarda. Mas as lágrimas do amor, antes do amor perfeito, secam depressa se no momento em que correm o fogo que existe em nossa memória não inflama o coração. Devemos nos admirar que o mais humilde seja também o mais garantido quando chega a hora[932]". E ainda: "As lágrimas do êxodo engendram o temor. Mas quando o temor engendra sua própria ausência, chega a alegria. E quando a alegria incompreensível cessa, abre-se a flor do santo amor[933]".

[929] *Obras espirituais*, pg. 208-209.
[930] *A escada santa* VII, 35.
[931] *Ibid.*, 37.
[932] *Ibid.*, 75.
[933] *Ibid.*, 61.

A respeito de acusar a si mesmo, o grande Antônio disse: "Esta é a grande obra do homem. Tomar sobre si mesmo sua falta diante de Deus, e esperar pela tentação até seu último suspiro[934]".

A outro Padre foi colocada a questão: "O que você encontrou de maior nesta via?". Ele respondeu: "Acusar a si mesmo por tudo". Aquele que o interrogava aprovou esta resposta e lhe disse: "Não existe outra via senão esta[935]". E o abade Poêmio: "É por intermédio dos gemidos que todas as virtudes chegam ao mundo. Retire uma virtude: sem ela, ao homem só resta o mal". Perguntaram-lhe: "Qual é esta virtude?"; ele disse: "Que o homem não cesse de acusar a si mesmo[936]". E completou: "Aquele que acusa a si mesmo, aconteça o que lhe acontecer – prejuízo, aflição, engano – ele presume merecer e não se perturba jamais[937]".

82. Da atenção. Como se por em guarda sabiamente.

Também o glorioso Paulo escreve a respeito da atenção e da prudência: "Vigiem para se comportar não como insensatos, mas como sábios, resgatando o tempo, porque os dias estão ruins[938]". E santo Isaac: "Ó sabedoria, como é admirável! E como prevê tudo antecipadamente! Feliz quem a encontrou, porque se livrou da indolência da juventude. Se alguém busca por uma pequena mudança – para adquiri-la – a cura das grandes paixões, faz bem.

[934] *Sentenças dos Padres do deserto*, Antônio 4 e Poêmio 125.
[935] *Ibid.*, Teófilo I.
[936] *Ibid.*, Poêmio 134.
[937] *Ibid.*, Poêmio 95 e 81.
[938] *Efésios* 5: 16.

Pois este é o amor da sabedoria: este homem estará sempre sóbrio e vigilante no que lhe acontecer, até nas menores coisas. Ele ajunta, como se fosse um tesouro, um grande repouso, ele quase não dorme a fim de que nada de contrário lhe aconteça, ele corta as raízes antes que aconteça o mal. Nas pequenas coisas ele suporta uma aflição menor, a fim de afastar as maiores e seguir adiante. É por isso que o sábio diz: esteja desperto, seja sóbrio e vigilante, vele por sua vida. Pois o sono da reflexão parece e se identifica com a verdadeira morte". Basílio o hierofante diz igualmente: "Quem é negligente consigo nas pequenas coisas, não creio que se distinguirá nas grandes[939]".

83. Que o hesiquiasta deve se aplicar antes de tudo ao que foi dito. Que antes de tudo ele seja calmo e manso, e se mantenha invocando com pureza ao Senhor Jesus no interior do coração.

Portanto, aplique-se a tudo o que foi dito, e em primeiro lugar em invocar com uma consciência pura, das profundezas do coração, na hesíquia e com doçura, ao Senhor Jesus Cristo. Pois é assim que, avançando no caminho, você terá a graça divina repousando em sua alma. João Clímaco disse: "Ninguém, se estiver perturbado pela cólera e pela presunção, pela hipocrisia e a inveja, poderá jamais ver em si o menor traço de hesíquia que permita descobrir o êxtase. Mas quem é puro destas coisas conhecerá o bem. Ao contrário, o primeiro, em minha opinião, não o conhecerá[940]". Não apenas a graça repousará em sua alma, mas sua alma repousará inteiramente dos demônios e das paixões que antes a perturbavam. E mesmo que eles a perturbem ainda, não serão mais capazes de agir, pois ela não está mais ligada a eles, nem deseja receber deles o menor prazer.

84. Da beleza e do êxtase do eros. *Da beatitude.*

Todo o desejo daquele homem, o êxtase do *eros* em seu coração, a total abertura para a beleza mais do que bela, busca algo mais feliz ainda, aquilo a que os Padres chamaram de "cume do desejável".

O grande Basílio disse: "Quando o amor da piedade se apodera da alma tudo o que a combate se torna derrisório, e todos os que a espancavam por causa Daquele que ela deseja mais a alegram do que a ferem". E também: "O que há de mais maravilhoso do que a beleza divina? Que pensamento tem mais graça do que a grandeza de Deus? Que desejo da alma é tão agudo e revolucionário do que aquele que vem de Deus na alma purificada de toda malícia e que em verdade diz com todo seu ser: 'Estou morta de amor[941]'?".

85. Do combate. Daquilo que Deus permite para instruir. E do abandono, quando ele dá as costas.

O homem é combatido a partir do momento em que Deus o permite, mas sem abandoná-lo dando-lhe as costas. Por quê? Para que seu intelecto não se orgulha daquilo que encontrou de bom. Cada vez que ele é combatido, cada vez que é castigado, ele se lembra da humildade. Pois é somente pela humildade que, não apenas ele

---

[939] *Obras espirituais*, pg. 175; citando Basílio, *Regras morais* VIII, 2.
[940] *A escada santa* XXVII, 38.
[941] *Grande Regra* 2; citando *Cânticos* 2: 5.

vence os que o combatem por seu orgulho, como ainda se torna continuamente digno dos maiores dons. Entravado, oprimido pelos laços indissolúveis e o peso da carne, ele progride tanto quanto é possível à natureza humana e avança para a perfeição, para a impassibilidade de Cristo.

São Diádoco diz: "O próprio Senhor disse que Satanás caiu dos céus como um raio[942], a fim de que o disforme não pudesse mais ver as moradas dos santos anjos. Como então aquele que não foi considerado digno da comunhão com os bons servidores poderá ter no intelecto humano uma morada comum com Deus? Dizemos que isto só acontece porque Deus o permite; nada mais há a dizer. Pois aquilo que Deus permite para instruir não priva absolutamente a alma a da luz divina. A graça, como eu disse, esconde apenas o mais forte de sua presença no intelecto. Este é então empurrado para frente, como a alma que, fugindo da amargura dos demônios, busca com todo temor e muita humildade o socorro de Deus e reconhece pouco a pouco a malícia de seu inimigo. É a mesma coisa que faz a mãe que afasta de seus braços por um momento seu filho que se recusa a tomar regularmente seu leite para que, atrapalhado por se ver cercado de homens sórdidos e de animais, com medo e chorando, ele retorne ao seio materno. Quando Deus dá as costas, aquilo que ele permite então atira ao cativeiro dos demônios a alma que não quer Deus. Mas nós não somos filhos vira-casaca[943]. Ao contrário, cremos ser filhos autênticos nutridos do leite da graça de Deus, que, para nos elevar, nos abandona um pouco e nos consola muito. E esperamos, pela bondade divina, chegarmos a ser homens perfeitos, do canteiro de Cristo[944]".

E ainda: "Aquilo que Deus permite para instruir traz consigo uma grande aflição, uma humildade, um desespero na medida da alma, a fim de que a porção vaidosa e temerária que há nela se torne humilde como convém. Isto conduz rapidamente o coração ao temor de Deus, às lágrimas da confissão, a um grande desejo pela beleza do silêncio. Mas quando dá as costas, Deus permite que a alma se encha de desespero, de infidelidade, de cólera, de torpor. Podemos assim ter a experiência destes dois caminhos que Deus nos concede, e nos dirigirmos a ele seguindo qualquer um deles. Pelo primeiro, ao mesmo tempo em que lhe prestamos conta de nossos atos, lhe damos graças por esta suspensão do consolo que poda tudo o que havia de intemperante em nosso pensamento, para que aprendamos dele, como de um bom Pai, a diferença que separa a virtude do vício. Pelo segundo, devemos confessar a ele nossos pecados sem descanso, chorando sempre, e retornar, a fim de que, aceitando as penas, possamos orar a Deus para que veja nossos corações como antes. Além disso, é preciso saber que, quando começa o verdadeiro combate entre a alma e Satanás, ou seja, quando Deus o permite para nossa instrução, a própria graça se retira, com eu disse. Mas sem se deixar conhecer ela assiste à alma, para mostrar que a vitória sobre os inimigos só a ela pertence[945]".

E santo Isaac: "Não é possível que fora das tentações que Deus permite o homem descubra a sabedoria nos combates espirituais, que ele conheça Aquele que vela por ele, que sinta seu Deus e que seja secretamente fortalecido em sua fé, senão pela força da provação que

[942] Cf. *Lucas* 10: 18.
[943] Cf. *Hebreus* 10: 39.
[944] Diádoco de Foticéia, *Cem Capítulos* 86. Última citação, cf. *Efésios* 4: 13.
[945] Id., *Cem Capítulos* 87.

recebeu. Quando a graça percebe que aponta a menor presunção no pensamento de um homem, e que este começa a ter uma grande opinião sobre si mesmo, ela logo permite às tentações assaltá-lo com força cada vez maior, até que ele aprenda sua própria fraqueza, que ele fuja e se dirija a Deus com humildade. Só assim ele atinge a medida do homem perfeito[946], na fé e na esperança do Filho de Deus, e se eleva para o amor. Pois o amor de Deus pelo homem faz maravilhas quando este se encontra no meio das provações que quebram sua esperança. É aí, na salvação que ele concede ao homem, que Deus mostra seu poder. Com efeito, o homem jamais apreende o poder divino na indolência e na facilidade. Deus jamais permitiu sentir sua energia senão no país da hesíquia, no deserto, nos lugares aonde falta tudo o que nos acontece e nos perturba quando nos encontramos no meio dos homens[947]".

86. Da impassibilidade. O que é a impassibilidade humana.

Devemos agora falar especialmente da impassibilidade e da perfeição, e depois colocar um fim na presente obra.

O grande Basílio disse: "Aquele que tende para Deus com todo seu amor e que buscar possuir, por pouco que seja, sua impassibilidade, a saúde espiritual, a serenidade, a calma, a mansidão, aquele que deseja provar da felicidade e da alegria que estas virtudes engendram, deve se dedicar a afastar de si os pensamentos de todas as paixões materiais que perturbam a alma. Com um olhar puro e sem sombras, ele considerará as coisas de Deus e se encherá da luz do além, e seu desejo será insaciável. Tendo exercitado a alma até atingir este estado, esta condição, com toda a semelhança que lhe é possível, ele se tornará familiar do Deus a quem ele ama e procura. Pois, uma vez que ele suportou o grande combate difícil de sustentar – a reflexão pura e livre de toda mistura com as paixões do corpo – ele poderá, a partir de sua compleição material, reencontrar a Deus".

Isto a respeito da impassibilidade. Sobre no que consiste a impassibilidade humana, santo Isaac escreve: "A impassibilidade não consiste em não sentir as paixões humanas, mas em não as acolher. Quando as virtudes adquiridas, visíveis e ocultas são diversas e numerosas, as paixões, de fato, se esgotam nelas. É difícil para elas se sublevarem contra a alma. A reflexão não precisa estar sempre atenta, pois durante todo o tempo ela está cheia de pensamentos que lhe chegam da meditação e da utilização dos melhores modos suscitados conscientemente no intelecto. Quando as paixões despertam e começam a se agitar, à sua aproximação a reflexão é imediatamente tirada de seu contato por uma consciência atenta que está no coração do intelecto. E as paixões estéreis são afastadas dela. Como diz o bem-aventurado Marcos: o intelecto que, pela graça de Deus, cumpre com as ações das virtudes e se aproxima do conhecimento, não sente grande coisa proveniente da parte má e insensata da alma. Pois seu conhecimento o arrebata para as alturas e o separa de tudo o que está no mundo. Pela castidade que existe neles, pela finura, a leveza, a penetração de sua inteligência, e também por sua ascese, o intelecto desses homens se purifica e se torna transparente. Pois eles dessecaram sua carne vivendo na hesíquia e permanecendo nela longamente. É por isso que a contemplação que está neles vem repousar sem pena e rapidamente sobre cada qual e os conduz ao maravilhamento que ela suscita. Eles crescem muito com estas contemplações. Nunca falta à reflexão de

---

[946] Cf. *Efésios* 4: 13.
[947] *Obras espirituais*, pg. 132-133.

seu intelecto a matéria necessária para que compreenda. E eles jamais conduzem suas vidas fora daquilo que neles engendra o fruto do Espírito[948]. O longo hábito apaga de seus corações as lembranças que as paixões suscitavam na alma, bem como a força do poder do diabo. Pois, quando a alma resiste às paixões e não possui laços com elas, por estar firme e continuamente voltada para outros cuidados, a força das garras das paixões não consegue superar os sentidos espirituais[949]".

E o divino Diádoco: "A impassibilidade não consiste em não ser combatido pelos demônios (pois então teríamos que deixar o mundo, como diz o Apóstolo[950]), mas sim em que, combatido por eles, não mais sentir seus ataques. Os combatentes encouraçados de ferro recebem as flechas dos adversários, ouvem o ruído dos tiros, veem quase todas as flechas dirigidas contra eles, mas nenhuma os fere, pois suas vestes de combate são sólidas. Protegidos pelo ferro, eles são invulneráveis durante o combate. Também nós, por todos os bens que recebemos, cobertos com a armadura da santa luz e com o capacete da salvação, derrotamos as sombras das falanges dos demônios[951]. Pois não é apenas não fazer o mal que torna puro o homem, mas também ter a força de destruí-lo dedicando-se ao bem[952]".

São Máximo distingue quatro vias da impassibilidade, Ele diz: "Chamo de primeira impassibilidade o movimento irrepreensível que evita cometer qualquer pecado corporal. Chamo de segunda impassibilidade a rejeição total dos pensamentos passionais da alma; por meio desta rejeição se estiola o movimento das paixões que a primeira impassibilidade detinha, pois este movimento já não traz em si os pensamentos passionais que inflamavam a alma para leva-la ao ato. Chamo de terceira impassibilidade a perfeita imobilidade do desejo diante das paixões; é por meio dela, inclusive, que se alcançava a segunda impassibilidade, fundamentada na pureza dos pensamentos. Chamo de quarta impassibilidade a rejeição total de todas as imaginações sensíveis que atravessam a reflexão do intelecto; a terceira impassibilidade extraía daí sua origem, pois esta quarta impassibilidade é desembaraçada das imaginações do sensível capazes de suscitar nela as imagens das paixões[953]". E mais: "A impassibilidade é o estado pacífico da alma, que nela torna difícil qualquer movimento de malícia[954]".

87. Da impassibilidade e da perfeição.

Santo Efrém explica deste modo a impassibilidade e a perfeição: "Os impassíveis, insaciavelmente voltados com todo o seu ser para o cume do desejável, fazem da perfeição um estado que não tem fim. Pois os bens eternos são infinitos". E: "A impassibilidade é perfeita, se tomamos como medida o poder humano. Mas ela é inacabada, pois ela ultrapassa a si mesma com aquilo que ela acrescenta a cada dia, elevando-se continuamente para Deus".

Do mesmo modo são Nilo, a propósito da perfeição, diz o seguinte: "É preciso considerar que existem duas perfeições, uma temporal,

---

948 Cf. *Gálatas* 5: 22.
949 *Obras espirituais*, pg. 399-400.
950 Cf. I *Coríntios* 5: 10.
951 *Efésios* 6: 11. 17.
952 *Cem capítulos*, 98.
953 *Sobre a Teologia* V, 52.
954 *Sobre o Amor* I, 36.

outra eterna. É a respeito da última que o Apóstolo escreveu: ‘Quando vier o perfeito, o que é parcial desaparecerá[955]’. Quando vier o perfeito, significa aqui que não podemos trazer em nós a perfeição divina”. E também: “O maravilhoso Paulo conhecia duas perfeições. Ele afirmou que o homem é perfeito quanto à vida presente, mas imperfeito diante da verdadeira perfeição. É por isso que ele disse: ‘Não que eu já seja perfeito[956]’, acrescentando a seguir: “Isto é o que nós, os perfeitos, pensamos’[957]”.

88. Da paixão, da preguiça, do pendor e da impassibilidade.

Santo Elias de Écdicos disse: “A matéria ruim do corpo é a paixão; a da alma, a preguiça; a do intelecto, o pendor. O tato denuncia a primeira; a segunda é denunciada pelos demais sentidos; e a terceira é denunciada pela disposição contrária[958]”. E mais: “Aquele que vive na preguiça está perto do passional. E quem se deixa levar por seus pendores está perto do que vive na preguiça. Longe de ambos está o impassível[959]”.

89. Quem é o homem passional, o que vive na preguiça, o que se deixa levar por seus pendores e o homem impassível. Da cura desses males.

“O passional é o homem cuja tendência a falhar é mais forte do que o pensamento, mesmo se até então ele não tiver pecado exteriormente. Quem vive na preguiça é o homem cuja ação pecadora é mais fraca do que o pensamento, mesmo se ele a receber de fora. Quem se deixa levar por seus pendores é o homem que prefere estar solto a se sujeitar a situações medianas. Mas o impassível é o homem que ignora a diferença entre esses dois males[960]”. Quanto ao remédio para um e outro, ele diz claramente: “A paixão desaparece da alma pelo jejum e a oração. A preguiça, pela vigília e o silêncio. O pendor, pela hesíquia e a atenção. Quanto à impassibilidade, ela provém da lembrança de Deus[961]”.

90. Da fé, da esperança e do amor.

Mas uma vez que o começo, o meio e o fim de todos os bens, ou, se assim o quisermos, as virtudes que dispensam e presidem são a fé, a esperança e o a mor, esta tripla corda trançada por Deus (e acima de todas o amor, porque “Deus é amor[962]” e é assim que o chamamos), seria injusto não terminarmos por elas aquilo que falta à presente obra. Ao contrário, como dizia santo Isaac, não recebemos a perfeição dos numerosos frutos do Espírito enquanto não formos considerados dignos do amor perfeito; assim, falemos dele um pouco[963].

João Clímaco escreveu: “Agora, depois de tudo o que foi dito, permanecem estas três virtudes, que estreitam e mantêm os laços que

---

955 I *Coríntios* 13: 10.
956 *Filipenses* 3: 12.
957 *Filipenses* 3: 15.
958 *Florilégio* I, 71.
959 *Ibid*., 72.
960 Elias de Écdicos, *Florilégio* I, 73.
961 *Ibid*., 74.
962 I *João* 4: 8.
963 *Obras espirituais*, pg. 439.

unem todas as coisas: a fé, a esperança e o amor. Mas a maior das três é o amor[964], pois este é o nome de Deus. Quanto a mim, eu vejo uma como um raio, outra como luz, e o terceiro como um círculo. Vejo essas três virtudes como um mesmo esplendor, um mesmo flamejar. Uma tudo pode fazer, tudo criar; outra é cercada pela piedade de Deus e ninguém pode confundi-la; e a terceira jamais tomba, jamais se detém na corrida, nem dá repouso a quem ela devora com sua bem-aventurada loucura[965]".

E mais: "A razão do amor é conhecida dos anjos. E ela é revelada por eles na energia da irradiação: Deus é amor[966]. Quem pretende definir o amor é como o cego que mede os sedimentos de um abismo. Por sua qualidade própria o amor é a semelhança de Deus, na medida em que isto é permitido aos mortais. Por sua energia, ele é a embriaguez da alma. Por sua natureza, ele é a fonte da fé, abismo de paciência, mar de humildade. O amor é propriamente a rejeição de todo pensamento contrário, pois não leva em conta o mal[967]. O amor, a impassibilidade e a adoção filial não se distinguem senão pelo nome. Como a luz, o fogo e a chama não formam senão uma só energia, o mesmo acontece com essas três virtudes, em minha opinião[968]".

E são Diádoco: "Irmãos, toda contemplação espiritual deve ser guiada pela fé, a esperança e o amor. Mas daqui em diante pelo amor. As duas primeiras virtudes nos ensinam a desprezar os bens visíveis. Mas o amor une a própria alma às virtudes de Deus, descobrindo pelos sentidos intelectuais o Deus invisível[969]". E também: "Um é o amor natural da alma outro o amor que lhe vem do Espírito Santo. Um tem sua fonte em nossa própria vontade, quando o desejamos, e é por isso que os maus espíritos se apoderam dele facilmente quando não temos força para dominar sua própria intenção. O outro queima a alma de tal maneira com o amor a Deus que une todas as partes desta alma à inefável doçura do desejo divino e nos põe num estado de simplicidade infinita. Como o intelecto, a alma é então fecundada pela energia espiritual. Ela faz brotar uma fonte de amor e alegria[970]".

E santo Isaac: "O amor ligado às coisas é como uma pequena lâmpada alimentada com óleo, que é a origem de sua luz; ou como uma corrente que escoa na chuva, e que cessa quando termina a matéria que a formou. Mas o amor que tem sua causa em Deus é como uma fonte que brota incessantemente e que não deixa jamais de correr. Pois somente Deus é a fonte deste amor, e sua matéria é inesgotável[971]".

Foi-lhe então perguntado: "Qual é a perfeição dos numerosos frutos do Espírito?". Ele respondeu: "Quando a pessoa se torna digna do amor perfeito de Deus". Perguntaram-lhe: "E como sabemos se chegamos a este amor?". Ele disse: "Quando a lembrança de Deus se revela na reflexão de seu intelecto, logo seu coração bate em seu amor e seus olhos se enchem de lágrimas abundantes. Pois o amor costuma fazer jorrar lágrimas à lembrança dos bem-amados. Um homem que traz em si tal amor jamais cessa de ter lágrimas, pois

[964] Cf. I *Coríntios* 13: 13.
[965] *A escada santa* XXX, 1-3.
[966] Cf. I *João* 4: 8.
[967] Cf. I *Coríntios* 13: 5.
[968] João Clímaco, *A escada santa* XXX, 5-9.
[969] *Cem capítulos*, 1.
[970] *Cem capítulos*, 34.
[971] *Obras espirituais*, pg. 206.

tem sempre em si a matéria que o leva a esta lembrança de Deus. Mesmo em seu sono ele conversa com Deus. Isto é o que faz o amor. E, nesta vida, esta é a perfeição dos homens[972]".

E ainda: "O amor a Deus é ardente por natureza. Quando ele se funda sem medida em alguém, ele faz a alma sair de si. É por isso que o coração daquele que o sente não pode nem se separa dele, nem suportá-lo. Mas, segundo a capacidade e na medida do amor que lhe atinge, uma mudança inusitada se dá nele. Estes são os sinais sensíveis deste amor: o rosto do homem se torna como fogo e transborda de alegria. Seu corpo se aquece. O temor e a vergonha o deixam. Ele fica como que fora de si. A potência que coordena o intelecto o abandona. Ele parece louco. Ele considera a temida morte como uma felicidade. A contemplação de seu intelecto não deixa de portar o pensamento das coisas celestes. Presente em meio às outras pessoas, ele está ausente. Ninguém o vê. Seu conhecimento e sua visão natural são ultrapassados. Ele não sente de maneira sensível o movimento que o coloca em meio às coisas. Pois mesmo quando ele faz alguma coisa ele não a sente por inteiro, pois seu intelecto está suspenso na contemplação. E sua reflexão é sempre como um diálogo com alguém. Esta é a embriaguez espiritual que conheceram os apóstolos e os mártires. Os primeiros percorreram o mundo inteiro, entre penas e ultrajes. Os outros tiveram seus membros cortados e verteram sangue como água. Sofrendo as coisas mais terríveis, não tiveram medo e as suportaram nobremente. Eram sábios e foram considerados loucos. Outros perambularam pelos desertos, pelas montanhas, nas cavernas e nos antros da terra[973]. Em meio às desordens, permaneceram fiéis à ordem. Esta é a loucura que Deus lhes permitiu alcançar[974]".

91. Da santa comunhão. Dos bens que recebemos quando comungamos com frequência com uma consciência pura.

Nada concorre e contribui para a purificação de nossa alma, para a iluminação do intelecto, para a santificação do corpo, para a transfiguração de um e outro no divino, para a imortalidade e, certamente, para a rejeição das paixões e dos demônios, ou, mais exatamente, para a conjunção divina e sobrenatural que nos abre para Deus, como receber com um coração puro e pronto a contínua comunhão dos santos mistérios imortais que ninguém pode manchar e que dão a vida, vale dizer, o precioso Corpo e o precioso Sangue de nosso Senhor, de nosso Deus, de nosso Salvador Jesus. É por isso que é absolutamente necessário dar aqui uma explicação precisa, colocando-a por escrito, e com isto encerrar esta obra.

Não apenas a coisa é clara a partir do que disseram os santos, mas é ainda mais clara a partir das palavras da própria Vida e da própria Verdade. Pois ele disse: "Eu sou o pão da vida[975]". E: "Este é o pão descido do céu, para que seja comido e não mais se morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente". E: "O pão que eu darei será minha carne; eu o darei pela vida do mundo[976]". E: "Se vocês não comerem da carne do Filho do Homem, se não beberem de seu sangue, não terão a vida em vocês. Quem come de minha carne e bebe de meu sangue terá a vida

---

[972] *Ibid.*
[973] Cf. *Hebreus* 11: 38.
[974] *Obras espirituais*, pg. 164-165.
[975] *João* 6: 48.
[976] *João* 6: 50-52.

eterna". E mais: "Pois minha carne é verdadeiro alimento e meu sangue verdadeira bebida. Quem come de minha carne e bebe de meu sangue permanecerá em mim e eu nele. Assim como o Pai, o Vivo, me enviou, também eu vivo pelo Pai. E quem come a mim, também este viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu". E: "Quem comer deste pão viverá por toda eternidade[977]".

Paulo, que trazia a Cristo em si, disse igualmente: "Irmãos, eu recebi do Senhor aquilo que lhes transmiti. Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o e disse: 'Tomem e comam, isto é meu corpo partido por vocês. Façam isto em memória de mim'. Do mesmo modo, ao fim da ceia, tomou o cálice e disse: 'Este é o cálice da nova aliança em meu sangue. Cada vez que vocês dele beberem, façam-no em memória de mim. Pois cada vez que vocês comerem deste pão e beberem deste cálice, estarão anunciando a morte do Senhor até que ele venha'. É por isso que quem comer deste pão ou beber do cálice do Senhor indignamente terá que responder pelo corpo e o sangue do Senhor. Que todo home teste a si mesmo, e que então coma do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe indignamente, sem discernir o corpo do Senhor, come bebe um julgamento contra si mesmo. É por isso que existem muitos doentes e enfermos entre vocês, e que alguns estão mortos. Se julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados. Mas se formos julgados, seremos castigados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo[978]".

92. Que é necessário aprender o milagre do Santo Sacramento.

[977] *João* 6:53-59.
[978] I *Coríntios* 11: 23-33.

Por que ele foi dado e ao quê ele serve.

João Crisóstomo disse: "Precisamos aprender o que é o milagre do sacramento, por que ele nos foi dado e ao quê ele serve. Que os iniciados sigam estas palavras: somos um só corpo[979], os membros da carne e dos ossos de nosso Senhor Jesus Cristo[980]. Para que não apenas nos tornemos o Corpo de Cristo no amor, mas para que estejamos unidos a esta carne em ato, esta se torna o alimento que o Senhor nos deu, mostrando o desejo que existe em nós. Ele se uniu a nós e formou em nós seu Corpo, para que sejamos um como o corpo está ligado à cabeça: isto é próprio daqueles que têm um grande desejo. Jó havia deixado isto subentendido quando falou dos servidores que desejavam ser como ele ao mais alto grau, pois, para mostrar seu desejo, eles disseram: 'Quem nos permitirá que nos saciemos com sua carne?[981]'. Ora, é isto que Cristo fez, confiando-nos as maiores coisas por amor a nós. Ele mostrou como era seu desejo por nós. Não apenas ele se deu a ver àqueles que o desejavam, mas a tocar, a comer. Ele permitiu que entrassem em sua carne, que se unissem a ele, que saciassem todo desejo[982]".

E mais: "Os que comungaram do santo Corpo e do Sangue precioso estão com os Anjos, os Arcanjos e as Potências do alto. Eles se envolveram com as vestes reais, as próprias vestes de Cristo. Eles possuem as armas espirituais. Mas eles nada disseram ainda. Pois eles revestiram o próprio Rei. Este mistério é grande, terrível e maravilhoso: se você chegar a ele com pureza você encontrará a

[979] Cf. *Romanos* 12: 5.
[980] Cf. *Efésios* 5: 30.
[981] *Jó* 31: 31.
[982] João Crisóstomo, *Homilias sobre são João*.

salvação, mas se chegar com má consciência incorrerá na danação e no castigo. Pois quem come e bebe indignamente do Corpo e Sangue do Senhor come e bebe seu próprio julgamento[983]. Se, com efeito, aqueles que mancham a estola real são condenados como os que a rasgam, é natural que aqueles que recebem o Corpo com o espírito impuro sofram o mesmo castigo daqueles que o perfuraram com pregos. Considere como é terrível a condenação que nos mostra Paulo ao dizer que se alguém rejeita a lei de Moisés será lançado impiedosamente à morte sob o testemunho de dois ou três demônios. A quão pior castigo não estará sujeito aquele que pisotear o Filho de Deus e profanar o sangue da aliança no qual ele foi santificado[984]? Assim, quando comungamos do Corpo e provamos do Sangue, está claro que provamos Daquele que está no alto, que é adorado pelos Anjos, que está próximo da mais pura Potência. Nossa! Quantos caminhos nos levam à salvação! Ele fez de nós seu próprio Corpo, nos transmitiu seu próprio Corpo, e nada nos desvia do mal! Ó, a dureza! Ó, a insensibilidade![985]".

E mais: "Um admirável ancião me mostrou uma coisa que lhe foi concedido ver e ouvir: aqueles que estão a ponto de partir daqui, se comungarem do sacramento com uma consciência pura no momento da morte, serão acompanhados por Anjos em sua comunhão, e eles o carregarão consigo[986]".

E o divino João Damasceno: "Uma vez que somos duplos e compostos, é preciso que também nosso nascimento seja duplo, e que nosso alimento seja também composto. Assim é que o nascimento nos é dado pela água e o Espírito. E o alimento, o pão da vida, é nosso Senhor Jesus Cristo descido dos céus. E assim como, no batismo, os homens costumam ser lavados com água e untados de óleo, ele uniu ao óleo e à agua a graça do Espírito e fez desta união o banho de um novo nascimento, e, da mesma forma como os homens costumam comer pão, beber água e vinho, ele uniu a estas coisas sua Divindade e delas fez seu Corpo e seu Sangue, para que, por meio daquilo que nos é natural, alcancemos o que ultrapassa a natureza. O corpo nascido da santa Virgem é verdadeiramente um corpo unido à Divindade, não porque este corpo que ele tomou tenha descido do céu, mas porque este pão e este vinho se tornam o Corpo e o Sangue de Deus. Se você perguntar como isto foi possível, basta que você entenda que se trata de obra do Espírito Santo, assim como foi da Mãe de Deus e do Espírito Santo que nele o Senhor recebeu a carne em si. E nada mais sabemos, senão que o Verbo de Deus é verdadeiro, ativo, todo-poderoso, mas o modo como ele foi concebido é insondável. Assim é que ele conduz aqueles que comungam dignamente na fé a absolvição dos pecados à vida eterna e à guarda da alma e do corpo. Mas os que a recebem indignamente, na infidelidade, a este ele conduz à danação e ao castigo. É como na morte do Senhor".

"E o pão e o vinho não são imagens do Corpo e do Sangue de Cristo, longe disso. Eles são o próprio Corpo de Cristo, que foi visto, e seu próprio Sangue. 'Pois minha carne, disse ele, é um verdadeiro alimento, e meu sangue uma verdadeira bebida[987]'. São o Corpo e o Sangue de Cristo. Eles contribuem para formar nossa alma e nosso corpo. Eles não são consumidos nem se alteram, não são evacuados,

---

983 Cf. I *Coríntio*s 11: 29.
984 Cf. *Hebreus* 10: 29.
985 João Crisóstomo, *Homilias sobre são João*.
986 João Crisóstomo, *Sobre o sacerdócio* VI.
987 *João* 6: 55.

ao contrário, fundamentam e sustentam nosso ser. Eles representam a purificação de toda mácula. Mesmo que Cristo receba de nós ouro impuro, ele o purificará no fogo do julgamento, para que não sejamos condenados junto com o mundo no século futuro[988]. Purificados por ele, somos unidos ao Corpo de Cristo e a seu Espírito, e nos tornamos Corpo de Cristo. Este pão representa as primícias do pão futuro, o pão *epiousios*[989]. O pão *epiousios* significa, seja o pão futuro, o pão do século por vir, seja o pão que recebemos para sustentar nosso ser. A carne do Senhor é espírito vivificante, pois ela foi concebida a partir do Espírito vivificante. O que nasceu do Espírito é espírito[990]. E não digo isto para suprimir a natureza do corpo, mas porque quero mostrar o que existe nele de vivificante e divino. Assim, o pão e o vinho são chamados de imagens das coisas por vir, não porque não sejam verdadeiramente o Corpo e o Sangue de Cristo, mas porque agora é por intermédio deles que comungamos da Divindade de Cristo, e que então seremos unidos a ele apenas pela visão do intelecto[991]".

E o divino Macário: "Assim como o vinho se une aos membros daquele que o bebe, e que o vinho passa por ele e ele pelo o vinho, também para quem bebe o sangue de Cristo o Espírito da Divindade o embebe e se une à alma perfeita, e a alma perfeita se une a ele. Assim santificada, ela se torna digna do Senhor. Pois todos nós fomos embebidos de um só Espírito[992]. Pela eucaristia do pão é concedido aos que comungam em verdade participar do Espírito Santo. Assim as almas que são dignas dele podem viver na eternidade. E assim como a vida do corpo não vem dele, mas daquilo que lhe é exterior, da terra, também Deus quis que a alma não recebesse da natureza que lhe é própria, mas de sua Divindade, de seu próprio Espírito, de sua própria luz, o alimento, a bebida e as vestes que são a verdadeira vida da alma. Pois a natureza divina é o pão da vida, conforme ele disse: "Eu sou o pão da vida[993]". Ela é também a água viva, o vinho que alegra[994], o óleo da felicidade[995]".

E santo Isidoro: "A participação nos mistérios divinos é chamada de comunhão, pois ela nos une a Cristo e nos faz comungar de seu Reino".

E são Nilo: "É impossível ao fiel ser salvo, receber a absolvição das faltas e alcançar o Reino dos céus se ele não comungar dos puros mistérios do Corpo e do Sangue de Cristo com fé, temor e desejo".

Da mesma forma o grande Basílio escreve em sua carta a Patrícia de Cesaréia: "É bom e útil comungar a cada dia, tomar parte do santo Corpo e do Sangue de Cristo, pois ele disse claramente: "Quem come de minha carne e bebe de meu sangue permanece em mim e eu nele, e ele terá a vida eterna[996]". De fato, que pode duvidar que participar continuamente da vida não é outra coisa que viver de várias maneiras? Nós mesmos comungamos quatro vezes por semana, aos domingos, quartas e sextas-feiras e aos sábados, e também outros dias, quando se comemora o Santo[997]". Penso que são nestes dias que se celebra o Santo, pois ele não poderia

[988] Cf. I *Coríntios* 11: 32.
[989] Cf. I *Mateus* 6: 11.
[990] Cf. *João* 3: 6.
[991] *A fé ortodoxa* IV, 3.
[992] Cf. I *Coríntios* 12: 13.
[993] *João* 6: 48.
[994] Cf. *Salmo* 103 (104): 15.
[995] Cf. *Salmo* 44 (45): 8.
[996] *João* 6: 54. 56.
[997] *Carta* 93.

comungar todos os dias, por estar sempre muito atarefado. Santo Apolo diz também que o monge, se puder, deve comungar todo dia o sacramento de Cristo. Quem se afasta daí, se afasta de Deus. Mas quem não cessa de comungar, recebe sempre a carne de Cristo. Pois a voz salutar disse: "Quem come de minha carne e bebe de meu sangue permanece em mim e eu nele[998]". É, portanto, aí que os monges que mantém continuamente a lembrança da Paixão do Salvador encontram seu bem. O monge deve estar pronto a cada dia e se manter tal que esteja sempre digno de receber o santo Sacramento. É assim que nos é dada a absolvição dos pecados.

Também João Clímaco disse: "Se um corpo que toca outro corpo é transformado por esta ação, como não será transformado aquele que toca o corpo de Deus com mãos inocentes?".

Está escrito no *Gérontikon*: "João de Bostres, homem santo e que tinha poder sobre os espíritos impuros, interrogou os demônios que assolavam algumas jovens, agitando-as e maltratando-as. Ele lhes disse: 'O que vocês temem nos cristão?'. Eles responderam: 'Em verdade, vocês possuem três coisas: uma, que trazem ao pescoço; outra, por meio da qual somos lavados na Igreja; e outra, que vocês comem na Assembleia'. E como ele lhes perguntou qual das três era a mais temida, eles responderam: 'Se vocês guardarem bem aquilo que recebem quando comungam, nenhum de nós será capaz de prejudicar um cristão'." É isto que os inimigos temem acima de tudo: a cruz, o batismo e a comunhão.

93. Fim da exposição. Exortação particular ao que interrogou.

Eis, bem-amado filho, que sua pergunta foi inteiramente respondida, graças a Deus. Se não respondemos precisamente ao seu pensamento e à sua intenção, pelo menos fizemos todo o possível. Aquilo que fazemos dando nosso melhor agrada a Deus. Vigie para que não se detenha aqui seu amor em aprender e também suas penas, mas para que se mostre sempre um trabalhador desejoso de saber e de zelo. São Tiago, o glorioso irmão de Cristo, disse: "Bem-amados irmãos, ponham em prática a palavra de Deus. Não sejam apenas ouvintes que enganam a si mesmos. Pois quem ouve a lei e não a põe em prática é semelhante a alguém que vê num espelho o rosto com que nasceu. Mal ele percebe que partiu e já esqueceu quem era. Mas quem se debruça sobre a lei perfeita, a lei da liberdade, e que a ela se liga não como ouvinte distraído, mas para colocá-la em prática, este será bem sucedido no que fizer[999]".

94. Como escutar e guardar as palavras espirituais dos Padres.

Mas antes de tudo você deve receber e entender fielmente, com a piedade necessária, as ordens divinas, as ordens espirituais dos Padres. Com efeito, são Macário diz: "Os que não têm experiência não podem tocar o espiritual. Somente a alma santa e fiel pode receber a comunhão do Espírito Santo. Os tesouros celestes do Espírito não se revelam a quem não tem experiência. E quem não foi iniciado nada pode compreender. Escute então essas coisas com piedade, até que lhe seja permitido alcança-las pela fé. Então você saberá pela experiência dos olhos da alma com quais bens, quais mistérios as almas dos cristãos podem comungar aqui mesmo. Pois

[998] *João* 6: 56.

[999] *Tiago* 1: 22-26.

se você fizer assim, você colherá rapidamente o fruto e o benefício de todas essas coisas que foram escritas e que você ouviu. À força de escutar e fazer, você progredirá até ser capaz de exortar e conduzir a outros, por sua própria experiência, para as coisas divinas nas quais a maior parte não foi iniciada".

Que seja assim para você. Possa você ser guiado e sustentado pela mão todo-poderosa do Senhor Jesus Cristo. Amém. Mas o abuso do discurso, tal como um alimento que excita o corpo, é nocivo ao entendimento.

E: "Toda medida é excelente". Devemos assim fugir, também nós, dos abusos e abraçar o comedimento como sendo melhor, calarmo-nos um pouco a respeito de nós mesmos, escrever uma breve recapitulação da presente obra e assim fixar uma âncora ao discurso.

95. Recapitulação. Como orar. Da verdadeira iluminação e do poder divino.

Os Padres dizem: quem quer ser sóbrio e vigilante em suas palavras, faça sempre entrar o sopro pela inspiração até o interior do coração e se esforçar para orar com um espírito puro e sem distração, permanecendo atento às palavras da prece – Senhor Jesus Cristo Filho de Deus tenha piedade de mim – meditando e refletindo a respeito até que seu intelecto se ilumine dentro do coração, como diz o santo Diádoco: "Os que não cessam de dizer nas profundezas de seu coração o nome glorioso e muito desejado do Senhor Jesus poderão um dia ver a luz do intelecto[1000]". Quando a tivermos visto, indo a partir daí sob o impulso de Deus como numa luz pelo caminho que nos resta a percorrer – o caminho de nossa vida devotada a Deus – e mais do que isto, tornados filhos da luz, caminharemos sem erro, sem esbarrar em ninguém, como disse Jesus, o que nos dá a luz: "Quando vocês tiverem a luz, confiem-se a ela a fim de se tornar filhos da luz[1001]". E: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida[1002]".

Também Davi disse ao Senhor: "É na luz que veremos a luz[1003]". E o divino Paulo: "Deus que disse: 'Que nas trevas brilhe a luz', é o mesmo que brilha em nossos corações[1004]". É por esta luz, de fato, como por meio de um candeeiro brilhante que jamais se extingue, que são conduzidos os que têm a verdadeira fé, é por ela que eles contemplam o que está além dos sentidos, e que lhes é aberta, como aos corações puros[1005], a porta celeste de toda vida e de todo estado que nos tornam semelhantes aos anjos e nos levam às alturas.

E mais: como um disco solar, a luz se eleva sobre eles, permitindo-lhes examinar, discernir, ver, prever e realizar outras ações semelhantes. Através dela, toda manifestação, toda revelação dos mistérios sagrados os ilumina. Eles são cumulados em espírito de poder sobrenatural e divino. Seus corpos de terra, tornados leves por tal poder sobrenatural, ou antes, sua carne pesada refinada e aliviada levita. É por este poder flamejante do Espírito Santo que alguns de nossos Pais, quando ainda estavam na carne, puderam, como se

---

[1000] *Cem capítulos*, 59.

[1001] *João* 12: 36.
[1002] *João* 8: 12.
[1003] *Salmo* 35 (36): 10.
[1004] II *Coríntios* 4: 6.
[1005] Cf. *Mateus* 5: 8.

fossem seres imateriais e incorpóreos, atravessar a pé rios inacessíveis e mares nos quais nem os navios se aventuravam; que eles percorreram num instante caminhos que exigiriam muitos dias de marcha; e fizeram outras coisas extraordinárias, no céu, na terra, no sol, no mar, nos desertos, nas cidades, em todos os lugares e países, no meio de feras e serpentes, ou simplesmente no meio de toda a criação, no meio de todos os elementos. Em tudo eles foram glorificados. De pé em suas orações, eles se elevaram sobre a terra como se tivessem asas seus corpos santos e preciosos. E pelo fogo divino devorador, pelo fogo imaterial da graça, eles reduziram a cinzas a espessura e a pesandez do corpo. Eles se tornaram leves e se elevaram sobre a terra, ó milagre!, transformados em vista de um estado mais divino de ser, pela mão de Deus, esta mão de força e de graça que habitava neles.

Mesmo depois do fim, os corpos veneráveis de alguns deles mostraram a incorruptibilidade e confirmaram claramente a graça e o poder sobrenaturais que neles habitavam, como em todos os que têm a certeza da fé. E depois da ressurreição comum e universal, como alados por este poder que os ilumina em espírito, eles serão transportados às nuvens ao encontro do Senhor no espaço, como disse o iniciado do inefável, o divino Paulo. Assim é que eles estarão sempre com o Senhor[1006]. Davi, o profeta do Espírito, canta igualmente: "Senhor, eles caminharão sob a luz da sua face, eles se regozijarão em seu nome por todo o dia[1007]", ou seja, pelo dia eterno, eles se elevarão em sua justiça, pois você é a glória de seu poder. Nossa força se elevará na sua benevolência. E mais: "Os que têm sua força em Deus foram arrebatados da terra[1008]". Isaías, o grande profeta, afirma também: "Os que esperam o Senhor receberão asas, sua força será transfigurada[1009]". E são Macário: "Toda alma que, pela fé e o esforço de suas virtudes, foi considerada digna de revestir daí por diante a Cristo no poder e na certeza, e que se uniu à luz celeste da imagem incorruptível, receberá em sua hipóstase os mistérios do céu de todos os tempos. No dia da ressurreição, quando o corpo glorificado com a alma nesta imagem celeste de glória e arrebatado ao céu pelo Espírito, como está escrito, ao encontro do Senhor no espaço, será digno de tomar sua forma de corpo de glória, e então, numa alma e num corpo eles reinarão com Deus pela eternidade[1010]".

96. Outra recapitulação.

A origem e a fonte desses novos estados situados além das possibilidades da razão está, como lembramos, numa total ausência de cuidados, a hesíquia, a atenção e a prece, as quais, como um fundamento sólido e uma muralha impenetrável, estão cheias do melhor cumprimento possível de todos os mandamentos deificantes.

Como dissemos, é da ausência de cuidados, da hesíquia, da atenção e da prece que vêm o movimento e o calor do coração que queimam as paixões e os demônios e purificam o coração como num crisol. Deste calor o desejo e o *eros* sobem sem cessar para o Senhor Jesus Cristo. É então que escorrem como de uma fonte as lágrimas do

---

[1006] Cf. I Tessalonicenses 4: 17.
[1007] Salmo 88 (89): 16-18.
[1008] Salmo 46 (47): 10.
[1009] Isaías 40: 31.
[1010] Macário o Egípcio, *Paráfrase* 140; cit. I *Tessalonicenses* 4: 17, *Filipenses* 3: 21.

coração, lágrimas doces que, pelo arrependimento, o amor, a eucaristia e a confissão purificam, qual hissopo, a alma e o corpo, e os alimentam. Estas coisas engendram a serenidade, ou a paz dos pensamentos, que não tem limite porque ultrapassa toda inteligência[1011]. Elas engendram o flamejar luminoso como a neve, e enfim a impassibilidade dada ao homem, ou a ressurreição da alma antes da do corpo: a nova criação, o retorno à imagem e à semelhança, pela ação e a contemplação, pela fé, a esperança e o amor, ou ainda a inteira tensão em direção a Deus, a união imediata, o êxtase. A detenção e a imobilidade, pelo século presente como num espelho, num enigma[1012], e em penhor, e pelo século futuro no face a face[1013], a perfeição, a participação total, o gozo eterno em Deus.

97. Que esta é a vida conforme a Deus, infalível, verdadeira, transmitida pelos Padres: a hesíquia que vem da obediência, e a que os santos chamam com justiça de vida oculta em Cristo.

Este é o caminho, a conduta espiritual conforma a Deus, a obra sagrada daqueles que são verdadeiramente cristãos. Esta é, sem nenhuma ilusão, sem nenhuma alteração, com toda clareza, a verdadeira vida, a vida oculta em Cristo[1014]. É o caminho desta vida que o Deus-Homem, o doce Jesus abriu e ensinou. É o caminho que percorreram os divinos apóstolos. É por este caminho que caminharam os que vieram depois deles, que os seguiram corretamente, nossos guias e mestres gloriosos, eles que desde o início da primeira vinda de Cristo sobre a terra até agora brilham no mundo como flamas[1015], com o brilho irradiante de suas palavras vivas, com o milagre de suas obras, eles que transmitiram aos homens de nossa raça e que transmitiram uns aos outros a boa semente, o levedo sagrado, as santas primícias, o depósito inviolável, a graça, o poder do alto, a pérola preciosa, a divina herança dos pais, o tesouro escondido no campo, as garantias do Espírito Santo, o sinal real, a água viva que jorra[1016], o fogo divino, o sal venerável, o carisma, o selo, a luz e tudo o mais.

Esta será também nossa parte na herança misteriosamente transmitida de geração em geração até a segunda vinda de Cristo sobre a terra. Aquele que o prometeu não mente[1017]: "Eis que estarei com vocês todos os dias até o final dos tempos[1018]". Amém.

98. Ainda que existam outros caminhos de salvação, este é uma via eleita e real que leva à adoção.

Outros caminhos, outras condutas e, se você quiser, outras obras são boas, levando à salvação e trazendo em si o repouso a quem o busca; da mesma forma, existem algumas que só conduzem à escravidão ou ao trabalho mercenário; foi dito que o Salvador prepara numerosas

---

[1011] Cf. *Filipenses* 4: 17.
[1012] Cf. I *Coríntios* 13: 12.
[1013] *Ibid*.
[1014] Cf. *Colossenses* 3: 3.
[1015] Cf. *Filipenses* 2: 15.
[1016] Cf. *Mateus* 13: 24; *Mateus* 13: 33; *Romanos* 11: 16; I *Timóteo* 6: 20; *Lucas* 24: 29; *Mateus* 13: 46 e 44; II *Coríntios* 1: 22; *João* 4: 14.
[1017] Cf. *Hebreus* 10: 23.
[1018] *Mateus* 28: 20.

moradas junto ao Pai[1019]. Mas este caminho é naturalmente a via real, a via eminente, que, assim como a alma ultrapassa o corpo, sobrepuja e ultrapassa todas as obras, uma vez que, a partir da terra e das cinzas[1020], ela renova a criatura para lhe dar a filiação divina, e torna paradoxalmente o homem que a percorre como se fosse um Deus, sob a ação do Espírito. Como disse o grande Basílio: "Quando penetra na alma de um homem, o Espírito Santo dá a vida, a imortalidade, ele levanta aquele que jazia, tornando-o vivo, um santo animado pelo Espírito Santo com um movimento eterno. Quando o Espírito faz sua moradia nele, o homem recebe a dignidade de profeta, de apóstolo, de anjo de Deus, ele que antes não passava de terra e cinzas".

99. Que este modo de vida tem muitos nomes, tão grande é sua obra.

É por isso que os Padres divinos honraram este caminho com inúmeros nomes, diversos e gloriosos. Eles o chamaram de caminho do conhecimento, ação digna de louvor e contemplação justa, oração mais elevada do que toda extensão, sobriedade do intelecto, trabalho intelectual, obra do século futuro, vida angélica, existência celeste, conduta divina, país dos vivos, visão mística, festim espiritual, paraíso dos milagres de Deus, céu, Reino celeste, Reino de Deus, treva mais do que luminosa, vida oculta em Cristo[1021], visão de Deus e deificação, cume das maravilhas e outros nomes semelhantes.

[1019] Cf. *João* 14: 2.
[1020] Cf. *Gênesis* 18: 27.
[1021] Cf. *Colossenses* 3: 3.

É de acordo com o que disseram estes Padres divinos que também nós, que vivemos em meio à argila e os tijolos[1022], com pensamentos, palavras e obras maus e impuros, nos esforçamos, bem-amado, para responder à sua pergunta. Você nos perguntou e temíamos falar além de nossa capacidade, por causa do amor que lhe dedicamos e do mandamento do Pai, como dissemos no início. A porta para esta via angélica se torna aqui a nova e misteriosa economia do Verbo e Filho de Deus, sua encarnação no homem, a benevolência do pai que não tem começo, e a sinergia do Espírito Santo.

100. Que com a ajuda e a graça de Deus devemos, na medida do possível, nos esforçarmos e combatermos a fim de nos tornarmos dignos de tocar desde já esses imensos sons sobrenaturais e não lhes faltar por negligência alguma, coisas que agradam a Deus.

Uma vez que nos são propostos bens tão imensos, bem-amados, não apenas em esperanças e promessas para o século futuro, mas desde já em verdade e de fato, apressemo-nos, aproximemo-nos enquanto é tempo. Corramos, lutemos. Possamos nós por um pequeno esforço temporário e com um pouco de penas, mas acima de tudo pelo dom e a graça de Deus, sermos considerados dignos destes bens. "Pois os sofrimentos dos tempos presentes nada são comparados com a glória que se revelará em nós[1023]", disse Paulo, o divino predicador. Ouçamo-lo. E esforcemo-nos por descobri-la, como ele, desde já, ao menos em parte, como primícias e em garantia[1024].

[1022] Cf. *Êxodo* 1: 14.
[1023] *Romanos* 8: 18.
[1024] Cf. *Romanos* 8: 23; *Efésios* 1: 14.

Com efeito, se alguns, desde a baixeza em que os colocou a sorte, foram chamados ao parentesco e à comunhão de alguma casa real, e tudo fizeram por meio de suas obras, suas palavras e seus pensamentos para alcançar estas coisas inacessíveis, desprezando até a própria vida por uma glória e uma honra temporais que se escoam, que passam e que às vezes levam à ruína total e não ao que é bom, quanto mais não devemos nós trabalhar com zelo para entrar em comunhão com Deus, participar das bodas e nos unir a ele que nos chama, ele, o Rei dos reis, o Criador, o único incorruptível, que permanece na eternidade e dispensa aos seus uma glória e uma honra resplendentes e duradouras?

E não apenas isto, mas ainda recebemos o poder de nos tornarmos filhos de Deus. Com efeito, foi dito que aqueles que o receberam, aos que creram em seu nome, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus[1025]. Ele deu um poder. Ele não nos atrai de forma tirânica e não nos constrange contra nossa intenção. Pois a tirania sempre arma o escravo contra o tirano, para curar o mal com o mal. Ao contrário, ele honrou assim nossa antiga dignidade, a liberdade, para que o bem que provém inteiramente de sua boa vontade e de sua graça seja também considerado uma obra direita de nosso esforço e de nossa atenção. Ele é Deus e Mestre. Tudo ele fez por si mesmo. Ele criou todos os seres e da mesma maneira morreu por todos, para salvá-los sem distinção. E ele nos deixou livres para nos aproximarmos dele, nos confiarmos a ele, nos unirmos a ele, servi-lo com temor, com fervor e com amor, a ele, o Mestre que ama os homens, que verdadeiramente amou a todos nós e que nos protegeu até sofrer a morte por nós, e uma morte infame, para nos libertar da tirania do diabo, do inimigo que está na origem de todo o mal, para nos reconcilias com Deus Pai e fazer de nós herdeiros de Deus, herdeiros com ele[1026], coisa maravilhosa e bem-aventurada dentre todas as coisas.

Por uma pequena negligência, por uma breve irresponsabilidade, por um falso prazer, não nos privemos de tantos bens imensos, de tantas recompensas, de tantas alegrias. Ao contrário, façamos de tudo, coloquemos tudo a trabalhar, nada desperdicemos por ele, mesmo nossa própria vida, como ele fez por nós embora fosse Deus, para nos tornar dignos tanto das coisas que podemos receber agora como de todos os dons e todas as coroas. Possamos todos nós chegar lá, pela benevolência e a graça do Senhor nosso Deus e nosso Salvador Jesus Cristo, boníssimo e compassivo, que tanto se rebaixou por nós, e que concede desde já a todos os que se rebaixam como ele, ativa e abundantemente, a graça sobrenatural e deificante. Pois a ele pertence toda a glória, honra e adoração, assim como a seu Pai puríssimo que não teve começo, e a seu Espírito Santíssimo eterno com ele, bom e vivificante, agora e para sempre até o infinito dos séculos dos séculos. Amém.

[1025] Cf. *João* 1: 12.

[1026] Cf. *Romanos* 8: 17.